



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

FERNANDA PASSOS DA TRINDADE JORGE NERES

**A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO ÉTHICO NÃO CONFORMISTA MORAL DE
VEGANOS EM SUAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS**

FORTALEZA

2024

FERNANDA PASSOS DA TRINDADE JORGE NERES

A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO ÉTHICO NÃO CONFORMISTA MORAL DE
VEGANOS EM SUAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- N363c Neres, Fernanda Passos da Trindade Jorge.
A construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas :
tese de doutorado / Fernanda Passos da Trindade Jorge Neres. – 2024.
214 f. : il.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Fortaleza, 2024.
Orientação: Profa. Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.
1. Percurso ético. 2. Não conformismo moral. 3. Veganismo. 4. Narrativas autobiográficas. I. Título.
CDD 410
-

FERNANDA PASSOS DA TRINDADE JORGE NERES

A CONSTRUÇÃO DO PERCURSO ÉTHICO NÃO CONFORMISTA MORAL DE
VEGANOS EM SUAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização

Aprovada em 26/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Sandra Maia Farias Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª Dr^ª Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª Dr^ª Ana Paula Oliveira Santana
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^ª Dr^ª Maria Leidiane Tavares Freitas
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof Dr Edson Soares Martins
Universidade Regional do Cariri (URCA)

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me presenteado com esta vida tão abençoada.

Aos meus pais, Franklin e Ilma, e minha irmã, Renata, por sempre me apoiarem em todos os momentos de minha vida e vibrarem a cada conquista minha.

Ao meu marido, André, por ter escolhido trilhar essa vida ao meu lado e sempre de mãos entrelaçadas.

Aos meus filhos, Pedro e Maria, por serem inspiração sempre.

À minha orientadora, Sandra Maia Farias Vasconcelos, por toda a dedicação, ensinamentos, paciência, carinho e amizade.

A todos os integrantes do GELDA (Grupo de Estudos em Linguística e Discurso Autobiográfico) pelo acolhimento e conhecimento que compartilhamos, mas principalmente à Priscila Siqueira que foi uma grande companheira nesta jornada.

A todos os professores do PPGL que contribuíram de forma relevante para esta minha jornada acadêmica no doutorado e em homenagem a professora Mônica Cavalcante, *in memoriam*.

Aos professores Maria Leidiane Tavares Freitas, Edson Soares Martins, Ana Paula Oliveira Santana, Maria Elias Soares e José Marcos Ernesto Santana de França (Suplente) por gentilmente aceitarem fazer parte da banca de defesa.

Ao PPGL (Programa de Pós-Graduação em Linguística), na pessoa da coordenadora Carolina Lindenberg Lemos, pela oportunidade de minha formação.

Aos participantes da pesquisa, pela confiança em mim e em meu trabalho ao compartilharem as suas histórias de vida tão fundamentais para a realização desta pesquisa.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento, essencial para a minha dedicação nesta pesquisa.

RESUMO

Dizer-se vegano em uma sociedade baseada na cultura carnista é um grande desafio. Isso porque há um preconceito da sociedade em relação aos vegetarianos e veganos (Rosenfeld, 2018; Macinnis e Hodson, 2017; Whorton, 1994), principalmente quando a motivação para tal atitude está relacionada a um não conformismo moral (Jertfelt, 2019), ou seja, quando o indivíduo não considera moral o uso e consumo de animais por humanos. Sendo assim, muitos veganos passam a vivenciar a *vistopia* (Mann, 2015) que é a angústia de ser vegano em um mundo não vegano. Dentro desse contexto, o objetivo geral desta pesquisa de doutorado é investigar a construção do percurso ético (Holanda, 2020) não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas sobre como é ser vegano em um mundo não vegano. Esse empreendimento se insere na Análise do Discurso Francesa com a visão de discurso como “uma forma de representação, de ação e de identificação” (Magalhães, 2020, p.15) e tem como fundamentos teórico-metodológicos as concepções de narrativa (Bertaux, 2010; Bruner, 2014) e autobiografia (Arfuch, 2010; Maia-Vasconcelos 2022) que situam o corpus da pesquisa dentro de uma grande constelação de textos sobre o falar sobre si com suas especificidades na construção de sentidos, além da articulação das noções de *ethos* discursivo (Mangueneau, 2019), percurso ético (Holanda, 2020) e posicionamento narrativo (Maia-Vasconcelos, 2022). A construção progressiva desse *ethos* individual/coletivo pelo posicionamento narrativo implícito ou explícito se mostra de uma forma coerente e significativa para essa coletividade específica ao longo da dinamicidade e produtividade das narrativas autobiográficas. A narrativa do despertar até, de fato, tornar-se e entender-se como um vegano em um mundo que não é vegano revela várias imagens, projetadas pelo narrador, evidenciando movimento e fluidez presentes na construção desse percurso ético discursivo. Essas imagens, muitas vezes até opostas, vão estar em constante embate revisitando a todo momento o porto de passagem desse sujeito, que é o despertar para o veganismo. Esse despertar trouxe o conhecimento e a alegria de ser vegano, contudo arrastou também a angústia e o sofrimento (*Vistopia*) de ser vegano em um mundo que não é vegano.

Palavras-chave: narrativa autobiográfica; percurso ético; não conformismo moral; veganismo; *vistopia*

ABSTRACT

Saying you are vegan in a society based on a carnist culture is a great challenge. This fact is due to the prejudice against vegetarians and vegans (Rosenfeld, 2018; Macinnis e Hodson, 2017; Whorton, 1994), mainly when the motivation for such attitude is related to a moral non-conformism (Jertfelt, 2019), in other words, when the use of animals by humans is not considered a moral behavior. Therefore, many vegans start experiencing *vystopia* (Mann, 2015), that is the anguish of being vegan in a non-vegan world. Within this scenario, the main objective of this research is to investigate the constitution of the moral non-conformist *ethos course* (Holanda, 2020) in autobiographical narratives concerning how it is to be vegan in a non-vegan world. This enterprise is situated in The French Discourse Analysis acknowledging discourse as “a way of representation, action and identification” (Magalhães, 2020, p.15) and holds as its theoretical and methodological foundations the conceptions of narrative (Bertaux, 2010; Bruner, 2014; Ricouer, 1994, 2019) and autobiography that situate the research corpus in a large constellation of texts that talk about itself with its specificities in the constitution of meanings, in addition to the articulation of the notions of discursive ethos (Maingueneau, 2019), *ethos course* (Holanda, 2020) and narrative positioning (Maia-Vasconcelos, 2022). The progressive construction of this individual/collective ethos through the narrative positioning, implicit or explicit, reveals itself in a coherent and significant way for this specific collectivity through the dynamicity and productivity of the autobiographical narratives. The awakening narrative until, in fact, becoming and understanding itself as a vegan in a world that is not vegan reveals several images, projected by the narrator, underlining the presence of movement and fluidity in the construction of this *ethos course*. These images, often opposing, will be in constant confrontation regularly revisiting the passage port of this individual, that is the awakening to veganism. This awakening brought the knowledge and joy of being vegan, however dragged along the anguish (*vystopia*) and the suffering of being vegan in a non-vegan world.

Keywords: autobiographical narrative; *ethos course*; moral non-conformism; veganism; *vystopia*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Meme 1 sobre veganismo	22
Figura 2 -	Meme 2 sobre veganismo	23
Figura 3 -	Campanha Segunda Sem Carne – SVB	57
Figura 4 -	O mito dos 3Ns	71
Figura 5 -	O ethos efetivo	88
Figura 6 -	O posicionamento narrativo da vistoria	105
Figura 7 -	Tripla atividade discursiva da argumentação	106
Figura 8 -	Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: A bolha vegana	114
Figura 9 -	O percurso ético – Narrativa: A bolha vegana	119
Figura 10 -	Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: A conexão de morte e alegria	122
Figura 11 -	Imagens de camisetas do ativismo vegano que remetem à morte	124
Figura 12 -	O percurso ético – Narrativa: A conexão de morte e alegria	127
Figura 13 -	Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte	132
Figura 14 -	O percurso ético – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte	135
Figura 15 -	O percurso ético – Narrativa: O grupo seitanico – trazendo as pessoas para o lado de cá	140
Figura 16 -	Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação	146
Figura 17 -	O percurso ético – Narrativa: Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação	148
Figura 18 -	Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: Animal e animal, não é comida	152
Figura 19 -	O percurso ético – Narrativa: Animal é animal, não é comida	154
Figura 20 -	O percurso ético – Narrativa: O veganismo como postura política	159
Figura 21 -	O percurso ético – Narrativa: O rótulo vegano	166
Figura 22 -	A construção discursiva do percurso ético não conformista moral de veganos experienciando a angústia de viver em um mundo que não é vegano	168

Quadro 1 -	Experiências sociais desagradáveis vivenciadas por vegetarianos	33
Quadro 2 -	Categorias do não-conformismo moral	77
Quadro 3 -	Elementos que ancoram o posicionamento narrativo	94
Quadro 4 -	Caracterização das narrativas dos participantes de pesquisa	101
Quadro 5 -	Elementos do posicionamento narrativo	103
Quadro 6 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: A bolha vegana ...	110
Quadro 7 -	Validação do veganismo – Narrativa: A bolha vegana	118
Quadro 8 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: A conexão de morte e alegria	120
Quadro 9 -	Formas verbais utilizadas para tratar de processos de mudança em relação ao veganismo – Narrativa: A conexão de morte e alegria	122
Quadro 10 -	Validação do veganismo – Narrativa: A conexão de morte e alegria .	126
Quadro 11 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte	130
Quadro 12 -	Validação do veganismo – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte	134
Quadro 13 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O grupo seitanico – trazendo as pessoas para o lado de cá	137
Quadro 14 -	Posicionamento valorativo do carnismo – Narrativa: O grupo <i>seitanico</i>	139
Quadro 15 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação	143
Quadro 16 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: Animal é animal, não é comida	150
Quadro 17 -	O looping narrativo/hardening da vistopia – Narrativa: Animal é animal, não é comida	151
Quadro 18 -	Validação do veganismo – Narrativa: Animal é animal, não é comida	153
Quadro 19 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O veganismo como postura política	156
Quadro 20 -	Caracterização lexical de ser vegano em um mundo não vegano – Narrativa: O veganismo como postura política	157
Quadro 21 -	Validação do veganismo – Narrativa: O veganismo como postura política	158

Quadro 22 -	Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O rótulo vegano	162
Quadro 23 -	Consequências da desinformação sobre o veganismo – Narrativa: O rótulo vegano	164
Quadro 24 -	Validação do veganismo – Narrativa: O rótulo vegano	165

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A MINHA HISTÓRIA COM O VEGANISMO.....	17
3	MAPEANDO O ESTADO DA ARTE.....	26
4	CONTEXTUALIZANDO O VEGANISMO.....	46
4.1	Um pouco de história.....	46
4.2	O movimento vegano hoje.....	52
5	A CONSTRUÇÃO TEÓRICO-CIENTÍFICA DO VEGANISMO.....	61
5.1	O especismo.....	61
5.2	O carnismo.....	64
5.2.1	<i>A ideologia carnista.....</i>	<i>67</i>
5.2.2	<i>A trama carnista.....</i>	<i>69</i>
5.3	O não-conformismo moral.....	75
5.4	A Vistopia.....	67
6	EMBASAMENTOS TEÓRICOS DE LINGUAGEM.....	83
6.1	Situando a pesquisa dentro da análise do discurso.....	83
6.2	O ethos e o percurso ético na análise do discurso.....	85
6.3	O campo biográfico do narrar sobre si.....	90
6.4	O posicionamento narrativo.....	93
6.5	Argumentando o posicionamento narrativo.....	96
7	CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	98
7.1	A caracterização do objeto de pesquisa.....	98
7.2	A construção e delimitação do corpus	100
7.3	O procedimento metodológico de análise de dados.....	102
8	NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOB ANÁLISE.....	108
8.1	A bolha vegana.....	108
8.2	A conexão de morte e alegria.....	119
8.3	O gosto de sofrimento e morte.....	128
8.4	O grupo <i>seitânico</i> - trazendo pessoas para o lado de cá.....	136
8.5	Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação.....	141
8.6	Animal é animal, não é comida.....	148

8.7	O veganismo como uma postura política.....	154
8.8	O rótulo vegano.....	159
8.9	O sujeito coletivo do percurso ético não conformista moral de veganos.....	166
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
	REFERÊNCIAS.....	174
	APÊNDICE.....	179
	ANEXO.....	180

1 INTRODUÇÃO

A temática e o objeto de pesquisa desta tese de doutorado mostraram-se fortuitamente já no terceiro ano do curso causando uma grande reviravolta no direcionamento de meus estudos. Participei da seleção para o doutorado com um projeto que objetivava dar prosseguimento aos meus estudos sobre autonomia e ensino de língua inglesa iniciados na graduação e com continuidade no mestrado. Contudo, apesar da necessidade de muitas mudanças e realinhamentos, o novo caminho evocou em mim uma completa identificação e motivação para o andamento da pesquisa.

A mudança partiu de uma simples conversa familiar. Certo dia, sentada à mesa da cozinha na hora do almoço, com a família completa, meu pai fez um comentário que apesar de me causar bastante incômodo, naquele momento, me levou a refletir sobre determinado assunto com um novo olhar, um olhar não mais de alguém que somente precisava argumentar para se posicionar diante de uma crítica levantada, mas um olhar distanciado, um olhar de alguém que conseguiu perceber naquele fato da vida cotidiana algo a mais, um olhar talvez de pesquisadora da linguagem. Não consigo me lembrar com detalhes o conteúdo da conversa, mas ao me ouvir usar a palavra “vegano” ao citar um determinado alimento, meu pai, muito incomodado retrucou: “Por que vocês¹ têm essa mania besta de se rotular? Vegano? O que é ser vegano? Palhaçada!”. A conversa inflamada e polêmica continuou por alguns minutos e terminou, como de costume, com a minha desistência de fazê-lo entender o meu posicionamento e eu, mais uma vez, fiquei me sentindo incompreendida e de certa forma silenciada. Tenho a impressão de que sempre “deixo para lá” quando se trata da temática do vegetarianismo/veganismo a fim de evitar desentendimentos.

Essa conversa me levou a refletir sobre as polêmicas e conflitos que se constroem nas interações discursivas entre veganos/vegetarianos² e carnistas³ e suas consequências tanto individuais quanto sociais. Essa reflexão me incentivou a fazer uma breve pesquisa na internet sobre estudos acadêmicos na área da sociologia, filosofia, psicologia e linguística sobre a temática em questão. Encontrei alguns trabalhos que me chamaram bastante atenção e após uma

¹ A minha relação com o vegetarianismo e veganismo será narrada mais à frente.

² A diferença entre vegetarianos e veganos será discutida em detalhes em outro momento, contudo vale ressaltar que para as minhas reflexões a distinção não se faz relevante, já que esses conflitos e polêmicas existem independente da pauta em discussão ser vegana ou vegetariana.

³ Carnismo é um termo cunhado pela pesquisadora e psicóloga Melanie Joy (2010) para se referir ao sistema de crenças no qual comer determinados animais é considerado ético e apropriado. Esta questão será discutida mais profundamente no decorrer desta tese.

rápida leitura diversas ideias começaram a surgir, contudo eu ainda não estava convencida de que esse era o caminho a ser seguido.

Outro evento familiar, bem conflituoso, foi, de fato, o que me levou a tomar a decisão de mudar totalmente o percurso que eu estava trilhando na minha pesquisa de doutorado. Entendi que as minhas inquietações e questionamentos sobre a relação conflituosa entre vegetarianos/veganos e carnistas e suas consequências não eram mais questões investigativas de cunho pessoal, mas ao contrário, enxerguei a possibilidade de refletir sobre tais questões de forma mais sistematizada transformando-as em minhas perguntas de pesquisa do doutorado.

Estávamos, eu e minha mãe, na cozinha, conversando e planejando a preparação de alguma refeição. Meu pai, que estava sentado na sala ouvindo a nossa conversa, levantou a ideia de comprar peixe fresco na Beira Mar para que fosse preparado aqui em casa, como sempre faz quando está passando uma temporada em minha casa. Ambos moram no Rio de Janeiro, mas sempre que possível estão por aqui. Essa vontade de comprar peixe, por parte do meu pai, sempre acontece pelo fato de minha mãe não gostar, ou melhor, ter nojo (é assim mesmo que ela diz) de peixe e além de não comer, não gostar e não preparar, ela também não permite que ninguém o prepare na casa deles. O fato é que estávamos tentando combinar um dia para a realização dessa tal peixada quando subitamente minha mãe interrompeu a conversa para se colocar totalmente contra tal proposta dizendo que não queria peixe nenhum, pois iria sujar a cozinha, o forno, além de atrair moscas etc. Ao ouvir esse seu comentário eu respondi que ela estava sendo bastante egoísta e inflexível. Até mesmo eu, que por ser vegetariana e conseqüentemente não comer peixe nem outros animais, sempre aceitei que outras pessoas os preparassem em minha casa, por que ela haveria de proibir? Além disso, perguntei de forma irônica o que ela acharia se eu proibisse o restante da família de consumir qualquer tipo de carne nas dependências da minha casa, já que eu sou vegetariana e tenho as minhas ressalvas quanto à cultura carnista. É claro que ela não aceitou tal ideia e ainda disse ser muito diferente da situação dela, já que o peixe é “fedorento e nojento”, e se não estou enganada, ainda acrescentou que seria uma atitude intolerante da minha parte, e que se assim fosse, ela nunca mais viria à minha casa. Não vou prolongar o detalhamento desta conversa, até porque já não me recordo dos pormenores, o fato é que ficou claro para mim naquele momento que o meu projeto de doutorado tinha que mudar e eu já sabia mais ou menos como seria.

O mundo de forma geral é carnista, a cultura vegetariana/vegana é minoria, sendo assim, mesmo não querendo fazer parte dessa cultura, a convivência com tais alimentos e principalmente com tais discursos se torna inevitável, apesar de incômoda para muitos adeptos do veganismo/vegetarianismo. Esse incômodo se dá, sobretudo, pelo fato de que consumir e/ou

usar os animais, com a conseqüente morte e sofrimento destes, não faz sentido nenhum na compreensão de mundo de vegetarianos e veganos⁴. Isso porque veganos e vegetarianos não conseguem enxergar como normal e moral⁵ essas ações da cultura carnista, mesmo sendo hegemonicamente aceitas mundialmente. E é exatamente esse o grande ponto de conflito entre as duas culturas.

É também muito comum um vegetariano/vegano ser interrogado sobre o motivo que o levou a deixar de consumir carnes e outros produtos de origem animal. A resposta, quando vem acompanhada do viés ético e moral não é, geralmente, aceita pacificamente. Essa minha afirmação, neste momento inicial, não está baseada em nenhum estudo acadêmico, apesar de existirem, mas sim nas minhas experiências pessoais, por já ter participado das mais diversas conversas polêmicas e conflituosas sobre o vegetarianismo/veganismo. O fato de um vegetariano/vegano escolher usar em sua fala a expressão “comer animais” gera motivos para longos debates polêmicos bem exaltados. Acredito que o motivo do conflito que existe entre essas duas culturas se pauta exatamente no fato de que uma cultura minoritária condena moralmente um hábito tão difundido e normalizado de uma cultura majoritária. Não é nada confortável para um carnista receber um julgamento moral por adotar um costume totalmente cristalizado e estabelecido em nossa sociedade. Porém, por outro lado, também não é nada agradável para um vegano ou vegetariano ver pessoas comendo e fazendo uso de animais ou pedaços deles e ainda serem ridicularizados quando tentam expor os seus motivos para não fazerem parte desta cultura.

Esses tipos de reflexões e questionamentos são apenas alguns dos que constroem o corpo desta tese de doutoramento. Realizo um diálogo entre a minha experiência de vida convivendo e não me conformando moralmente com o mundo carnista com a minha vivência acadêmica no mundo das teorias linguísticas e estudos do discurso. Como bem afirma Maia-Vasconcelos (2003, p. 57) a decisão e a escolha sobre o tema da pesquisa nunca acontecem por acaso, geralmente partem de um interesse íntimo e pessoal. Já a abordagem a ser adotada na pesquisa vai depender não só do pesquisador, mas também do objeto de pesquisa.

A ideia central que começou a guiar as minhas reflexões diz respeito a como os veganos se posicionam discursivamente quando falam sobre o vegetarianismo e veganismo e suas histórias pessoais abordando a experiência e o processo, incluindo as dificuldades e angústias, de tornar-se vegano em um mundo que não é vegano. Sendo assim, o principal questionamento

⁴ O que é ser vegano, inclusive a forma que entendem o mundo, é pauta a ser discutida em capítulo posterior.

⁵ Dedicarei um momento posterior da tese para discutir essa não conformidade moral de vegetarianos e veganos.

que direciona a problemática deste trabalho se concentra na seguinte pergunta: Como acontece a construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas?

A partir desta questão mais geral construí algumas perguntas mais específicas que tento responder ou pelo menos trazer algumas reflexões relevantes após a realização desta pesquisa.

As perguntas são:

- a) De que maneira o percurso ético desses sujeitos é construído nas narrativas de experiência sobre o processo de transição para se tornar vegano?
- b) A angústia de viver em um mundo que fere seus valores morais deixa marcas narrativo-discursivas específicas na história de vida desse vegano não conformista moral?
- c) De que forma esses veganos constroem e mobilizam o discurso em suas narrativas para argumentar e validar o veganismo imerso em uma cultura carnista.

Com essas questões e reflexões em mente proponho como objetivo geral desta tese investigar a construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas considerando sua imersão em um universo cultural carnista. Esse objetivo geral se decompõe em três objetivos específicos:

- a) Descrever o processo de construção do percurso ético do sujeito ao contar como foi a sua transição para o veganismo.
- b) Caracterizar nas narrativas autobiográficas que contam como é viver em um mundo que não é vegano as marcas narrativo-discursivas da angústia de viver em um mundo que fere seus valores morais.
- c) Distinguir e descrever a construção argumentativa inscrita nessas narrativas autobiográficas para validar o veganismo dentro de uma cultura carnista.

Com esses objetivos de pesquisa já definidos é possível finalizar esse primeiro capítulo introdutório e seguir adiante para os próximos capítulos. No capítulo 2 narro a minha história com o vegetarianismo e veganismo, para em seguida, no capítulo 3 mapear o estado da arte da temática de estudo desta tese. Posteriormente, no capítulo 4, contextualizo o veganismo historicamente no mundo e na atualidade para legitimar e compreender o que é o veganismo, assim como as suas motivações e formas de viver. O capítulo 5 faz uma abordagem do veganismo sob um viés teórico-científico, apresentando alguns conceitos teóricos a ele implicados, entre eles, o especismo, o carnismo, o não-conformismo moral e a vistoria. O capítulo 6 realiza uma descrição do posicionamento teórico da pesquisa dentro da área dos estudos da linguagem que embasa e sustenta as análises e discussões desta tese de doutoramento. Todo o percurso metodológico da pesquisa, incluindo, a abordagem do objeto

de pesquisa, a construção e delimitação do corpus e o procedimento de análise de dados é descrito no capítulo 7 para enfim no capítulo 8 olharmos para as narrativas dos participantes de pesquisa com criteriosa análise, discussão e posicionamento perante esses dados. Por fim, no capítulo 9 traço as minhas considerações finais sobre os percursos desta tese de doutorado tentando dialogar os meus questionamentos e objetivos iniciais com as análises e reflexões teóricas sobre as narrativas de vida dos participantes da pesquisa para tentar não necessariamente responder essas questões, mas principalmente, trazer inteligibilidade, legitimidade e futuras direções para tal debate que é social, histórico, cultural, discursivo e principalmente humano.

2 A MINHA HISTÓRIA COM O VEGANISMO

Após esta breve introdução das motivações, reflexões iniciais, questões e objetivos da pesquisa, parto, agora, para a narrativa da minha história com o vegetarianismo e veganismo, pois foi a partir deste ponto de vista que consegui enxergar a construção do meu objeto de pesquisa. Acredito que seja de extrema importância não só para o leitor, mas principalmente para a construção desta tese, afinal de contas a narrativa além de dar “forma para as coisas no mundo real” (Bruner, 2014, p.18), também molda “as mentes que procuram lhe dar significado” (Bruner, 2014, p.36) e, a meu ver, é exatamente isso que parece acontecer no processo de construção de uma tese.

Acredito que sempre soube, desde muito pequena, o que era ser vegetariano. Eu tenho um tio, irmão de minha mãe, que é vegetariano, mas nunca soube o que o motivou, e acho que também nunca tive o interesse em saber. Mas o fato é que eu sabia que ele não consumia nenhum tipo de produto animal. Também tenho outro tio que não consome carne de frango desde quando descobriu que a carne de frango que ele comia em casa era de fato uma galinha morta. Ele descobriu esse fato, ainda muito pequeno, ao presenciar, em suas palavras, uma “terrível cena de assassinato”, em que sua tia tão querida quebrou o pescoço de uma galinha. Ficou chocado e ao chegar a sua casa, após relatar a tal maldade, foi surpreendido ao saber que a sua mãe, a minha avó, fazia o mesmo. A partir desse dia ele nunca mais consumiu galinha. Todos acham essa história engraçada e o rotulam como “um fresco” por agir assim até os dias atuais. Vou confessar que por muito tempo também achei uma atitude desmedida.

Na adolescência tive uma grande amiga que era vegetariana e o seu motivo para tal decisão era o desejo de evitar a morte dos animais que consumimos rotineiramente. Por essa amiga ser muito querida e importante para mim, acredito que o meu olhar para “essa frescura” de ter pena dos animais que utilizamos na alimentação mudou um pouco e passei a também entender o consumo de animais a partir de outro ponto de vista. Lembro vagamente de até pensar em adotar esse estilo de vida, mas acho que foi uma ideia tão, mas tão passageira, que obviamente não aconteceu naquela época.

Anos depois, já adulta, não sei por qual motivação, não consigo lembrar, a ideia do vegetarianismo surgiu na minha vida, mas para não provocar questionamentos e comentários negativos, já que eu percebia a existência de um olhar crítico da sociedade a esse estilo de vida, resolvi ficar silenciada e secretamente tentei deixar de consumir carne. Tentei por alguns dias, sem muito esforço e tentando não ser descoberta. Obviamente não consegui. Achei que seria muito complicado e deixei a ideia de lado.

Pouco tempo depois, talvez em torno de dois anos após essa primeira tentativa, minha prima e o marido, que moram em Belo Horizonte, estavam de férias e vieram me visitar aqui em Fortaleza. Eles haviam se tornado vegetarianos pouco tempo antes e naquele momento conversamos muito sobre o assunto. Eles falaram de um documentário produzido por uma ONG brasileira chamada Instituto Nina Rosa, que trabalha a educação e a sensibilização de humanos perante os animais. O documentário intitulado “A carne é fraca” aborda os impactos do consumo de carne para a saúde, o meio ambiente e o bem-estar dos animais. Eles, inclusive, nos presentearam com um DVD do tal documentário. Não lembro se assistimos com meus primos ou após a partida deles, o fato é que a questão do sofrimento animal mexeu bastante comigo. Fiquei bastante triste com algumas cenas do filme, pois me levaram a fazer algumas conexões e enxergar que a carne que consumimos não se resume a um pacotinho que compramos no supermercado, mas sim, um pedaço de um animal morto. Acho que nem comi carne naquele dia.

Poucos dias depois, estávamos, eu e meu marido, fazendo um lanche no McDonald 's quando ele repentinamente lançou a proposta: “Fernanda, vamos parar de comer carne?”. Lembro bem que eu estava dando uma mordida em um McChicken quando ouvi a sua pergunta e respondi que topava a ideia sim, mas que eu gostaria muito de finalizar por completo aquele sanduíche que por sinal estava delicioso. Demos uma boa risada e conversamos bastante sobre o assunto. Meu marido relatou também ter ficado um pouco sensibilizado com todas as questões abordadas no documentário e queria fazer essa tentativa. Ele ficou sem comer carne por apenas três meses, e acabou voltando “à vida normal”. Eu me identifiquei com esse estilo de vida, principalmente pelo fato de perceber na prática que eu não precisava consumir nenhum animal para me manter saudável e então resolvi me nomear vegetariana e assim permaneci.

Logo depois engravidei, fato que causou uma polêmica enorme na família. “O bebê vai nascer desnutrido! A Fernanda vai ficar doente! O bebê vai ser pequeno! A Fernanda não vai ter leite!”. Foi muito difícil conviver com todas essas críticas, mas sabia que ser vegetariana não causaria impacto negativo nenhum em mim, nem no bebê, na verdade faria um bem enorme. E eu afirmava isso por ter conhecimento de causa já que sou graduada em Nutrição e pós-graduada em Nutrição Clínica.

É importante ressaltar que ainda não existe um posicionamento unânime perante os profissionais de nutrição quanto ao vegetarianismo/veganismo em todas as fases da vida. Não sei se este fato se dá por desconhecimento, preconceito ou simplesmente por resistência a mudanças. Na verdade, pouco ou quase nada era abordado sobre vegetarianismo e veganismo

na época em que cursei a graduação em Nutrição⁶. Desconheço a grade curricular dos cursos de nutrição atualmente, contudo, é fato que ocorreram mudanças e tem-se debatido mais sobre tais questões pois com a praticidade da internet, facilmente podemos encontrar uma variedade de estudos científicos e posicionamentos de associações de nutrição e medicina ao redor do mundo afirmando a segurança e as vantagens de se manter uma alimentação vegetariana e vegana em todas as fases da vida.

O fato é que mesmo sendo formada em nutrição eu não conseguia convencer as pessoas da minha família de que uma alimentação vegetariana contempla todos os nutrientes que precisamos para que nosso organismo permaneça saudável. Inclusive fui “obrigada” a comer por diversas vezes carne disfarçada, ou seja, uma preparação alimentícia que diziam não conter carne, mas que eu sabia que tinha. É claro que eu percebia, mas para não causar conflito e um mal-estar na família eu acabava aceitando por entender que as pessoas escondiam a verdade não por maldade, mas por desconhecimento de outras formas legítimas e possíveis de alimentação. Assim, eu aceitava a tal sopa de “legumes”, que posteriormente virou motivo de risadas na família, apesar de ficar bastante triste e incomodada com o fato de estar ingerindo uma preparação que continha partes de um animal.

A família e os amigos ficaram surpresos e maravilhados com o fato do meu filho ter nascido grande e saudável e principalmente pelo fato de eu ter leite em abundância “mesmo sendo vegetariana”. Lembro que eu doava uma garrafa grande de leite materno toda semana para o banco de leite da Maternidade Escola da Universidade Federal do Ceará. Para eles, e repetindo falas ouvidas por mim diversas vezes, ser vegetariano é sinônimo de falta de nutrientes, sendo assim eu só poderia estar sendo um ponto fora da curva, ou estava tendo muita sorte de ter tido um filho saudável e ter muito leite.

No momento da introdução alimentar de meu filho levantei a hipótese de iniciar desde cedo uma alimentação vegetariana para ele. Essa ideia foi totalmente rejeitada pelo meu marido, assim como pelos avós. Tanto ele quanto os avós diziam temer algum tipo de deficiência nutricional mesmo eu garantindo que não havia esse perigo. Também diziam “deixe-o crescer primeiro para que ele mesmo tome essa decisão no futuro, caso seja de interesse dele”. Mesmo contrariada, pensando totalmente o oposto, para não causar conflito, aceitei realizar uma introdução alimentar no meu filho com a inclusão de carnes. A única exigência que fiz, foi não ter que preparar o alimento com a carne, ou seja, no dia em que não houvesse alguém disponível para preparar a carne, o meu filho não comeria carne. A proposta foi aceita e assim fomos

⁶ Concluí a graduação em Nutrição na Universidade Federal do Rio de Janeiro em fevereiro de 2001.

levando a nossa vida.

Como vegetariana sempre tentei conviver em harmonia com a cultura carnista, aceitando dividir a minha mesa de refeição com as carnes, apesar de me incomodar com a presença delas, é claro. Contudo, mais do que a presença dos animais mortos à mesa, o que mais me causava desconforto era o incômodo das outras pessoas pelo simples fato de eu ser vegetariana, além evidentemente, dos comentários totalmente grosseiros que eu fingia não entender. Não foi uma, nem duas vezes que ouvi, mas dezenas de vezes pessoas amigas e da família exclamando suas preocupações e incômodos ao me convidarem para alguma refeição em suas casas. Foram e ainda são frequentes comentários do tipo, “Fernanda, é tão difícil te oferecer algo gostoso! Se você não come carne, o que você come? E as proteínas? Mas nem peixe? Jesus comia peixe! Ah Fernanda, deixa de frescura, faz parte da cadeia alimentar e de nossa cultura, toda a humanidade sempre comeu carne, por que você quer ser do contra?”.

Mantive a minha vida vegetariana por mais ou menos três anos, até que um dia desanimei e decidi voltar a comer carne. Não sei dizer se houve um motivo específico para que eu decidisse voltar a comer carne e ter uma vida “normal”, nem consigo me lembrar do dia em que isso aconteceu, mas posso afirmar que ser criticada, ridicularizada e ser causa de incômodo para os outros influenciou muito a minha decisão. Mesmo voltando a levar uma vida “normal”, esporadicamente me sentia estranha e triste no momento do consumo dos animais.

Poucos anos depois, casualmente, a temática voltou a estar presente nas minhas rodas de conversa. Refleti bastante e percebi que eu não deveria ter voltado a comer carne, esse ato não dialogava harmonicamente com a minha natureza. Parei de uma vez o consumo das carnes, contudo, resolvi, inicialmente, não declarar publicamente para a família e amigos tal decisão, já que eu não queria ouvir críticas e ter que ficar me justificando novamente. Somente o meu marido sabia. Ele, também motivado, novamente quis tentar aderir ao vegetarianismo, contudo, mais uma vez não conseguiu alegando sentir muita falta das carnes na sua rotina diária. Sendo assim, ele não retirou as carnes de sua vida, mas continuou a me apoiar bastante para que eu mantivesse a minha orientação alimentar.

Nesta época, lembro que estávamos planejando um churrasco para comemorar o aniversário de oito anos do meu filho no final de semana seguinte. Eu decidi fazer um teste. Decidi que iria observar se alguém perceberia que eu não iria comer carne, principalmente os meus pais, que foram os críticos mais severos de quando eu era vegetariana. De fato, ao longo do churrasco ninguém percebeu que eu não havia colocado na boca nenhum pedacinho de carne. Com isso, eu havia chegado à conclusão de que na prática, comer ou não carne, não interfere na vida de ninguém, o que me leva a questionar o porquê de tanto incômodo e polêmica em

torno disso.

E assim segui a minha nova etapa de vida sendo vegetariana novamente. Apesar de ter passado a me preocupar não só com os alimentos, mas também em não usar roupas e nem acessórios de origem animal, por julgar totalmente desnecessário a necessidade de matar um animal para usá-lo nos meus pés ou pendurado nos meus ombros, nunca tive o interesse em me tornar vegana. Sempre achei uma decisão muito extremista e bem complicada por julgar que esse estilo de vida torna a pessoa ainda mais indesejada socialmente, as opções de alimentos se restringem bastante e apesar de ter consciência de que os animais sofrem e muito para nos “dar” ovos, leite e seus derivados, eu me iludia com a ideia de que pelo menos o animal não precisava morrer para me fornecer esses alimentos. “Menos mal”, era o que eu pensava.

Durante cinco anos de vegetarianismo, comecei a perceber algumas mudanças na minha visão sobre os estilos de vida vegetarianos de ser. Apesar do vegetarianismo já estar presente na minha vida há bastante tempo, eu não seguia um estilo de vida vegetariano e sim apenas uma alimentação vegetariana, ou seja, eu não comia carne e ponto final. Ao longo desses anos eu nunca havia entrado no site da SVB (Sociedade Vegetariana Brasileira), na verdade, eu não tinha nem conhecimento de sua existência, não tinha interesse em pesquisar mais sobre receitas vegetarianas, produtos vegetarianos, impactos do consumo de produtos de origem animal etc. Contudo, recentemente tive o interesse em me inserir mais nessa realidade, ou seja, ao invés de adotar uma dieta vegetariana, comecei a ter o interesse em adotar um estilo de vida vegetariano. Passei a seguir páginas e pessoas nas redes sociais ligadas ao vegetarianismo, assim como a buscar mais receitas e produtos não só vegetarianos, mas também veganos.⁷ Senti a necessidade não só de introduzir na minha rotina alimentar mais opções veganas de alimentos que “substituísem” os alimentos de origem animal (leites, queijos, bolos etc), como também passei a pesquisar sobre produtos de higiene pessoal e de limpeza para a casa que fossem também veganos, assim como roupas, sapatos e acessórios.

Com o nascimento da Maria, minha filha mais nova, precisei refletir sobre o momento de sua introdução alimentar. Ao contrário do que aconteceu com meu primeiro filho, o Pedro, eu decidi que queria fazer uma introdução alimentar vegetariana para a Maria. Em vez de deixar para depois a decisão de ser vegetariana, resolvi fazer o contrário. A família ficou um pouco resistente, já que todos são carnistas, mas aceitaram a minha vontade. Iniciamos, então, a sua

⁷ Irei abordar detalhadamente as definições de vegetarianismo e veganismo em capítulo posterior, mas para que uma possível dúvida do leitor não se prolongue, irei de forma resumida diferenciá-los. O vegetarianismo exclui da alimentação todos os tipos de carnes, enquanto o veganismo tenta excluir não só na alimentação, mas em todos os aspectos da vida, na medida do possível e do praticável, qualquer forma de uso, exploração e morte de animais.

introdução alimentar sem a presença de carnes.

Esqueci de mencionar que tive uma gravidez saudável, que a Maria nasceu também saudável, continua saudável e que também tive muito leite para amamentá-la até os dois anos de idade. Contudo é claro que ao longo da gravidez ouvi novamente os mais diversos comentários de pessoas amigas e da família preocupadas se a bebê iria ganhar peso suficiente na barriga, se iria nascer saudável, se eu iria adoecer, se eu iria ter leite etc. Toda essa “preocupação” é explicada pelo simples fato, como já mencionei anteriormente, de acreditarem que o vegetarianismo fornece uma alimentação deficiente. Essa conclusão não é uma inferência minha, é o que eles claramente relatam em suas falas. “Essa sua alimentação vegetariana só pode ser fraca, você é muito magra! Como vai conseguir amamentar a bebê sendo tão magrinha assim e só comendo folha!” Há uma associação do vegetarianismo à minha magreza e conseqüentemente a uma inadequação alimentar. Contudo, a família parece esquecer que sempre fui magra desde criança mesmo sendo carnista.

Acho também muito curiosa essa visão de que vegetariano só come folha. Não é uma percepção apenas da minha família, mas sim um entendimento mais geral da cultura carnista. Inclusive, é possível encontrar na internet vários *memes* super engraçados abordando tal visão. Escolhi esses dois exemplos a seguir, exatamente, porque retratam situações vivenciadas inúmeras vezes por mim.

Figura 1 - Meme 1 sobre veganismo



Fonte: Google imagens, 2021. Disponível em: < <https://pbs.twimg.com/media/EoLB-4vWMAADYq8.jpg> >

Figura 2 - Meme 2 sobre veganismo



Fonte: Google imagens, 2021. Disponível em: <<https://i.pinimg.com/564x/f2/70/d1/f270d1e5ecc0e44f7e12c4100edb2982.jpg>>

O primeiro meme vai exemplificar a concepção de que vegetarianos se satisfazem apenas comendo folhas e o segundo retrata a imagem bem estreita de salada que muitas pessoas trazem consigo. Salada, obviamente, não se restringe a alface e a alimentação vegetariana e vegana contempla uma imensa variedade de opções alimentares. De acordo com Michele Jacob, pesquisadora da UFRN, existem 30 mil diferentes plantas comestíveis no mundo, sendo que 20% delas encontram-se no Brasil. Ela ainda salienta que todas podem ser excelentes fontes de nutrição, servindo como base da alimentação⁸.

Enfim, o fato é que o nascimento de minha filha e sua introdução alimentar me levaram a refletir de forma mais cautelosa sobre a questão do vegetarianismo, o que conseqüentemente acarretou uma mudança em meu posicionamento perante o veganismo. Comecei a me sentir mais sensibilizada aos impactos que o consumo desenfreado de carnes, mas também de todos os alimentos de origem animal, como o ovo, o leite e seus derivados causam no meio ambiente, na saúde e principalmente no bem-estar dos animais. Sabendo que é possível me manter

⁸ Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/plantas-alimenticias-do-brasil-sao-apresentadas-em-livro#:~:text=%E2%80%9CEst%C3%A3o%2030%20mil%20diferentes%20plantas.servindo%20como%20base%20da%20alimenta%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 20/11/2023

saudável com uma alimentação livre de produtos oriundos de animais, por que causar sofrimento animal? Talvez porque seja difícil mudar os meus hábitos alimentares tão enraizados, talvez porque eu goste muito de alimentos que sejam de origem animal, como os queijos, por exemplo, e assim eu feche os meus olhos a todo o sofrimento que as vacas passam para fornecer leite para que eu possa me deliciar com um pequeno pedaço de queijo gorgonzola? Sempre gostei muito de queijos, desde bem pequena, mas comecei a me sentir incomodada toda vez que levava um pedaço de queijo à minha boca. Sendo assim, comecei a pesquisar e buscar tanto opções de receitas caseiras como produtos alimentícios industrializados para substituir esses alimentos que tanto gosto. Fui encontrando ótimas alternativas e a ideia do veganismo começou a se fazer mais presente em minha vida.

É importante lembrar que o veganismo não se restringe somente às questões alimentares, envolve uma forma de pensar e viver que tenta minimizar ao máximo a exploração dos animais. Sendo assim, o consumo de qualquer tipo de produto deve ser muito consciente no que diz respeito à sua origem, já que muitas empresas testam suas fórmulas em animais assim como usam diversos componentes de origem animal. Essa restrição no consumo de alimentos, itens de limpeza, cosméticos, calçados, entre outros, não é visto como um problema, ou sofrimento para a rotina de veganos, na verdade, é uma sensação de leveza e alegria poder viver consumindo produtos que não causem dor a seres tão sencientes como nós humanos. É claro que a falta de opções traz angústia para a vida de veganos, mas o acesso a produtos veganos tem crescido muito nos últimos anos, apesar de encontramos ainda muitas barreiras.

Com o passar dos meses percebi na realidade que viver sem consumir produtos de origem animal não era tão difícil como eu imaginava. Sendo assim, decidi abolir da minha rotina todo e qualquer produto de origem animal na medida do possível e do praticável e passei a me denominar vegana. Meu marido, como sempre, me apoiou, mas manteve a sua rotina carnista. É claro, que eu adoraria que a família toda seguisse o mesmo caminho, mas entendo que somos seres heterogêneos e diversos, e por isso, é preciso que saibamos nos respeitar mutuamente e apoiar as decisões individuais de cada membro da família para vivermos em harmonia.

Hoje, refletindo, sobre toda essa minha vivência e experiência com o vegetarianismo e veganismo percebo o quanto eu tive que fazer concessões e me silenciar para evitar conflitos e brigas na família e até mesmo com amigos. Tive que deixar de dizer o que penso para não ser indelicada, tive que aceitar comer uma sopa com carne “escondida” para não causar um mal-estar com membros da família, tive que ouvir comentários desagradáveis (já fui chamada de fresca, Maria vai com as outras etc), tive que aceitar inúmeros churrascos em minha casa, tive

que limpar a mesa e o chão cheios de gordura de carne, tive que comer pão de alho com pingos da gordura da carne do churrasco para não ser grosseira, tive que não comer nada em alguns eventos pois não havia opção nenhuma para mim, tive que ouvir gargalhadas ao explicar que estava trocando a marca dos meus sabonetes e pasta de dente pois as que eu utilizava usavam ingredientes oriundos de animais assim como testavam suas fórmulas em animais etc.

Sei que não posso evitar a convivência com a “carne”, é claro, o mundo é carnista, mas o que mais me incomoda é o fato de observar que o veganismo não é aceito socialmente como uma forma legítima de se alimentar e viver além de também perceber o quanto veganos são ridicularizados e estigmatizados negativamente, principalmente pelo fato de sofrerem pelos animais que sofrem e morrem para o consumo humano. Parece que o discurso da cultura carnista que é dominante culturalmente acaba interferindo, desvalorizando e por muitas vezes apagando não só o discurso, mas consequentemente a própria cultura vegana e vegetariana.

O fato de não compartilhar o mesmo entendimento cultural, ou melhor, de não concordar moralmente com o consumo dos animais, parece fazer dos vegetarianos e veganos um grupo fora do “padrão”, fora da “normalidade” e por não se conformarem moralmente com o restante do agrupamento social, passam a ser rotulados como “estranhos”. Como explicam Bryant, Prosser e Barnnet (2022), em uma cultura dominante carnista e especista⁹, na qual o consumo de carne é normal e a pecuária é enobrecida, aos veganos sobra o título de “os outros”.

Em virtude de todos esses questionamentos que passei a fazer e já imaginando a construção de um novo objeto de estudo para a minha pesquisa de doutorado, resolvi mergulhar profundamente nos artigos, dissertações e teses dos quais eu já havia feito uma leitura muito superficial. Ao olhar mais atentamente para eles, percebi que havia muita coisa interessante sendo estudada. Esse mapeamento do estado da arte é o escopo do próximo capítulo.

⁹ O termo especismo foi cunhado pelo filósofo Peter Singer. Em seu livro *Libertação Animal* ele o define como “o preconceito ou atitude discriminatória a favor do interesse de membros de uma espécie e contra membros de outra espécie” (SINGER, 2002, p.6) somente baseada no fato de serem membros de outra espécie. Esse conceito será aprofundado em capítulo posterior.

3 MAPEANDO O ESTADO DA ARTE

Após petiscar algumas ideias iniciais senti a necessidade de ampliar o cardápio e degustar com mais intensidade os ingredientes que o compõem. Conhecer mais profundamente o que a comunidade acadêmica tem estudado sobre a temática contribuiu para inserir e justificar a necessidade de mais um trabalho dentro desta área de estudo e pesquisa, assim como ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o objeto desta pesquisa. Este mapeamento dos estudos envolvendo a temática desta pesquisa de doutorado teve início por dois artigos cujos títulos tinham muita relação com tudo o que eu estava refletindo.

O primeiro artigo intitulado *Vegans' problem stories: Negotiating vegan identity in dealing with omnivores* foi publicado na revista *Discourse & Society*. Os autores, Buttny e Kinefuchi (2020), partem do pressuposto de que veganos são enquadrados socialmente de forma negativa como pessoas excêntricas que se desviam da cultura alimentar padrão hegemônica carnista. Apesar de uma tendência crescente na oferta e consumo de produtos de origem vegetal que substituam os de origem animal (por exemplo, leites, queijos e carnes vegetais) e de uma maior “popularização” do veganismo na mídia devido à exposição de algumas personalidades famosas, o número de vegetarianos e veganos ainda permanece consideravelmente baixo¹⁰, o que dificulta qualquer tipo de mudança nas normas sociais. Os autores, por reconhecerem a importância das interações conversacionais na construção do mundo social, constatam a produtividade de se estudar o que acontece na comunicação entre veganos e onívoros¹¹, pois desta forma, é possível trazer à tona temas socialmente relevantes para o debate acadêmico, entre eles, os impactos que o carnismo provoca no meio ambiente, debate esse que não tem recebido nenhuma atenção por parte de diversos órgãos ligados a tais questões, e esse estranho silenciamento é um questionamento feito por parte dos autores. Eles ainda entendem que também é extremamente necessária a existência de um debate ético/moral do consumo de carnes que é tão fundamental para a cultura vegetariana. Buttny e Kinefuchi esclarecem que o discurso dominante carnista da sociedade não só apaga os animais de nossas vidas, como também faz uma dissociação entre animais e carnes, além de obscurecer totalmente a realidade do sofrimento animal, práticas que o uso da linguagem é capaz não só de refletir

¹⁰ O artigo apresenta dados referentes à população dos Estados Unidos baseados na *Gallup poll* de 2018, que revela que 5% dos americanos se declaram vegetarianos e 3% veganos.

¹¹ Apesar do autor utilizar ao longo de seu texto apenas o termo onívoro, eu utilizo em alguns momentos a terminologia carnista por achar que se adequa melhor ao tom do meu texto. Essa diferença entre os termos onívoros e carnistas será abordada em outro momento do texto. Por ora, é importante entender que o termo onívoro está relacionado à aspectos biológicos do ser vivo enquanto o termo carnista envolve crenças e representações.

como também de perpetuar.

Todas essas questões levantadas geram um grande desafio quando vegetarianos e carnistas dividem a mesma mesa de refeição, principalmente porque a refeição é um momento de conexão e compartilhamento entre amigos e família. Por conseguinte, os autores objetivaram estudar a construção social de ser vegano nessa relação com onívoros. A análise parte da perspectiva da análise do discurso, mais especificamente, o construcionismo discursivo (Buttny, 2004) que tem como foco as práticas discursivas do participante ao construir a sua versão dos eventos, ou seja, a sua narrativa com todos os movimentos interativos e posicionamentos para compreender como o participante entende, avalia e responde a seu interlocutor. Os autores também tinham como objetivo analisar as ‘representações ideológicas naturalizadas’ (Fairclough, 1985) dos participantes, pois esse conhecimento prévio naturalizado acaba modelando e direcionando, não só as interações como também as percepções do participante de como as coisas devem ser. O estudo também utiliza a análise crítica do discurso, com base em Van Dijk, que vai direcionar a atenção para como a dominância na forma de ideologia naturalizada é encenada no discurso e vivenciada pelos participantes assim como analisa os espaços de negociação e até mesmo uma ruptura da representação hegemônica prévia.

Para investigar esses conflitos e desafios que surgem entre veganos e onívoros os autores analisaram duas interações conversacionais entre estudantes americanos universitários veganos e vegetarianos que receberam uma lista com algumas perguntas para guiar a discussão da conversa. As perguntas tratavam da forma como esses participantes se nomeavam (vegetarianos, veganos etc) e das motivações (saúde, sustentabilidade, ética) que os fizeram aderir ao vegetarianismo. O estudo também solicitava que esses estudantes narrassem momentos vivenciados por eles em que a opção alimentar tenha surgido como tópico de conversa (caso positivo era pedido ao participante para detalhar esse evento, como quem iniciou a conversa e como foi a resposta do participante e de seus interlocutores) e descrevessem o perfil influenciador de cada um quanto à sua escolha alimentar/estilo de vida, ou seja, se eles possuíam uma atuação ativista (pessoal ou pública) ou não quanto à questão do vegetarianismo.

As narrativas trazem as vozes dos participantes e de seus interlocutores através de um metadiscurso e de um discurso reportado construindo histórias problemas, apesar de algumas apresentarem soluções. Também revelam que os participantes têm consciência de que suas opções alimentares vão de encontro à cultura carnista dominante, contudo, a forma como cada um lida e responde aos problemas enfrentados vai variar. Os pesquisadores constataram que alguns participantes falam abertamente sobre o vegetarianismo, outros esperam ser questionados para então se posicionarem, e outros não se posicionam abertamente sobre o

assunto, seguem a sua rotina alimentar silenciosamente influenciando outros apenas pelo exemplo. Esses achados indicam que existe um dilema ideológico a ser enfrentado pelos vegetarianos sobre como enquadrar socialmente a abstenção do consumo de carnes e animais.

A necessidade de terem que se justificar constantemente expondo suas motivações para as suas escolhas dietéticas e o incômodo de serem estigmatizados socialmente como críticos, extremistas e “estraga prazeres” são alguns dos problemas levantados pelos participantes. De acordo com os autores, essa visão estereotipada de veganos, além de promover uma atitude defensiva por parte dos carnistas, pelo fato de existir uma questão moral sustentando a cultura vegana que implicitamente ou não estaria julgando o padrão alimentar do restante da população, acarreta um silenciamento da identidade vegana já que estes por muitas vezes preferem se “calarem” para não causarem polêmicas e conflitos entre familiares e amigos.

Os autores finalizam o artigo problematizando outra implicação social que essa relação conflituosa entre veganos/vegetarianos e carnistas acaba promovendo. Segundo eles, ao tentar evitar o estigma de extremistas, chatos e indesejáveis, assim como evitar situações polêmicas com amigos e família, veganos acabam elegendo preocupações pessoais com a saúde, por julgarem mais aceitas socialmente, como a justificativa para a abstenção do consumo de carnes. Contudo, esse deslocamento de um componente socialmente relevante (ética animal) para a esfera individual acaba encobrando o surgimento de um debate social bem mais amplo.

O segundo artigo (Abonizio, 2016) a que me referi anteriormente foi publicado em 2015 e é de autoria de uma pesquisadora brasileira. O título – *Conflitos à mesa: vegetarianos, consumo e identidade* - me chamou bastante atenção e interesse, pois todas as palavras que o compõe são de total identificação com a minha pesquisa. A autora, que é vegetariana, realizou uma autoetnografia, na qual passou a observar sistematicamente, durante seis meses, fatos de sua vida cotidiana que envolviam suas opções alimentares, em especial em sua dimensão conflituosa. Objetivando conferir uma maior amplitude à análise de seu depoimento, a pesquisadora confrontou os seus dados pessoais com outras experiências de vegetarianos (seis entrevistados escolhidos por conveniência de proximidade com a pesquisadora) coletadas por meio de entrevistas abertas com roteiro.

Abonizio (2016) foi motivada a realizar essa pesquisa por perceber que suas escolhas alimentares não só despertavam um estranhamento, mas também uma “reprovação” por parte das outras pessoas, motivo bem semelhante ao que me despertou o interesse para a realização desta pesquisa de doutorado. Ela afirma que seus

desentendimentos sociais passaram a ser questionados como problemas

sociológicos: por que o fato de eu adotar determinada dieta incomoda outras pessoas a ponto de ser preciso explicar minha opção? O que significa questionar opções individuais (como a minha dieta) se boa parte da literatura geral preconiza o individualismo e autonomia como marcas culturais da contemporaneidade? O que a pluralidade de dietas contemporâneas e os conflitos que geram no hábito cotidiano de comensalidade podem dizer sobre a sociedade que os cria e possibilita? (Abonizio, 2016, p.115)

A autora sustenta a tese de que a tensão vivida não se refere apenas às divergências do consumo, mas àquilo que o consumo representa: trata-se de organização e sentido do mundo em conflito. Ela fundamenta-se na visão de que o consumo de alimentos, não é um ato solitário, mas sim, uma atividade social e que “as sociedades constroem representações sobre si próprias, definindo sua identidade em relação a outras sociedades, através de seus hábitos alimentares” (Abonizio, 2016, p.117). A autora situa esses hábitos alimentares entre as fronteiras do natural e do social, “uma vez que hábitos são práticas culturais enquanto a ideia de alimento remete à nutrição” (p.117).

Pelo fato de a alimentação ser uma atividade social, desde muito cedo, ainda bebês, somos inseridos nos rituais de alimentação, incluindo aí os hábitos da sociedade e os adaptados ao universo familiar. Sendo assim, segundo a autora, mudar os padrões alimentares tem efeito nas relações sociais, principalmente nas relações familiares, e a conversão ao vegetarianismo pode encontrar simpatia e apoio, contudo também pode encontrar a crítica, a confusão e a hostilidade. Essa decisão de não partilhar o alimento considerado apropriado pela família pode tornar-se uma não partilha de hábitos, ideias e visão de mundo. Além da questão social e cultural, a autora levanta outra questão no qual, os alimentos, como outros objetos trocados, servem, citando Coelho (2006) “como veículos para expressão de emoções” (p.30), sendo assim a recusa de um filho vegetariano em aceitar alguma comida preparada pelos seus pais, pode ser interpretada como uma rejeição aos próprios pais.

Diversas situações em família acabam sendo transformadas em situações de tensão. Segundo Abonizio (2016), um momento crítico para essas situações de apreensão em família é o Natal, em virtude da “importância desta celebração para a manutenção da identidade da família” (p.123). O desconforto é gerado tanto na situação de vegetarianos que visitam suas famílias, quanto nas ocasiões em que parentes visitam famílias vegetarianas.

As entrevistas apontam que quase a totalidade dos sujeitos revelou já ter vivenciado alguma situação de gafe ou desconcerto em situações de visita, viagem ou festa. Para evitar comer o que não se quer (caso de uma moça que comeu frango para agradar a sogra) ou ter de fingir que se come atuando cinicamente (entrevistado contou que por diversas vezes se serviu de carne, sem, contudo, comê-la), a maioria utiliza o recurso de “cooperação tácita para

manutenção da fachada” (Abonizio, 2016, p.125), em termos goffmannianos, explicitando sua característica como meio de se antecipar – e assim evitar – gafes e constrangimentos. Essa precisão em manipular a fachada, de acordo com a autora, traz a necessidade de reflexão inclusive sobre as motivações em não desejar publicizar as escolhas do não consumo de carnes.

A autora, no discorrer sobre os seus dados, ainda propõe reflexões que dizem respeito aos estereótipos que rondam o “ser” vegetariano, os quais definitivamente, não são compatíveis com o sujeito concreto que adota esse hábito alimentar. Abonizio (2016) também aponta a disputa simbólica que existe entre as vantagens e desvantagens das dietas, fato que desencadeia um verdadeiro terreno de combate entre vegetarianos e carnistas. Ao visar unicamente à vitória procura-se incessantemente algum tipo de embasamento¹² e “apesar de ser de conhecimento generalizado que a seleção do que comer é cultural, busca-se na natureza, na ciência e em Deus, provas de que tal dieta é mais justificável à razão do que outras” (Abonizio, 2016, p.129).

A autora conclui a partir de suas observações e análises que a “opção pelo vegetarianismo encontra resistência e se sujeita a constrangimentos da vida cotidiana” (Abonizio, 2016, p. 134), contudo, apesar de todos os conflitos existentes nas interações sociais em torno da alimentação, a socialidade ainda prevalece¹³. Por fim, ela acrescenta que “as opções pelo consumo e a recusa do consumo fornecem papéis sociais, comunicam lugares sociais e possibilitam a reflexão sobre a sociedade contemporânea e a multiplicidade que a caracteriza” (p.134).

Além desses dois artigos, me debrucei sobre uma tese de doutorado, intitulada *Moral Non-Conformity: A Phenomenological Study of Persons who Held on to Their Moral Beliefs* (Não conformidade moral: um estudo fenomenológico de pessoas que mantiveram suas convicções morais). Nesta tese, a autora, Jertfelt (2019), tem como objetivo descrever o significado central do que é ser um não conformista moral, seus pensamentos, motivações e como constituem o mundo. Ela define o não conformismo moral como

o ato consciente e ativo de uma pessoa em não agir como ela acredita seus pares/grupo imediato estão agindo. Este ato é motivado por um sentimento e/ou crença de que o que seus pares/grupo imediato estão fazendo é moralmente errado, e/ou que o ato de não conformidade é moralmente correto (Jertfelt, 2019, p.35, tradução própria).

Jertfelt (2019) classifica os não conformistas morais em quatro categorias, e segundo

¹² É importante destacar que a autora não tem interesse em qualificar esses argumentos em válidos ou não válidos, ela simplesmente quer mostrar que cada grupo, para legitimar o seu posicionamento no que diz respeito às escolhas alimentares, procura embasar o seu argumento ou na ciência, ou na religião ou na natureza.

¹³ Essa socialidade acaba se baseando no silenciamento da identidade vegana.

ela, os veganos se enquadram em uma dessas categorias na qual uma pessoa age individualmente na contramão de um grupo maior (dominante), contudo, sem se expor ao risco de consequências negativas (de ordem punitiva como no caso de membros de grupos de desobediência civil que se enquadram em outra categoria).

Baseada nessas três leituras iniciais somadas à minha experiência pessoal como vegetariana imersa em um mundo carnista, eu pude vislumbrar a imensidão de questões possíveis de serem estudadas envolvendo as práticas discursivas de vegetarianos/veganos e carnistas. Sendo assim, dei continuidade às leituras sobre a temática em questão para conhecer a amplitude e foco das pesquisas acadêmicas, o que me ajudaria na construção de minhas perguntas de pesquisa e objetivos, consolidando e justificando a realização desta pesquisa de doutoramento. Essas pesquisas estão descritas de forma resumida a seguir.

Whorton (1994), que é professor emérito do departamento de bioética e humanidades da escola de medicina da universidade de Washington, escreve um artigo que traça um panorama do desenvolvimento histórico do vegetarianismo objetivando discutir o seu valor com bases científicas, isso porque segundo ele, a reputação de fanatismo que o vegetarianismo recebeu ao longo da história prejudica uma avaliação objetiva e reconhecimento pela ciência nutricional dominante. O autor apresenta as motivações ao longo da história para a adesão de uma dieta livre de animais, motivações essas que segundo ele mais recentemente (lembrando que o artigo foi escrito há mais de 20 anos) levam em consideração questões metafísicas, morais e sociais, tendo destaque a repulsa pela exploração que os humanos submetem os animais, preocupações com a destruição e poluição ambiental e efeitos na saúde física de seres humanos.

Alguns anos depois, Ruby (2012), que atualmente é professor do departamento de psicologia da Universidade La Trobe, na Austrália, escreve um artigo intitulado *Vegetarianism. A blossoming field of study* (Vegetarianismo, um próspero campo de estudo) no qual objetiva realizar uma revisão de literatura explorando as variações e motivações do vegetarianismo. Esse estudo revela que não há um consenso em torno do termo vegetariano, podendo ser entendido como uma dieta livre de qualquer produto de origem animal, mas abrangendo também dietas que incluem esporadicamente peixes, aves e carne vermelha. As motivações para se tornar vegetariano também são diversas, contudo, o autor verificou que a motivação vai interferir no processo de se tornar vegetariano, ou seja, aqueles fomentados por questões da ética animal se mantêm muito mais facilmente na dieta vegetariana quando comparados aos motivados por questões de saúde pessoal. O estudo também investiga as percepções sociais sobre o vegetarianismo mostrando que apesar do vegetarianismo com o passar do tempo ser mais aceito socialmente ainda sofre muita estigmatização, tais como a associação entre carne e

masculinidade e a abdicação da carne com a feminilidade.

O interesse contemporâneo por questões de saúde pública, preocupação com o meio ambiente e bem-estar dos animais fez com que a população vegetariana crescesse e conseqüentemente, de acordo com Rosenfeld (2017), que trabalha no Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia conduzindo pesquisas sobre moralidade e comportamento alimentar, surgisse a necessidade de estudos sobre a temática. O autor propõe um modelo unificado de identidade vegetariana que analisa como os vegetarianos internalizam as suas escolhas alimentares e encenam a sua identidade através de suas ações e comportamentos. Com isso ele objetiva melhor compreender como a categorização social, os processos de identidade e escolhas alimentares conjuntamente influenciam como as pessoas pensam, sentem e se comportam no que diz respeito ao vegetarianismo.

No ano seguinte, Rosenfeld (2018) também fez uma revisão de literatura para compreender os avanços e direções futuras nos estudos sobre a psicologia do vegetarianismo. O autor enfatiza mais uma vez que seguir uma dieta vegetariana não se restringe à simples escolha de alimentos, na verdade está intimamente ligado à constituição da identidade do indivíduo. Segundo ele “tornar-se vegetariano simboliza uma mudança tanto na identidade individual quanto na identidade social, na medida em que o indivíduo abre mão do pertencimento a um grupo social onívoro e adquire novo pertencimento em um grupo que evita a carne” (Rosenfeld, 2018, p.129, tradução própria). O autor esclarece que as escolhas alimentares estão intimamente ligadas a relações sociais já que, segundo ele, as “decisões dietéticas pessoais interagem reciprocamente com as redes sociais e ambientes socioculturais” (Rosenfeld, 2018, p.129, tradução própria), e por esse motivo vegetarianos relatam que a partir do momento que decidiram se abster do consumo de alimentos de origem animal passaram a vivenciar uma variedade de novas experiências sociais, sendo a maioria de cunho negativo.

Rosenfeld (2018) também verificou, a partir de seus dados, que a fonte dessas experiências negativas é o preconceito existente contra vegetarianos. Relatos de vegetarianos demonstram que esse preconceito se manifesta nas mais diversas interações sociais, entre elas, a reação de familiares e amigos após a revelação de tal comportamento alimentar, ansiedade ao não saber como revelar suas preferências e escolhas alimentares com outras pessoas, um interrogatório constante sobre o seu estilo de vida, provocações e zombarias, estereótipos, discriminação rotineira e até mesmo discriminação em candidatura à emprego. O quadro 1, a seguir, resume os estudos citados por Rosenfeld (2018) que apresentam experiências sociais desagradáveis vivenciadas por vegetarianos pelo simples fato de serem vegetarianos.

Quadro 1- Experiências sociais desagradáveis vivenciadas por vegetarianos

Estudo	Vivência negativa de vegetarianos
LeRette, 2014	Relatos de micro agressões sobre comportamento alimentar e desvalorização do caráter, saúde e julgamento pessoal de vegetarianos.
Edwards, 2013; Greenebaum, 2012; LaRette, 2014; Romo & Donovan-Kicken, 2012; Torti, 2017	Visando evitar conflitos, alguns vegetarianos abstêm-se de mencionar suas preferências alimentares e motivações.
Edwards, 2013; Romo & Donovan-Kicken, 2012.	Vegetarianos demonstram insegurança em falar abertamente sobre a questão pelo receio de serem estereotipados ou serem taxados de donos da verdade.
Romo & Donovan-Kicken, 2012	Vegetarianos devem balancear sua identidade com as normas sociais promovendo um desacordo entre a expressão do seu verdadeiro self, o enquadramento e a abstenção de parecer que estão depreciando as escolhas de onívoros.
Torti, 2017	Veganos possuem limitadas opções de alimentação no local de trabalho ou são penalizados por recusarem fazer parte de tarefas que requerem a exploração de animais no ambiente de trabalho ou escolar (dissecar um animal na aula de ciências).
Torti, 2017; Gallimore, 2015	Realizar uma refeição em um restaurante ou na casa de alguém é um desafio para vegetarianos e para aqueles que estão considerando a adesão a uma alimentação vegetariana.

Fonte: Rosenfeld (2018) – adaptações da autora

O medo do estigma negativo e de ter que vivenciar situações desagradáveis como as mencionadas por Rosenfeld (2018) podem ser considerados como barreiras que inibem a mudança para uma alimentação livre de produtos de origem animal. Este é o escopo de estudo de Markowski e Roxburgh (2019) no artigo *If I became a vegan, my family and friends would hate me: anticipating vegan stigma as a barrier to plant-based diets* (Se eu me tornasse um vegano, minha família e amigos iriam me odiar: a antecipação do estigma vegano como uma barreira para dietas a base de plantas). As autoras, que são, respectivamente, aluna e professora coordenadora do departamento de sociologia e criminologia da Universidade de Kent com interesse de pesquisa recente na temática da sociologia da comida, partem do pressuposto de que a comida é uma atividade social e que ao partilharem uma refeição, as pessoas se unem compartilhando significados e experiências comuns, sendo esta “a razão para examinar fatores sociais que circunscrevem o alimento tais como as dinâmicas grupais e interpessoais considerando como as pessoas negociam as suas necessidades alimentares assim como as escolhas alimentares dos outros” (Markowski; Roxburgh, 2019, p.1, tradução própria).

As autoras argumentam que o estigma dado aos vegetarianos e veganos se deve ao fato

deste grupo possuir uma alimentação com características que desviam das convenções sociais, ou seja, aqueles que seguem uma dieta livre de produtos de origem animal “rejeitam o componente central da cultura americana que une os indivíduos: comer carne” (Markowski; Roxburgh 2019, p.2, tradução própria), visto que nas mais diversas reuniões sociais o alimento em destaque no centro da mesa é um animal. Sendo assim, os indivíduos que recusam partilhar destes alimentos nestas ocasiões, estão indiretamente rompendo convenções e tradições além de estarem impedindo uma das funções centrais de partilhar alimentos - união - criando nos onívoros sentimentos negativos, tais como raiva e desconforto.

Os dados do estudo provêm de uma série de grupos focais nos quais estudantes universitários veganos, vegetarianos e onívoros discutiram suas percepções sobre veganismo e vegetarianismo. A análise dos dados conduz as autoras a três conclusões. Em primeiro lugar, Markowski e Roxburgh (2019) afirmam que não veganos possuem percepções negativas quanto ao veganismo e que os veganos de fato antecipam esse estigma. Em segundo lugar os dados revelam que não veganos reportam um distanciamento social tanto físico quanto verbal em relação à veganos e que eles acreditam que caso decidissem se tornar veganos também seriam estigmatizados e por fim, as autoras concluem que o resultado deste distanciamento social e da previsão de um estigma gera um distanciamento comportamental, ou seja, ao se distanciarem de veganos, não veganos acabam mantendo o padrão alimentar prévio convencional contendo carnes. Provavelmente, segundo relato de vegetarianos e onívoros, a mudança na alimentação seria possível caso veganos fossem apoiados ao invés de estigmatizados.

Esses achados, segundo as pesquisadoras, têm implicações relevantes para as medidas estratégicas de saúde pública que visam uma melhoria da saúde geral e bem-estar da população americana. Medidas de intervenção que visam a redução do consumo de carne incluem a exigência da informação no rótulo se o produto é livre de carnes, a ênfase dos benefícios da redução do consumo de carnes e o estímulo à abordagem ‘menos é mais’ em relação ao consumo de carnes. Por fim, as autoras finalizam o artigo questionando sobre as experiências de vegetarianos e veganos ao redor do mundo, ou seja, se o preconceito e estigma existente nos Estados Unidos em relação aos veganos também está presente em outras partes do globo.

Vale destacar que Markowski e Roxburgh tratam de identidade e estigma negativo ligado à veganos, porém com foco nas consequências para a saúde da população americana. Apesar desta tese de doutoramento não se debruçar sobre a relação entre saúde e o vegetarianismo/veganismo, é válido, mesmo que brevemente, apontar algumas informações importantes que de alguma forma nos farão refletir sobre as questões que serão tratadas ao longo do texto. Dados de uma pesquisa publicada pelo *National Center for Health Statistics*

(*NCHS*) revelam que as doenças cardíacas ocupam o primeiro lugar nas causas de mortes da população americana e o câncer aparece em segundo lugar (Xu et al, 2020). Já é de conhecimento geral que as doenças cardiovasculares estão intimamente associadas com uma alimentação rica em gorduras saturadas, sendo estas encontradas nos alimentos de origem animal (carnes e derivados), e desde 2015 a Organização Mundial de Saúde, com base em um amplo estudo realizado pela *International Agency for Research on Cancer (IARC)*, classifica as carnes processadas como carcinogênicas e as carnes vermelhas como possivelmente carcinogênicas (Bouvard et al, 2015).

No Brasil foi publicado pelo Ministério da Saúde em 2014 o Guia Alimentar para a População Brasileira, que recomendava, já neste referido ano, evitar ao máximo alimentos ultra processados, evitar os processados e reduzir o consumo de carne vermelha por estarem associados ao aparecimento de doenças cardiovasculares e câncer (Brasil, Ministério da Saúde, 2014). Contudo, percebe-se que mesmo existindo esse tipo de recomendação alimentar para a população, cada vez mais, observamos a presença destes alimentos nas prateleiras dos supermercados assim como uma infinidade de anúncios e propagandas de marcas líderes no mercado estimulando cada vez mais o consumo de carnes, carnes processadas e derivados de animais convocando uma série de sentidos afetivos positivos. Essa convocação de sentimentos positivos relacionados às carnes e outros produtos de origem animal por parte dos anúncios e propagandas será abordado com mais profundidade por outro estudo a ser detalhado mais à frente.

Julie Doyle, professora da área de marketing e comunicação da Universidade de Brighton, ciente do estigma negativo que vegetarianos carregam, objetiva em seu artigo de 2016 analisar a influência da atuação de celebridades no movimento pró-veganismo na desestigmatização do veganismo, assim como na sua maior visibilidade e legitimidade, principalmente no que diz respeito à ética animal. Isso porque essas celebridades possuem um papel fundamental no consumo cultural de uma política ética e alimentar, além de também atuarem na articulação e definição de tipos de estilos de vida (éticos) a serem seguidos.

A análise dos dados mostra que o veganismo é figurado pelas celebridades estudadas como uma dieta e estilo de vida que dá ênfase à ética do cuidado, compaixão, bondade e emoção, características que são compatíveis com a ética do veganismo, contudo há uma reformulação através da lógica mercadológica da cultura da fama para tornar o veganismo mais “marketable” e, portanto, mais facilmente consumível. Um exemplo que o estudo demonstra é o fato de uma celebridade vegana, apesar de ter aderido ao veganismo por questões relacionadas à ética animal, enfatiza questões ligadas à saúde por receio de um confronto hostil com o seu

público, principalmente pelo fato de já ter sofrido retaliações e preconceito quando antes de ter se tornado vegana ter tornada pública a sua homossexualidade. Caminho bem diferente percorrido pela outra celebridade estudada que enfatiza bastante a questão da ética animal, questionando todo o sofrimento que a cultura carnista promove nos animais, contudo nunca sofreu nenhum tipo de preconceito durante a sua vida pública.

A autora conclui que celebridades, em virtude de suas heterogeneidades, “oferecem diferentes pontos de acesso ao veganismo” (Doyle, 2016, p.788, tradução própria), o que não deixa de ser positivo por ampliar a visão e escopo do vegetarianismo como um todo, aumentando a sua visibilidade e legitimidade em um mundo no qual o veganismo, historicamente, sempre foi retratado como algo ridículo pela grande mídia. De acordo com a autora, no processo de transição para o vegetarianismo, além de percorrer um caminho cheio de mudanças significativas no que diz respeito à alimentação e estilo de vida, o indivíduo ainda precisa conviver com atitudes hostis de não-vegetarianos, conflitos com família e amigos. Isso tudo acaba trazendo reflexos para as interações sociais entre veganos e não veganos, além de promover uma mitigação das bases morais e éticas a fim de evitar respostas negativas de não vegetarianos.

De acordo com Andreatta (2015), pesquisadora pós-doutora em ciências da saúde do Conselho Nacional de Pesquisa em Ciência e Tecnologia da Argentina, que publicou uma auto-etnografia performativa buscando reconstruir e explicar a experiência de se tornar vegano dentro de uma cultura hegemônica carnista, o vegano e ou vegetariano não precisa nem se engajar em uma conversa argumentando contra o consumo de animais para se tornar um “estraga prazeres”, a simples presença de um vegano e ou vegetariano já é suficiente para atrapalhar a alegria na mesa de carnistas. A mesa, segundo a pesquisadora, também é materialmente e simbolicamente central para tais reiteradas performances, rupturas e inquisições sobre as práticas alimentares da cultura vegetariana.

É bastante curioso o fato de que esse preconceito e estigma negativo atribuído a vegetarianos e veganos não seja considerado um problema social, muito pelo contrário, segundo Macinnis e Hodson (2017) “é trivial e amplamente aceito” (p.736, tradução própria). Haja vista, que 73,4% das referências a veganos nos veículos de comunicação do Reino Unido em 2007 são negativas, incluindo comerciais televisivos que depreciam o vegetarianismo. Visando compreender mais sobre essa relação conflituosa os autores conduziram uma pesquisa empírica na qual examinaram as percepções que onívoros possuem de veganos e vegetarianos, assim como a experiência vivenciada por vegetarianos e veganos nessas relações conflituosas.

Os achados confirmam o preconceito que existe contra vegetarianos e veganos,

revelando que essa atitude negativa é semelhante ou até pior das que outros grupos sociais severamente estigmatizados (homossexuais, negros, imigrantes) enfrentam. Os dados também revelam que veganos são mais negativamente avaliados do que vegetarianos, assim como homens, tanto veganos como vegetarianos, são mais alvo de preconceito do que mulheres veganas e vegetarianas. O estudo também encontrou uma associação entre a ideologia de extrema direita e uma atitude negativa em relação aos veganos e vegetarianos e o motivo pelo qual alguém decide retirar os alimentos de origem animal de sua dieta também influencia no preconceito, já que a motivação pela ética animal é a que mais sofre preconceito.

Para os autores, o grande motivo para esse comportamento preconceituoso se dá pelo fato de vegetarianos e veganos, na sociedade ocidental, representarem uma forte ameaça ao status quo, já que a norma ou padrão cultural é comer carnes assim como outros alimentos de origem animal. É uma ameaça simbólica que atinge as crenças, os valores, as atitudes ou os padrões morais vigentes da sociedade, ou seja, a ideologia vegetariana é considerada uma ameaça aos costumes culturais, identidade e forma de viver da sociedade ocidental, por esse motivo tão mitigada e refutada. Ainda segundo Macinnes e Hodson (2017) esses conflitos entre vegetarianos e não-vegetarianos tendem a crescer já que esses grupos sociais têm crescido em números, além de terem conquistado mais visibilidade e ação política. Contudo, ressaltam a importância de mais estudos para uma compreensão melhor da natureza e razões desse preconceito, assim como para investigar formas de atuação para o seu combate.

Partindo para outra área de atuação dentro da temática pesquisada, encontrei, entre as publicações dos anais de um congresso brasileiro de estudos organizacionais, um trabalho que trata da ideologia carnista e o dark side das organizações. Os autores, professor adjunto e alunos da Faculdade de Administração e Direito da Universidade Federal de Pernambuco esclarecem que o “*Dark Side*” das organizações é um espaço para se discutir questões que têm sido tradicionalmente esquecidas, ignoradas ou suprimidas (Barreto et al, 2016, p.3), sendo que esse *dark side* pode ser naturalmente oculto ou deliberadamente escondido, estando ligados a questões éticas e ideológicas que podem sustentar relações de dominação.

Dentro do contexto de organizações envolvidas na cadeia produtiva de alimentos de origem animal há de fato um ocultamento deliberado do sofrimento e violência a que os animais são submetidos para que chegue à nossa mesa de refeição um pedaço de carne e não uma parte do corpo do animal. Esse ocultamento se torna cada vez mais necessário em nossa sociedade que tem se mostrado cada vez mais sensível à causa animal, disseminando ideais contra a exploração de animais. Sendo assim, de acordo com os autores, muitas organizações têm reagido a esta demanda social utilizando a publicidade ostensiva para divulgar práticas de bem-

estar animal no seu dia a dia, contudo o que dizem não condiz com a prática real.

Barreto et al (2016) sustentam a tese de que para sustentar as altas taxas de lucratividade, as organizações omitem do público consumidor todos os processos de abuso e violência a que os animais são submetidos para a sua produção industrial e comercialização. Para tanto, essas organizações se apoiam no carnismo, um poderoso aparato ideológico disseminado socialmente que é capaz de naturalizar conteúdos históricos relacionados ao consumo e produção de carne de alguns animais, tornando legítimo e exponenciando processos de invisibilização, abuso e exploração destes animais.

Sustentados pelo mesmo pressuposto de que as empresas que produzem e comercializam produtos alimentícios de origem animal precisam invisibilizar o sofrimento dos animais para naturalizar o consumo e conseqüentemente vender os seus produtos Junior e Freitas (2017), e Alves Filho e Piovenazi (2020) conduziram seus estudos com o objetivo de analisar discursos publicitários de empresas do ramo em questão. Junior e Freitas (2017), que atuam nas áreas da comunicação, manifestações culturais e linguística aplicada, estabelecem ligações entre alguns fundamentos teóricos da comunicação, da neurociência e da análise do discurso com a intenção de compreender como construtos simbólicos da propaganda de alimentos se utilizam de estratégias discursivas para silenciar emoções e assim eliminar processos empáticos, favorecendo o consumo de carnes e derivados.

Os autores argumentam que a compaixão e a misericórdia, inclusive para com os animais, são sentimentos inatos dos seres humanos, contudo, por meio da disseminação da cultura e da tradição, há uma anulação desses mecanismos empáticos. Ou seja, baseados nos conceitos do carnismo, Junior e Freitas (2017) afirmam que aprendemos a perder a empatia por alguns animais devido à predileção cultural em domesticar alguns animais e consumir outros. Tal paradoxo gera o questionamento de como distorcemos nossos mecanismos de empatia a partir de hábitos culturais a ponto de dessensibilizar o ser humano quanto ao sofrimento e morte dos animais que nos servem de alimento.

Apesar da empatia ser “considerada uma das engrenagens centrais do vibrar em conjunto social” (p.105), o discurso possui a capacidade de “eliciar certas emoções em detrimento de outras de acordo com as intenções de seu enunciador” (p.107), ou seja, a linguagem tem o poder de promover uma imobilidade no ser humano, mesmo diante de tantas atrocidades e sofrimento. Objetivando identificar estratégias discursivas de anulação da empatia em campanhas publicitárias de marcas de carnes brasileiras, os autores selecionaram três peças de empresas líderes no mercado de carne e embutidos recorrendo ao conceito de visadas de

Charaudeau (2004)¹⁴, salientando que as visadas não correspondem ao todo da situação de comunicação, “elas vão se combinar a outros elementos, como a identidade dos participantes do jogo enunciativo; o propósito e a estruturação temática do construto simbólico; e as circunstâncias das condições materiais da comunicação” (Junior e Freitas, 2017, p.113).

A primeira peça a ser analisada foi veiculada no ano de 2013 pela marca Friboi. Ela está vinculada à campanha “Peça Friboi: carne confiável tem nome” e é estrelada por Tony Ramos que é um ator consagrado e possuidor de uma imagem associada à profissionalismo, seriedade e confiança, o que evoca segundo os autores “uma memória das formas de signos e convida o TU destinatário (TUd) a compartilhar não apenas de um produto, mas de uma sensação de ‘confiança’” (Junior e Freitas, 2017, p.114). Além disso, ao objetificar o animal morto como um mero produto a ser consumido, visadas de prescrição são evocadas por “mandar fazer” o Tu pedir Friboi, enquanto também recorre à incitação, por evocar uma identidade específica, o ator televisivo, para seduzir o Tu a ponto de fazê-lo acreditar de fato que a única carne de confiança é a da marca em questão.

Os autores enfatizam que todo o deslocamento da peça diz respeito à escolha de qual carne escolher para comer com confiança, sem levantar qualquer tipo de questionamento quanto ao fato de ser certo ou não comer carne. Isso porque, parte-se da premissa que a carne é um objeto de consumo inquestionável, podendo-se apenas “atribuir valores que atestem a sua qualidade enquanto um produto alimentício, mas não enquanto parte de um ser consciente ao qual se agregam valores humanos” (p.114).

A segunda peça publicitária, que é da empresa Seara, é estrelada pela apresentadora e jornalista premiada Fátima Bernardes. Assim como a primeira peça analisada, esta também “busca anular os processos empáticos omitindo a origem animal dos produtos e eliciando emoções positivas para o consumo” (p.116), sempre atribuindo valores enquanto coisas e não enquanto animais.

Já a terceira peça segue uma proposta um pouco diferente, porém objetivando o mesmo resultado. Ao invés de apelar para a omissão de informações, ela trabalha a distorção. Essa peça publicitária que é estrelada pelo mascote *Lequetrefe*, o franguinho da Sadia, não oculta a origem do produto, já que o franguinho está bem à vista de todos. Contudo, nessa estratégia discursiva o pequeno personagem, que recorre ao imaginário infantil evocando alegria e inocência, não

¹⁴ Segundo Charaudeau, as visadas, que têm como origem o “princípio da influência”, vão determinar “a orientação do ato de linguagem como ato de comunicação em função da relação que o sujeito falante quer instaurar frente ao seu destinatário”. (CHARAUDEAU, s/p, 2004). Disponível em <<http://www.patrick-charaudeau.com/Visadas-discursivas-generos.html>>. Acesso em: 18/02/2021.

condiz com a de um animal real, consciente perante a sua morte. O pequeno personagem, sempre sorridente, parece estar dizendo ao TUD que ele é feliz em ser alimento para os seres humanos, uma espécie de “suicida feliz” (p.116).

Na campanha específica analisada por Junior e Freitas (2017), o franguinho está vestindo um jaleco branco, segurando uma caneta e uma planilha com a informação de que não há hormônios e nem conservantes nos produtos alimentícios da empresa. Neste modo de organização argumentativa, a marca se posiciona como sendo de confiança e qualidade em um mercado onde podem existir práticas não saudáveis e antiéticas, isso porque o uso de hormônios e conservantes são comprovadamente não saudáveis. Sendo assim, mais uma vez há um distanciamento do consumidor de qualquer manifestação empática pró animais, já que o conflito ético em questão diz respeito à qual marca escolher para consumir carnes de qualidade e confiáveis sem qualquer questionamento sobre o consumo ou não de seres sencientes.

Por fim, os autores concluem que para justificar atrocidades, o grupo dominante, o ser humano, “recorre a estratégias discursivas que normalizam ou naturalizam a exploração” (p.117) do grupo dominado, os seres não humanos. Segundo eles, o princípio distorcido que nos afasta da empatia permitindo o consumo de animais pela sociedade, é o mesmo que desumanizou os negros na escravidão, os judeus no nazismo e as mulheres ao longo da história.

Alves Filho e Piovenazi (2020), respectivamente, doutorando e professor associado do programa de pós-graduação em linguística da Universidade Federal de São Carlos, levantam o questionamento do paradoxo de vivermos em uma sociedade que cada vez mais se mostra sensível à causa animal, contudo sustenta o grande sucesso comercial da produção de alimentos de origem animal. Segundo os autores, parte desse sucesso pode ser atribuído à produção de campanhas publicitárias e de certos discursos que constituem o elo entre o setor em questão e a sociedade de consumo. Portanto, com base na análise do discurso derivada de Michel Pêcheux e em contribuições de Michel Foucault, os autores analisam a produção de determinados efeitos de sentido que por um lado auxiliam na comercialização dos produtos de origem animal de uma marca brasileira (Sadia) e por outro promovem o silenciamento de outros efeitos de sentido que são considerados disfóricos pelo setor e assim, apagados de seu discurso.

Os autores selecionaram quatro peças publicitárias para análise distribuídas ao longo do tempo. Segue a descrição da seleção.

Uma publicidade produzida no fim da década de 1960 que mostra um senhor comendo mortadela sadia; uma publicidade produzida na década de 1980 que mostra uma criança de olhos vendados tentando identificar qual dos produtos apresentados ao seu tato é o da empresa; uma publicidade produzida na primeira década do nosso século que mostra a interlocução entre uma cliente idosa que compra o presunto da marca e um açougueiro; e por fim, uma

publicidade produzida em 2019 que mostra uma ceia de natal com alimentos da companhia (Alves Filho E Piovenazi, 2020, p.229).

Quanto à análise dos dados, Alves Filho e Piovenazi (2020) buscam estabelecer relações entre os enunciados de cada comercial, entre os enunciados dos quatro comerciais, e entre os enunciados dos comerciais com outros já-ditos do interdiscurso, evidenciando os recursos linguísticos e imagéticos empregados na constituição dos comerciais. Os sentidos materializados pelas quatro peças publicitárias dizem respeito ao campo da culinária e econômicos, ou seja, concebem carnes e outros alimentos de origem animal como produtos a serem comercializados e alimentos a serem preparados e degustados. Por outro lado, todos os sentidos que revelam a condição animal dos artigos comercializados e o processo produtivo são apagados. Para atingir tais efeitos, segundo os autores, “a empresa faz uso de recursos linguísticos e imagéticos” (p.239) através de “recursos lexicais e sintáticos, além de utilizar figuras de linguagem como a metonímia, a hiperonímia e a hiponímia” (p.239). A empresa também “mostra ambientes como mercados e residências e situações como a comercialização dos alimentos e o seu consumo socializado” (p. 239). Contudo, não há nenhuma referência às instalações das fábricas, ao processo de abatimento e desmembramentos dos animais, e nem aos animais como “seres singulares, dotados de unidade cognitiva, de emoção e de sensibilidade” (p.239).

A contradição da matança sistemática de milhões de animais para sustentar o consumo excessivo de carne e o sucesso comercial da indústria da carne em uma sociedade cada vez mais sensível aos animais também foi objeto de estudo da dissertação de mestrado de Alves Filho (2020). Na dissertação ele amplia um pouco o escopo da investigação, já que ele busca analisar de uma forma geral o discurso do agronegócio, incluindo publicidades, textos de sites e embalagens de alimentos. Contudo, antes de tratar do discurso em si do agronegócio, o autor traça um panorama histórico sobre os dizeres do homem e sua relação com os animais desde o período pré-histórico, percorrendo a antiguidade, idade média, renascimento e finalmente chegando à idade moderna. Essa trajetória revela uma passagem do animal divino, dotado de consciência e linguagem, a quem o homem deveria reverenciar e oferecer tributos, ao animal mortal, embrutecido e mudo, a quem o homem não deve mais nada.

No período pré-histórico os animais

não são considerados objetos, mas criaturas dotadas de linguagem, pois conversam com os homens, de consciência, pois compreendem o mundo ao seu redor, de sensibilidade e relações de parentesco, pois lamentam o massacre dos membros de suas famílias, de cultura, pois sabem cantar e dançar, de religião e alma, pois creem no espiritual (Alves Filho, 2020, p. 36).

Nessas sociedades da pré-história, a relação entre seres humanos e animais é de alteridade e interdependência, no qual os animais são pensados como “eles” e não como “isso”, possuindo, assim como os homens, interesses na dinâmica da vida. O autor ainda acrescenta que “essa visão certamente contrasta com a da sociedade ocidental industrializada: nesta, grande parte dos animais é concebido como mercadoria, e o interesse humano é o único a ser considerado” (Alves Filho, 2020, p.40). Conforme o ser humano foi se desenvolvendo e consolidando o seu domínio sobre o mundo natural, o status divino dos animais foi sendo esquecido pouco a pouco, assim como suas antigas características, notadamente a linguagem. Em consequência dessas mudanças, o homem deixou de cultuar os animais passando a encarar a morte destes como uma prática banal.

Essa mudança parece já ter se completado na cultura greco-latina da antiguidade, na qual aos animais humanizados, falantes e conscientes, sobrou apenas o domínio da ficção. Contudo ainda era possível encontrar em alguns discursos “características eufóricas sendo atribuídas às criaturas do reino animal” (Alves Filho, 2020, p.47). De acordo com o pesquisador “é em Aristóteles, cujas obras foram produzidas no apogeu da civilização e cultura helênicas, que encontramos discursos que assinalam a superioridade humana sobre os animais e que negam a estes últimos as características eufóricas” (p.50), já que os animais estão completamente silenciados e à mercê dos interesses dos homens.

No período renascentista há um predomínio dos discursos que disforizam os animais e destacam a superioridade e a dominação humana sobre o meio ambiente e sobre as demais espécies de seres vivos, com uma intensidade ainda maior do que a do discurso simplesmente clerical dos padres do período medieval. Contudo, este período também “foi palco de discursos eufóricos, sensíveis a respeito dos seres vivos” (Alves Filho, 2020, p.59), entre eles, o grande pintor renascentista Leonardo Da Vinci que recebeu uma enxurrada de críticas não somente por se preocupar com o sofrimento dos animais, mas também pelo fato de considerar a adoção do vegetarianismo.

É a partir da modernidade que o paradoxo do consumo proeminente de carne e a morte de milhões de animais simultâneos a um aumento da sensibilidade humana à causa animal, objeto de estudo de Alves Filho (2020), passa a se intensificar. Segundo o autor, o iluminismo, o distanciamento religioso e o início da percepção de que os animais se pareciam com os homens fisiologicamente formaram alguns dos fatores que fizeram melhorar as atitudes para com os animais. Por outro lado, outros fatores contribuíram para a exacerbação do consumo de alimentos de origem animal, como a industrialização, o crescimento populacional e, com isso, o aumento da circulação de alimentos, além do caráter seletivo da sensibilidade humana,

abrangendo apenas alguns animais, mas não todos eles.

Chegando, finalmente, na sociedade contemporânea o autor se depara com as ambivalências na relação entre os seres humanos e os animais, já que somos capazes de provocar a morte de bilhões de animais ao mesmo tempo em que nunca fomos tão sensíveis e preocupados com os animais. Apesar do crescimento da sensibilidade dos seres humanos em relação aos animais, a sociedade não conseguiu se desvencilhar de séculos de tradição do pensamento especista, relação de exploração que os humanos estabeleceram com outros animais. A palavra especismo “assinala a concepção de que a nossa espécie é mais importante do que todas as outras e que, por essa razão, podemos explorá-las em benefício próprio” (Alves Filho, 2020, p.71), fechando os olhos tanto para os prejuízos ambientais¹⁵ quanto aos prejuízos causados aos próprios animais, “suas dores, sofrimento, tormento e pavor que sentem ao serem mortos” (p.87).

Hoje o cenário que temos é um agronegócio poderoso que mostra ao consumidor apenas “o produto acabado, coberto de palavras e imagens que aguçam o paladar e que enfraquecem a lembrança de seu caráter mortal” (p.87). Essa matança, entretanto, não passa incólume por todos aqueles que a executam. O autor apresenta relatos de ex-funcionários de abatedouros que ao descreverem o abate sistemático dos animais retratam uma realidade que pode ser facilmente equiparada ao inferno vivido por Dante.

¹⁵ No que diz respeito os danos ambientais, Alves Filho (2020) afirma que “a criação de animais para consumo humano exige uma quantidade imensa de recursos naturais. Eles bebem, comem e expelem matéria em abundância, até estarem preparados para o abate. A plantação de vegetais, como soja e milho, para alimentar rebanhos constituídos por milhões de criaturas requer vastas porções de água e de terra, adquiridas com o desmatamento de zonas florestais. O transporte dos alimentos para as fazendas e o dos próprios animais para os abatedouros consome combustíveis fósseis. As instalações fabris usam energia para fazer funcionar seus mecanismos mortais. O sangue e os restos dos animais abatidos são escoados com mais água, infectando os solos, os rios, os mares e os próprios oceanos, onde esse líquido deságua. Todos esses procedimentos, da excreta animal ao automóvel de transporte, emitem gases tóxicos para a atmosfera. A pesca de animais marinhos está destruindo a vida no interior dos oceanos. Bovinos vivem em média três anos até que seu corpo se reverta em cifras para o agronegócio. Cada indivíduo dessa espécie consome, em média, 30 litros de água e 18 quilos de ração diariamente. Eles expelem, por sua vez, 48 quilos de excreta diários, contaminando o solo, a água e o ar: o metano liberado durante este processo é até 25 vezes mais nocivo para a atmosfera do que o gás carbônico. O gado geralmente é alimentado com vegetais como soja e milho. A produção de um quilograma de soja requer 1.650 litros de água, enquanto a de milho requer 900 litros. Se a ração do boi contiver proporções iguais desses dois alimentos, ele ainda consumirá, por tabela, 23 mil litros de água. Em seu curto tempo de vida, ele ingeriu 33 mil litros de água e 20 toneladas de alimentos, que, por sua vez, requereram 140 milhões de litros de líquido para serem produzidos. Excretou, também, algo em torno de 53 toneladas de fezes e urina. Para abater cada bovino, a indústria ainda usa 3.864 litros de água, infectadas com sangue e outras impurezas. O Brasil tem uma média de 220 milhões de bovinos e abate cerca de 35 milhões anualmente. No mundo, eles chegam a quase um bilhão e meio: os recursos que são mobilizados no decorrer e no cabo desse processo são descomunais, o bastante para saciar diversas vezes a fome e a sede de toda a população mundial, em vez de três bilhões e meio de carnívoros costumeiros. Um boi pesa cerca de 500 quilos ao ser abatido, mas seus músculos apenas pesam 183 quilos. Se compararmos a quantidade de recursos que apenas um bovino consome diretamente, a proporção entre as calorias utilizadas em sua engorda e o seu retorno proteico é de 109 por 1. Para cada quilo de carne, temos 100 quilos de alimentos, 180 litros de água e 280 quilos de excreta. Esses números ainda se ligam a outros oriundos de populações de vacas leiteiras, galinhas poedeiras, suínos, frangos e milhões de seres de outras espécies animais utilizadas pelo agronegócio” (p.86-87).

O agronegócio, de acordo com Alves Filho (2020), “exerce amplos poderes sobre a sociedade contemporânea e está presente em diferentes domínios da existência humana” (p.93). Além dos mais evidentes efeitos sendo discursivizados constantemente pelo setor, como o econômico e o gastronômico, o agronegócio também influencia questões sociais, políticas e governamentais, midiáticas e mercadológicas, religiosas, científicas e médicas, ambientais, históricas, linguísticas, éticas e tantas outras.

Essa presença no campo político se dá

mediante o patrocínio de partidos políticos; nos meios de comunicação social, com seus comerciais, com a programação das emissoras; na medicina, com a prescrição das dietas, com a regulação do normal e do patológico; na ciência, com a produção de agrotóxicos, transgênicos, fertilizantes nitrogenados e outros produtos; na alimentação, com a nutrição dos corpos e a manutenção de relações sociais; na economia, produzindo empregos, exportando seus produtos, regulando a inflação, promovendo o desenvolvimento (Alves Filho, 2020, p.283).

Por fim, Alves Filho (2020) parte para uma análise minuciosa do discurso do agronegócio a partir de comerciais, textos de sites e embalagens de quatro grandes marcas brasileiras do setor, Friboi, Seara, Perdigão e Sadia. Segundo o autor a materialização dos dizeres e imagens produzem efeitos de sentido ligados, em especial, aos domínios da gastronomia e da economia, efeitos que

concebem as carnes como mercadorias alimentícias, e não como os corpos, os cadáveres, as carcaças de animais singulares, seres vivos com unidade cognitiva, emoção, sensibilidade, obrigados a experienciar um regime acelerado, intenso e exacerbado de engorda no interior de criadouros geralmente descritos por instituições e por sujeitos pró-animais como ambientes reclusos, apertados, superlotados, imundos, capazes de provocar nos animais sensações como desconforto, estresse, ansiedade, depressão, estados de enfermidade, além de experienciar a morte programada no interior de abatedouros geralmente descritos pelas mesmas instituições e sujeitos vinculados à causa animal como ambientes de morticínio, capazes de gerar nessas criaturas sensações como tensão, pavor, medo, dor, aflição e sofrimento (Alves Filho, 2020, p.283-284).

Segundo o autor também foi possível estabelecer “uma relação entre alimentação e a manutenção de relações humanas, a promoção de sentimentos como amor, afeto, carinho, comunhão familiar etc.” (Alves Filho, 2020, p.284). Ele conclui que são essas estratégias discursivas que garantem o sucesso do agronegócio, ou seja, o estímulo a um consumo voraz de produtos alimentícios de origem animal, mesmo que a sociedade esteja cada vez mais sensível à causa animal.

Enfim, a partir deste estado da arte e de outras leituras realizadas em concomitância,

entendo que se dizer vegetariano e/ou vegano em uma sociedade baseada na cultura majoritária carnista é um grande desafio. Isso porque, como já vimos, há um preconceito da sociedade em relação aos vegetarianos/veganos, principalmente quando a motivação está relacionada a um não conformismo moral quanto à atitude humana perante os animais, ou seja, quando esse sujeito não considera moral qualquer forma de exploração e morte de animais para consumo humano. Vimos também que o discurso do agronegócio sustenta essa ideologia carnista, pois além de desconectar toda forma de sofrimento animal do pedaço de carne que é servido em uma refeição, ele acrescenta valores positivos a esta prática alimentar.

Isto posto, antes de seguirmos para o capítulo seguinte que contextualiza o veganismo historicamente, explicitarei novamente o objetivo desta pesquisa, que, ainda que presente na introdução da tese, de fato foi construído apenas após todas essas leituras e reflexões. Portanto, considero válido lembrar que o objetivo desta tese de doutorado é investigar a construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas considerando sua imersão em um universo cultural carnista. Esse objetivo geral se decompõe em três objetivos específicos:

- a) Descrever o processo de construção do percurso ético do sujeito ao contar como foi a sua transição para o veganismo.
- b) Caracterizar nas narrativas autobiográficas que contam como é viver em mundo que não é vegano considerando as marcas narrativo-discursivas da angústia de viver em um mundo que fere seus valores morais.
- c) Distinguir e descrever a construção argumentativa inscrita nessas narrativas autobiográficas para validar o veganismo dentro de uma cultura carnista.

4 CONTEXTUALIZANDO O VEGANISMO

4.1 Um pouco de história

Tentar contar a história do vegetarianismo/veganismo no mundo e traçar o seu percurso ao longo dos tempos não é a minha pretensão, além de requerer um número de páginas incalculável para tal feito, exigiria uma pesquisa histórica muito aprofundada em uma área de estudo que não é o cerne desta tese. Destarte, meu objetivo se concentra em apresentar de forma resumida as motivações para tal comportamento alimentar adotado por alguns grupos humanos e ou indivíduos ao longo de nossa história que julguei interessante e relevante e assim situar e enriquecer as reflexões a serem realizadas ao longo dos capítulos subsequentes.

As histórias contadas e recontadas sobre os homens da caverna nos trazem à lembrança a imagem de um caçador usando peles de animais como vestimentas prestes a saciar a sua fome colocando em um espeto de madeira sobre o fogo o animal que jaz ensanguentado a sua frente. Mas o fato é que a caça nem sempre foi a base da alimentação humana, se intensificando apenas após o controle do manejo do fogo. Segundo Hart e Sussman (2009, p.230) professores de antropologia e autores do livro *Man the Hunted*, a raça humana não dispõe de uma dentição nem um trato digestivo apropriado para uma alimentação carnívora. Uma pré-digestão da carne pelo fogo é necessária para que possamos digeri-la adequadamente. Sendo assim, acredita-se que os homens primitivos foram os primeiros vegetarianos de nossa história, já que estes se alimentavam basicamente dos frutos, sementes e ervas que a natureza disponibilizava.

Mesmo após a introdução e normatização dos animais na alimentação humana é possível encontrar diversos casos pontuais de uma alimentação vegetariana nas sociedades antigas. Essa recusa à ingestão de animais geralmente era motivada por crenças religiosas, filosóficas ou por questões de saúde, ao serem observados efeitos deletérios ao corpo associados ao consumo da carne de animais.

Alguns grupos religiosos no antigo Egito se abstiveram do consumo de carnes por acreditarem que privar o corpo da carne criava um poder Kármico que facilitava a reencarnação. Julga-se que esses egípcios foram os primeiros a crerem na transmigração das almas através de vários corpos animais (humanos ou não-humanos), e sendo assim o consumo de animais era proibido para esses povos (Spencer, 2016).

Essa fluidez da forma entre as criaturas vivas, somada à proposta de não violência e ascetismo faz do vegetarianismo uma parte significativa da vida espiritual indiana. Segundo Walters e Portmass (2001), O Código de Manu, parte de uma coleção dos livros bramânicos,

pode ser considerado o mais antigo texto escrito que explicita o vegetarianismo na Índia. O texto trata das formas de conduzir a vida e de uma organização social adequada, na qual a liberação espiritual está ligada ao desejar o bem para todos os seres vivos e à promessa de não causar injúria a nenhuma criatura. Não há felicidade àqueles que causam sofrimento ou morte, sendo assim não apenas o consumo das carnes se torna proibido, mas também qualquer prática envolvendo a morte dos animais, ou seja, “toda a estrutura social e econômica da prática de comer carnes é condenada como sendo espiritualmente impura” (Walters; Portmass, 2001, p.38, tradução própria).

Na idade clássica, igualmente motivado pela transmutação da alma, Pitágoras não só se absteve do consumo de carnes durante a sua vida como também trouxe essa reflexão ética para o ocidente. De acordo com Spencer (2016) Pitágoras acreditava que todas as formas de vida deveriam ser tratadas de forma semelhante, ou seja, “matar e comer qualquer criatura viva, quer seja uma ave, réptil ou peixe, seria como matar um primo e se alimentar de seu corpo, pois todas as pessoas renascem no fluxo temporal da vida terrestre” (p.47, tradução própria). O autor ainda esclarece que além de condenar a morte de um animal para sua alimentação, Pitágoras também prezava pelo bem-estar dos animais tentando protegê-los a todo custo. Há muitas histórias narrando situações vivenciadas pelo filósofo na tentativa de evitar qualquer tipo de violência aos animais. Dentre essas histórias existe uma que conta que Pitágoras impediu um homem de bater em um cão ao reconhecer no grito de dor do animal a voz de um antigo amigo. Ao invés de sacrificar animais aos deuses, como era de costume em sua época, Pitágoras oferecia aos deuses bolos, mel, mirra e *frankincense*, além de pequenas representações de animais feitas de massa de pão (p.51).

Podemos atribuir à Ovídio, em sua obra *As Metamorfoses*, um dos relatos mais antigos das motivações éticas para o vegetarianismo. O poeta dedica um capítulo de sua obra à Pitágoras relatando não só a sua abstenção do consumo de carnes de animais, mas também a sua tentativa de divulgar as suas ideias, que segundo Ovídio não foram muito ouvidas. De acordo com poeta, Pitágoras clamava que

a terra pródiga vos oferece suas riquezas e deliciosos alimentos, supre as vossas mesas sem exigir matança e sangue. [...] Ah! Quanto é criminoso absorver entranhas em nossas entranhas, engordar um corpo voraz com um outro corpo, e sendo um ser vivo, manter a vida à custa da morte de um outro ser vivo! Por acaso, entre tantas riquezas que a te oferece a Terra, mãe incomparável, nada te agrada mais do que mastigar, com crueldade, membros dolorosamente dilacerados, lembrando as bocas escancaradas dos ciclopes? E será só a custa de um outro ser que podes aplacar, iniquamente, o apetite de um ventre voraz? O tempo antigo que chamamos de Idade do Ouro, foi afortunado, com os frutos pendentes das árvores e as plantas alimentadas pelo

solo, e os homens não poluíam a boca com o sangue (Ovídio, 1983, p.278-279).

Já na Idade Média, o vegetarianismo existiu em diversas ordens religiosas, contudo ao contrário de ser motivado pelo respeito aos animais, era principalmente estimulado com o intuito de exercitar o autocontrole e manter o corpo puro. De acordo com as homilias Clementinas (quarto papado da igreja romana) “o consumo não natural de carne animal é de origem demoníaca [...] Portanto a ingestão de carne é tão poluente quanto a adoração pagã de demônios, com seus sacrifícios e suas festas impuras” (Williams, 1883, p.78, tradução própria).

Posteriormente, já no renascimento, Leonardo da Vinci denunciava a matança de animais e repugnava o consumo de animais. Sua compaixão pelos animais e abstinência da carne não era segredo para ninguém. Em uma carta endereçada à Giuliano de Medici, um mecenas das artes ligado à Da Vinci, Andrea Corsali, navegador e explorador italiano, ao visitar a Índia em 1515, descreve a cultura alimentar local. Em seu relato ele diz que “não se alimentam de nada que contenha sangue, nem permitem que nenhuma injúria seja praticada a qualquer ser vivente, assim como nosso Leonardo da Vinci” (Spencer, 2016, p.178, tradução própria).

Em suas notas, Da Vinci mantinha um tom de desagrado quando falava da relação exploratória dos homens com os animais para a alimentação “Rei dos animais – como és descrito – eu, ao contrário, preferiria dizer rei das feras, e o maior de todos – porque somente oferece ajuda aos outros para que recebas seus filhotes com a função de beneficiar seu estômago, onde se faz o sepulcro de todos os animais” (Spencer, 2016, p.178, tradução própria) e também quanto à exploração para o trabalho “aos burros que são surrados, oh natureza indiferente [...] sem nenhuma vantagem, ao invés de receberem remuneração pelos seus serviços prestados, eles são pagos com os piores sofrimentos e passam a vida toda beneficiando seu opressor” (p.179).

Saltando para o século XVIII encontramos Voltaire e Jean-Jacques Rousseau, que apesar de não se saber ao certo se praticaram ou não uma alimentação livre de carnes de animais, trataram do vegetarianismo em seus escritos. No conto *A Princesa da Babilônia* de Voltaire, uma fênix explica

É porque o homem se rendeu à prática de comer-nos ao invés de conversar e ser instruído por nós. Bárbaros! Eles não se convenceram de que por termos os mesmos órgãos, o mesmo poder de sentir, as mesmas vontades, os mesmos desejos, e, também o que eles chamam de alma, é que somos irmãos (Williams, 1883, p.153, tradução própria)

Em outro momento da obra, o príncipe ao escrever para seu antigo professor Hindu, quem o influenciou a seguir suas viagens missionárias, descreve as festas na “cidade da fé” dizendo que

a sala de jantar era grandiosa, apropriada e ricamente ornamentada. Ouro e prata brilhavam nos aparadores. Alegria e sagacidade animavam os convidados. Contudo, na cozinha sangue e gordura escorriam formando uma massa terrível; peles de quadrúpedes, penas de pássaros e suas entranhas empilhadas a esmo, oprimiam o coração e propagavam as infecções febris. (Williams, 1883, p.154, tradução própria)

Voltaire, não só abominava o sofrimento causado aos animais visando a alimentação humana, como também odiava e denunciava toda e qualquer forma de injustiça, simpatizando-se com o sofrimento de qualquer vida inocente, inclusive denunciava constantemente as atrocidades dos laboratórios de fisiologia de sua época.

Jean-Jacques Rousseau, que acreditava na natureza bondosa do homem, argumentava veementemente sobre a importância e necessidade da abstenção das carnes de animais na alimentação humana. Na obra *Emílio ou da Educação* ele diz que

uma das provas de que o gosto pela carne não é natural no homem é a indiferença que têm as crianças por esse alimento e a preferência que dão a todos os alimentos vegetais, aos laticínios, aos doces, às frutas etc. É principalmente importante não corromper esse gosto natural e não tornar as crianças carnívoras; se não por sua saúde, por seu caráter; pois, como quer que se explique a experiência, o fato é que os grandes comedores de carne são em geral cruéis e ferozes mais do que os outros homens; esta observação é de todos os lugares e de todos os tempos. A barbaria inglesa é conhecida; os guebros, ao contrário, são os mais afáveis dos homens. Todos os selvagens são cruéis e seus costumes não os levam a sê-lo: essa crueldade vem de seus alimentos. Vão à guerra como à caça e tratam os homens como ursos. Na própria Inglaterra os açougueiros não são aceitos como testemunhas, como o são os cirurgiões. Os grandes celerados tornam-se indiferentes à morte, bebendo sangue. Homero faz dos Ciclopes, comedores de carne, homens horrendos, e dos Lotófagos um povo tão amável, que quando se entrava em relações com ele esquecia-se seu próprio país para viver em sua companhia (Rousseau, 1979, p.121).

Nesta mesma obra, Rousseau traz o pensamento pitagórico em um suposto diálogo com Plutarco para solidificar e reforçar seus argumentos contrários ao consumo de carnes de animais. Rousseau narra.

Perguntas-me, dizia Plutarco, porque Pitágoras se abstinha de comer carne de animais; mas eu te pergunto, ao contrário, que coragem de homem teve o primeiro que aproximou de sua boca uma carne ferida, que quebrou com os dentes os ossos de um bicho agonizante, que fez servirem diante de si corpos mortos, cadáveres, e jogou no estômago membros de animais que, momentos antes, baliavam, mugiam, andavam e enxergavam. Como pôde sua mão afundar um ferro no coração de um ser sensível? Como seus olhos puderam suportar uma morte? Como pôde ver sangrar, esfolar, esquartejar um pobre animal sem

defesa? Como pôde suportar o aspecto das carnes palpitantes? Como seu cheiro não lhe provocou náuseas? Como não ficou enjoado, repugnado, tomado de horror quando chegou a comer a imundície dessas feridas, a limpar o sangue preto e coagulado que as cobria? (Rousseau, 1979, p.121)

No século XIX, um dos maiores defensores do vegetarianismo foi o poeta Percy Bysshe Shelley, que de acordo com Oerlemans (1995) avistava as consequências morais e físicas da alimentação, assim como as suas características definidoras de nossa relação com o mundo natural. Shelley adotou uma “*vegetable diet*”, como era chamada na época, e se debruçou tanto sobre o assunto que chegou a produzir dois escritos, *A Vindication of Natural Diet* e *On the Vegetable System of Diet*, nos quais ele levanta as questões morais, nutricionais e o que hoje chamamos de questões ambientais do vegetarianismo. Segundo Shelley a transição para uma alimentação vegetariana “atingiria o mal pela raiz” e que o vegetarianismo não seria simplesmente uma parte incidental de uma mudança utópica, mas, o passo inicial e, principalmente necessário para uma reforma positiva e radical (Oelermans, 1995, p.531).

Na obra *A Vindication of Natural Diet*, Shelley traz diversos argumentos para mostrar que o consumo de animais na alimentação é totalmente contrário à natureza humana. No que diz respeito à biologia corporal ele afirma que a “anatomia comparativa nos revela que o homem se assemelha aos animais frugívoros em tudo e aos carnívoros em nada” (p.12), já quanto à fisiologia global do organismo o poeta relata que “não há doença, corporal ou mental, que a adoção de uma dieta a base de plantas e água pura não seja capaz de infalivelmente aplacar [...] debilidade gradualmente se converte em força, doença em saúde” (p.18) e já naquela época ele já possuía preocupações com o meio ambiente. Isso fica claro quando ele argumenta que ao abandonar o consumo de carnes e adotar uma dieta a base de vegetais “aquele que consome carne não mais destruiria a sua constituição ao devorar um acre de terra a cada refeição” (p.20), ou seja, a criação de gado de corte exige uma área de terra muito grande, já que é preciso terra para pastagem além de terra de cultivo para o alimento do animal.

É difícil mensurar a influência que o discurso pró-vegetarianismo de Shelley exerceu na sociedade da época, o fato é que o movimento vegetariano já estava caminhando por volta dos anos 1840 e com uma adesão considerável de novos membros. Mas é certo que a fama do poeta teve sua relevância e que “os vegetarianos ortodoxos acolheram o Shelley vegetariano em seus corações” (Spencer, 2016, p.236).

Com o crescimento do movimento vegetariano surgiu a fundação da primeira Sociedade Vegetariana na Inglaterra em 1847 e logo depois diversas outras sociedades e movimentos ligados à questão vegetariana foram surgindo ajudando na disseminação de suas ideias ao redor

do mundo. Do outro lado do Atlântico a Sociedade Vegetariana Americana teve sua fundação em 1850. Na época de sua fundação, segundo Whorton (1994) esta sociedade trazia principalmente argumentos ligados à biologia humana para a adoção de uma dieta a base de alimentos provenientes do reino vegetal, contudo pouco tempo depois as motivações religiosas e morais passaram a dividir a mesma importância.

Este mesmo pesquisador, em seu artigo *Historical Development of Vegetarianism*, motivado pelo estereótipo negativo e jocoso que os seguidores de uma alimentação vegetariana possuem diante da sociedade, levanta uma discussão com bases científicas sobre o valor do vegetarianismo. De acordo com Whorton há uma motivação para esse pensamento e infelizmente, segundo ele, as raízes para tal preconceito se encontra emaranhada entre os próprios vegetarianos. Ele afirma que

vegetarianos têm tratado a boa nutrição mais como uma religião do que como um texto e têm se esforçado em converter pagãos da alimentação mais pela pregação do que pelo ensinamento. Esta fusão ardente entre moralismo e nutrição infelizmente têm dado ao vegetarianismo a reputação de fanatismo e, portanto, retardado uma avaliação objetiva e reconhecimento pela ciência da nutrição tradicional. (Whorton, 1994, p.1103, tradução própria)

Sendo assim, na tentativa de sustentar a alimentação vegetariana com bases científicas, o pesquisador faz um levantamento histórico do vegetarianismo, buscando dados validados pela ciência. Segundo ele, o apoio científico se tornou mais viável a partir do final do século XVIII devido à ascensão da ciência a uma posição de notoriedade na cultura europeia deste período somado a uma maior visibilidade do vegetarianismo, este último fenômeno como produto de uma atitude mais humana para com a vida animal, característica da era romântica, principalmente na Inglaterra.

Alguns fatos, publicações e estudos relevantes para a divulgação do vegetarianismo são elencados no artigo, entre eles a validação nutricional da dieta vegetariana por William Lambe em 1806 ao conseguir se curar de uma doença duradoura ao remover as carnes de sua alimentação e o Movimento de Reforma da Saúde que ocorreu entre 1830 e 1840 liderado inicialmente pelo ministro presbiteriano Sylvester Graham que adotou uma ciência cristianizada e em seguida por William Andrus Alcott que contribuiu enormemente com diversas publicações, com ênfase a *Sanctioned by Medical Men and by Experience in All Ages*, que tinha como objetivo central mostrar que a ciência corroborava com a moralidade.

Contudo, o pesquisador relata que foi com um jovem médico e seguidor do adventismo do sétimo dia, que a dieta vegetariana ganhou a atenção do público com o desenvolvimento de uma racionalidade científica atualizada. John Harvey Kellogs, vegetariano e fundador da maior

instituição de saúde nos anos 1870, liderou um programa sanitário dietético que foi responsável pela criação de diversos substitutos para as carnes além de outros alimentos saudáveis a base de vegetais, incluindo cereais matinais que immortalizaram o nome de sua família. Kellogs defendia uma teoria da autointoxicação causada pelo excesso da ingestão de proteína animal que segundo ele não só era a causa de 90% de todas as doenças crônicas da humanidade como também de grande parte dos males morais e sociais. Novamente, há o entrelaçamento de moralidade com fisiologia (Whorton, 1994).

Mais um ganho científico para a alimentação vegetariana, segundo Whorton (1994) se deu no início do século XX com os achados do médico inglês Alexander Haig que conseguiu associar o consumo de carnes animais a uma elevação dos níveis séricos de ácido úrico o que conseqüentemente causava diversos danos à saúde. Adicionalmente, diversos atletas da época que seguiram a orientação dietética livre de carnes de Haig atingiram ótimos resultados em suas modalidades esportivas. De fato, há um notável registro de vitórias de vegetarianos em todas as modalidades esportivas no início dos anos 1900.

O pesquisador finaliza seu artigo destacando dados de pesquisas mais recentes que apontam os benefícios da dieta vegetariana não apenas para a saúde humana, mas também para a saúde do meio ambiente e para a saúde e vida dos animais. Após esse breve passeio pela história do vegetarianismo, tentarei, na próxima seção, traçar um panorama da cultura vegetariana na atualidade.

4.2 O movimento vegano hoje

Na seção anterior, vimos alguns movimentos históricos da adoção de uma alimentação vegetariana com toda a sua diversidade cultural e geográfica o que caracteriza uma variedade de escolhas alimentares, crenças e motivações. Mesmo diante de toda essa heterogeneidade espacial, temporal e cultural é possível encontrar um centro organizador para esse comportamento alimentar, tanto que começaram a surgir ao redor do planeta as mais diversas sociedades e organizações de vegetarianos com a finalidade de solidificar o movimento ao promoverem e divulgarem tal compreensão do mundo e estilo de vida.

Uma breve pesquisa, nos websites de algumas dessas sociedades e organizações, revela que apesar de toda a diversidade de informações existentes, há algo em comum, que é tentar definir de alguma forma os tipos de vegetarianismo, revelar as motivações para tal conduta, e principalmente trazer informações e apoio para os que estão interessados e/ou já transitando para o veganismo ou vegetarianismo.

De acordo com o dicionário Michaelis on-line o vegetarianismo é definido como a “dieta que consiste no consumo de alimentos apenas de origem vegetal (verduras, legumes, frutas, grãos e nozes), excluindo, portanto, carnes de qualquer tipo (boi, peixe, frutos do mar, frango etc), incluindo ou não o uso de ovos e laticínios” (Vegetarianismo, 2023). Igualmente, a Sociedade Vegetariana Brasileira, a maior organização vegetariana do Brasil e uma das mais ativas no mundo, define o vegetarianismo como “o regime alimentar que exclui os produtos de origem animal” (SVB). Contudo, essa definição se expande na medida em que a SVB afirma reconhecer variações de interpretação do termo por causa do dinamismo da linguagem e apresenta os principais tipos de vegetarianos que são: ovolactovegetariano (consome ovos, leite e laticínios), lactovegetariano (consome leite e laticínios), ovovegetarianismo (consome ovos) e vegetariano estrito (não consome nenhum produto de origem animal).

Apesar de reconhecer todos os tipos de vegetarianos acima definidos, a SVB afirma que desde a sua fundação preconiza o vegetarianismo estrito estimulando o veganismo para todos. A organização adota a definição de veganismo da *Vegan Society*, que é uma sociedade fundada na Inglaterra em 1944 com o objetivo de promover não somente uma alimentação, mas também um estilo de vida livre de sofrimento e exploração animal. Seus integrantes e fundadores não se identificavam com o vegetarianismo que se limitava a excluir apenas as carnes animais da alimentação e por isso precisavam de um novo termo e de uma nova definição. O termo *Vegan* foi criado usando as primeiras e últimas letras da palavra *vegetarian*. Desde a fundação da sociedade já existia a definição de uma alimentação vegana, mas foi somente em 1949 que seus fundadores perceberam a necessidade de definir o veganismo. Segundo eles o veganismo é

uma filosofia e estilo de vida que busca excluir, na medida do possível e do praticável, todas as formas de exploração e crueldade contra os animais visando a alimentação, vestuário ou qualquer outro propósito; e consequentemente promove o desenvolvimento e usos de alternativas livres de origem animal visando o bem-estar dos animais, humanos e meio ambiente. No que diz respeito à alimentação, indica a prática de dispensar todos os produtos derivados, seja total ou parcialmente, de animais (The Vegan Society, 1949).

Essa definição de veganismo é adotada por diversas outras associações e organizações promotoras do veganismo ao redor do mundo. Além de divulgarem o que seja o veganismo, essas sociedades e organizações costumam também elencar as motivações para tal estilo de vida, entre elas a ética animal, os benefícios para a saúde e o respeito com o meio ambiente e a sociedade. Buscam também conscientizar as pessoas sobre os benefícios do vegetarianismo,

por meio de campanhas, programas, convênios, eventos, pesquisas e ativismo, assim como trabalham para aumentar o acesso da população a produtos e serviços vegetarianos e veganos.

É importante destacar que na década de 1970, a publicação da obra *Libertação Animal*, do filósofo e professor australiano Peter Singer, teve grande impacto formativo e impulsionador para o veganismo. Singer, que é um grande defensor da causa da libertação animal, cunha o termo especismo, descrevendo-o e obviamente se posicionando contra esta atitude ao longo de toda a obra. Segundo ele, o especismo é “o preconceito ou atitude discriminatória a favor do interesse de membros de uma espécie e contra membros de outra espécie” (Singer, 2002, p.6, tradução própria) somente baseada no fato de serem membros de outra espécie.

O filósofo considera a capacidade de sofrer que todos os animais possuem, tanto animais humanos como não humanos, e por esse motivo a necessidade de considerar de forma igualitária os interesses de todas as espécies. Ele afirma que “a reivindicação por igualdade não depende de inteligência, capacidade moral, força física...” (Singer, 2002, p.4, tradução própria), na verdade “a igualdade é uma ideia moral, não uma afirmação de um fato” (p.4, tradução própria). E por esse motivo, a utilização, a exploração e a morte de animais para consumo humano tornam-se injustificáveis por causar tanto sofrimento.

Ele inicia o prefácio de sua primeira edição afirmando que o livro

é sobre a tirania de animais humanos sobre não-humanos. Esta tirania causou e ainda causa hoje tamanha dor e sofrimento comparável somente ao que ocorreu por séculos da tirania de humanos brancos sobre humanos negros. A luta contra essa tirania é uma luta tão importante quanto qualquer outra questão moral e social que foram defendidas nos últimos anos (Singer, 2002, tradução própria).

No Brasil, o movimento vegano organizado se consolida a partir do ano de 2003 quando ocorreu o primeiro evento vegetariano no Brasil. “Foi o *boom* do veganismo” (Winkler, 2023), afirma Marly Winkler, a organizadora do evento, fundadora da SVB e hoje presidente da União Vegetariana Internacional (UVI). Em uma entrevista para a Geração V¹⁶, a socióloga e ativista, que se tornou vegetariana na década de 1980, relata que quase não se falava em vegetarianismo e muito menos em veganismo no Brasil nesta época. Ela mesma não sabia o que era, nunca tendo ouvido o termo veganismo. Quando soube de um evento sobre o vegetarianismo na Holanda, imediatamente resolveu ir e conhecer um pouco mais sobre a temática. Lá tomou conhecimento de um festival vegano a ser realizado na Califórnia. Foi o seu primeiro contato

¹⁶ A Geração Vegana (Generation Vegan) é uma organização internacional sem fins lucrativos dedicada a divulgar os benefícios de uma alimentação baseada em plantas.

com o termo veganismo. Este festival seria organizado pela UVI que como ela mesmo descreve “é um tipo de sindicato de organizações vegetarianas” (Winkler, 2023).

Inspirada por esses eventos e movimentos organizados sobre o vegetarianismo, Marly Winkler criou a SVB em 2003, já que no Brasil não existia nenhuma organização vegana que pudesse sediar algum evento recebendo o apoio da UVI. No ano seguinte ela organizou o primeiro evento vegetariano no Brasil, que ocorreu em São Paulo, com duração de uma semana, recebendo mais de 700 inscritos, número de pessoas bastante significativo para a época. Na visão de Marly, esse evento foi “o grande início do movimento organizado no Brasil”. Logo após, ela promoveu o Primeiro Congresso Vegetariano Brasileiro que posteriormente passou a ser um evento anual, e foi denominado VegFest, já que além do conteúdo técnico-científico o evento contava também com lançamentos de produtos veganos assim como uma variedade de atrações para o público em geral.

A última edição do VegFest de 2023, que foi em São Paulo, contou com a participação de mais de 8 mil participantes entre congressistas e visitantes. Dentre os palestrantes, o evento contou com a participação de nutricionistas, nutrólogos, ativistas, culinharistas e empreendedores que abordaram pautas e discussões fundamentais e necessárias. Já a feira que é aberta ao público desfruta de uma variedade de expositores com centenas de produtos veganos, além de diversas outras atrações para o público.

E assim, o vegetarianismo e o veganismo começaram a de fato existir no Brasil. Segundo dados da SVB hoje, no Brasil, 14% da população se declara vegetariana, de acordo com pesquisa do Ibope Inteligência conduzida em 2018. Esse número representa um crescimento de 75% em relação a 2012, quando a mesma pesquisa revelou um percentual de 8%. Sabemos que se declarar vegano ou vegetariano não é o mesmo que ser, até porque ainda há muitas dúvidas e mitos com relação à definição de veganismo e vegetarianismo.

Todavia, mesmo que essa pesquisa não revele dados precisos quanto ao número de vegetarianos e veganos, é possível identificar um crescimento do movimento como um todo. A pesquisa mostra um rápido crescimento no interesse da população em geral por produtos veganos, revelando que mais da metade dos entrevistados (55%) declara que consumiria mais produtos veganos (industrializados) se estivessem melhor indicados na embalagem ou tivessem o mesmo preço que os produtos que estão acostumados a consumir.

Essa redução no consumo de alimentos de origem animal, segundo a SVB,

reflete tendências mundiais consolidadas de busca por uma alimentação mais saudável, sustentável e ética. Por um lado, o reconhecimento dos benefícios

de uma alimentação vegetariana para a saúde é cada vez maior, com grandes organizações – como a Organização Mundial de Saúde – se pronunciando sobre os riscos do consumo elevado de carnes. Por outro lado, o crescimento no número de pessoas que opta por excluir as carnes e derivados do cardápio, ou reduzir seu consumo, é impulsionado pela preocupação crescente da população com os impactos de seus hábitos de consumo. Dentre estas, estão as preocupações com o impacto ambiental negativo da pecuária e a indignação com as condições de vida impostas aos animais usados nos processos de produção (Sociedade Vegetariana Brasileira, 2018).

Com esse crescimento do veganismo e do vegetarianismo, cresce também a diversidade dentro do próprio movimento. A primeira diferença se dá, como já visto anteriormente, entre os que optam por apenas não consumirem os animais (vegetarianos) e os que desejam abolir por completo, na medida do possível e do praticável o uso e exploração de animais, tanto na alimentação como também nas outras esferas da vida cotidiana (veganos). Contudo, no interior do veganismo também há uma diversidade na forma de pensar e agir dividindo esse grupo entre o que conhecemos como veganismo pragmático e/ou liberal e o veganismo abolicionista.

O veganismo liberal e/ou pragmático, apesar de almejar a abolição da exploração animal, entende que uma mudança tão grande da sociedade não se dá repentinamente, comemorando assim, qualquer passo, mesmo que pequeno, em direção ao veganismo. A Sociedade Vegetariana Brasileira, assim como a Mercy for Animals¹⁷, são organizações que adotam essa visão pragmática do veganismo, argumentando nessa linha.

Em texto que defende ações e pactos com indústrias, *Reduzindo o sofrimento e promovendo melhorias imediatas para os animais*, a Mercy for Animals, afirma que almejam

reduzir o máximo de sofrimento para o maior número de animais possível enquanto ainda são explorados pela indústria. Mas se tudo que fizéssemos fosse apenas pedir às pessoas que mudassem suas dietas, estaríamos perdendo uma imensa oportunidade de, agindo frente a grandes empresas e governos, reduzir o sofrimento de centenas de milhões de animais e conseguir avanços concretos rumo a um futuro livre de exploração animal. [...] Usaremos todos os nossos recursos para reduzir ao máximo a crueldade sofrida por dezenas de bilhões de animais ano após ano, ao mesmo tempo em que continuaremos trabalhando rumo ao nosso mundo ideal, onde nenhum animal é explorado ou morto para alimentação – ou para qualquer outro fim. Então, além de estimular milhões de pessoas a considerarem o veganismo, nós também encorajamos a mudança por parte de grandes empresas e governos (Mercy for Animals)¹⁸.

O Segunda Sem Carne, projeto de amplo alcance encabeçado pela SVB no Brasil, vem conquistando cada vez mais espaço dentro de iniciativas públicas e privadas. Essa campanha objetiva conscientizar as pessoas sobre os impactos negativos que o consumo de produtos de

¹⁷ A Mercy for Animal é uma organização internacional de defesa animal sem fins lucrativos que se dedica a combater a crueldade contra animais explorados para uso humano.

¹⁸ Disponível em: < <https://mercyforanimals.org.br/melhorias-imediatas/>>. Acesso em: 29/03/2023.

origem animal tem sobre os animais, a sociedade, a saúde humana e o planeta, convidando e estimulando-as a descobrir e experimentar novas alternativas e sabores ao retirar os animais do prato pelo menos uma vez por semana. Essa campanha, existente em mais de 40 países e apoiada por inúmeros líderes internacionais, foi lançada aqui no Brasil em 2009 contando hoje com o apoio de governos, personalidades e inúmeras empresas.

Um desdobramento muito positivo da campanha Segunda sem Carne para o veganismo foi a implementação do programa Alimentação Escolar Vegetariana em 2011 nas escolas municipais de São Paulo. Esse programa oferece semanalmente aos alunos da rede refeições 100% livre de produtos animais.

Na figura a seguir imagens da campanha Segunda sem Carne.

Figura 3 - Campanha Segunda Sem Carne - SVB

SEGUNDA SEM CARNE
descubra novos sabores

TIRE AS CARNES E DERIVADOS DO SEU PRATO
PELO MENOS UMA VEZ POR SEMANA

E AJUDE O PLANETA, OS ANIMAIS E A SUA PRÓPRIA SAÚDE!

→ PARTICIPE!
@segundasemcarne
/SegundaSemCarne

Pelas pessoas. Pelos animais. Pelo planeta.

EMBAIXADORES DA CAMPANHA

PELAS PESSOAS

Uma alimentação centrada em vegetais favorece a prevenção de doenças crônicas degenerativas. Veja alguns dos benefícios:

- Diminuição do risco de diabetes;
- Auxílio no controle de peso;
- Diminuição do risco de infarto e outras doenças cardiovasculares;
- Redução do risco de alguns tipos de câncer, como o de intestino grosso (cada 100g/dia de carne ingerida aumenta o risco em 19%).

PELOS ANIMAIS

Só no Brasil, cerca de 10 mil animais morrem A CADA MINUTO com a justificativa de que precisamos nos alimentar. No entanto, o reino vegetal é plenamente capaz de encher nossos pratos e nos nutrir. Vacas, galinhas, peixes e porcos são idênticos aos cães e gatos quando se trata de dor e sofrimento. **Se desejamos uma sociedade pacífica, que tal tirar a violência do nosso prato?**

#APazComeçaNoPrato

TEMPO DE ABATE	TEMPO NATURAL DE VIDA
VACAS LEITEIRAS 5 anos	20 anos
PORCOS 6 meses	15 anos
FRANGOS 40 dias	6 anos

PELO PLANETA

Veja o impacto ambiental positivo que você gera deixando os produtos de origem animal fora do cardápio em **UM DIA**.

24g de Ovos	311g de Carnes	430ml de Leite e Derivados
14kg de CO ₂ emitidos na atmosfera	3.400 LITROS DE ÁGUA	Equivalente a 100km rodados num carro comum
	equivalentes a cerca de 26 banhos de 15 minutos	

Fonte: SVB¹⁹

¹⁹ Sociedade Vegetariana Brasileira – SVB. Disponível em: < <https://www.svb.org.br/pages/segundasemcarne/> >. Acesso em: 22/03/2023.

Esse tipo de campanha que estimula uma mudança gradual de ideias e ações para um futuro mundo 100% vegano é rejeitada pelo veganismo abolicionista. Outro exemplo clássico de divergência se dá na classificação de marcas “liberadas” para veganos pragmáticos, mas boicotadas pelos abolicionistas, que tendem a apoiar apenas marcas 100% veganas. A Arcor, por exemplo, é uma empresa que não realiza testes em animais e produz chocolates sem a presença de nenhum ingrediente de origem animal, como os chocolates amargos 53% e 70%, mas produz outros chocolates com ingredientes de origem animal e possui acordos comerciais com empresas que realizam testes em animais.

O propósito do movimento vegano pragmático é a expansão do veganismo, sendo assim, enxergam como positivo o apoio a grandes empresas a entrarem no mercado vegano, assim como qualquer medida, mesmo que pequena, na direção do veganismo. O incentivo, para os pragmáticos possui um peso muito maior do que o boicote.

Já o movimento vegano abolicionista prega que é necessário e urgente abolir, ao invés de apenas regulamentar e minimizar, a exploração animal. Para eles qualquer medida que promova uma melhoria no bem-estar animal, como formas menos cruéis de abate e criação livre de galinhas por exemplo, tem um efeito contrário, pois acaba protegendo o interesse do proprietário em explorar o animal assim como ajuda a aumentar o número de abates, pois com essa falsa visão de animais bem tratados as pessoas não iriam sentir a necessidade de se tornarem veganas para abolir a exploração.

Um grande ativista do veganismo abolicionista é o filósofo e professor de direito da Rutgers University, Gary Francione. Ele foi o primeiro acadêmico a lecionar teoria dos direitos animais em uma faculdade de direito americana e é pioneiro na teoria de direitos animais abolicionista, argumentando que regulamentações do bem-estar animal são inválidas, tanto na prática quanto na teoria, já que apenas prolongam a condição dos animais como propriedade pois fazem com que as pessoas se sintam à vontade para usar animais. Ele sustenta a ideia de que animais não-humanos requerem apenas um direito: o direito de não ser propriedade e que a base moral dessa abordagem abolicionista é o veganismo, ou seja, a rejeição ao uso de todo e qualquer produto que tenha origem na exploração e morte de animais. O filósofo afirma que

se você não é vegano, por favor torne-se vegano. Veganismo é sobre não violência. Primeiramente e acima de tudo, é sobre a não violência a outros seres sencientes. Mas também é sobre não violência ao planeta terra e não violência a você mesmo. É fácil ser vegano e se você concorda que animais possuem valor moral, é a *única* coisa racional a se fazer (Francione, 2014, tradução própria)

Além do veganismo pragmático e abolicionista, aqui no Brasil há um movimento que tem crescido e vem ganhando bastante visibilidade que é o veganismo popular. É uma mobilização com um tom político que parte da causa vegana e busca acessibilizar a dieta e desconstruir a crença de que para ser vegano é preciso fazer parte de uma elite. Uma hipótese para essa associação entre elite e veganismo pode ser explicada que pelo crescimento do mercado vegano, empresas começaram a lançar produtos industrializados veganos (hamburgueres, linguiças, sorvetes entre outros) com preços elevados inviabilizando o acesso para a população em geral.

O movimento que é baseado no antiespecismo (luta pela igualdade das espécies que são sencientes, isto é, dos indivíduos que são capazes de ter experiências negativas e positivas), visa a democratização da libertação animal. Qualquer pessoa tem o direito de ter acesso a essa visão de mundo e lutar por ela se assim desejar. Essa é a essência do movimento.

Atualmente há vários influenciadores digitais que divulgam o veganismo popular. Entre eles encontramos Luciene Santos, conhecida como @sapavegana, de família pobre e preta, que antes de se tornar vegana em 2018 também associava o veganismo a brancos e ricos. Em entrevista ao site da uol²⁰, Luciene afirma que precisou criar meios de transformar a sua realidade, acrescentando que ser vegano não é sobre comprar produtos industrializados caros e nem orgânicos, pode até ser para quem tem condições e interesse, mas ser vegano é também saber ir a feira e comprar frutas e vegetais a preços mais baixos, assim como aprender a questionar o que o sistema te fala que é comida.

Outra grande influência do veganismo popular é o @veganoperiferico, que na verdade é um perfil de dois irmãos, Leonardo e Eduardo do Santos, nascidos e criados no Conjunto habitacional Parque Itajaí, na região de Campo Grande em Campinas, região periférica que se localiza a 25 km do centro. Após presenciarem um tombamento de um caminhão que transportava porcos no trecho oeste do Rodoanel a compaixão pelos animais entrou na vida dos irmãos e conseqüentemente o veganismo.

A ideia de criar um perfil no instagram para divulgar o veganismo surgiu após perceberem que “o movimento pela libertação animal no Brasil tinha um teor elitizado”²¹ e por isso decidiram “abordar, através de uma ótica periférica assuntos que envolvem cultura, direito animal, educação, alimentação, política e ciência de uma forma simples, prática e acessível”³³.

²⁰ Disponível em: < https://cultura.uol.com.br/receitas/89_conheca-o-veganismo-popular.html>. Acesso em: 29/03/2023.

²¹ Disponível em: < <https://www.veganoperiferico.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 30/03/2023.

Leonardo afirma em entrevista para o G1 que “é possível ser pobre, periférico e vegano. A gente não está falando da boca para fora, não lemos em um livro. A gente vive isso no dia a dia”.²²

Este breve panorama, apesar de não ter contemplado em profundidade todos os movimentos veganos atuais, com certeza é suficiente e capaz de fazer entender os processos que fazem parte do desenvolvimento do discurso vegano o que é essencial para uma investigação dentro da análise do discurso. O desenvolvimento do movimento e discurso vegano também teve uma sustentação teórico-científica, que é o escopo do capítulo a seguir.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/05/19/gemeos-de-campinas-bombam-na-web-com-veganismo-sem-glamour-e-possivel-ser-pobre-e-vegano.ghtml>. Acesso em: 30/03/2023.

5 A CONSTRUÇÃO TEÓRICO-CIENTÍFICA DO VEGANISMO

Este capítulo é dedicado a uma discussão do veganismo dentro de uma visão teórico-científica abordando áreas de estudo interligadas a esta tese, entre elas a filosofia e a psicologia. Outras áreas de estudo, como a medicina e a nutrição, apesar de terem conquistado amplo terreno de atuação dentro das pesquisas relacionadas ao veganismo nas universidades e serem de grande interesse tanto para as pessoas em geral como para mim, por não integrarem o escopo desta pesquisa, não serão abordadas nas discussões desta pesquisa.

Na primeira seção deste capítulo será apresentada a teoria do especismo, concebida pelo filósofo Peter Singer, que discute a relação dos animais humanos com os animais não humanos. Em seguida, será abordada uma discussão levantada pela psicóloga social Melanie Joy que culminou com a conceituação do carnismo como uma filosofia ao qual o veganismo se opõe. Na seção seguinte trago uma discussão teórica envolvendo o conceito de não-conformismo moral e veganismo levantada pela psicóloga sueca Isa Jertfelt em sua tese de doutorado. E por fim, na última seção deste capítulo, será discutido outra conceituação da área da psicologia, a vistopia, concebida pela psicóloga Clare Mann que descreve a angústia de um vegano em viver em um mundo que não é vegano.

5.1 O especismo

O especismo como teoria foi concebido pelo filósofo americano Peter Singer a partir de uma reflexão sobre as nossas “atitudes e práticas em relação a um grupo considerável de seres: membros de espécies que não a nossa” (Singer, 2002, p.xxxiii). Nesse processo de repensar a forma que humanos tratam os animais não-humanos, segundo o filósofo, nós humanos somos convidados a expandir o horizonte da moralidade, a sair da zona de conforto de manter o *status quo* da tradição e dos hábitos históricos e culturais tanto alimentares, como de pensamento e linguagem que justifiquem e reforcem tal exploração, e principalmente, somos expostos a preconceitos e discriminação que estão por trás de atitudes e comportamentos considerados naturais, normais e inofensivos.

O filósofo inicia a apresentação e discussão de tal teoria trazendo uma reflexão sobre o título do livro em questão, *Animal Liberation* (Liberação animal). Segundo ele, essa expressão, liberação animal, poderia parecer mais uma paródia a outros movimentos libertários do que uma questão a ser tratada com seriedade. Isso porque, no final do século XVIII, a ideia de “direitos dos animais” foi de fato usada como uma paródia à questão dos direitos da mulher.

Mary Wollstonecraft, filósofa e precursora do movimento feminista, ao publicar em 1792 *Uma reivindicação pelos direitos da mulher*, não só recebeu críticas às suas ideias que foram taxadas de absurdas, como também teve como resposta a publicação de uma obra satírica intitulada *A reivindicação dos direitos dos brutos* pelo então renomado filósofo de Cambridge Thomas Taylor. Ele questiona e menospreza os argumentos de Wollstonecraft reivindicando igualdade para as mulheres, e replica ironicamente o porquê de não estender esses direitos para cachorros, gatos e cavalos, ou seja, para os brutos. Com o seu texto satírico ele conclui que se a ideia de direitos aos brutos parece sem sentido, da mesma forma seria então para as mulheres.

Peter Singer segue com uma proposta de resposta ao ataque de Thomas Taylor examinando a questão da igualdade para as mulheres que vai também explicar a reivindicação de igualdade para os animais não-humanos. Nessa investida ele chega à conclusão de que estender um princípio básico de igualdade de um grupo para outro não implica que devemos tratar ambos os grupos exatamente da mesma maneira, ou garantir os mesmos direitos à ambos os grupos. Isso porque tudo vai depender da natureza dos membros dos grupos, já que “o princípio básico de igualdade não requer tratamento igual ou idêntico; requer igualdade de consideração. Consideração igual para seres distintos pode levar à tratamentos diferenciados e direitos distintos” (Singer, 2002, p.2, tradução própria).

E segundo Singer (2002), por que não seria tão absurdo assim estender o princípio da igualdade aos então chamados “brutos”? Para responder tal questão o filósofo recorre ao fundamento que sustenta a oposição à discriminação baseada em sexo ou raça. Segundo ele, quando dizemos que todos os seres humanos são iguais, qualquer que seja a raça, credo, ou sexo, o que de fato estamos afirmando? Que todos são de fato iguais? Isso seria um grande equívoco, já que humanos nascem com as mais variadas formas e tamanhos, diferentes capacidades morais, habilidades intelectuais de vários níveis, diferentes formas de sentir, diferentes habilidades de comunicação efetiva assim como diferentes capacidades de experienciar prazer e dor. Portanto, se a demanda por igualdade se basear em uma real igualdade de todos os seres humanos, seria um erro continuar a exigir tal igualdade.

Sendo assim, é fato que somos diferentes individualmente, contudo as diferenças de sexo ou raça, ou qualquer outra diferença, por si só não sustentam nenhum tipo de reivindicação por superioridade de alguma das partes. Por este motivo, afirma Singer, o racismo e o sexismo são errados. Se assim fosse, ou seja, se “inventássemos” um motivo para hierarquizar os seres humanos, seria justo, por exemplo, exigir que todos os seres humanos com QI abaixo de 100 recebessem menos consideração e por isso fossem mantidos como escravos? Será que uma sociedade assim dividida e hierarquizada seria melhor que uma baseada no sexismo e racismo?

O filósofo continua a reflexão esclarecendo que a necessidade de igualdade entre os seres não deve se basear em inteligência, capacidade moral, força física ou qualquer outra atribuição, na verdade a “igualdade é uma ideia moral, não uma afirmação de fatos” (Singer, 2002, p.4). Ele complementa que não há nenhuma razão lógica para assumir que uma diferença concreta de habilidades entre duas pessoas justifique qualquer diferença na consideração dada às suas necessidades e interesses. Ou seja, o princípio da igualdade não se baseia em uma descrição de supostas semelhanças concretas: é uma prescrição sobre como os seres humanos devem ser tratados.

Seguindo esse mesmo princípio de igualdade em termos de como devemos tratar o próximo, que Singer cunhou o termo especismo, em analogia ao termo racismo, para também condená-lo. De acordo com o filósofo, especismo, é o preconceito ou atitude preconceituosa em favor dos interesses dos membros de sua própria espécie e contra os interesses dos membros de outras espécies. Segundo Singer, se o fato de um indivíduo possuir um grau de inteligência maior que outro não o autoriza a explorar e usar esse outro para satisfazer seus interesses pessoais, por que permitiria o uso e exploração de não-humanos para os mesmos fins? A resposta estaria no especismo. Singer sustenta que

racistas violam o princípio da igualdade ao concederem maior peso aos interesses de membros de sua própria raça quando há um confronto entre seus interesses e os interesses de outra raça. Sexistas violam o princípio da igualdade ao favorecerem os interesses de seu próprio sexo. Similarmente, especistas permitem que interesses de sua própria espécie ignorem os grandes interesses de membros de outras espécies. O padrão é idêntico em cada caso (Singer, 2002, p.9)

E o fato é, que a grande maioria dos seres humanos é especista, atuando, segundo Singer (2002) ativamente em favor de práticas que requerem o sacrifício dos mais importantes interesses de membros de outras espécies para promover os interesses mais triviais de sua própria espécie. Por outro lado, há quem afirme que animais não-humanos não possuem interesses já que são incapazes de sofrer. No século dezessete o filósofo Rene Descartes propôs que animais não-humanos deveriam ser compreendidos como autômatos, sem nenhum tipo de pensamento, sensações ou atividade mental. Contudo, hoje já é de conhecimento da ciência que animais não-humanos são capazes de sofrer²³ sim, tanto que qualquer procedimento cirúrgico realizado por médicos veterinários é feito sobre o efeito de anestésias, assim como também, na maioria dos países, há leis que proíbem crueldade arbitrárias praticadas contra animais.

²³ Mais detalhes sobre a questão da dor e sofrimento são esclarecidos no livro Liberação Animal.

Portanto, animais também sofrem ao receberem choques elétricos antes do abate, por serem obrigados a viver em gaiolas pequenas onde mal conseguem se movimentar, por terem suas mammas constantemente cheias e ordenhadas assim como por serem submetidos aos mais diversos procedimentos dolorosos em laboratórios de experimentos científicos.

O filósofo conclui a questão alegando que não há justificativa moral para considerar que a dor dos animais não-humanos seja menos importante do que a dor dos humanos, da mesma forma que a vida dos animais não-humanos seja menos importante que a dos humanos. Conseqüentemente, de acordo com Singer (2002) ser especista é também admitir que o direito a vida seja um privilégio de nossa espécie humana.

Todas as práticas normalizadas em nossa sociedade que causam sofrimento e morte de animais – usar animais para a alimentação, vestuário, limpeza e entretenimento – são devidamente compreendidas “como manifestações da ideologia de nossa espécie, ou seja, das atitudes que nós, como seres dominantes, temos no que concerne outros animais” (Singer, 2002, p.185). E essas práticas de dominação, uso e exploração dos animais não-humanos apresentam suas raízes muito fortalecidas ao longo da história.

Singer (2002) propõe que essas atitudes e práticas não devam mais ser justificadas historicamente já que gerações anteriores se baseiam em pressuposições religiosas, morais e metafísicas que são totalmente obsoletas para a contemporaneidade. E por isso, ele ressalta a importância de assumirmos uma visão mais cética de tais justificativas para essas práticas até então consideradas apropriadas e naturais. Contudo, ao colocar em xeque práticas tão fortemente naturalizadas, a tal ponto de se tornar uma verdade inquestionável, há o risco de parecer ridículo e descabido, além de promover um esforço tremendo para quem o faz, já que a pessoa literalmente precisa remar contra a maré.

O filósofo finaliza a sua obra apontando a necessidade de um altruísmo ainda maior por parte dos seres humanos para a libertação animal, quando comparados a outros movimentos de libertação. Isso porque os animais não-humanos são incapazes de reivindicar a sua própria libertação, fato que dá aos humanos amplos poderes para tal decisão.

5.2 O carnismo

A terminologia carnismo foi cunhada por Joy (2010) para se referir a “um sistema de crenças no qual comer determinados animais é considerado ético e apropriado” (p.30, tradução própria). Segundo a pesquisadora, esse sistema de crenças, ou seja, essa ideologia precisava ser

nomeada, pois o fato de ser invisível faz com que as práticas relacionadas a essa crença, o consumo dos animais, não se pareça com uma escolha e sim uma necessidade, um comportamento natural do ser humano.

A autora esclarece que a sociedade não constrói sentidos sobre a prática de comer carnes da mesma forma que constrói sobre o vegetarianismo e veganismo. Acredita-se que a escolha de se tornar vegetariano ou vegano é baseada em um posicionamento filosófico, no qual “a escolha de não comer carne é um reflexo de um sistema de crenças mais profundo no qual matar animais para fins humanos não é considerado ético” (Joy, 2010, p.28, tradução própria). Por outro lado, a prática de consumir animais não é entendida como uma escolha, e sim como algo da natureza humana, como algo que sempre foi e sempre será e como a única opção oferecida aos humanos. Essa visão, de acordo com o posicionamento de Joy, se deve ao fato da ideologia carnista ser invisível aos olhos da sociedade.

Usamos as terminologias onívoros e carnívoros para nomear pessoas que consomem carnes de animais, contudo, segundo Joy (2010), há imprecisões no uso desses termos. Carnívoros são animais que dependem do consumo de carnes para a sua sobrevivência e os onívoros são os animais, humanos e não humanos, que possuem a capacidade fisiológica de ingerir e digerir tanto as plantas quanto as carnes de animais. Percebe-se facilmente os motivos da imprecisão do uso dessas terminologias, já que esses termos fazem referência a descrições biológicas e fisiológicas e não a escolhas filosóficas e, como já é de conhecimento científico²⁴,

²⁴ A *American Dietetic Association* tem seu posicionamento desde 2009 afirmando que “dietas vegetarianas, planejadas de forma apropriada, incluindo vegetarianos totais ou dietas veganas, são saudáveis, nutricionalmente adequadas e podem inclusive proporcionar benefícios à saúde na prevenção e tratamento de determinadas doenças. Dietas vegetarianas bem planejadas são apropriadas para indivíduos em todas as etapas da vida, incluindo gestação, lactação, primeira infância, infância, adolescência e atletas (p.1266).

ADA. Position of the American Dietetic Association: vegetarian diets. *Journal of the American Dietetic Association*, 2009.

No que diz respeito aos benefícios, Hargreaves et al (2020), em um estudo pioneiro nacional que tem como objetivo caracterizar a população vegetariana e seus marcadores dietéticos, apontam que uma dieta vegetariana está associada a prevenção de doenças cardiovasculares devido à sua efetividade na redução do colesterol sérico total e LDL, menor risco e melhor controle para diabetes do tipo 2 por promover uma maior sensibilidade à insulina e redução de marcadores séricos de estresse oxidativo, menor risco para alguns tipos de câncer assim como uma melhora do humor e reduzidos níveis de estresse e ansiedade. Os autores também apontam que grande proporção dos veganos demonstram resultados positivos no que diz respeito à qualidade da dieta quando comparados aos outros grupos dietéticos. Os dados também demonstram que vegetarianos (todos os tipos de dieta vegetariana) alcançam as recomendações do Guia Alimentar para a População Brasileira (Brasil, 2014), apresentando positivamente uma ingestão maior que o recomendado para alimentos naturais e uma menor ingestão de alimentos processados.

HARGREAVES, S.M.; ARAÚJO, W.M.C.; NAKANO, E. Y.; ZANDONADI, R. P. Brazilians Vegetarians diet quality markers and comparison with the general population: a nationwide cross-sectional study. *PLOS ONE* | <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0232954>, May 12, 2020, p.1-21.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 2. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

os humanos não dependem do consumo de carnes para sobrevivência. Em função disso, a necessidade de uma palavra para nomear essa prática ideológico-cultural surge e Joy (2010) a cunha de carnismo, já que “carnistas comem carne não porque precisam comer, mas porque escolhem comer, e escolhas sempre se originam em crenças” (p.30, tradução própria).

Apesar de Joy (2010) entender o carnismo como uma ideologia, ela não se aprofunda em uma conceituação teórica sobre as raízes de seu entendimento sobre ideologia, até porque o seu objetivo é a descrição do sistema carnista e não em uma teorização sobre ideologia. Ao percorrer a sua descrição da ideologia carnista e como se dá o seu funcionamento no meio social é possível identificar uma aproximação de seu entendimento com a conceituação de ideologia de Van Dijk (2015). Segundo o autor, ideologia é uma espécie de crença, ou seja, uma representação mental, que assim como o conhecimento, as opiniões, as atitudes, as normas e os valores, constituem formas de cognição social que são “adquiridas, (re)produzidas e comunicadas por discursos situados” (p.54). Contudo, diversamente das opiniões pessoais, as ideologias são compartilhadas por coletividades sociais, constituindo “uma forma de ideia compartilhada ou “disseminada”” (p.54). O autor ressalta que

mesmo que as “ideias” originais que suscitam uma ideologia possam ter sido desenvolvidas por um ou alguns indivíduos, tais ideias só constituem uma ideologia nos termos aqui definidos quando grupos de pessoas as adquirem, compartilham, propagam e empregam a fim de difundirem seus interesses coletivos e orientarem suas práticas sociais (Van Dijk, 2015, p.54).

A ideologia, ainda de acordo com Van Dijk (2015), ao ser aprendida e usada por indivíduos em suas práticas cotidianas, forma um elo que conecta a estrutura social com a agência individual. O autor explica que as ideologias constituem um sistema complexo de representações mentais de base neurológica armazenadas na memória de longo prazo sendo adquiridas lentamente e se apresentando de forma relativamente estáveis, servindo “como uma base cognitiva fundamental para a conduta social e o discurso cotidiano dos membros do grupo” (p.54). Sendo assim, por atuarem como um autoesquema mental socialmente compartilhado, são bastante gerais e abstratas, sendo relevantes para muitas pessoas e circunstâncias, experiências e práticas sociais diferentes representando a identidade, as ações, os objetivos, as normas e valores, os recursos e os interesses sociais de um grupo.

Esse aspecto de estabilidade parece mascarar a existência das ideologias dominantes e hegemônicas, de tal forma que indivíduos sequer possuem a noção de sua existência. Essas ideologias não se apresentam como ideologias e sim como formas naturais e normais de ser e

agir. Parece-me que Joy (2010) define e explica o carnismo sob esse viés, conforme será descrito em mais detalhes a seguir.

5.2.1 A ideologia carnista

A prática de comer carnes e consumir outros produtos de origem animal para os humanos, como já mencionado, não é uma necessidade biológica, como é para outros animais carnívoros que de fato necessitam da carne para a sua sobrevivência. Para os animais humanos, essa prática é uma escolha, e sendo assim, como descreve Joy (2010), é uma ideologia, um sistema de crenças, que define quais animais iremos conviver de forma mais próxima e afetuosa, como por exemplo, os cachorros e gatos, quais animais admiramos e protegemos, como os elefantes e araras e quais animais matamos e consumimos, as galinhas e vacas por exemplo. Esse sistema ideológico, em nossa sociedade, por ser invisível, normaliza todas as práticas do processo de produção de alimentos e outros produtos de origem animal, mesmo que sejam atividades violentas.

A prática de pescaria como lazer, por exemplo, é muito comum mundo afora, sendo praticada para gozar de momentos de alegria junto a família e amigos e, às vezes, até como um “remédio” para aliviar o estresse e a ansiedade vivenciada por muitas pessoas. Contudo, esse “lazer” tem como única meta capturar um peixe físgando a sua boca com um objeto perfurante que para ser removido, na maioria das vezes, dilacera a boca do animal. Outra prática violenta que é muito naturalizada e apreciada em nossa sociedade é a ordenha das vacas. Muitos pais, inclusive, costumam levar seus filhos pequenos às mais diversas fazendas e sítios apenas para conhecerem e participarem alegremente desse processo que é tão doloroso e violento para o animal.²⁵

Essas e todas as outras práticas violentas operadas contra os animais destinados ao consumo humano são naturalizadas e normalizadas socialmente não porque os humanos sejam maus e gostem de maltratar animais, muito pelo contrário, somos naturalmente empáticos pelo

²⁵ Segundo Alves Filho (2020) as “vacas leiteiras “são animais sensíveis, que manifestam perturbações psicológicas e fisiológicas em consequência do estresse”. A separação entre a vaca e o bezerro é “uma experiência dolorosa para a mãe e aterrorizante para o bezerro”. A fêmea “expressa seus sentimentos de forma clara, chamando e mugindo constantemente durante dias depois que a cria” é apartada dela. Os filhotes “sentem dolorosamente a falta da mãe”, “desconforto” e infelicidade gerados pela sua condição de cativos” (p.75). Todo o funcionamento da indústria do leite e a violência a que vacas e bezerros são submetidos é descrito por Peter Singer em seu livro *Animal Liberation*.

outro, tentando ajudar ou evitar qualquer tipo de sofrimento a outro ser vivente²⁶. Contudo, segundo Joy, as práticas socioculturais que envolvem o consumo de animais foram se normalizando e naturalizando através de um discurso que as legitima como válidas e necessárias de tal forma que não percebemos a crueldade de tais atos contra os animais que foram escolhidos socialmente para serem consumidos. Essa distorção cognitiva da realidade, não enxergando um ato de violência quando ele está presente, ocorre devido principalmente à invisibilidade do sistema ideológico carnista. Fato esse, que não é exclusivo do carnismo, todo sistema ideológico dominante se apresenta invisível à sociedade.

O psicólogo Leon Festinger em sua teorização sobre a dissonância cognitiva (1968) sustenta que

1. Podem existir relações dissonantes ou “não consistentes” entre elementos cognitivos. 2. A existência da dissonância promove pressões para a reduzir tal inconsistência e para evitar seu incremento. 3. Manifestações da operação de tais pressões incluem mudanças de comportamento, mudanças na cognição, e exposição atenta a novas informações e opiniões (Festinger, 1968, p.31).

Isso porque, segundo ele a existência da dissonância, ou seja, uma incongruência entre a realidade vivenciada e o conhecimento, crenças e opiniões gera um desconforto psicológico no indivíduo que então é motivado a buscar a consonância, uma situação de equilíbrio. Além de tentar reduzir a dissonância, o indivíduo passa ativamente a evitar situações e informações que possam reforçar essa inconsistência.

Ainda segundo Festinger (1968), a dissonância pode surgir devido a costumes culturais, ou seja, a dissonância existe simplesmente porque a cultura define o que está em consonância e o que não está. Sendo assim, conforme explica Joy (2010), pelo fato da prática cultural de consumir animais estar tão enraizada e normalizada, ao se sentir incomodado com a percepção de que o animal sofre e morre para ser consumido, tal incongruência logo é desfeita naturalizando a prática em questão.

²⁶ Darwin já dizia que “qualquer animal dotado de instintos sociais bem demarcados inevitavelmente adquirirá senso ou consciência moral, assim que suas capacidades intelectuais se tenham tornado tão bem desenvolvidas, ou quase tão bem desenvolvidas, como no homem” (p.71-72). Sendo assim, a empatia e a solidariedade são entendidas como habilidades instintivas e naturais, tanto para os seres humanos quanto para os outros animais sociáveis. DARWIN, C R. *The descent of man, and selection in relation to sex*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1981.

5.2.2 A trama carnista

Retomando o conceito de carnismo (Joy, 2010) - “um sistema de crenças no qual comer determinados animais é considerado ético e apropriado” (p.30, tradução própria) – chama atenção o fato de que nesse sistema alguns animais são escolhidos para serem consumidos e para isso precisam ser mortos e outros escolhidos para serem protegidos, admirados e amados. De acordo com Joy (2010), essa seleção está relacionada à percepção que temos de cada animal, isso porque a percepção que temos das coisas é capaz de estabelecer a nossa realidade, o que pensamos e sentimos sobre essa realidade e como resultado a forma que vamos agir sobre essa mesma realidade.

A autora explica que a percepção de algo é decorrente de *esquemas(schemas)*, estruturas psicológicas que configuram e são configuradas pelas nossas crenças, ideias, percepções e experiências, que organizam e interpretam as informações, ou seja, são sistemas de classificação mental. E são exatamente esses esquemas que acabam por classificar os animais nas categorias comestíveis e não comestíveis. Mesmo sendo seres que naturalmente possuem empatia por animais, aprendemos, por meio desses esquemas, a não ter empatia pelos animais que o sistema carnista elegeu como comestíveis.

Facilmente nos sentimos sensibilizados por notícias de uma tartaruga ou golfinho mortos nas areias de uma praia, sofremos quando tomamos conhecimento de maus-tratos a um cachorro ou gato e sempre que encontramos um gatinho abandonado na rua sempre damos um jeito para oferecer comida, água e até mesmo um lar confortável para o animal. Contudo ninguém tem pena da galinha que sofre a vida inteira para produzir os ovos que vão compor a receita de um bolo de banana, nem da vaca que deixa de alimentar seu bezerro e suporta condições horríveis para produzir o leite que “é essencial” para o mingau de nossas crianças, e muito menos do boi ou do porco que morrem para fornecer aquela picanha suculenta e linguiça super picante do churrasco de domingo com a família toda reunida.

Esse comportamento paradoxal não ocorre porque o ser humano é um ser grotesco e que merece ser punido, muito pelo contrário, o ser humano naturalmente tem empatia pelos animais e não suporta presenciar qualquer tipo de violência contra os animais, contudo o sistema carnista e a dissonância cognitiva que ele provoca é o responsável por esse comportamento paradoxal que Loughnan, Haslan e Bastian (2010) nomearam de “paradoxo da carne” (p.156). Segundo os autores, o paradoxo da carne é esse comportamento inconsistente no qual simultaneamente os seres humanos rejeitam qualquer tipo de violência contra os animais, mas aceitam o seu sofrimento e morte para fornecer carne e seus derivados para o consumo humano.

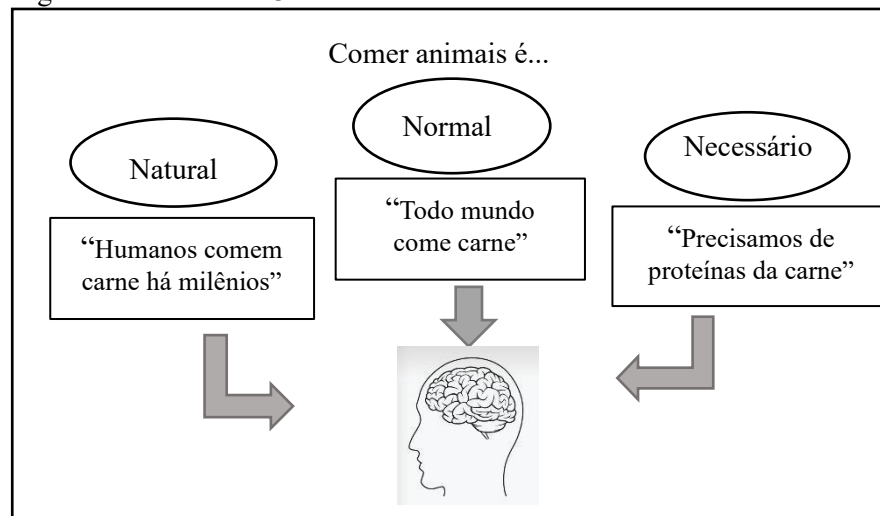
Ocorre assim, uma incongruência entre os valores e comportamentos (Joy, 2010; Festinger 1968) restando três saídas para aliviar esse desconforto que o consumo de animais, em tese, causaria aos seres humanos: podemos mudar nossos valores para que se alinhem às nossas ações; podemos mudar nossas ações para corresponder com os valores (deixar de consumir os animais para evitar o sofrimento); ou mudamos a nossa percepção de nossos comportamentos de tal forma que estes pareçam se alinhar aos nossos valores. O esquema do carnismo funciona de acordo com essa terceira opção, pelo fato de promover uma distorção da percepção que humanos possuem dos animais e da carne dos animais que são consumidas. Desta forma, as carnes e outros alimentos de origem animal são consumidos livres de qualquer tipo de desconforto.

A principal ferramenta desse sistema, segundo Joy (2010) é a dormência psíquica, que inclui a negação, fuga, rotinização, justificção, objetificação, desindividualização, dicotomização, racionalização e dissociação. A autora dá papel de destaque para a invisibilidade como o principal sustentáculo do sistema carnista, já que é exatamente a invisibilidade que permite a negação e a fuga, além de ser a base que apoia todos os outros mecanismos de defesa. É a

invisibilidade que nos permite, por exemplo, consumir um pedaço de carne sem visualizar o animal que estamos comendo; ela encobre nossos pensamentos de nós mesmos. A invisibilidade também nos mantém distanciadamente protegidos dos processos desagradáveis de criação e morte de animais para nosso consumo. O primeiro passo para a desconstrução da carne, então, é a desconstrução da invisibilidade do sistema, expondo os princípios e práticas de um sistema que desde a sua origem tem se mantido encoberto (Joy, 2010, p.21, tradução própria)

Essa invisibilidade, de acordo com Joy (2010), é necessária para a manutenção do sistema carnista, principalmente pelo fato de ser um sistema ideológico violento já que é literalmente sustentado por violência física. A carne não existe sem a morte, e essa violência tem se tornado cada vez maior no carnismo contemporâneo visto a necessidade de manter e abater um número cada vez maior de animais para a o mercado consumidor e a manutenção da margem de lucro desejada pela indústria da carne. Ideologias violentas promovem uma ficção como sendo fatos e desencorajam qualquer pensamento crítico que possa ameaçar a exposição de sua verdade, e por conta disso há uma mitologia vastíssima envolvendo a carne, contudo todos esses mitos existem com um só objetivo, justificar a existência “da verdade carnista”. Joy (2010) se refere a esses mitos como “Os três Ns da justificção: comer carne é normal, natural e necessário” (p.96, tradução própria). A figura a seguir ilustra esse mito dos três Ns.

Figura 4 - O mito dos 3 Ns



Fonte: Elaborado pela autora (Adaptado de Joy, 2010)

Esse mito envolvendo os três Ns é capaz de agir na sociedade ocupando todos os seus setores, garantindo que toda e qualquer informação que circule não conteste o funcionamento do sistema carnista. Todas as instituições, entre elas as médicas e educacionais, seguem cegamente esse raciocínio, visto que nunca nos deparamos com algum médico ou professor nos encorajando a questionar a normalidade, a naturalidade e a necessidade de se consumir carne para garantir pleno crescimento, desenvolvimento e manutenção do organismo. Sendo assim, Joy (2010) mostra que essa posição racional desses profissionais legitima o sistema ideológico invisível assim como faz daqueles que o desafiam parecerem extremistas radicais.

Quanto ao mito de que comer carne é natural, Joy (2010) explica que um sistema ideológico é normalizado na sociedade quando seus princípios são entendidos como normais, pois eles se tornam as normas sociais. Estas normas não são meramente descritivas, como podem parecer, mas ao contrário são prescritivas, ou seja, ditam como as pessoas devem agir. Vale ressaltar que normas não são inatas, assim como não provêm de leis divinas, são socialmente construídas, são criadas por pessoas e mantidas por pessoas, e dessa forma, operam conformando a sociedade para a manutenção da integridade do sistema.

Agir de acordo com esse dito normal é o caminho no qual encontra-se menos resistência, é a rota do piloto-automático que não reflete nem questiona tais normas, além de obscurecer caminhos alternativos, o que dá a impressão de uma não existência de outro caminho a seguir, o normal é comer carne pois essa é a única forma de alimentação existente para humanos. Aqueles que desviam da norma sofrem penalidades tanto nas práticas cotidianas como também socialmente. É muito mais fácil comer carne do que não a comer, não precisamos de muito esforço para encontrar a carne, contudo é preciso agir com um pouco mais de esforço para

encontrar alternativas de consumo livre de carnes. Por exemplo, em muitos restaurantes, o feijão é cozido com bacon e/ou linguiça e o arroz é preparado com banha de porco ou manteiga, ou seja, alimentos originalmente vegetais deixam de estar disponíveis para veganos e vegetarianos, o que torna a sua busca alimentar mais restrita simplesmente pelo fato da ideologia carnista ser invisível e por isso normalizada.

Além das penalidades práticas, o desvio da norma também causa penalidades sociais, já que vegetarianos e veganos precisam explicar, defender e até mesmo se desculparem pelas suas opções ideológicas, assim como são estereotipados como hippies, transtornados, estranhos e até mesmo anti-humanos. É mais fácil ser normal e estar em conformidade com a maioria carnista do que desviar desse caminho livre e ter que encontrar diversos obstáculos pela trajetória alternativa.

Quanto ao segundo mito de que comer carne é natural, Joy (2010) apresenta as justificativas para tal pensamento. Segundo a autora trata-se o ato de comer carne como algo natural do ser humano pelo simples fato do consumo de carnes ser uma prática cultural da humanidade há milhões de anos, contudo, a história não é invocada para justificar como natural outros atos não mais aceitos socialmente. Podemos citar a longa história da “naturalidade” das superioridades de algumas raças, sexo ou faixas etárias para justificar comportamentos discriminatórios e segregatórios, por exemplo.

O fato é que o natural traduz o justificável através do processo de naturalização que traz uma percepção de que algo simplesmente está seguindo as leis da natureza. Desta forma, a naturalização da ideologia carnista se apoia nessa base biológica, todavia muitos dos comportamentos naturalizados são de fato construídos socialmente, exatamente pelos grupos que se colocam no topo dessa hierarquia natural. A crença dessa superioridade biológica de alguns seres tem sido usada por séculos para justificar todos os tipos de violência e opressão, africanos eram naturalmente adequados para escravidão, judeus era naturalmente malignos capazes de destruir a Alemanha caso não fossem exterminados, mulheres eram naturalmente concebidas para serem propriedades dos homens, assim como os animais, ou melhor, alguns animais, naturalmente existem para serem comidos pelos homens.

A ideologia carnista se apoia na história, religião e ciência para legitimar o mito da naturalidade do ato de comer carne e assim se manter invisível como um sistema ideológico. Joy (2010) complementa que “a naturalização torna a ideologia histórica, divina e biologicamente irrefutável” (p.109, tradução própria).

O terceiro N dos mitos vai tratar da necessidade de comer carne, ou seja, comer carne é necessário para a sobrevivência da espécie humana. Joy (2010) afirma que “da mesma forma

que todas as ideologias violentas, essa crença reflete o paradoxo central do sistema: matar é necessário em função de um bem maior; a sobrevivência de um grupo depende da morte de outro” (p.109, tradução própria). Essa crença legitima o sistema tornando-o inevitável. Afinal de contas, se o consumo de carne além de normal e natural é necessário para que tenhamos saúde, é claro que ninguém é louco de inventar moda e dizer que as carnes não são vitais.

Joy (2010) ainda esclarece que ideologias violentas requerem participantes dispostos a adesão, contudo seria raro encontrar alguém interessado em causar sofrimento e morte de animais. As pessoas fazem parte desses sistemas violentos sem terem consciência que estão fazendo escolhas e não seguindo as leis na natureza. Muito antes, até mesmo, de aprendermos a falar e compreender o mundo a carne e outros alimentos de origem animal já nos foram impostos como comida normal, natural e necessária. Esses “padrões de pensamento e comportamento, estabelecidos em período anterior a termos a capacidade de agir como agentes livres, se entrelaçam no tecido de nossa psique, guiando nossas escolhas como uma mão invisível” (p.113, tradução própria). É preciso, então, sair do sistema carnista para encontrar novamente a nossa empatia e “fazer escolhas que reflitam o que verdadeiramente sentimos e acreditamos, ao invés, do que fomos ensinados a sentir e acreditar” (p.113, tradução própria).

O sistema ideológico carnista, segundo Joy (2010), é capaz de distorcer a realidade. A pesquisadora afirma que “só porque nós não vemos os animais que comemos, não significa que eles não existam; só porque o sistema nunca foi nomeado, não significa que não seja real; não importa o quanto se disseminem, nem o quanto de intensifiquem, os mitos da carne não são os fatos da carne” (p.116, tradução própria). Essa distorção da realidade e da nossa relação com os animais que o carnismo promove é o sistema de defesa que Joy (2010) conceitua de “Trio Cognitivo”: objetificação, desindividualização e dicotomização.

A objetificação é o processo de percepção de um ser vivo como um objeto inanimado, uma coisa. No sistema carnista esse processo de objetificação dos animais ocorre principalmente pela linguagem, atuando como um mecanismo de distanciamento. A terminologia carne para substituir a palavra animal tem um poder enorme de distanciar o animal vivo que precisa morrer para se transformar no pedaço de carne que colocamos no prato para comer.

O processo de objetificação dos animais também está presente nas instituições, legislação e políticas públicas. Um exemplo desse fato é que a lei classifica os animais como propriedade e assim é possível comprar, vender e até trocar animais como se fossem um carro ou partes de um carro. Essa percepção objetificada dos animais faz com que o uso de seus corpos para alimentação, por exemplo, possa ocorrer sem nenhum tipo de desconforto moral.

Desindividualização é o processo em que não se percebe mais o ser como uma unidade individual, mas sim como parte de um bloco uniforme único, uma abstração. A forma que percebemos os animais destinados ao abate para consumo humano é como se esses animais fossem um grande bloco sem face, sem personalidade, sem sentimentos. Tanto que quando se individualiza um animal, nos casos em que alguém visita a fazenda de um parente e por acaso acaba conhecendo o boi ou o porco que vai virar o almoço, há uma chance muito grande de se rejeitar o consumo deste animal, pois ele foi “percebido” como um ser individual assim como percebemos nossos animais de estimação.

O terceiro componente desse “Trio cognitivo” é a dicotomização que é descrito por Joy (2010) como o processo de categorizar as coisas e ou seres em dois polos opostos e dualísticos gerando emoções completamente opostas para cada um desses polos. No que diz respeito à carne, as duas categorias que criamos foi comestível e não-comestível, sendo que esta divisão categórica também é subdividida em outros pares dicotômicos. Por exemplo, dentro da categoria comestível, de uma forma geral, comem-se os animais domesticados e não os selvagens, comem-se os herbívoros e não os carnívoros, comem-se os não inteligentes²⁷, mas nunca os inteligentes como os golfinhos, comem-se os não tão bonitinhos, mas nunca os fofinhos como os gatinhos e coelhinhos.

Joy (2010) enfatiza que a tecnologia possui um papel relevante nesse processo de distorção cognitiva e distanciamento, porque os animais “literalmente se tornam unidades de produção em uma linha de desmontagem e abstrações porque o grande volume de animais mortos para a produção de carne inevitavelmente os desindividualiza” (p.124, tradução própria). Na verdade, foi a evolução tecnológica que permitiu a existência dessa produção em larga escala que mata bilhões de animais sem que testemunhemos uma única parte do processo. Desta forma, a tecnologia contribuiu bastante para aumentar esse distanciamento entre os valores e as atitudes, intensificando a dissonância moral que o sistema ideológico carnista objetiva obscurecer.

Essa distorção na percepção dos animais, que os entende como objetos, abstrações ou itens de categorias fixas, conforme a proposta teórica de Joy (2010), inibe qualquer tipo de identificação, que é um processo cognitivo no qual alguém percebe algo de si no outro e algo do outro em si. Quanto menos nos identificamos com o outro, menos temos empatia por esse

²⁷ Essas categorias são criadas com bases em crenças. Por exemplo, a ciência já provou que galinhas e porcos são extremamente inteligentes, contudo, as pessoas continuam os classificando como burros, sujos etc. Essa classificação ajuda a justificar e afastar qualquer tipo de desconforto para o consumo de tais animais, afinal de contas são comestíveis.

outro, fato que a psicologia identifica de princípio da similaridade.

Por outro lado, quanto mais empatia temos por algum animal, maior o sentimento de repulsa²⁸ para o ato de consumir tal animal. Joy (2010) esclarece que a “empatia é a fundação de nosso senso de moralidade e a repulsa é uma emoção moral” (p.127, tradução própria). Este é o motivo que integrantes da cultura ocidental acham tão repulsivo o fato de alguns orientais consumirem carne de cachorro, que é um animal de estimação muito frequente e muito adorado nos lares do ocidente.

5.3 O não conformismo-moral

O comportamento de alguém pode ser influenciado pela simples presença de outra pessoa, é o que afirma Jertfelt (2019). Segundo a autora, a psicologia social, em seus estudos sobre a influência do grupo no comportamento humano revela que tudo, desde a simples realização de tarefas cognitivas e físicas, até as percepções e estimulações são afetadas pela presença do outro. A explicação para essas variações, socialmente induzidas, no comportamento e cognição é a conformidade que de acordo com a autora “é quando uma pessoa age de determinada forma porque ela acredita que é o comportamento mais frequente de seus pares/grupo imediatos” (p.17, tradução própria).

Nessa concepção de conformidade não são necessariamente as ações dos outros que impactam e influenciam o comportamento do indivíduo que se conforma, mas sim, a experiência, a impressão ou crença de tais ações. Isso porque, na visão da psicologia, que tem como foco a mente humana, a base para as decisões sobre o pensar e o agir é o que o indivíduo acredita ser verdade, sendo esta crença “objetivamente” verdade ou não (Jertfelt, 2019).

A não conformidade, de acordo com a autora, pode ser entendida, erroneamente, como uma ausência de ação já que essa inatividade significaria não se conformar ao comportamento mais frequente. Contudo, muito pelo contrário, não se conformar, geralmente demanda um esforço muito maior já que há a necessidade de “ativamente defender um comportamento diferente daquele praticado pelos pares, ou resistir ao impulso de agir como todos os outros, e até mesmo se colocar em perigo por agir nessa contramão” (Jertfelt, 2019, p.18, tradução própria). A autora exemplifica essa questão com o não conformismo de veganos afirmando que é muito mais difícil não consumir carnes e outros produtos de origem animal do que o contrário

²⁸ A repulsa também é uma resposta inata para proteger o organismo da ingestão de substâncias prejudiciais, tais como fezes e alimentos estragados, contudo a repulsa de que a obra trata é a reação ao estímulo puramente ideacional ou psicológico.

já que é preciso realizar uma escolha ativa para enfrentar às mais variadas situações cotidianas – “dizer não à ceia de Natal, encontrar receitas e preparações que atendam à sua alimentação, levar seu próprio alimento para eventos festivos” (p.18, tradução própria). Ao contrário, conformar-se, ou seja, comer carne que é o que a maioria faz, é muito simples, já que não demanda nenhum tipo de iniciativa nem tomadas de decisão.

Contudo, como há muitas razões para a não conformidade, nem todas giram em torno de uma decisão consciente e ativa. A não conformidade pode ocorrer devido a uma falta de condições, capacidades ou habilidades sociais para se conformar a tal comportamento. A não conformidade estudada por Jertfelt (2019) e que atende aos propósitos desta pesquisa de doutorado é aquela em que é baseada em uma decisão ativa e consciente que a autora a descreve como “o ato consciente e ativo de uma pessoa em não agir como ela acredita que seus pares/grupo imediato estão agindo” (p.19, tradução própria).

Antes de incorporar o componente moral à definição de não conformismo, Jertfelt (2019) acreditou ser necessário discutir e esclarecer a concepção de moralidade adotada pelo seu trabalho. Primeiramente a autora esclarece que escolheu a terminologia moralidade e não ética para compor a definição deste conceito pelo fato de apresentarem diferenças relevantes, apesar de muitos usarem os termos alternadamente para descrever o mesmo conceito. A autora entende que a ética diz respeito àquilo “que é bom ou ruim, que deve ser a norma ou a motivação que sustente um comportamento moral” (p.20, tradução própria), ou seja, está situada em um nível reflexivo e filosófico, enquanto a moralidade concerne à “como praticamos o que acreditamos ser bom ou ruim” (p.20, tradução própria), estando situada em um nível comportamental, como uma determinada cultura coloca em prática as suas visões filosóficas de mundo.

Em virtude de Jertfelt (2019) ter como objetivo explicar a motivação ou significado que sustentasse um comportamento visto como moral pelo indivíduo, ela entende que a terminologia moralidade se adequa mais para suas ações, apesar de suas ações morais estarem baseadas em uma ética individual ou coletiva. Ela acrescenta ainda que moral ou moralidade faz referência a um conjunto de regras de conduta para uma sociedade, um grupo ou um indivíduo, sendo que essas regras podem ser normativas, ou seja, implicam um certo e errado ou são apenas descritivas sem implicar nenhum valor axiológico.

Jertfelt (2019) define a ação moral como aquela realizada por livre decisão do indivíduo produzindo consequências positivas para alguém que não ele, contudo ela não traz uma definição de moralidade, visto se posicionar dentro da corrente relativista de moralidade, ou seja, o que é certo ou errado depende da pessoa, da situação, da temporalidade e da cultura.

Após essas reflexões sobre moralidade, Jertfelt (2019) introduz esse elemento moral na conceituação de não conformismo moral, e o define como

o ato consciente e ativo de uma pessoa em não agir como ela acredita seus pares/grupo imediato estão agindo. Este ato é motivado por um sentimento e/ou crença de que o que seus pares/grupo imediato estão fazendo é moralmente errado, e/ou que o ato de não conformidade é moralmente correto (Jertfelt, 2019, p.35, tradução própria).

A autora explica que o não conformismo moral pode ser dividido em quatro categorias que consistem em uma combinação de duas dimensões. A primeira dimensão contempla o não conformista moral como uma pessoa individual agindo na contramão de um grupo ou de um pequeno grupo agindo contrariamente a um grupo maior, já a segunda dimensão agrupa os não conformistas segundo a expectativa de retaliação/consequências negativas ou não devido ao seu comportamento.

O quadro 2, a seguir, ilustra essa categorização do não conformismo moral segundo Jertfelt (2019).

Quadro 2 - Categorias do não-conformismo moral

	Individual	Pequeno grupo
Risco de retaliações	<p><i>Categoria 1</i></p> <p>Uma pessoa agindo individualmente na contramão de um grupo maior correndo risco de retaliação.</p> <p>Exemplo: delator</p>	<p><i>Categoria 2</i></p> <p>Um membro de um grupo menor agindo na contramão de um grupo maior correndo risco de retaliação. Exemplo: membros de grupos de desobediência civil</p>
Sem risco de retaliações	<p><i>Categoria 3</i></p> <p>Uma pessoa agindo individualmente na contramão de um grupo maior sem risco de retaliação.</p> <p>Exemplo: veganos</p>	<p><i>Categoria 4</i></p> <p>Um membro de um grupo menor agindo na contramão de um grupo maior sem risco de retaliação. Exemplo: rede de apoio aos imigrantes ilegais na Suécia</p>

Fonte: Jertfelt (2019)

Jertfelt (2019) categoriza o não conformismo moral do vegano como uma forma de pensar e agir na contramão do grupo dominante sem sofrer nenhum tipo de retaliação. Retaliação essa que se enquadra nas punições e consequências na ordem do físico e material. De fato, não temos relatos que veganos sofram esses tipos de retaliações somente pelo fato de serem veganos. Contudo, diversas outras consequências negativas existem sim para os veganos, conforme até já vimos no estado da arte e como veremos ao longo da pesquisa, principalmente no que tange a vistoria, a ser tratada na próxima seção. Sendo assim, é preciso uma reflexão

mais detalhada expandindo talvez essas particularidades da categorização.

Após analisar seus dados, a pesquisadora, observou que catalizadores, ou situações desencadeadoras, são facilitadores, mas não necessários para o não-conformismo moral. Dentre os seus participantes de pesquisa classificados como veganos, Jertfelt (2019) pode verificar, por exemplo, que um documentário sobre as condições de vida dos animais para consumo humano foi o catalizador para uma das participantes. Ao tomar conhecimento sobre as condições cruéis aos quais esses animais são submetidos a participante passou a enxergar que consumir os animais não seria uma atitude moral, apesar da maioria populacional seguir esse caminho. Ambas as participantes veganas de sua pesquisa relatam que entendem que comer carne é errado tendo como base o conhecimento adquirido e afirmam que sabendo o que já sabem seria impossível comer carne.

Por fim, vale ressaltar que as motivações e caminhos para ser um não-conformista moral são diversos, contudo, conforme Jertfelt (2019) afirma em sua tese, padrões emergem nas pesquisas e ajudam o pesquisador a enriquecer a compreensão dos resultados, neste caso, o não-conformismo moral. Em sua pesquisa, observando as motivações e características dos participantes de cada grupo, ela dividiu os diferentes tipos de comportamento não-conformista moral em 6 grupos, sendo um deles o grupo dos veganos, que possuem motivações, valores, atitudes e comportamento específicos.

5.4. Vistopia

A vistopia é um conceito criado pela psicóloga Clare Mann em 2015 para descrever a experiência de um vegano em um mundo não vegano. Ela a conceitua como a “1. crise existencial vivida por veganos, decorrente da consciência do conluio em um mundo distópico em estado de transe; 2. consciência da ganância, exploração animal onipresente e do especismo em uma distopia moderna” (Mann, 2015, p.10, tradução própria). Contudo, trazer o conceito sem contextualizar a sua origem simplifica demais a discussão, deixando muitas lacunas sobre o seu entendimento e suas conexões com outros conceitos teóricos e questões sociais. Em razão disso, nesta seção irei trazer inicialmente as motivações da autora para pensar em tal conceito, para em seguida descrever o que é a vistopia e suas implicações na vida do vegano.

A psicóloga, ao se tornar vegana, começou um trabalho de ativismo pelos animais através de palestras, festivais etc. Nesta empreitada ela começou a perceber não apenas a busca de veganos por atendimento psicológico para saber como lidar com a angústia que passou a acompanhá-los pelo fato de terem conhecimento de toda a crueldade empregada aos animais para uso humano, mas também e principalmente a dificuldade de encontrar um profissional que

os tratassem com respeito. Isso porque ela recebeu incontáveis relatos de veganos que tiveram suas dores menosprezadas por tais profissionais, diagnósticos equivocados, entre eles desordens alimentares e autopunição, e ainda o aconselhamento de que para se sentirem melhor não deveriam julgar o mundo e as pessoas tão severamente.

Sendo assim, ela sentiu a necessidade de nomear esse fenômeno, já que essas pessoas não apresentavam nenhum tipo de doença psicológica, elas na verdade, segundo a autora, demonstravam a reação normal que qualquer pessoa poderia ter ao se deparar com toda a violência e sofrimento vivenciada pelos animais ao serem usados e mortos para consumo não essencial de humanos. Ela, então, nomeou de *vistopia* esse desespero existencial e começou a dedicar seus estudos na psicologia no intuito de encontrar soluções para esses veganos e para evitar a medicalização dessa condição.

A psicóloga traça um paralelo entre o vegano e um estrangeiro em uma terra estranha, ou seja, todos os sentimentos de isolamento, medo, pânico, desespero, ansiedade e aflição que podem atingir uma pessoa nessa situação também podem atingir veganos. Isso acontece porque para veganos o mundo em que viviam em harmonia, de uma hora para outra, após “o despertar” se tornou uma terra estranha. Veganos não mais enxergam um pedaço de carne no prato da refeição, mas sim parte do corpo de um animal que um dia viveu e foi morto para estar ali, leite e queijo trazem imagens de uma vaca mãe sofrendo dores físicas e emocionais por ser proibida de estar e amamentar seus próprios bezerros, o couro do sofá que um dia foi confortável e belo somente lembram a pele de um animal que morreu e todas as vezes que vão lavar as mãos ouvem os esguichos de coelhos ao terem seus olhos usados para testarem produtos. E essas histórias de horror para os veganos só aumentam quando outras pessoas subestimam ou fazem piadas por sua sensibilidade.

Mas, será então que é possível se sentir “em casa” e seguro novamente vivendo em um mundo que não é vegano? A psicóloga que se dedica a compreender esse “trauma psicológico de veganos navegando em uma terra estranha” (Mann, 2015, p.33, tradução própria) afirma que sim. Segundo ela é possível criar alívio, conforto, prazer e satisfação vivendo em um mundo não vegano ao criar estabilidade, pertencimento e conexão com mentes semelhantes. Veganos que não fazem conexões com pessoas que realmente os entendem estão em risco de desenvolver ansiedade, depressão ou sofrimento originando formas crônicas de doenças mentais.

A experiência clínica da psicóloga a possibilitou traçar um padrão da natureza e intensidade do sofrimento de veganos. Segundo ela, praticamente todos os veganos que sofrem de *vistopia* relatam ter tido seus olhos abertos para a crueldade sistematizada a que os animais são submetidos em nossa sociedade. Esse sofrimento inicial é intensificado quando ao tentarem

compartilhar essa informação e sentimento com amigos e familiares, ao invés de receberem apoio e conforto, receberam como resposta escárnio, críticas e fúria. Portanto, sentimentos de frustração e impotência podem se transformar em uma tristeza profunda na medida em que esses indivíduos não conseguem lidar com o fato de que pessoas amadas por eles sejam capazes de financiar a exploração e morte de animais.

Os sintomas mais comuns são: dor profunda, angústia mental, depressão, ansiedade, automedicação, raiva e desespero, autopunição, pensamentos suicidas, desesperança, solidão e transtorno de estresse pós-traumático. Contudo, segundo Mann (2015), esses sintomas apresentam uma causa, que é o fato de ser vegano, e, portanto, merece uma definição específica para que veganos não sejam taxados de doentes mentais, não recebam diagnósticos errôneos, não recebam medicações desnecessárias, e principalmente para validar a experiência de ser vegano em um mundo não vegano.

A psicóloga se apoia no campo filosófico do existencialismo para facilitar a discussão e compreensão da vistoria. De forma bem resumida, segundo Mann (2015), o existencialismo vai explicar a angústia de um indivíduo quando seus olhos se abrem para uma realidade de natureza “não objetiva”. Ou seja, quando um indivíduo experencia outras culturas, ele é forçado a aceitar que construções sociais como família, relacionamentos, religião e práticas sociais vão diferir baseadas na visão coletiva que as pessoas escolhem para si.

Sendo assim, quando o indivíduo percebe que a sua “realidade” e o seu “mundo” não são fixos e nem os únicos existentes diversas reações podem surgir. De acordo com Mann (2015), esses indivíduos ou negam essa natureza incerta da realidade e tentam fixá-la através de valores enraizados, crenças religiosas e intolerância ou tentam viver de forma mais autêntica com a consciência de que estamos imersos em um sistema de co-construção de significados. Para que o vegano possa viver sem tanto sofrimento em um mundo não vegano e em harmonia com amigos e familiares não veganos é preciso que ele também mude a sua perspectiva criando um mundo em que ele se sinta pertencido e acolhido.

Além dos sintomas já mencionados, a psicóloga acrescenta que veganos sofrendo de vistoria experenciam um afastamento de não veganos, isso porque alegam que se seus conhecidos de fato entendessem as questões levantadas por eles quanto ao veganismo, eles também se tornariam veganos. Como consequência surge outro sintoma que é a misantropia, sentimento de aversão e falta de esperança na espécie humana por ser capaz de tamanha crueldade apenas para manter tradições, agradar o paladar e por conveniência.

Outros sentimentos que rondam o vegano é a culpa por terem consumidos animais por tanto tempo em suas vidas antes de terem “despertado” para o veganismo e a culpa por acharem

não fazer o suficiente para salvar cada vez mais animais. Além disso, também passam a não terem mais prazer em atividades regulares do dia a dia como celebrações em família e feriados, tanto por estarem centralizadas na exploração e morte de animais como também pelo fato de acharem que não há como ter prazer em atividades sociais enquanto tantos animais estão sofrendo e morrendo. A raiva e a tristeza pelo fardo de ter conhecimento sobre tanta crueldade implicada aos animais soma-se ao sentimento de impotência, principalmente quando profissionais de saúde minimizam e desconhecem questões levantadas por esses veganos.

Mann (2015) explica também que não é somente a questão alimentar que traz sofrimento para a vida do vegano, são inúmeras as atividades que promovem gatilhos para o sofrimento de veganos, e por isso justificam o porquê de ser tão difícil para um vegano viver em um mundo que não é vegano. Atividades comuns tão prazerosas e divertidas para não veganos se tornam uma angústia e horror para veganos, pois estes, além da atividade em si, enxergam o sofrimento, exploração e morte de tantos animais. Portanto, atividades como celebrar comemorações tradicionais, ir ao supermercado e até mesmo uma tarde no shopping pode trazer muito sofrimento para um vegano. O vegano vai focar no peru morto que está no centro da mesa da ceia de Natal, nos pedaços de animais mortos expostos do frigorífico do supermercado e nos animais que sofreram e morreram para oferecerem parte do seu corpo para fabricar bolsas e sapatos que irão compor as vitrines das mais diversas lojas.

Nesse contexto, os relacionamentos se colocam em lugar de destaque para o sofrimento de veganos já que estamos em constante relacionamento interpessoal nas diversas atividades tanto rotineiras quanto esporádicas. Segundo Mann (2015) “os relacionamentos podem ser fonte de prazer, crescimento e sentimento de pertencimento” (p.58, tradução própria), mas também podem ser “fonte de conflito, infelicidade e sofrimento” (p.59, tradução própria). Essas relações existem desde que nascemos e não se limitam à outras pessoas, mas também ao nosso entorno. Construimos a nossa identidade nessa relação com o mundo, com seus sistemas de crenças e diferentes ideologias.

Trazemos essas expectativas e formas de interpretar o mundo para todas as nossas relações com outras pessoas. A psicóloga acrescenta que os valores parecem ser o centro dessas relações tornando-as satisfatórias e positivas ou sendo causa de seu término. O veganismo é um valor muito forte, sendo raramente renunciado, mesmo na presença de crítica, depreciação e ridicularização, levando a perda de intimidade com pessoas muito próximas e até mesmo término de relacionamentos importantes.

Segundo a autora, o veganismo é um valor muito forte, porque está “emocionalmente conectado com o sofrimento de animais” (Mann, 2015, p.61, tradução própria). As ações dos

veganos, a partir do “despertar”, passam a ser decisivas para a promoção ou para o fim do sofrimento animal. Armados com seus valores, veganos se deparam com muitos desafios nesses relacionamentos com família, amigos, companheiros, colegas etc.

As crenças e atitudes de veganos desafiam as normas sociais que direcionam a vida da maioria das pessoas, portanto

tornar-se vegano exige do indivíduo mudanças nas formas de pensar e agir que vão afetá-lo em seu cotidiano. A cada dia, o vegano realiza escolhas para buscar produtos e serviços que não abusem diretamente ou indiretamente dos animais, o que consome tempo e energia. Para o vegano ético, isto não é um problema, contudo para alguém que não sofre com o uso de animais, pode ser visto como uma inconveniência e sem a mínima importância. O vegano também aprendeu a questionar outras crenças sociais tomadas como certas [...]. Em nosso mundo sem tempo, as pessoas ou estão muito cansadas, indiferentes, ou confusas para questionar a norma. O vegano é o delator que não apenas nos implora para mudar, mas também questiona tudo, o que para muitos é bastante doloroso levando-os a navegar sem recursos por uma profunda crise existencial (Mann, 2015, p.90-91, tradução própria).

Por fim, Mann (2015) vai apontar que confundir valores de uma pessoa vegana com inflexibilidade psicológica, que é a dificuldade de mudar de opiniões e comportamento, é outro grande problema e constantemente verificado em sua prática clínica. Segundo a psicóloga, valores como antiespecismo e libertação animal são genuínos e constituem a base moral mais fundamental da vida vegana.

6 EMBASAMENTOS TEÓRICOS DE LINGUAGEM

Esse capítulo é dedicado ao aporte teórico linguístico que irá guiar as análises e reflexões deste estudo. Empreendo esse percurso teórico inicialmente situando a pesquisa dentro do campo da análise do discurso de base enunciativa que traz uma visão de discurso como “uma forma de representação, de ação e de identificação” (Magalhães, 2020, p.15). Em seguida, trago reflexões articulando as noções de ethos discursivo (Maingueneau, 2019) e percurso ético (Holanda, 2020). Posteriormente, entram em cena as concepções de narrativa (Bertaux, 2010; Bruner, 2014) e autobiografia (Arfuch, 2010; Maia-Vasconcelos, 2022) que situam o corpus da pesquisa dentro de uma grande constelação de textos sobre o falar de si com suas especificidades na construção de sentidos e na sequência discorremos sobre o posicionamento narrativo (Maia-Vasconcelosa, 2022). Por fim, pensando na fala que “age” sobre o outro tomamos a concepção da análise do discurso que ao se voltar para a argumentação, não tem “a intenção de estabelecer o modelo de processos de validação, mas de relacioná-los a um gênero do discurso histórica e socialmente situado, de integrá-los na complexidade de um funcionamento discursivo que mobiliza parâmetros de diversas ordens” (Maingueneau, 2011, p.71).

6.1 Situando a pesquisa dentro da análise do discurso

Iniciamos esta etapa do percurso trazendo o enquadre teórico linguístico no qual essa pesquisa se insere. Maingueneau (2015) inicia o prefácio de um de seus livros dizendo que

houve na história grandes conjuntos de saberes e de práticas destinados ao estudo dos textos: no Ocidente, lembramos logo da retórica e da filologia, que chegaram até nós. Desde os anos 1960, um novo campo de pesquisa se desenvolveu com o nome de “análise do discurso” ou, mais recentemente, de “estudos do discurso”. Não se trata de uma simples extensão da linguística a dados que até então ela não levava em conta, como se, para retomar os termos de Saussure, uma “linguística da fala” tivesse vindo completar uma “linguística da língua”. Trata-se antes de um empreendimento fundamentalmente transdisciplinar, para alguns, pós-disciplinar, que atravessando o conjunto das ciências humanas e sociais e das humanidades, vai contra a tendência da divisão do saber em domínio cada vez mais especializados (Maingueneau, 2015, p.9).

Nessa sua fala, o autor parece deixar claro a sua visão da inoperância de se traçar limites entre disciplinas quando se trata de estudar o discurso. Isso porque, exatamente, como explicitado em sua citação, o discurso atravessa fronteiras se inserindo nos mais diversos domínios da vida e nós pesquisadores do discurso nunca teremos um olhar neutro para os nossos objetos de estudo, mas sempre, um olhar específico a partir de determinado ponto de vista. Mas

esse ponto de vista não necessariamente está relacionado a enfoques diferentes de um determinado campo por sua amplitude, mas conforme Orlandi (2009) aponta, esses pontos de vista estão muito mais relacionados a questões ideológicas. E é por isso que se debruçar sobre os estudos do discurso é de certa forma se colocar em uma “encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro” (Orlandi, 2009, p.10).

O discurso, até mesmo aquele que não se diz, é um “movimento de sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjunção e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios” (Orlandi, 2009, p.10). Mas, afinal, o que é então esse discurso que queremos estudar? É a “palavra em movimento” (Orlandi, 2009, p.15), é o “homem falando” (p.15) e analisar esse discurso é exatamente “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (p.15).

Falar em sentido, que não é definido como algo em si mesmo, mas “em relação à”, exige que entendamos que para estudar o discurso e seus sentidos é preciso articular diferentes campos de conhecimentos: o campo teórico da sintaxe, da enunciação, da ideologia e por fim o do discurso que, como já vimos, vai inserir historicamente os processos de significação. Porém, toda essa articulação de saberes, só vai fazer sentido se entendermos que tudo isso é atravessado em conjunto por um sujeito que também tem uma natureza psicanalítica, ou seja, como diz Authier-Revuz (1990) um sujeito dividido, já que sempre sob suas

palavras, “outras palavras” são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso, através da qual a análise pode tentar recuperar os indícios da “pontuação do inconsciente”. Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa da linguagem, efeito da linguagem (Authier-Revuz, 1990, p.28).

Sendo assim, o interesse específico que rege a análise do discurso “é relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis (Maingueneau, 2015, p.47), ou seja, o objeto da análise do discurso não vai ser nem o funcionamento textual, nem a situação de comunicação, mas sim, “o que os amarra por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional” (Maingueneau, 2015, p.47). O teórico, para não deixar dúvidas do campo de estudo da análise do discurso, ainda acrescenta que pensar esses lugares sociais independentemente das falas seria

um reducionismo sociológico e pensar as falas independentemente dos lugares dos quais são parte pregnante, ao contrário, seria um reducionismo linguístico. Segundo ele, “quer entremos no discurso pelo viés de sua inscrição social ou pelo dos funcionamentos linguísticos, somos levados, de um modo ou de outro, a encontrar sua outra vertente” (p.47).

Sendo assim, o discurso que almejo analisar vai ser esse lugar de encontro, em que é possível observar essas articulações entre a língua e os lugares sociais impregnados de suas ideologias (Althusser,1980; Van Dijk, 2015), representações sociais (Moscovici, 2015), e/ou imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2017)²⁹, compreendendo como a palavra através de seu movimento discursivo é capaz de produzir tantos efeitos de sentidos para os sujeitos. E é exatamente essa “opacidade do discurso, que não é redutível à língua, nem a instâncias sociais ou psicológicas” (Maingueneau, 2008, p.31), que funda toda verdadeira análise do discurso.

6.2 O ethos e o percurso ético na análise do discurso

A noção de ethos surge dentro da tradição retórica, contudo a análise do discurso se apropria desta concepção a inserindo dentro de um enquadre um pouco diferente. Maingueneau (2019) iniciou suas reflexões sobre o ethos na década de 1980 questionando e entendendo como particularmente simples e até trivial “a ideia de que, ao falar, um locutor ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo procurando controlá-la” (p.12). Contudo, segundo ele, é comum recorrermos a essa noção de ethos, já que ela constitui uma dimensão de todo ato enunciativo.

Ciente deste fato envolvendo a noção de ethos, Maingueneau vai propor que

se quisermos de fato explorá-la, torná-la operacional, somos obrigados a inscrevê-la numa problemática precisa, privilegiando esta ou aquela faceta, em função, ao mesmo tempo, do corpus que nos propomos a analisar e dos objetivos da pesquisa que conduzimos, mas também da disciplina, isto é, do que é corrente no interior da disciplina em que se insere a pesquisa. Uma análise do discurso como a que pratico não pode apreender o ethos da mesma maneira que uma teoria da conversação ou uma análise do discurso de inspiração psicossociológica. O importante, quando somos confrontados com essa noção, é definir por qual disciplina ela é mobilizada, no interior de que rede conceitual e com que olhar (Maingueneau, 2019, p.12)

²⁹ Cada um desses conceitos possui suas especificidades que os diferenciam. Não é meu objetivo aqui tratar de cada um deles e muito menos de suas diferenças, mas ao contrário, agrupá-los pelo que têm em comum e entendê-los como uma única e ampla concepção – apreensão e significação do mundo a significar através de pontos de vistas únicos, de matrizes de sentido, de experiências e conhecimentos sócio-histórico-culturais únicos. Ou seja, os termos ideologia, representações sociais e imaginários sócio discursivos, todos vão lidar com um sistema de representações para construir simbolizações do “real”.

Durante suas reflexões sobre a concepção de *ethos*, Maingueneau (2019) observa que muitas vezes a concepção de *ethos* da análise do discurso vai frequentar os mesmos *corpora* e encontrar as mesmas problemáticas dos estudos da argumentação, contudo o teórico se debruça neste estudo com interesses distintos. Sendo assim, o autor propõe que a noção de *ethos*, além da persuasão por argumentos, “permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (p.69).

Foram duas as razões que levaram Maingueneau (2019) a recorrer a essa noção de *ethos*, o seu laço crucial com a reflexividade enunciativa e a relação entre corpo e discurso que ela implica. Segundo ele “é insuficiente ver a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso apenas como estatuto ou papel” (p. 70), pois esta instância vai se manifestar tanto como “voz” e como “corpo enunciante” que é historicamente especificado e inscrito em uma situação que é pressuposta e validada progressivamente por sua enunciação.

O discurso, oral ou escrito, possui uma vocalidade específica que implica um corpo enunciador, uma instância subjetiva encarnada que vai exercer o papel de fiador. Esse fiador que é construído pelo leitor com base em indícios textuais de diversas ordens é investido de um caráter (traços psicológicos) e de uma corporalidade (movimento no espaço) que se apoiam “sobre um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar” (Maingueneau, 2019, p.72).

Maingueneau (2019) traz assim a ideia de incorporação, que segundo ele vai designar a forma pela qual o coenunciador vai se relacionar ao *ethos* de um discurso, que se dá através de três registros indissociáveis. Primeiramente a enunciação de um texto é capaz de conferir uma corporalidade ao fiador, ou seja, lhe dá um corpo. Em seguida o coenunciador incorpora trazendo para habitar em seu próprio corpo um conjunto de esquemas correspondentes à uma maneira específica de se relacionar com o mundo construindo assim os sentidos. E por fim, as duas incorporações anteriores vão possibilitar “a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso” (Maingueneau, 2019, p.73).

É nesse processo, segundo o autor, que se constrói o posicionamento discursivo, já que “o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido” (Maingueneau, 2019, p.73). E é dessa incorporação que nasce o poder de persuasão de um discurso devido a essa identificação do leitor “com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (p.73). O discurso é esse acontecimento que se inscreve

em uma configuração sócio-histórica não podendo dissociar a organização de seus conteúdos e o modo de legitimação de sua cena discursiva.

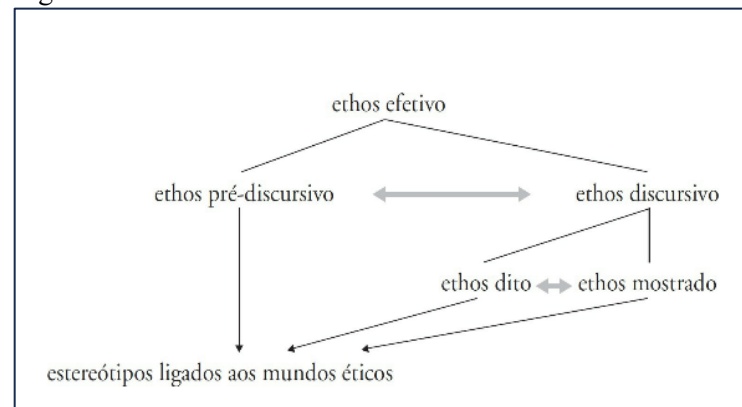
Fazer do ethos simplesmente um meio de persuasão não se encaixa neste trabalho e nem na perspectiva da análise do discurso. Esta tese assume a visão de Maingueneau (2019) de que o ethos “é parte constitutiva da cena de enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência” (p.75). Por meio do ethos, o destinatário é convocado a um determinado lugar, inscrito na cena da enunciação que o texto constrói. Essa cena de enunciação, segundo Maingueneau (2020) é divisível em cena englobante, cena genérica e cenografia. De acordo com o teórico

a “cena englobante” confere seu estatuto pragmático à enunciação, integra a um tipo de discurso, a uma esfera de atividade: publicitária, administrativa, filosófica [...] A *cena genérica* é a das normas constitutivas de um gênero ou de um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica [...] Quanto à *cenografia*, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão só pode ser enunciado por meio de uma cenografia magisterial, profética, amigável etc. Normalmente, a cenografia deve ser legitimada ou relegitimada pela própria enunciação que sobre ela se apoia: o universo construído pelo enunciado deve especificar e validar a cenografia através da qual ele surge (Maingueneau, 2020, p.19).

Sendo assim, o ethos efetivo que é incorporado pelo destinatário não se limita a uma simples identificação a uma personagem fiadora, “implica um “mundo ético” do qual o fiador é parte prenante e ao qual ele dá acesso” (Maingueneau, p.65). Esse mundo ético ativado no momento da enunciação, que diz respeito às representações sociais estereotipadas dos mais variados comportamentos humanos, vão constituir o ethos pré-discursivo que somado ao ethos discursivo vão constituir o ethos efetivo.

Já o ethos discursivo é constituído pelo ethos mostrado e pelo ethos dito que é evocado na enunciação diretamente ou indiretamente. Maingueneau (2019) explica que “é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o puramente “mostrado” pela enunciação” (p.18), inscrevendo essa distinção nos extremos de uma linha contínua entre o dito e o mostrado. A imagem a seguir ilustra essa interação dos fatores para a constituição do ethos efetivo.

Figura 5 - O ethos efetivo



Fonte: Maingueneau, 2019, p.19.

Pensando na diversidade de predicados capazes de caracterizar um ethos levando a uma proliferação descontrolada, Maingueneau (2020) propõe uma análise mais eficaz para todos os tipos de texto e para isso atribui ao ethos três dimensões - categorial, experiencial e ideológica - que interagem fortemente e que são mais ou menos destacadas a depender do texto em análise. Nessa proposta a dimensão categorial abrange tanto os papéis discursivos, ligados à atividade de fala, e, portanto, à cena genérica (animador, narrador, pregador), quanto os estatutos extradiscursivos, que podem ser de natureza muito variada (pai de família, médico, camponês etc). A dimensão experiencial do ethos recobre as caracterizações sociopsicológicas estereotipadas (bom senso, lentidão, agressividade, estupidez, mansidão etc). Por fim, a dimensão ideológica remete a posicionamentos (no campo político: feminista, esquerdista, conservador etc; no campo literário: romântico, naturalista etc).

Em função de toda o seu percurso se debruçando sobre o conceito do ethos, Maingueneau (2020) é capaz de avaliar que ao se apoderar do ethos, a análise do discurso enriqueceu sua metodologia, mas por outro lado precisou refletir e questionar sobre os problemas causados por sua aplicação a todas as espécies de manifestações do discurso. Segundo ele, a área de rendimento máximo para o estudo do ethos “é aquela onde, através de textos escritos ou orais, se define uma identidade individual ou coletiva que, por um trabalho de posicionamento implícito ou explícito, deve fazer “boa figura”, mostrar uma forma coerente e significativa para determinada coletividade” (Maingueneau, 2020, p.168).

E é esta concepção de ethos que sustenta e embasa esta pesquisa de doutorado. São vários os motivos para justificar a produtividade do conceito de ethos na descrição e compreensão da construção do “ser vegano em um mundo que não é vegano” através das suas narrativas autobiográficas. O primeiro motivo lida com o fato da narrativa autobiográfica não

ser um gênero discursivo que limite e traga imposições ao ethos, mas sim um campo discursivo amplo que traz mais liberdade e mobilidade para o ethos do narrador.

Além disso, a noção de ethos trazida por Maingueneau não o reduz a uma simples interpretação e decodificação de enunciados, mas “apanhado num ethos envolvente e invisível, o coenunciador faz mais do que decifrar conteúdos: ele participa do mundo configurado pela enunciação, ele acede a uma identidade de algum modo encarnada, permitindo ele próprio que um fiador encarne” (Maingueneau, 2019, p.29). O autor ainda acrescenta que

por sua própria maneira de se enunciar, o discurso mostra uma regulação eufórica do sujeito que o sustenta e do leitor que ele pretende ter. O ethos faz passar esquemas que se supõe que agem à margem dos conteúdos, mas que impõem uma figura à fonte do Verdadeiro: o universo do discurso toma corpo ao colocar em cena um discurso que deve encarnar sua verdade por meio da enunciação, que não pode ser acontecimento e persuadir, a não ser que ela permita uma incorporação (Maingueneau, 2019, p.91).

Esse posicionamento se distancia da concepção de discurso que é capaz de argumentar e persuadir através de procedimentos e estratégias desconectando seus conteúdos de suas cenas de enunciação. O poder de persuasão de um discurso nasce dessa identificação do destinatário com o movimento de um corpo investido de valores historicamente especificados.

Para complementar e enriquecer a concepção de ethos desta pesquisa e enxergando uma produtividade em tal diálogo, incorporo a ideia de percurso ético proposta por Holanda (2020). O pesquisador em sua tese de doutorado encontrou algumas dificuldades para conseguir decidir o que ele deveria de fato chamar de ethos, temendo reduzir a riqueza das imagens encontradas criando ou fortalecendo estereótipos. Ao tentar se adequar às categorias propostas por Maingueneau (2018) também percebeu que reduziria “o caráter misterioso e fascinante das narrativas de vida: sua dinamicidade, transformação, a organização de seres e ações em um percurso de relações circunstanciais” (Holanda, 2020, p.141).

Sendo assim, Holanda (2020), considerando esse aspecto dinâmico, multifacetado e produtivo das narrativas de vida, decidiu apresentar a construção dos éthe que apreendeu na forma de percurso. Ele propôs chamar o desenvolvimento das imagens construídas pelo autor-narrador de percurso do ethos. A proposta é “enxergar o ethos em situações de interação ou textos longos não como uma, duas ou algumas unidades que surgem, mas como um percurso em que várias imagens são projetadas pelo narrador, algumas conscientemente, outras não” (p.141). Segundo o pesquisador, algumas dessas imagens podem facilmente ser associadas aos estereótipos que fazem parte do mundo ético, facilitando a identificação e nomeação, contudo, surgem outras que devem ser tratadas como secundárias ou simples atributos da imagem principal.

Com essa proposta Holanda (2020), considerando a situação específica na qual várias imagens são formadas, visa evitar que o pesquisador acabe filtrando as imagens mais relevantes para seus objetivos de pesquisa. É evidente que conceito teórico nenhum é capaz de dar conta de todos os possíveis efeitos do discurso, contudo essa concepção de percurso ético traz em seu cerne a negação de imagens estáticas, pelo contrário, traz um olhar para a fluidez e movimento presente na concepção de ethos.

6.3 O campo biográfico do narrar sobre si

Como nesta tese de doutorado me debruço sobre a construção do ethos em narrativas autobiográficas é preciso refletir e entender o que são e como funcionam esses textos que contam histórias e falam de si. Para iniciar essa reflexão me apoio em Bruner (2014) que afirma que começamos a conviver com as histórias bem cedo em nossas vidas e que após essa introdução ao mundo narrativo ele nunca mais nos deixa, já que “nós as ouvimos uma atrás da outra, as contamos para mais alguém assim que chegam aos nossos ouvidos - sejam elas verdadeiras ou falsas, reais ou faz-de-conta, acusatórias ou clementes, nós as passamos adiante” (Bruner, 2014, p.13). Segundo o autor, nós aderimos às narrativas de tal forma em nossas vidas que “ela parece ser quase tão natural quanto a própria linguagem” (p.13).

Barthes (2011 [1971]), similarmente, dizia que “são inumeráveis as narrativas do mundo” (p.19). Segundo o autor, as narrativas podem ser materializadas a partir de uma “variedade prodigiosa de gêneros”, e já adiantando as multimodalidades que viriam a surgir na atualidade, afirmava que poderiam ser sustentadas pela “linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (p.19). Além disso, segundo Barthes, sob essa variedade de

formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas (Barthes, 2011 [1971], p.19).

Contudo, dentre essas histórias, temos aquelas que tratam de um “eu”, que segundo Bruner (2014), pode aparentemente ser de fácil descrição, contudo quando surge o momento para tal definição, o melhor que alguém consegue fazer é apontar um dedo para a própria testa ou peito. Essa arte narrativa da criação do eu tem origem tanto no interior quanto no exterior. O aspecto interior dessa criação é constituído pela memória, sentimentos, ideias, crenças e

subjetividade, já a parcela da autoconstrução que vem de fora para dentro vai se basear “na estima aparente dos outros e na miríade de expectativas que nós, desde cedo, até mesmo sem pensar, recolhemos da cultura em que estamos imersos” (Bruner, 2014, p.75).

Esses atos narrativos também são guiados por modelos culturais implícitos, não verbalizados, que ditam algumas regras do que deveria ser e do que não deveria ser, porém, o próprio autor enfatiza, que esses mandamentos sociais da construção de si não são comandos rígidos, deixando sempre uma ampla margem de manobra, que é o elemento responsável por estabelecer a nossa singularidade nessa autoconstrução.

Dentro desse “equilibrismo” (Bruner, 2014, p.89) da narrativa de autoconstrução, o “eu,” além de conviver com modelos e expectativas, liberdades de escolhas e possibilidades, também precisa se relacionar com um mundo repleto de outros “eus”, entre eles, a família, as instituições, o passado etc. Esse compromisso com os outros que vai de alguma forma limitar a autonomia do “eu” que narra e se autoconstrói, mas também criar a singularidade do “eu”, ou seja, há sempre esse balanço entre a autonomia e o compromisso nessa construção narrativa de si.

E por que a narrativa é tão essencial? Por que precisamos dela para nos definir? Bruner (2014) responde essas perguntas afirmando que “é através da narrativa que nós criamos e recriamos a individualidade; que o eu é produto de nosso contar, e não uma essência a ser perscrutada nos recônditos da subjetividade” (p.96). O autor ainda acrescenta que sem essa capacidade de fabricar histórias sobre nós mesmos, a individualidade simplesmente deixa de existir. E isso porque, de acordo com Maia-Vasconcelos (2005)

contar a própria história é um exercício de autoconsciência, de autoconstrução, de distanciamento que faz com que o narrador, numa sorte de fragmentação interna, seja espectador de si mesmo: um Eu que cria e ao mesmo tempo observa, dialoga e intervém neste processo de criação. Durante o ato de fala o sujeito porta sobre si mesmo, reflexões, desdobramentos de sua história e a atribuição do papel de elementos de sua vida (Maia-Vasconcelos, 2005, p.127).

A aparição desse “eu” como garantia de uma biografia remonta há pouco mais de dois séculos, já que é no século XVIII, a partir das Confissões de Rousseau, que começa a se delinear notadamente as especificidades dos gêneros autobiográficos, até então somente literários, na “tensão entre a indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social” (Arfuch, 2010, p.36). Ou seja, para além do valor literário intrínseco, as confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos e correspondências traçam simultaneamente um espaço de autorreflexão que é decisivo para a consolidação do individualismo no Ocidente.

Segundo Arfuch (2010), essa construção narrativa do privado como esfera da intimidade não ficou limitada à sua configuração inicial. Se essa primeira pessoa autobiográfica originária surgia dando testemunho da consciência feliz com uma “vida real”, ela não se limitou a essa atuação, já que ela se expandiu para outros registros e espectros, impulsionada pelo avanço irrefreável da midiatização e, também, devido à curiosidade científica pelas vidas comuns. Hoje desdobram-se em uma pluralidade de variantes literárias e midiáticas, além de coexistirem “formas autoficcionalis com os já clássicos relatos de vida das ciências sociais, com uma espécie de obsessão generalizada na escrita, nas artes plásticas, no cinema, no teatro e no audiovisual pela expansão mais imediata do vivido, do autêntico, do testemunhal” (Arfuch, 2010, p.37).

Diante de tanta diversidade, é possível determinar um espaço comum de inteligência dessas narrativas? Arfuch (2010) entende esse espaço biográfico como uma “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas” (p.58), onde é possível levar em consideração as respectivas especificidades sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática e seus usos nas diferentes esferas de comunicação e ação. A autora aponta um “algo a mais que está em jogo” (Arfuch, 2010, p. 16) na coexistência de tantos gêneros discursivos envolvidos no espaço biográfico,

aquilo comum que une as formas canonizadas e hierarquizadas a produtos estereotípicos da cultura de massa. O que transcende o “gosto” definido por parâmetros sociológicos ou estéticos e produz uma resposta compartilhada. O que leva repetidamente a recomeçar o relato de uma vida (minucioso, fragmentário, caótico, pouco importa seu modo) diante do próprio desdobramento especular: o relato de todos. O que constitui a ordem do relato - da vida - e sua criação narrativa, esse “passar a limpo” a própria história, que nunca se termina de contar (Arfuch, 2010, p. 16).

Não importa o gênero discursivo no qual esse falar de si vai se encontrar, o fato é que uma série de convenções e restrições – situacionais e discursivas – vão ser construídas entre os parceiros, que são definidos nas instâncias de produção e recepção, para que se reconheça, garanta e se efetive o ato de linguagem autobiográfico em questão.

Maia-Vasconcelos (2022) também defende a posição de que a autobiografia é um campo discursivo envolvendo uma pluralidade de formações discursivas e podendo ser representado em diversos gêneros discursivos. A autora tomou emprestado essa noção de campo da teoria dos campos sociais de Bourdieu ([1996] 2003) que delineou as dinâmicas sociais. Segundo o filósofo os sujeitos sociais, ou seja, cada indivíduo seria considerado concomitantemente dentro do todo, determinando e sendo determinado em uma relação contínua e ininterrupta. Essa visão implica na dualidade do papel do agente que é ao mesmo tempo produto e produtor da realidade social.

Dentro dessa perspectiva, a autobiografia deve então ser entendida como um amplo campo social compreendendo uma soma de interações sociais já que “quando um sujeito recorre às narrativas com a intenção de contar sua própria vida, ele entrelaça identidade social e individual” (Holanda, 2020, p.109). Cada processo narrativo sobre si vai se construir com base na interação de três dimensões (linguístico, discursivo e social), recebendo signos verbais, sofrendo as pressões discursivas e levando em consideração o dimensionamento social (HOLANDA, 2020), somados às interações entre o individual e o social na produção de sentidos.

6.4 O posicionamento narrativo

Com o objetivo de propor uma análise linguística de um texto narrativo autobiográfico “sem o velho vício de se recorrer às teorias avizinhas e insípidas que não apresentam o verdadeiro gosto que a história de um sujeito tem” (Maia-Vasconcelos, 2022, p.67), Maia-Vasconcelos (2002) propõe a noção de posicionamento narrativo. Segundo a autora, o posicionamento narrativo, que está relacionado à maneira como os sujeitos escolhem narrar as suas histórias, é “uma forma de colocar o sujeito na história em relação com o mundo, no mundo e com o mundo” (p.68), respeitando a subjetividade, a experiência e o lugar de fala desse sujeito.

A autora se inspira na noção de posicionamento de Maingueneau (2018) que deu início a esse conceito pelo viés da literatura ao refletir sobre a emergência das obras. Segundo ele o posicionamento vai tratar da “construção de uma identidade enunciativa que é tanto “tomada de posição” como recorte de um território cujas fronteiras devem ser incessantemente redefinidas” (p.150-151) assim como também são “indissociáveis das modalidades de sua existência social, do estatuto de seus atores, dos lugares e práticas que eles investem e que os investem” (p.151).

Partindo dessa noção de posicionamento de Maingueneau (2018), Maia-Vasconcelos (2022) propõe assim o conceito de posicionamento narrativo. Segundo a autora, o posicionamento é a condução do sujeito por “sua subjetividade a se posicionar narrativamente sobre os eventos vividos ao longo de suas experiências e a partir de sua própria narrativa, individual ou coletivamente (ondulação teleológica)” (p.58), construir conhecimentos, encontrar acertos e enganos e instaurar a sua identidade.

Adicionalmente, embasada no entendimento de posicionamento como “uma atividade incessante, que implica instituições e atores diversificados que devem se legitimar através de suas enunciações” (Maingueneau, 2019, p.190), condição aberta por Maingueneau, e com o

intuito de religar a categoria maior de (auto)biografia e a de Posicionamento Narrativo do sujeito em seus relatos de experiência de vida, Maia-Vasconcelos (2022) desenvolveu algumas subcategorias encontradas nessas narrativas. Segundo ela, para ancorar o posicionamento dos sujeitos em suas histórias contadas é preciso levar em consideração alguns elementos, a saber: intencionalidade, designação, aspectualidade, valor, repetitividade e circunstancialidade.

O quadro 3, a seguir, traz uma descrição de tais categorias de análise.

Quadro 3 - Elementos que ancoram o posicionamento narrativo.

Elemento	Descrição
Intencionalidade	Propósito da autobiografia. Ex: um diário para um desabafo.
Designação	Motivação mobilizadora dos textos autobiográficos. Ex: imperativo institucional.
Aspectualidade	Categoria de tempo e durabilidade analisada pela escolha dos verbos e advérbios utilizados pelo sujeito em sua narrativa.
Valor	Atitude narrativa na escolha do léxico utilizado.
Repetitividade	Frequência dos eventos narrados. Muito próximo ao valor, pois quanto mais o fato se repete, mais importante ele se torna na vida do sujeito.
Circunstancialidade	Momento e circunstância da produção narrativa.

Fonte: Adaptado de Maia-Vasconcelos (2022).

Essas categorias, segundo Maia-Vasconcelos (2022) devem ser pensadas segundo as dimensões cíclicas da narrativa, linguística, discursiva e social, estudadas por Holanda (2020). A dimensão linguística vai compreender a aspectualidade, valor e repetibilidade, pelo fato de estarem diretamente relacionadas ao léxico utilizado na produção narrativa. A dimensão discursiva vai englobar as categorias de intencionalidade, designação e circunstancialidade, pois se referem ao domínio do discurso, ao contexto e à situação de produção narrativa. Por fim, a dimensão social vai abraçar as duas outras dimensões já que se entende narrativa de experiências com uma prática social, fato que levou Maia-Vasconcelos (2022) a propor “a teoria de que autobiografia é um campo discursivo e não um gênero textual, uma vez que abarca uma série de possibilidades genéricas em seu bojo” (p.67).

Ao se debruçar sobre o estudo do posicionamento narrativo, Maia-Vasconcelos encontra algumas especificidades narrativo-discursivas em autobiografias que narram a dor, a angústia, o luto, enfim, situações traumáticas. Segundo Maia-Vasconcelos (2005), a vivência de alguma situação dolorosa pode levar um sujeito a escrever, a falar e extravasar sua emoção por meio de expressões inexprimíveis em outros contextos. Para a autora, narrar experiências de vida,

inclusive as traumáticas, é uma forma de compreendê-las, de provar que se sobreviveu a elas e perceber os ensinamentos, bons ou ruins, que estas deixaram. Narrar a dor também é considerada uma técnica apropriada para lidar com os traumas e suas consequências, pois segundo White (2000), desloca-se o sujeito do centro do trauma para outro lugar da sua identidade.

Maia-Vasconcelos (2022) vai descrever em sua obra esse processo de continuidade da vida após uma ruptura traumática e o nomeia de *hardening*. Segundo a autora

o sujeito estaciona em um *porto de passagem*, a partir do qual ele vislumbra toda sua vida ou todos os demais *portos de passagem* por ele solicitados, sem contestação imaginável, construindo um *looping* narrativo constante que irá “tingir” suas narrativas nas dimensões possíveis de tempo, espaço, sempre atravessado por esse “tom” (Maia-Vasconcelos, 2022, p.58-59).

Hardening, na física, área de estudo da qual a autora buscou o termo, é uma característica do metal de se fundir e se recuperar, contudo nesse processo que ocorre através de um choque a frio, o metal jamais recupera o seu estado original. Maia-Vasconcelos (2022) explica que quando dobramos um metal ou um fio de aço, a frio, ele se dobra com facilidade, mas caso queiramos desdobrar esse metal, há o risco de quebrar exatamente no ponto de dobradura. Isso acontece porque o metal, no ponto da dobradura, se torna mais rígido, mais resistente e conseqüentemente, mais frágil.

Todo esse mergulho na física teve como objetivo encontrar um termo que demonstrasse essas marcas da dor de uma situação traumática no discurso autobiográfico. De acordo com Maia-Vasconcelos (2022), foi esse oxímoro discursivo-narrativo que ela encontrou em sua pesquisa de doutorado.

Um filho com câncer tornou as mães mais fortes e suas narrativas mais duras, mas ao mesmo tempo criou, após a morte do filho, um *looping* narrativo da fragilidade: toda a sua história começa ou termina em torno do filho morto. Não havia tempo para resiliência, nem maneira de construí-la. Era necessário ser resistente, mesmo consciente de que essa resistência era o ponto frágil (Maia-Vasconcelos, 2022, p.62)

Maia-Vasconcelos (2022) caracterizou esse processo de *hardening* e o conseqüente *looping* narrativo, que continuamente retoma o evento traumático como ponto zero de suas vidas dentro de um contexto hospitalar envolvendo famílias de crianças com câncer, contudo essas características em questão não se limitam a esta situação específica podendo se estender às mais diversas dores e traumas vivenciados ao longo da vida. No caso específico desta tese de doutorado estamos lidando com o a vistopia, a angústia de ser vegano em um mundo não vegano.

6.5 Argumentando o posicionamento narrativo

A fala, segundo Amossy (2018), age no espaço social, ou seja, o discurso além de fazer ver, crer e sentir, ele também questiona, reflete e debate. Sendo assim, em uma relação intersubjetiva, a fala eficaz não é somente aquela capaz de manipular, mas também aquela que compartilha do raciocínio e do questionamento. A autora entende que a análise argumentativa integra a Análise do Discurso já que “deseja esclarecer os funcionamentos discursivos, explorando uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções” (Amossy, 2018, p.11). De acordo com ela

não há discurso sem enunciação (o discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação), sem dialogismo (a palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro), sem apresentação de si (toda fala constrói uma imagem verbal do locutor), sem o que se poderia chamar “argumentatividade” ou orientação, mais ou menos marcada do enunciado, que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir. Em suma, todo discurso supõe o ato de fazer funcionar a linguagem num quadro figurativo (“eu” – “tu”); está imerso na trama dos discursos que precedem e o cercam; produz, de bom ou de mau grado, uma imagem do locutor e influencia as representações ou as opiniões do alocutário (Amossy, 2018, p.12).

Esse diálogo integrativo e harmonioso entre a argumentação e a análise do discurso já era bem-visto, anos antes, por Maingueneau (2011), que em sua abordagem esforçava-se em “apreender a dinâmica discursiva relacionando-a com os posicionamentos em um campo conflituoso, sem separar o “conteúdo” e a colocação de seu dispositivo de enunciação” (p.72). Sua abordagem rejeita “todo corte entre texto e contexto, ou entre mensagem e medium, ideias a transmitir e “meios” de transmiti-las; ela se afasta de uma concepção “retórica” que vê nas estratégias argumentativas uma série de “procedimentos” destinados a “fazer passar” as teses que seriam independentes” (p.72).

A argumentação, para Maingueneau (2011), está na língua e participa do conjunto de processos de validação “do universo de sentido que o discurso institui de sua própria enunciação” (p.83). Ou seja, enuncia-se de tal maneira, porque esta maneira está de acordo com determinado universo instalado por determinado discurso. Sendo assim, o texto passa a ser entendido “não como um enunciado segmentável, mas como a pista de uma enunciação em que não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena enunciativa” (p.82). O autor propõe que “do ponto de vista da Análise do Discurso não se pode determinar o estatuto da trama argumentativa de um texto sem levar em conta o estatuto da discursividade e da língua que implica sua enunciação (p.85)”.

No texto autobiográfico o sujeito que fala se transforma em palavras passando por “um processo de transcrição do eu que se problematiza, escolhe lexicalmente como se apresentar ao outro, como criar credibilidade daquilo que está sendo expresso, primeiramente mentalmente, e em seguida se retextualiza para o outro” (Maia-Vasconcelos, 2022, p.19). Já o sujeito que ouve/lê, sabendo que está diante de uma autobiografia, aceita o estatuto de verdade do texto em questão formando o que Lejeune (2014) denominou de pacto autobiográfico. O narrador então, espera que o receptor do seu texto acredite em suas palavras por se tratar de um texto de caráter biográfico, portanto histórico, ou seja, verdadeiro, performativo de verdade. Desta forma, teoricamente, o narrador ao contar a sua história, já partiria do pressuposto que o seu receptor, ao entender que aquilo que ele conta faz parte de sua experiência de vida, vai receber como uma verdade, pois o seu relato de vida já constituiria a prova da verdade.

Nesta pesquisa parto do pressuposto que ao compartilhar a sua história e experiência de vida com o veganismo, ou seja, ao recontar a sua história, o indivíduo se posiciona diante de inúmeros discursos constituidores de sua subjetividade e sendo assim precisa argumentar a validade e a verdade de seu posicionamento filosófico-moral sobre a relação dos humanos com os animais não-humanos em uma sociedade que pensa e age de forma totalmente contrária. O que é normal, natural e corriqueiro para a cultura carnista é considerado, para ele, como exploração e violência contra os animais.

7 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta seção tem como objetivo descrever todo o processo de construção do corpus de pesquisa e definição da metodologia de análise a ser empregada na pesquisa. Essas etapas de uma pesquisa de doutorado são desafiadoras e complexas já que nesse percurso nos deparamos com muitas incertezas e constantes mudanças e reconstruções. Diante de uma infinidade de possibilidades, como conseguir chegar à melhor e mais adequada escolha para esta tese?

Como bem afirma Santos (2019), a escolha por uma abordagem implica na renúncia de tantas outras que também poderiam ser adequadas para tratar o objeto investigado” (p. 80). Esse é um ponto que, de fato, me causou bastante angústia, pois sempre me questioneei se estava fazendo as escolhas adequadas, até porque em pesquisas das ciências humanas o nosso objeto de investigação é o ser humano, “ser expressivo e falante [...] nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2011 [1974], p.395).

Esse sujeito, de acordo com Bakhtin (2011 [1970]), não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico*” (p.400). Diálogo esse que diz respeito ao desejo inato da palavra de ser ouvida, pois “sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediate*, mas abre caminho sempre mais e mais à frente (de forma ilimitada)” (p.333).

Baseando-me no pensamento de que não existe uma fórmula pronta e verdadeira adotei o posicionamento de Santos (2019) que afirma que “o método é construído durante toda a investigação, sendo ajustado ao longo do caminho para atender às necessidades que o objeto da pesquisa nos impõe” (p.80). Sendo assim, apesar de ter que fazer escolhas a priori, mantive aberta a possibilidade para qualquer mudança necessária que o objeto e o andamento das análises acabassem revelando e exigindo.

A seguir, nesta seção, descrevo a caracterização da pesquisa e abordagem do objeto de pesquisa, a delimitação do universo e da amostra, assim como detalhamento dos procedimentos de construção e análise de dados.

7.1 A caracterização e abordagem do objeto de pesquisa

Esta pesquisa se apoia na perspectiva etnossociológica de Bertaux (2010) que tem como objetivo “estudar um fragmento particular da realidade social-histórica, um objeto social; de compreender como ele funciona e como se transforma, destacando as configurações das

relações sociais, os mecanismos, os processos, as lógicas de ação que o caracterizam” (Bertaux, 2010, p.16), contudo ao se debruçar sobre essa parte da realidade sócio-histórica o pesquisador não precisa saber muita coisa *a priori*. Na verdade, “o que o pesquisador acredita saber de antemão representa, frequentemente, estereótipos, preconceitos e outras representações coletivas, carregadas de julgamentos morais que circulam no senso comum” (Bertaux, 2010, p. 28). E essa característica, segundo o próprio Bertaux, é justamente uma grande virtude desse tipo de pesquisa, pois isola e, em seguida, traz ao espaço público elementos do conhecimento objetivo e crítico apoiados na observação concreta.

Serão exatamente os agentes, os atores, os membros do mundo social ou que vivem a situação social estudada que assumirão o status de informantes. É importante ressaltar que a ênfase dessa perspectiva de pesquisa não tem como foco a interioridade dos sujeitos, ou seja, a questão psicológica, mas sim o que “lhes é exterior: os *contextos sociais*, dos quais eles adquiriram, pela experiência, um conhecimento prático” (Bertaux, 2010, p. 29).

A narrativa de vida, segundo Bertaux em sua obra *Le Récit de vie*, constitui um instrumento de grande importância na extração desses saberes práticos pela descrição das experiências vividas e dos contextos nos quais elas se inscrevem. As narrativas de vida, ou “narrativas de práticas em situação”, como Bertaux se propôs a chamá-las, apresentam uma profunda identidade com a ação em situação. Essa afinidade entre ação e narrativa também já havia sido motivo de reflexão na obra de Ricoeur (1983, 1985, 1986) que Bertaux faz questão de salientar. Apesar das diferenças das formas de narrativa que cada um dos teóricos se concentra – Ricoeur se debruça sobre as formas canônicas de narrativas (histórica e ficcional) – ambos vão concluir que para estudar a ação “em situação”, a forma mais apropriada seria a forma-relato ou forma narrativa.

Bertaux (2010) entende que para fins de pesquisa podemos considerar que existe uma narrativa de vida “a partir do momento que o sujeito conta a outra pessoa, pesquisador ou não, um episódio qualquer de sua experiência vivida” (p. 47). O verbo “contar” assume um protagonismo nesse contexto, significando que a produção discursiva do sujeito tomou a forma narrativa, com delimitação de personagens, descrição de suas relações recíprocas, explicação das razões para agir, descrição dos contextos das ações e interações e até mesmo as formulações de julgamentos sobre as ações e os próprios personagens. Segundo o autor, as descrições, explicações e avaliações, mesmo não sendo formas narrativas, fazem parte de toda narração e são importantes para a construção de significados.

7.2 A construção e delimitação do corpus

A simples escolha e delimitação do corpus, segundo Orlandi (2009), já representa o início da análise de uma pesquisa, uma vez que essa etapa é um resultado de decisões do analista. Nesta pesquisa o grupo em questão a ser investigado, ou seja, veganos, apesar de possuir um recorte bem específico, é também bem geral quando pensamos no grupo de veganos como um todo. Como vimos anteriormente o veganismo é um universo de diversidade, portanto apesar de toda a variedade existente há um centro que os une que é o entendimento de que animais não são nem comida e nem coisas que estão à disposição do ser humano para serem usados e explorados. Essa é a moralidade que guia a filosofia vegana.

Dentro do universo do veganismo e pensando na angústia de viver em um mundo que fere seus valores morais, resolvi delimitar o corpus de pesquisa a pessoas que reconhecem explicitamente essa dificuldade de lidar com o mundo carnista e por esta razão buscaram apoio psicológico. Inicialmente fiz uma busca no google com as palavras-chave *vistopia* e *psicologia*. O primeiro nome que apareceu foi de uma psicóloga do Rio de Janeiro e fui surpreendida ao perceber que era uma amiga minha da época da escola. Entrei em contato com ela explicando os objetivos da pesquisa de doutorado e ela prontamente aceitou participar da pesquisa e entrou em contato com seus pacientes para verificar a disponibilidade e interesses deles em colaborar com a pesquisa.

Ela informou possuir 12 pacientes em acompanhamento, no momento em questão, por estarem encontrando dificuldades na convivência com o mundo que não é vegano, mas que indicaria 10 para contribuírem com suas narrativas pelo fato de dois não estarem emocionalmente aptos a narrarem suas histórias. Todos os 10 pacientes que ela entrou em contato autorizaram que ela me passasse seus contatos e sendo assim, na sequência, entrei em contato com eles pelo WhatsApp me apresentando e esclarecendo os objetivos da pesquisa. Solicitei que eles me contassem as suas histórias e experiência com o veganismo, especificando o motivo que os fez virar veganos, como foi o processo de transição para o veganismo e como é ser vegano em um mundo que não é vegano.

Esclareci também que eles poderiam narrar essa experiência tanto por áudio como por escrito e que não precisava ser um único áudio ou texto com uma ordem cronológica. Eles poderiam ir contando conforme as ideias fossem surgindo. Adicionalmente encaminhei a eles o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura e devolução.

Nove dos dez pacientes responderam ao meu contato inicial informando o interesse em participar da pesquisa e que em breve enviariam sim as suas narrativas. Apenas uma pessoa não

respondeu a esse meu contato inicial. Não achei prudente fazer um segundo contato com a pessoa que não deu retorno. No decorrer dos dias os participantes foram respondendo e enviando as suas narrativas pouco a pouco, contudo uma pessoa acabou não enviando a sua narrativa apesar de informar que enviaria. Da mesma forma, não achei conveniente reforçar o pedido da narrativa, sendo assim totalizamos oito participantes de pesquisa.

Vale ressaltar que todos os participantes receberam nomes fictícios para preservação de suas identidades.

No quadro 4, a seguir, faço um detalhamento das características de cada narrativa.

Quadro 4 - Caracterização das narrativas dos participantes de pesquisa

PARTICIPANTE	CARACTERIZAÇÃO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA
1. Carmen	Narrativa em áudio: 4 áudios em sequência com duração de 4:10min, 5:39min, 4:35min e 0:54seg. Em um de seus áudios ela comentou sobre um evento desagradável ocorrido com ela que se me interessasse ela poderia relatar depois. Sendo assim pedi que relatasse o que havia acontecido. Ela me encaminhou um texto escrito que havia sido produzido anteriormente para ser enviado como reclamação para o hospital.
2. Felipe	Narrativa escrita em texto único.
3. Kelly	Narrativa escrita. A narrativa enviada foi um recorte de um texto produzido anteriormente para um livro seu que será publicado em breve em que a participante trata sobre o veganismo além de contar a sua história e relação com o veganismo. Como nesse texto a participante não abordou a temática de como é ser vegana em um mundo que não é vegano solicitei que me contasse um pouquinho sobre essa experiência. Assim sendo a participante produziu uma narrativa escrita contando essa experiência
4. Luzia	Narrativa em áudio único com duração de 16:54 min.
5. Roberto	Narrativa escrita em texto único.
6. Suelen	Narrativa em áudio em dois momentos. A primeira narrativa logo no dia do contato teve duração de 26:46 min. Alguns dias depois, de forma espontânea, a participante enviou outro áudio com duração de 7:03 min. A participante também enviou alguns textos curtos por escrito.
7. Vitor	Narrativa em áudio: 4 áudios em sequência com duração de 2:29min, 2:36 min, 2:47min e 3:26min.
8. Wesley	Narrativa em áudio: 2 áudios em sequência com duração de 14:39min e 7:35 min.

Fonte: Elaborado pela autora

Todas as narrativas orais foram transcritas livremente por mim para o formato escrito para facilitar a análise desses relatos autobiográficos, além de deixá-los acessíveis na seção

anexo desta tese. Tenho ciência de que essa manipulação do texto oral para escrito pode afetar o acesso aos sentidos construídos no discurso autobiográfico. Maingueneau (2015) afirma que

certamente, uma vez transcrita, uma troca verbal se transforma em um texto para o analista, mas este texto não reflete o ponto de vista dos interlocutores, e não é a representação da conversação; é apenas uma representação entre outras, aquela que resulta da técnica de transcrição escolhida. (Maingueneau, 2015, p. 165).

Contudo, apesar das subtrações e acréscimos decorrentes desta transposição, não temos uma invalidação da construção de sentidos, e, portanto, válida e necessária para a análise dos textos autobiográficos produzidos para esta tese.

7.3 O procedimento metodológico de análise de dados

Início esta seção relembrando o objetivo geral desta tese que é investigar a construção discursiva do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas. Este objetivo mais amplo se decompõe em três objetivos menores que são: a) descrever o processo de construção do percurso ético do sujeito ao contar como foi a sua transição para o veganismo; b) caracterizar nas narrativas autobiográficas que contam como é viver em mundo que não é vegano as marcas narrativo-discursivas da angústia de viver em um mundo que fere seus valores morais; e c) apontar e delinear os mecanismos de argumentação mobilizados nas narrativas autobiográficas para validar o veganismo dentro de uma cultura carnista.

Para tentar responder o primeiro objetivo que é descrever a construção do percurso ético do sujeito ao contar como foi a sua transição para o veganismo conto com alguns suportes teórico-metodológicos. Inicialmente é preciso ter em mente que toda narrativa se constitui de um “conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim” (Adam, 2019, p.113). Ou seja, é necessário que se tenha uma sucessão de acontecimentos (no decorrer do tempo), uma unidade temática (transição para o veganismo), predicados transformados (sujeito carnista □ sujeito vegano), unidade de um processo (sucessão temporal com início quando o indivíduo ainda é carnista e passa a almejar o veganismo, meio que é a passagem pelo processo de transição e fim que se atinge quando o indivíduo se considera 100% vegano, obviamente dentro do possível e praticável) com uma lógica singular da narrativa (fonte desencadeadora que causou a mudança – o despertar) e uma avaliação final (ser vegano é o correto), um efeito a produzir.

Cada etapa dessa sucessão de acontecimentos vai ser marcada por uma ou mais imagens de uma identidade discursiva que podem se alterar ou não durante o percurso desde o momento inicial que é ser carnista e despertar para o veganismo, passar por todo o processo de transição adquirindo novos conhecimentos, atitudes e hábitos, assim como abandonando antigos hábitos, crenças e atitudes e por fim tornar-se vegano.

Sendo assim, para conseguir descrever o percurso do ethos dessa fonte enunciativa subjetiva encarnada, ou seja, esse percurso identitário de um posicionamento discursivo, além de me basear na construção teórica do ethos discursivo de Maingueneau (2019), recorro à construção teórico-metodológica de posicionamento narrativo de Maia-Vasconcelos (2022). De acordo com a autora, “para ancorar o posicionamento dos sujeitos em suas histórias contadas, o analista deve recorrer à análise de alguns elementos, a saber: intencionalidade, designação, aspectualidade, valor, repetitividade e circunstancialidade.” (Maia-Vasconcelos, 2022). A identidade narrativa da autobiografia de veganos parte da circunstância específica de ser vegano em um mundo que não é vegano, e a partir deste posicionamento este indivíduo passa a narrar a sua experiência de vida como uma designação de sua própria subjetividade construindo e instaurando sua identidade discursiva. No quadro 5, a seguir, retomo cada um dos elementos que constituem esse posicionamento.

Quadro 5 - Elementos do posicionamento narrativo

Elemento	Descrição
1. Intencionalidade	- Propósito da produção da narrativa autobiográfica;
2. Designação	- Motivo que mobiliza o texto autobiográfico; algum imperativo institucional;
3. Aspectualidade	- Categoria de tempo e durabilidade analisada pelas escolhas dos verbos e advérbios utilizados pelo sujeito;
4. Valor	- Atitude narrativa na escolha do léxico utilizado;
5. Repetitividade	- Frequência dos eventos narrados, quanto mais se repete, mais importante ele se torna na narrativa;
6. Circunstancialidade	- Momento e circunstância da produção narrativa autobiográfica.

Fonte: Maia-Vasconcelos (2022)

Debruçar-se sobre a narrativa tendo esses elementos norteadores facilita e direciona o trabalho do pesquisador para trazer categorias de sentido dentro do texto. Sendo assim, cada narrativa foi mapeada seguindo o seguinte critério: 1. Início carnista; 2. O despertar para o veganismo; 3. O processo de transição/transformação; 4. Ser vegano não conformista-moral em

um mundo carnista. Para cada uma dessas etapas das narrativas sobre tornar-se vegano tentei mapear as suas especificidades nas ações, atitudes e construção de sentido para então conseguir traçar a construção do ethos (Maingueneau, 2019) / percurso ético (Holanda, 2020) do vegano não conformista moral.

Já para responder o segundo objetivo da pesquisa que é caracterizar nessas narrativas autobiográficas as marcas narrativo-discursivas da angústia de ser vegano em um mundo que não é vegano e por isso fere seus valores morais conto com as noções de hardening e looping narrativo de Maia-Vasconcelos (2022). A autora, como já visto anteriormente, descreve a noção de hardening como um processo de continuidade após uma ruptura traumática. Segundo ela

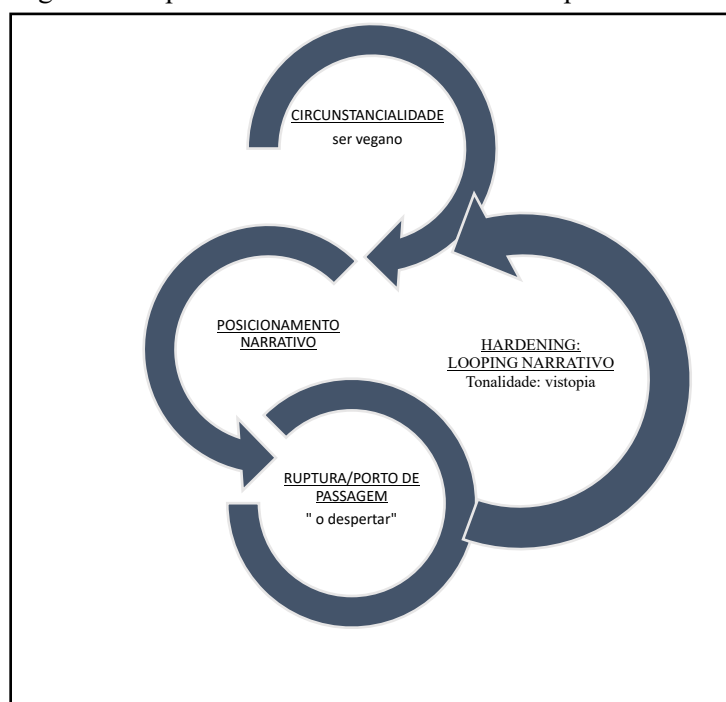
o sujeito estaciona em um *porto de passagem*, a partir do qual ele vislumbra toda sua vida ou todos os demais *portos de passagem* por ele solicitados, sem contestação imaginável, construindo um *looping* narrativo constante que irá “tingir” suas narrativas nas dimensões possíveis de tempo, espaço, sempre atravessado por esse “tom” (Maia-Vasconcelos, 2022, p.58-59).

No processo de construção do posicionamento narrativo o sujeito ao narrar a sua história vai retomar a todo momento o seu ponto de ruptura, que para esses sujeitos é “o despertar” para o veganismo. Será a partir desse porto de passagem resgatado a todo momento que se estabelece um looping narrativo responsável por tingir a narrativa em todas as suas dimensões, ou seja, o tom da angústia de ser vegano em um mundo que não é vegano. Senso assim, as categorias já mencionadas de repetibilidade (frequência dos eventos narrados) e valor (escolha de léxico utilizado) ganham papel de destaque.

Acredita-se que assim como em outras situações de dor, as narrativas autobiográficas de angústia e dor de ser vegano em um mundo não vegano podem ser caracterizadas por certas particularidades específicas devido às influências de um contexto envolvendo emoções fortes. Há a hipótese de que esse processo de hardening e seu looping narrativo descrito por Maia-Vasconcelos (2022) seja uma característica constante dessas narrativas.

A imagem a seguir ilustra o diálogo dessas categorias e elementos do posicionamento narrativo definidos por Maia-Vasconcelos (2022) com o contexto específico desta pesquisa.

Figura 6 - O posicionamento narrativo da vistoria



Fonte: elaborado pela autora

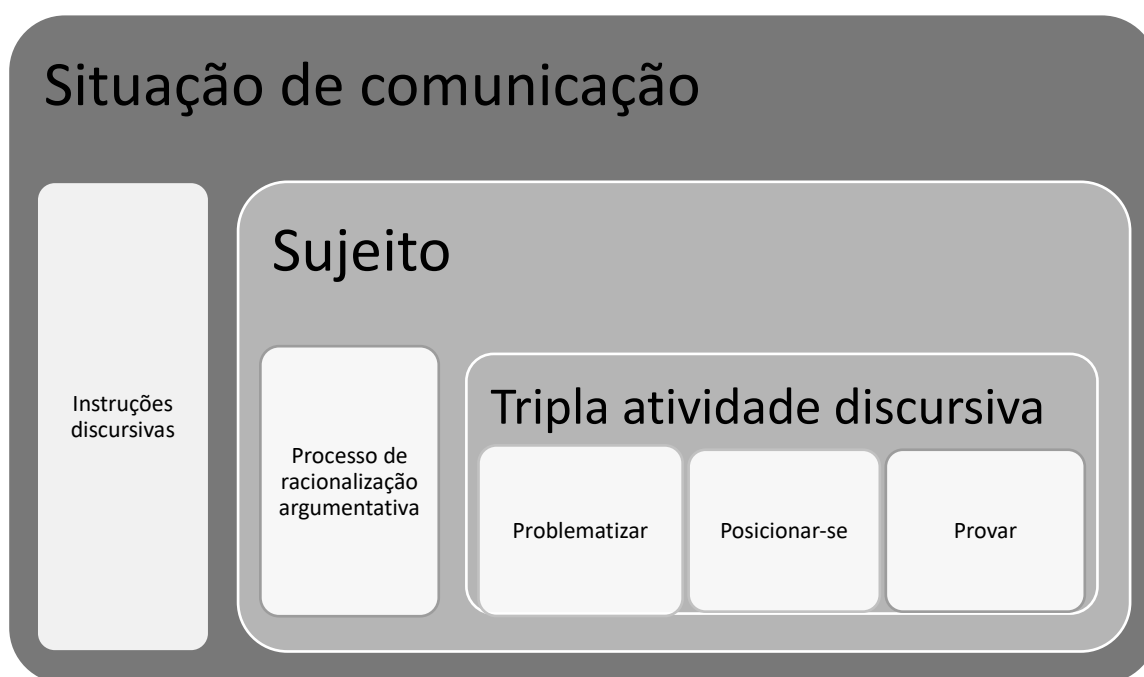
Por fim, para tentar responder ao terceiro objetivo desta pesquisa que é apontar e delinear os mecanismos de argumentação mobilizados nas narrativas autobiográficas para validar o veganismo dentro de uma cultura carnista, escolhi como ponto de partida a concepção de que o discurso narrativo seja adequado para seduzir o interlocutor, já que uma narração não impõe nada, ela “apenas propõe um imaginário de busca” (Charaudeau, 2010, p.63) que o interlocutor quer preencher. Assim, só o fato de narrar a sua história contando fatos, acontecimentos e reflexões de sua vida o narrador já está validando e argumentando a verdade, não só de sua história, mas de seu ponto de vista sobre a sua história. Afinal de contas, narrador e receptor supostamente se valem do pacto autobiográfico proposto por Lejeune (2014) em que se estabelece um pacto de veracidade, o compromisso de dizer a verdade sobre si, um ato real.

Adicionalmente, também me apoio na proposta de Charaudeau (2016) que trata sobre a validade do ato argumentativo e a situação de comunicação. Segundo o autor “nenhum argumento, nenhuma ideia tem força em si mesma” (Charaudeau, 2016, p.114), a razão argumentativa depende das especificidades do ato comunicativo. Isso porque todo ato de linguagem é produzido dentro de uma situação de comunicação que é responsável por fornecer os indícios da produção e interpretação dos sentidos aos participantes da troca. Como o sentido produzido é uma coconstrução, o ato argumentativo vai obter a sua validade exatamente das instruções e pistas que vêm da situação em questão.

Pelo fato de o processo de racionalização argumentativo obedecer a certas condições de “colocação em cena” ou de “apresentação discursiva”, a pertinência da argumentação só poderá ser julgada reportando-se às condições de tal apresentação. A força de influência não pode ser calculada através de modelos estratégicos, mas sim no interior de cada situação de comunicação.

O sujeito argumentante, segundo Charaudeau (2016), disponibiliza uma tripla atividade discursiva da argumentação devendo-se fazer conhecer ao outro do que se trata (problematização), qual posição adota (posicionamento) e qual a força de sua argumentação. A imagem a seguir ilustra tal processo.

Figura 7 – A tripla atividade discursiva da argumentação



Fonte: Charaudeau (2016) – Adaptado

A problematização é uma atividade discursiva que além de fazer saber ao interlocutor do que se trata, vai dizer qual é a questão que se coloca em sua proposta. Isso porque “uma afirmação não serve a nenhuma discussão, até que se perceba sua *problematização* possível” (Charaudeau, 2016, p.16) criando uma “condição de disputabilidade” (p.17) Desta forma, o enunciado “eu não como animais” pode ser apenas uma simples constatação, ou pode ser uma problematização a partir do momento em que é confrontado com a ideia “eu não como animais, eu como carne”. Com esse embate de ideias, é proposto ao interlocutor um quadro de questionamento que criará uma razão para debater o ato da afirmação.

Após problematizar a questão o sujeito precisa se posicionar em relação às afirmações/ideias presentes. Assim sendo, no exemplo proposto ele vai se colocar para defender ou a ideia de que um pedaço de carne não é um alimento e sim um animal, ou a visão de que um pedaço de carne é um alimento.

E por fim, a terceira atividade discursiva tem como objetivo justificar/provar a escolha do posicionamento. A constituição do ato argumentativo necessita que o sujeito certifique a validade da sua tomada de posição e que, também, ofereça ao interlocutor os meios para julgá-la, já que é preciso que esse último esteja apto para rejeitar ou aderir a tomada de decisão.

O sujeito argumentante, para provar, precisa realizar operações de raciocínio que estabeleçam relações de causalidade entre duas ou várias afirmações e assegurem que a força da ligação entre a causa e consequência é da ordem do possível e do inevitável. No contexto da pesquisa, os sujeitos participantes trazem à tona em suas narrativas a relação inevitável entre o consumo de produtos de origem animal e a promoção de exploração, sofrimento e morte desses animais.

Nesta atividade de “provação” (Charaudeau, 2016, p.19) o sujeito argumentante ao justificar seu ponto de vista e compartilhar com seu destinatário, acabará por revelar o seu posicionamento diante dos sistemas de valor que circulam na sociedade à qual pertencem. Ao escolher o termo animal e/ou cadáver para denominar um pedaço de “carne” o sujeito participante da pesquisa imediatamente já levanta uma problematização a ser debatida com valores totalmente antagônicos da sociedade.

Sendo assim, no capítulo a seguir, é o momento de se debruçar sobre as narrativas autobiográficas buscando não necessariamente respostas diretas e objetivas para os questionamentos desta tese, mas sim, trazer reflexões na tentativa de levantar debate criando inteligibilidade no que concerne tais questões.

8 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOB ANÁLISE

Neste capítulo, as narrativas autobiográficas dos participantes da pesquisa são analisadas em compasso com o contexto no qual foram geradas e levando em consideração o diálogo com os mais variados discursos que cruzaram o caminho desta pesquisadora. É fato que, enquanto pesquisadora de linguagem tenho total consciência, que mesmo de forma leve e dissimulada, podem existir “posicionamentos frutos da realidade e das experiências de vida de quem ouviu as narrativas” (Silva, 2015). Contudo, essa realidade não invalida e nem reduz a seriedade e cientificidade da análise de dados já que o receptor, segundo Charaudeau (2009), é um sujeito que também vai construir uma interpretação acerca das circunstâncias específicas de discurso segundo o seu ponto de vista.

Posto isso, fica reservado uma seção específica para as reflexões e análise individualizada da narrativa autobiográfica de cada participante da pesquisa. Essas reflexões são direcionadas pelos objetivos delimitados nesta pesquisa: a construção do percurso ético não conformista moral de veganos, as marcas discursivas da dor de ser vegano em um mundo não vegano, e por fim, o processo argumentativo mobilizado para validar o veganismo dentro de uma sociedade e cultura carnista.

Para cada participante foi construído um quadro síntese descritivo das etapas de tornar-se vegano vivenciadas e narradas por cada um utilizando elementos de suas narrativas autobiográficas; uma descrição dos elementos mais relevantes do posicionamento narrativo; e um esquema ilustrativo da construção do percurso ético não conformista moral do vegano que vivencia a angústia de viver em um mundo não vegano.

Ao final deste capítulo, após a descrição e análise individual da narrativa de cada participante proponho um percurso ético coletivo de ser vegano não conformista moral e vivenciar a angústia de viver em um mundo que não é vegano.

8.1 A bolha vegana

A história desta participante com o veganismo é de longa data como ela mesmo afirma no início de sua narrativa ao dizer que “*é longa a minha história*”. Ela relata que desde muito pequena nunca gostou de comer carnes e como seus pais pararam de comer carnes de boi e de porco quando ela tinha uns 4 anos, Carmen manteve apenas em sua rotina o consumo de frango e peixe. Contudo, como ela não gostava e pedia para não comer essas outras carnes, após alguns anos os pais aceitaram e aos 10 anos de idade ela tornou-se vegetariana.

Carmen conta que permaneceu consumindo ovos e laticínios, apesar de sentir nojo, pois não sabia que não poderia deixar de consumi-los. Na verdade, ela diz que só consumia esses alimentos “*de forma disfarçada*”, ou seja, em bolos e preparações nas quais ela não via o ingrediente em questão.

Alguns anos depois ao visitar a sua irmã, que morava em Los Angeles, e havia se tornado vegana, ela teve contato com o veganismo e descobriu que era possível sim ser vegana. A participante relata: “*na verdade o que eu queria era ser vegana e eu só não sabia que dava*” e ainda acrescenta que foi “*quase que uma libertação*”.

Ao longo desse relato de como o veganismo entrou em sua vida ela compartilha em sua narrativa as experiências e sentimentos que acompanhavam e acompanham a sua vida pelo fato de ser vegana. Carmen marca lexicalmente em sua narrativa o sofrimento que era ter que consumir produtos de origem animal antes de tornar-se vegana. Sofrimento esse que cessa ao descobrir a possibilidade de não precisar mais fazer uso desses produtos. Contudo, a alegria e libertação de tornar-se vegana é acompanhada de outro sofrimento, que é o de ter que conviver como “*preconceito*”, “*exclusão*”, “*agressão*”, “*desrespeito*” e “*ignorância*” da sociedade.

A participante conta em sua narrativa demonstrando alegria a sorte que ela tem de viver em uma bolha vegana, já que seus pais, irmã, namorado e muitos amigos são veganos. Contudo, mesmo vivendo nessa bolha vegana ela relata não ter como se isentar das agressões do mundo (preconceito, piadinhas, exclusão etc.).

Apesar da narrativa evidenciar muitas dificuldades e sofrimento ao longo do percurso de tornar-se e ser vegano, não pelo veganismo em si, mas pelo que ele acarreta socialmente, a narrativa finaliza com um tom esperançoso de que um dia o mundo será vegano. Ela diz que

é você passar raiva todo dia sendo vegano na sociedade, mas é isso. Eu fico muito feliz de ver cada vez mais iniciativas veganas, tem empresas indo atrás disso, pessoas se conscientizando. Eu sei que são passinhos de formiga, mas eu tenho plena convicção, não tenho a menor dúvida de que o futuro é vegano. Pelo menos eu tenho essa certeza pra mim e eu fico feliz de já estar no lado certo, sabe. Mas assim, que é difícil é.

No quadro a seguir faço um resumo das etapas narradas do processo de tornar-se vegano retirando da narrativa fragmentos relevantes que marcam e designam significados construídos pela participante. Esses significados fazem parte do processo de construção do ethos desse indivíduo que ao percorrer essas etapas em sua vida vai construindo novos significados de si e do mundo.

As etapas das narrativas de se tornar vegano foram divididas em quatro momentos. A situação inicial é marcada pela vivência carnista, antes do despertar para o veganismo. A etapa

seguinte é exatamente o despertar para o veganismo, ou seja, algo que desencadeou alguma mudança no pensamento da pessoa no que diz respeito a relação entre homem e animais. Esse despertar leva à etapa seguinte que se caracteriza pelo processo de transformação que pode ser instantâneo ou bastante longo. Por fim, a última etapa denominada situação final é marcada pelo estabelecimento do veganismo na vida do participante. Vale ressaltar que apesar da denominação ‘situação final’ isso não significa que seja o final de sua narrativa ou de sua história com o veganismo. É a chegada a um destino almejado e com isso o começo de uma nova jornada com novas representações, visões e significações.

Quadro 6 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: A bolha vegana

Situação inicial	Ser carnista	<i>“Não gostava”</i> <i>“Tinha nojo”</i> <i>“Era obrigada”</i> <i>“Animal morto”</i> <i>“Sofria”</i> <i>“Não sabia”</i> <i>“Não conhecia”</i>	
Desencadeador da mudança	O despertar	<i>“eu queria era ser vegana eu só não sabia que dava”</i>	
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<i>“Vou tentar ser vegana”</i> <i>“Foi assim quase que uma libertação”</i> <i>“Não foi nada difícil”</i> <i>“Então todo mundo virou vegano”</i> <i>“Meu namorado que também é vegano”</i> <i>“Sempre vivi numa bolha vegana”</i>	
Situação final	Ser vegano	<i>“Sempre sofri muito, aguentei muita coisa”</i> <i>“Exclusão”, “preconceito”</i> <i>“Muito desrespeito”</i> <i>“Sempre foi muita agressão”</i> <i>“Piadinhas chatas”</i> <i>“Pessoas chatas”</i> <i>“Nem discuti”</i> <i>“só fiquei quieta”</i> <i>“Sempre relevei”</i> <i>“Me tratando mal por eu ser vegana”</i> <i>“Então é difícil”</i> <i>“Não é nada fácil”</i> <i>“O vegano é excluído”</i> <i>“Vegano sempre tem muito trabalho”</i> <i>“Cansativa”, “exaustiva”;</i> <i>“passar raiva”</i> <i>“Enche o saco”</i> <i>“O vegano está me culpando por comer animal”</i> <i>“Elas se sentem um pouco insultadas só da gente ser vegano”</i>	<i>“Na minha opinião ela se sente assim, porque ela sabe que no fundo tem alguma coisa errada”</i> <i>“Acho que com muros de ignorância”</i> <i>“Desinformação”</i> <i>“Não adianta falar, não estão prontos para ouvir”</i> <i>“Não tenho paciência”</i> <i>“Amigas, só de verem foram mudando”</i> <i>“Com quem tá disposto a ouvir eu gosto de conversar”</i> <i>“É muito fácil não ser vegano”</i> <i>“Privilégio que não veganos têm”</i> <i>“Quem é vegano não vai desistir”</i> <i>“Apesar de ser difícil”</i> <i>“Feliz de ver iniciativas veganas, pessoas se conscientizando”</i> <i>“Passinhos de formiga”</i> <i>“O futuro é vegano”</i>

			<i>“Fico feliz já estar do lado certo”</i>
--	--	--	--

Fonte: elaborado pela autora

É possível observar que a participante, em sua narrativa, marca a sua fase de vida carnista, pela dualidade da rejeição e obrigação do consumo de tais alimentos de origem animal, sofrimento por vivenciar essa experiência e desconhecimento de outra possibilidade de vida. A partir do momento que tem acesso à informação desta possibilidade, a participante deseja se tornar vegana e marca essa etapa de transição pela sensação de liberdade. Ela frisa também a não dificuldade de se tornar vegana e o fato de ter tido companhia nessa caminhada já que familiares também se tornaram veganos além de conhecer um namorado também vegano. Ela afirma viver em uma bolha vegana e considera este fato bastante positivo. Mais à frente retomaremos essa discussão sobre a “bolha vegana”.

Com o veganismo já estabelecido em sua vida, a participante é capaz de refletir sobre toda a caminhada e tentar fazer sentido em ser vegano em um mundo não vegano. Em sua narrativa ela coloca o sofrimento oriundo da exclusão, preconceito e desrespeito pelo simples fato de ser vegana. A caminhada, segundo a participante, parece se tornar cansativa e sofrida por ter que enfrentar os outros que contestam o veganismo, de uma forma ofensiva e desrespeitosa.

A desinformação também marca esta etapa da vida da participante, contudo, segundo Carmen, não mais um desconhecimento seu, mas sim dos outros. Ela afirma em seu relato que carnistas de uma forma geral além de viverem desinformados, não querem ouvir a verdade, talvez porque no fundo saibam que há alguma errada com esse estilo de vida. Mas apesar de todas as dificuldades sociais, para ela “*estar do lado certo*”, ou seja, ser vegano, vale a pena.

A figura 8, a seguir, tenta resumir os elementos do posicionamento narrativo da participante que marcam discursivamente o seu percurso ético de se tornar vegana em um mundo que não é vegano. A Circunstancialidade de sua narrativa é caracterizada pela já mencionada “bolha vegana”, ou seja, em seu dia a dia o seu contexto de vida é vegano, já que seus familiares, namorado e amigos próximos são veganos.

A participante parece entender que essa bolha vegana na qual ela vive a “protege” do mundo carnista que a faz sofrer. Sofrimento esse entendido e nomeado de Vistopia pela psicóloga Clare Mann (2018) como uma reação normal, quando se percebe os animais como seres que merecem ter suas vidas respeitadas e poupadas assim como as nossas e não percebidos como coisas a serem usadas e mortas pelos seres humanos.

Além de afastar a participante do convívio direto com a cultura carnista, a bolha também a mantém distanciada das consequências negativas sociais que o veganismo acarreta, como por exemplo, as críticas negativas, os comentários maldosos, as piadas e deboches. Contudo, como não é possível viver nessa bolha de forma integral, a participante sofre as consequências negativas de ser vegana e viver em um mundo que não é vegano como mencionado por ela em sua narrativa autobiográfica.

A ideia de viver em uma bolha pode ser entendido como algo negativo no sentido de que a pessoa criaria um mundo diferenciado e isolado da sociedade e, conseqüentemente negando e se alienando da realidade do mundo. Contudo, essa seria apenas uma das visões possíveis de interpretação do uso do termo “bolha”.

É possível traçar um paralelo entre essa ideia de bolha com o conceito de tribos urbanas do sociólogo francês Michel Maffesoli (1998). De acordo com ele, as tribos urbanas podem ser compreendidas como agrupamentos de pessoas que se unificam em função de interesses em comum, hábitos, ideias semelhantes, formas de se vestir etc. Portanto, essas tribos são formadas pelos laços de identificação ou características compartilhadas por determinados grupos. Os funkeiros, punks, geeks, emos são alguns dos muitos exemplos.

Esses agrupamentos, como o próprio nome sugere, são específicos de espaços urbanos em virtude, principalmente, da diversidade cultural presente nas metrópoles e do maior acesso aos meios de comunicação. Dentre as características desses grupos a que mais se destaca é a sensação de pertencimento, que é inexistente para seus membros fora desses agrupamentos, onde não são bem aceitos socialmente e ainda são tachados e estranhos e exóticos.

A ideia de bolha também dialoga, até melhor, na minha percepção, com a concepção de comunidades de práticas proposta por Wenger-Trayner (2015). Essas comunidades de prática seriam formadas por pessoas que se engajam em um processo de aprendizagem coletiva em determinado campo compartilhado de empreendimento humano, como uma tribo aprendendo a sobreviver, uma banda de artistas em busca de novas formas de expressão, um grupo de engenheiros trabalhando a solução de problemas similares, entre outros. Em síntese, uma comunidade de prática é formada por um grupo de pessoas que compartilham um determinado interesse ou paixão por algo que praticam e buscam aprender, melhorar e aperfeiçoarem-se na medida em que interagem regularmente.

É relevante destacar que a aprendizagem pode ser a razão da formação da comunidade ou simplesmente um resultado acidental da interação de seus membros. E é mais ou menos o que acontece dentro do que podemos chamar comunidade de prática vegana. Isso porque há pessoas que decidem se tornar veganas, mas não sabem nada sobre o veganismo e somente após

serem veganos, ao interagirem com outras pessoas veganas, que passam a entender melhor o veganismo e conseqüentemente a sua atuação dentro do veganismo, principalmente no que diz respeito a alimentação. Por outro lado, há pessoas que passam a se interessar sobre o veganismo e somente após aprenderem muito sobre o veganismo a partir das interações com pessoas que já fazem parte dessa comunidade que se tornam veganos e conseqüentemente aí permanecem.

No caso específico dessa participante, a Carmen, tudo foi acontecendo de forma simultânea. Ela conheceu o veganismo, se tornou vegana, e a comunidade de prática vegana foi a rodeando naturalmente no seu cotidiano. Com isso, a interação e a aprendizagem já acontecem dentro da própria casa podendo expandir muros a fora.

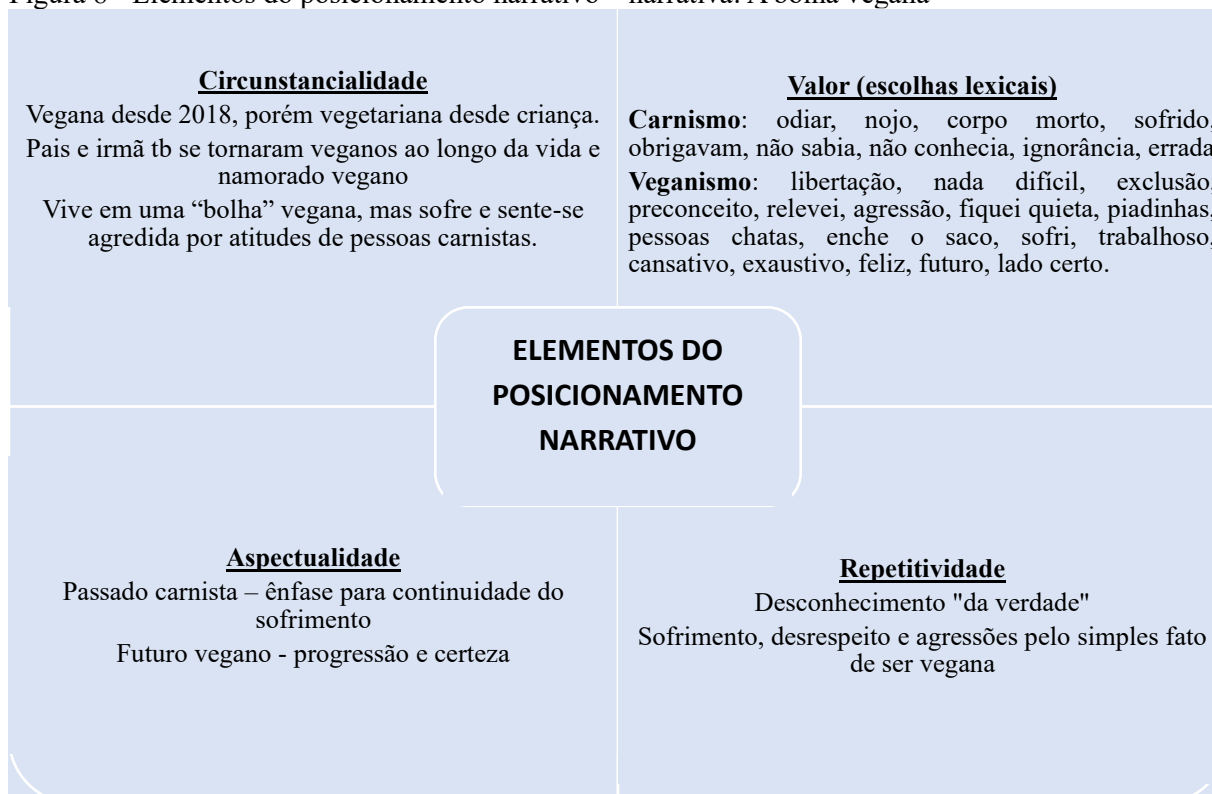
De acordo com Wenger-Trayner (2015) a combinação de três elementos, domínio, comunidade e prática, são cruciais para a constituição das comunidades de prática. A comunidade de prática não pode ser entendida como um agrupamento de amigos ou uma rede de conexões entre pessoas. É preciso existir uma identidade definida por um campo de interesse implicando em um comprometimento e competências que sejam capazes de distinguir membros de não membros. No caso do veganismo não conformista moral, não basta ter interesse, admiração e/ou afinidade pela causa animal, é preciso também ter o compromisso da prática, ou seja, de não usar e não consumir nenhum produto de origem animal, é claro que isso dentro do possível e do praticável, para se denominar vegano.

No que tange o elemento comunidade, constata-se que na empreitada em direção aos seus interesses, os membros da comunidade se engajam em atividades e discussões, se ajudam mutuamente, compartilham informações, aprendem uns com os outros e constroem laços entre eles. Não basta compartilhar o mesmo local de trabalho, ou de convivência para ser uma comunidade de prática, é preciso interagir e aprender em conjunto tendo os mesmos objetivos. Para não ficar dúvida, Wenger-Trayner (2015), exemplificam citando os impressionistas, que apesar de pintarem e trabalharem sozinhos, as interações de seus encontros nos cafés e estúdios para discutirem o estilo de arte que estavam construindo juntos eram essenciais para que fossem considerados uma comunidade de prática.

E por fim, o terceiro elemento necessário para formar a comunidade de prática é a prática, ou seja, seus membros desenvolvem em conjunto um repertório de recursos, tais como, experiências, histórias, ferramentas, e formas de enfrentar problemas recorrentes, ou seja, uma prática compartilhada, que exige tempo e interação constante. Sendo assim, a bolha vegana, que à princípio, pode parecer como algo negativo, no sentido de fuga da realidade e isolamento, pode ser encarada como essa comunidade de prática que compartilha histórias, vivências, conhecimentos, o sentimento de pertencimento, assim como também a angústia de ser vegano

em um mundo não vegano. Essa comunidade de prática o acolhe e protege de um mundo que o rodeia e o faz sofrer pelo fato de enxergar realidades com pontos de vistas diferentes.

Figura 8 - Elementos do posicionamento narrativo – narrativa: A bolha vegana



Fonte: Elaborado pela autora

Retomando os elementos do posicionamento narrativo seguimos com o elemento da aspectualidade. Ao longo da narrativa autobiográfica, foi possível observar que nos momentos em que a participante narrou o seu passado carnista ela fez uso predominantemente de formas verbais que dão ênfase para a continuidade de um incômodo e sofrimento, como em “*não gostava*”, “*tinha nojo*”, “*era obrigada*”, “*sofria*”, “*não sabia*” e “*não conhecia*”. A participante comia alimentos de origem animal rotineiramente em um período de sua vida e isso a incomodava, não era natural na sua perspectiva.

Em determinado momento, quando a participante fala sobre o futuro ela utiliza formas verbais e adverbiais que vão descrever aspectos complementares. As formas “**cada vez mais** tem iniciativas veganas”, “empresas **indo** atrás disso”, “pessoas se **conscientizando**” vão trazer um encadeamento de ações em progressão para enfim trazer uma certeza com as formas “**não tenho a menor dúvida**” e “*o futuro é vegano*”.

Quando se fala em valor e escolhas lexicais torna-se bastante proveitoso retomar a ideia de cena da enunciação (MAINGUENEAU, 2015). Isso porque o termo cena apresenta “a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um quadro e um processo: ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças, e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço” (p.117). Ou seja, o discurso em questão pressupõe certo quadro, que é definido pelas restrições do próprio gênero, mas ao mesmo tempo, também vai gerir esse mesmo quadro pela encenação de sua enunciação que é única.

Sendo assim, o que se diz não é aleatório e não se reproduz em todos os discursos e contextos, há um quadro norteador para trazer sentido para aquele discurso, pois fora dele não faz sentido nenhum. Quando um vegano enuncia o termo animal ou bicho ao tratar de um alimento, não necessariamente ele está querendo ser provocativo, polêmico, ou até mesmo engraçado, é bem provável que seja exatamente isso, um animal, que o vegano esteja enxergando. As possibilidades de escolhas lexicais não são infinitas, o campo dos acontecimentos discursivos é um “conjunto sempre finito” (Foucault, 1969, p.30). O enunciado é produzido e apreendido dentro dos limites e na singularidade de seu acontecimento, observando as condições de sua existência e estabelecendo correlações com outros enunciados.

Há uma fala que já ouvi e julguei bastante proveitoso para compartilhar nesse momento para exemplificar e enriquecer essa discussão sobre condições de produção enunciativa, escolhas lexicais e valores. Certa vez, uma pessoa vegana foi questionada se ela não sentia falta de comer uma picanha ou um ovo frito, preparações que ela apreciava bastante antes de ser vegana. Ela respondeu perguntando se a pessoa sentia falta de comer girafas, portões ou canetas. É claro que a pessoa respondeu que não e ainda disse que essas opções não são comidas. Então, ela simplesmente complementou que não precisava mais responder porque a resposta já havia sido dada: “não é comida”, sendo assim, não faz falta.

Como analista do discurso, precisamos ter muito cuidado ao analisar determinado discurso principalmente quando não condiz com nossos valores e conhecimentos prévios, pois há o risco de trazermos uma visão equivocada por não estarmos em consonância com a cena englobante daquele discurso. Da mesma forma, quando estamos muito envolvidos com a temática e valores do discurso em questão há, por outro lado, o risco de percebermos somente o que se alinha conosco, conforme já mencionado em outro momento desta tese.

Enfim, retomando o elemento de valor do posicionamento narrativo é possível constatar que a participante faz uso de um léxico com uma carga semântica considerada bastante negativa quando se refere ao carnismo – odiar, nojo, corpo morto, sofrido, obrigavam, não sabia, ignorância, errada. Da mesma forma quando fala não do veganismo em si, mas do fato de ser

vegana em um mundo não vegano a carga semântica é também de um tom negativo, enfatizando principalmente o quão sofrido e cansativo é essa convivência – exclusão, preconceito, agressão, fiquei quieta, piadinhas, pessoas chatas, enche o saco, sofri, trabalhoso, cansativo e exaustivo. Por outro lado, quando em sua narrativa trata diretamente do veganismo a escolha lexical traz consigo um valor semântico positivo e esperançoso – libertação, feliz, futuro, lado certo.

O último elemento a ser discutido é a repetitividade que, conforme indica Maia-Vasconcelos (2022), está diretamente relacionado ao valor, já que aquilo que a pessoa mais valoriza e concebe grande importância, vai acabar tendo um maior destaque em sua narrativa, podendo se repetir ao longo do relato. Pude observar que a participante dá ao desconhecimento “*da verdade*” tanto de sua parte antes de descobrir o veganismo quanto por parte das outras pessoas um lugar de destaque em sua narrativa, retomando essa questão por diversas vezes.

Outras temáticas que se repetem bastante ao longo da narrativa são o sofrimento, o desrespeito e as agressões que a participante foi vítima pelo simples fato de ser vegana. Essas vivências negativas de ser vegana em um mundo não vegano são constantemente trazidas à tona ao longo da narrativa. Em resumo, a descoberta do veganismo foi o divisor de águas em sua vida. Antes ela desconhecia “*a verdade*” do veganismo e por isso não se encaixava no mundo carnista e após o despertar ela sente liberdade e alegria, como descrito em sua narrativa, por ter descoberto que não é preciso consumir animais para continuar a sua vida. Contudo, apesar dessa liberdade e alegria, o sofrimento também assume papel de destaque com o despertar, já que o mundo continua carnista e conseqüentemente, segundo a participante, ignorante para a “*verdade*”, acarretando a continuidade do sofrimento e angústia.

Esse despertar para o veganismo passa a ser o seu “porto de passagem”, como descreve Maia-Vasconcelos (2022), a partir do qual a participante vislumbra e significa toda a sua vida. A partir deste porto se constrói um *looping* narrativo, ou seja, ela retoma a todo instante esse momento do despertar e suas conseqüências, tanto positivas quanto negativas, sendo capaz de deixar marcas discursivas que vão “tingindo” a sua narrativa autobiográfica.

Maia-Vasconcelos (2022) ao formular a sua teoria e propor os termos *hardening* e *looping* narrativo se via em uma situação na qual as marcas eram limitadas ao sofrimento, contudo neste contexto de pesquisa temos duas situações após a ruptura traumática que é o despertar para o veganismo. A primeira pode ser descrita como a sensação de liberdade e alegria de conhecer outra verdade, outra possibilidade de vida em que os animais não precisam morrer para fornecer alimentos e outros produtos para consumo humano. Essa descoberta é de fato um divisor de água na vida de veganos, como veremos nos relatos dos outros participantes, de forma mais acentuada do que para a participante Carmem.

Mas essa sensação de liberdade e alegria vem acompanhada de sofrimento e angústia por diversos fatores como já visto principalmente em capítulo anterior que trata da vistopia, que é a segunda situação após a ruptura. Para a participante Carmem observamos a presença de sofrimento e angústia pelo fato dela enxergar o quanto foi e ainda é desrespeitada, excluída, o quanto sofre preconceitos e o quanto precisa remar contra a maré pelo simples fato de ser vegana. Esse processo de continuidade da vida após a ruptura com o carnismo é difícil, doloroso e cansativo, como relata a participante.

O despertar, considerado uma ruptura traumática, gera esse “ponto de dobradura”, mais rígido, mais resistente, contudo, mais frágil, pois a ruptura deixa marcas nunca voltando ao seu estado original. Esse ponto de dobradura passa a ser o ponto de partida para toda a sua história, é o looping narrativo (“*quando eu me tornei vegano*”, “*depois que eu despertei*”, “*depois que eu tomei conhecimento*”) que é retomado a todo momento, e com ele uma avaliação contínua da vida em função desse novo olhar. Instaure-se assim, um novo percurso identitário impulsionado pelo desafio de conviver em um mundo carnista e todas as implicações que ele gera para um vegano não conformista moral.

Nesse novo percurso identitário, que a todo momento é colocado à prova pela cultura carnista, o vegano precisa validar socialmente o veganismo continuamente. Ao contar a sua história a participante reflete sobre sua própria vida se posicionando contra a cultura carnista em que o grande problema levantado por ela é a desinformação de outra possibilidade de vida na qual não há a necessidade de usar e matar os animais, em suma, o veganismo, e o desrespeito, preconceito e exclusão sofrida pela cultura vegana. Levantados esses problemas, a participante prova a sua problematização trazendo ao longo de sua narrativa autobiográfica diversos exemplos de situações vivenciadas por ela no que tange essas questões.

Assim, ela, como sujeito argumentante, certifica-se da validade de sua tomada de posição e, simultaneamente, oferece ao interlocutor os meios para julgá-la, já que é preciso que este último esteja apto a aderir ou rejeitar a tomada de posição. No quadro a seguir, indico esses dois problemas apontados pela participante, o desconhecimento e a desinformação e o bloco desrespeito/preconceito/exclusão e as narrativas/provas de suas vivências em tais situações.

É possível encontrar o estabelecimento de relações de causalidade entre os dois problemas apontados, assegurando uma força de ligação entre eles. O desconhecimento e a desinformação do veganismo podem levar ao preconceito, desrespeito e a exclusão do veganismo socialmente. No exemplo narrado pela participante, o médico por desconhecer que o veganismo é completo nutricionalmente, acaba excluindo essa opção de vida de outras pessoas, além de desrespeitar quem já adere a tal posicionamento ao indicar erroneamente

futuros problemas que podem afetar não somente a saúde corporal, mas também a emocional do indivíduo.

Quadro 7 - Validação do veganismo – Narrativa: A bolha vegana

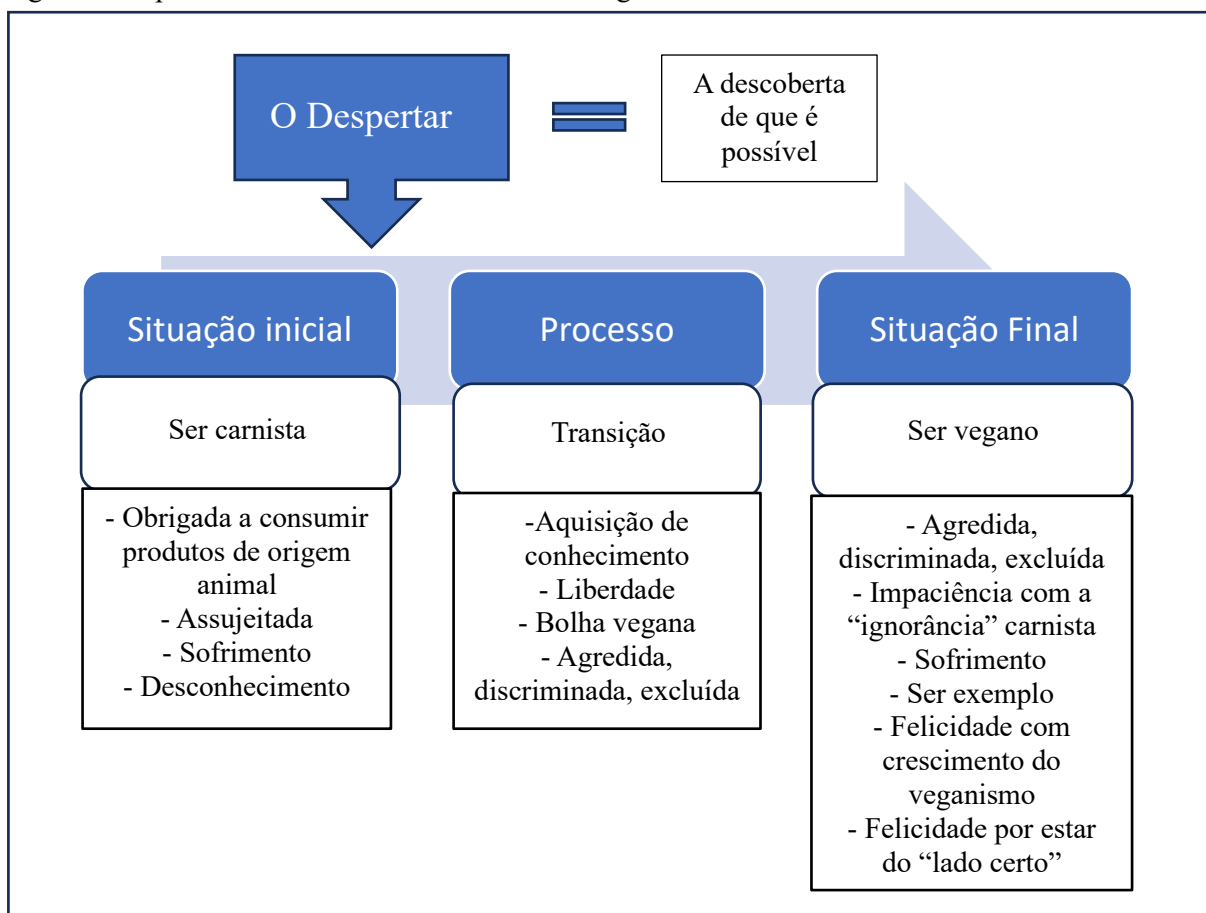
ARGUMENTANDO/VALIDANDO O VEGANISMO			
PROBLEMA	PROVA	PROBLEMA	PROVA
DESCONHECIMENTO/DESINFORMAÇÃO	<p>Exemplos:</p> <p><i>“eu já não gostava de comer carne, nunca quis, mas como meus pais não tinham muita noção do que fazer, eles acabavam me dando”</i></p> <p><i>“eu não sabia que dava para não comer então eu acabava comendo ovo e leite”</i></p> <p><i>“eu percebi que na verdade o que eu queria era ser vegana e eu só não sabia que dava”</i></p> <p><i>“ela tá fechada assim, numa, acho que com muros de ignorância”</i></p> <p><i>“eu acho o mais chato assim a desinformação”</i></p> <p><i>“eu tô acostumada com a ignorância em torno do veganismo, mas eu não achei que fosse passar por tamanho desrespeito em um ambiente de saúde”</i></p>	DESRESPEITO, PRECONCEITO E EXCLUSÃO	<p>Exemplos:</p> <p><i>“me obrigavam a comer”</i></p> <p><i>“quando paro para olhar para trás sempre foi muita agressão sabe?”</i></p> <p><i>“um médico [...] ele falou pra mim assim: você sabe que se você não comer carne você vai ter problema pra ter filhos no futuro”</i></p> <p><i>“aquelas piadinhas chatas de sempre: você não quer comer essa picanha aqui?”</i></p> <p><i>“eu tava em um hotel vegano [...] entrou um cara [...] pediu o cardápio, o garçom explicou que era tudo vegano [...]o cara começou a fazer um escândalo, que era um absurdo não ter nenhuma opção para ele [...] e eu olhando aquilo e falando: a cidade só tem coisa, tipo assim, não tem uma coisa pra vegano a não ser esse hotel [...] o resto daquela cidade é tudo carne, fondue que é muito tradicional lá, então assim, o cara reclamar que um lugar não tinha o que ele comesse, sendo a cidade inteira é feita pra quem não é vegano”</i></p>

Fonte: elaborado pela autora

Retomando o percurso ético do sujeito desse discurso (figura 9) observa-se que a narrativa estabelece a imagem de um percurso inicial de sofrimento pela submissão à costumes que a participante nunca se identificou e pela ignorância devido ao desconhecimento de outra possibilidade de vida. No momento em que há essa descoberta, temos uma transição da

ignorância para o conhecimento que traz para o percurso a atribuição de liberdade, contudo pela existência da ignorância, preconceito e discriminação social contra veganos o sofrimento, apesar de apresentar outra fonte, permanece nesse percurso narrativo. Apesar do sofrimento permanecer, a imagem da esperança por um mundo vegano e o atributo da felicidade de estar “do lado certo” conseguem assumir lugar de destaque nesse percurso narrativo.

Figura 9 - O percurso ético – Narrativa: A bolha vegana



Fonte: Elaborado pela autora

8.2 A conexão de morte e alegria

A “*história de flerte*” com o veganismo para o participante Felipe também começou na infância como ele mesmo relata.

Era obrigado a ir até a fazenda dos meus avós, onde matavam porcos, galinhas e bois. Onde tiravam o leite das vacas e deixavam elas confinadas. Eu já sabia que tudo isso era errado e não tinha muito o que eu pudesse fazer. Por um tempo tentei deixar de comer carnes, mas fui repreendido fortemente pela minha família. Sendo assim, sempre que comia um animal ou um derivado, me sentia muito culpado.

Em 2017, já adulto, Felipe tomou a decisão de se tornar vegano na noite de Natal. Ele narra que a imagem de um peru com as perninhas abertas, assado sobre a mesa e a imagem de seus familiares rindo e alegres com a celebração não estavam fazendo sentido em sua cabeça, pois era uma conexão de morte e alegria. Sendo assim, naquele momento exato ele decidiu que não participaria mais “*desse massacre*” e que ele se tornaria vegano.

Já no dia seguinte ele se desfez de tudo que era de origem animal em sua casa e passou a pesquisar bastante sobre a alimentação vegana. Felipe ainda relata que sua esposa não entendeu muito a sua decisão, mas respeitou e como ele foi tentando mostrar a ela as vantagens de uma “*vida sem sofrimento*” ela acabou transicionando para o veganismo também pouco tempo depois.

Sendo vegano, ele relata identificar uma ignorância grande das pessoas sobre o assunto e por isso acabou se afastando de muita gente, passando a apresentar dificuldade em se relacionar com os outros, desenvolvendo fobia social, depressão, ansiedade e misantropia. Procurou apoio psicológico com uma psicóloga especializada em vistoria e com o tratamento, hoje, ele relata conseguir conviver melhor na sociedade carnista. Contudo, percebe uma dificuldade de viver em um mundo onde a maioria “*esta vendada para o assunto*”. Ele relata que “*mesmo sabendo que animais são capazes de sentir emoções e dor, o ser humano escolhe se alimentar do sofrimento deles*”.

Por fim, ele conta que tenta transformar o seu sentimento de vistoria em ativismo principalmente pelas redes sociais. Ele almeja que pelo menos alguém de seu ciclo social “*possa acordar para os animais*”.

O quadro 8 resume a partir de trechos da narrativa autobiográfica de Felipe as etapas vivenciadas por ele no seu percurso para o veganismo.

Quadro 8 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: A conexão de morte e alegria

Situação inicial	Ser carnista	<i>“era obrigado a ir”</i> <i>“matavam porcos, galinhas e bois”</i> <i>“eu já sabia que tudo isso era errado”</i> <i>“não tinha muito o que eu pudesse fazer”</i> <i>“tentei deixar de comer carne”</i> <i>“fui repreendido”</i> <i>“sempre que comia um animal ou um derivado, me sentia culpado”</i>	
Desencadeador da mudança	O despertar	1. Infância 2. Fase adulta	1. <i>“era obrigado a ir até a fazenda - matavam porcos, galinhas e bois”</i> <i>“Eu já sabia que tudo isso era errado e não tinha muito o que eu pudesse fazer.”</i> 2. <i>“no dia do natal, a imagem de um peru com as perninhas abertas, assado sobre a mesa e a imagem dos meus familiares rindo e alegres”</i>

			<i>“uma conexão de morte e alegria. Naquele momento, eu decidi não participar mais desse massacre”</i>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<i>“pesquisar”</i> <i>“a princípio a minha esposa não entendeu”</i> <i>“respeitou”</i> <i>“vida sem sofrimento, muito mais prazerosa”</i> <i>“ela fez uma transição dentro de alguns meses”</i> <i>“ignorância das pessoas sobre o assunto é muito grande”</i> <i>“fui me afastando”</i> <i>“apoio psicológico”</i> <i>“fobia social”</i> <i>“depressão”</i> <i>“ansiedade”</i> <i>“misanthropia”</i>	
Situação final	Ser vegano	<i>“difícil viver em um mundo onde a maioria está vendada para o assunto”</i> <i>“mesmo sabendo que animais são capazes de sentir emoções e dor; o ser humano escolhe se alimentar do sofrimento deles”</i> <i>“tento transformar esse sentimento de vistoria em ativismo”</i> <i>“acordar para os animais”</i>	

Fonte: elaborado pela autora

O participante, em sua narrativa, assinala discursivamente que a sua vida como carnista foi marcada pela culpa, pois sabia desde a sua infância que era errado confinar e matar os animais para consumo. Sua tentativa, ainda criança, de mudar tal situação foi fortemente repreendida e, portanto, por se ver sem saída acabou seguindo o fluxo dito normal como todos os outros que o rodeavam, usando e consumindo os animais.

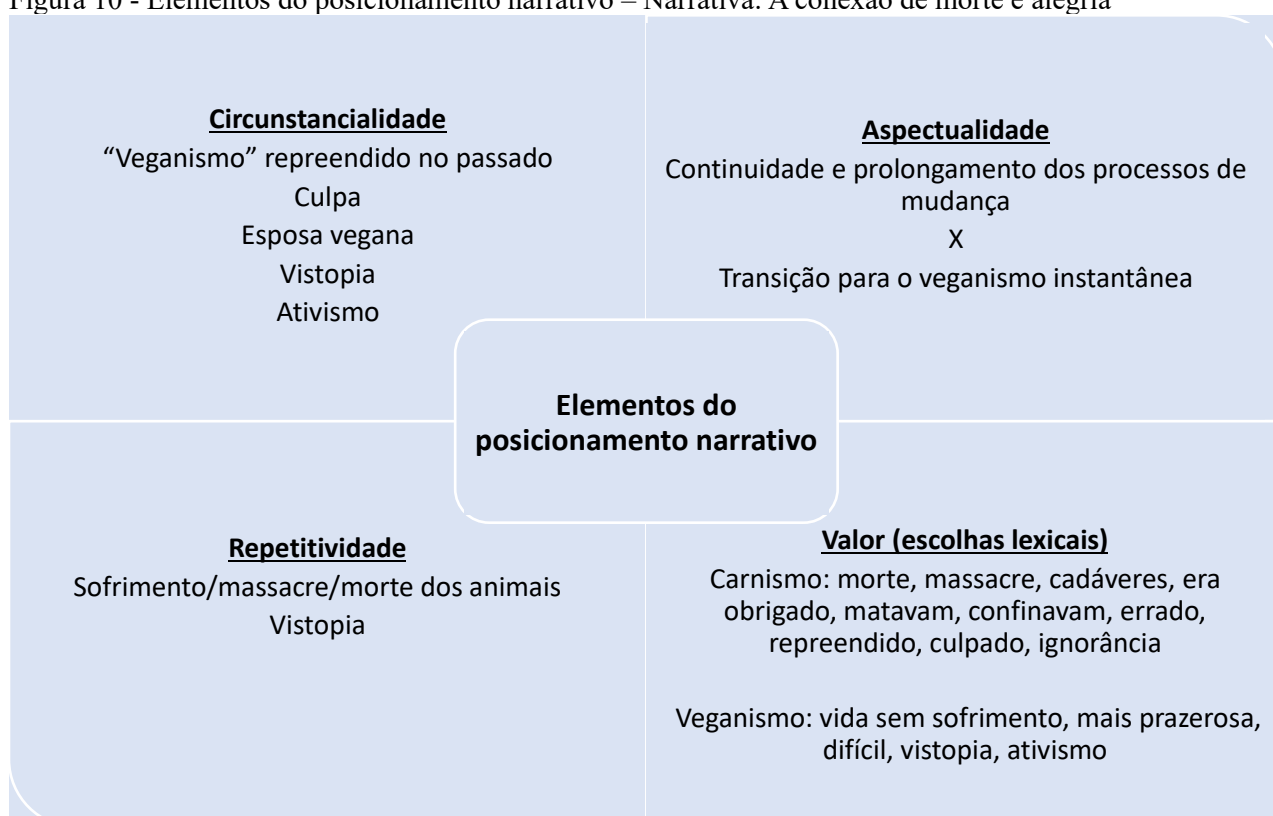
Na vida adulta, um episódio específico o fez passar por um segundo despertar, e esse sim o fez mudar a sua vida. O paradoxo da morte (dos animais) e alegria (dos humanos) não tinha mais como permanecer em sua vida, e sendo assim ele decidiu se tornar vegano. O início de seu processo em se tornar vegano é marcado pela pesquisa em torno da alimentação vegana. A sua busca pelo conhecimento e o compartilhamento desse conhecimento impulsionaram a sua esposa a também transicionar para o veganismo.

Contudo, essa busca pelo conhecimento se deparou com uma ausência de conhecimento sobre o veganismo na sociedade que o rodeia. Ao dar continuidade ao seu processo dentro do veganismo ele encontrou uma ignorância no assunto por parte dos outros. E esse desconhecimento dos outros o fez se afastar das pessoas a ponto de precisar de ajuda psicológica para saber viver em um mundo que não é vegano.

Hoje, sendo vegano e refletindo sobre o seu percurso no veganismo, o participante relata em sua narrativa que *“é difícil viver em um mundo onde a maioria está vendada para o assunto”*, ou seja, para o veganismo e tudo o que ele implica. Segundo Felipe, as pessoas precisam acordar e ele age na tentativa que elas despertem a partir de seu ativismo nas redes sociais.

A Circunstancialidade (figura 10) de sua narrativa é caracterizada por um veganismo reprimido no passado, quando ocorreu seu primeiro despertar. A culpa se instalou em sua vida conforme narrado até o momento do segundo despertar quando a conexão de morte e alegria não fizeram mais sentido em sua vida. Sua esposa também se tornou vegana após ele mostrar a ela as vantagens de ser vegano, contudo a ignorância das pessoas, como ele afirma, o afeta de forma acentuada. Ele tenta transformar toda a sua angústia em ativismo.

Figura 10 - Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: A conexão de morte e alegria



Fonte: Elaborado pela autora

A aspectualidade dos processos de mudança em sua narrativa faz uma distinção bem interessante entre todos os percursos de mudança tanto seus quanto de outras pessoas e especificamente o seu processo de transição para o veganismo. De uma forma geral, Felipe ao tratar de processos de mudança em relação ao veganismo utiliza formas verbais que enfatizam a continuidade e o prolongamento das ações conforme ilustrado no quadro a seguir.

Quadro 9 - Formas verbais utilizadas para tratar de processos de mudança em relação ao veganismo – Narrativa: A conexão de morte e alegria

Aquisição de conhecimento sobre o veganismo	“passei a pesquisar bastante”
--	-------------------------------

Relatos sobre sua vida carnista	<p>“era obrigado a ir” “matavam porcos” “tiravam o leite” “deixavam confinadas” “por um tempo tentei deixar” “sempre que comia” “me sentia culpado”</p>
Tentativa de despertar a esposa	<p><i>“a princípio”</i> <i>“fui mostrando”</i> <i>“dentro de alguns meses”</i></p>
Ser vegano em um mundo carnista	<p><i>“com o tempo”</i> <i>“fui percebendo que a ignorância”</i> <i>“fui me afastando”</i> <i>“precisei procurar apoio psicológico após um tempo”</i> <i>“não conseguia mais me relacionar”</i> <i>“desenvolvendo fobia social”</i></p>
Ativismo	<p><i>“tento transformar esse sentimento de vistoria em ativismo”</i> <i>“compartilhando tudo”</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora

Todos esses processos de mudança citados em sua narrativa levaram um período de tempo para ser concluído, como se precisassem de um período de tempo para a adaptação e efetiva mudança. Isso parece fazer sentido em uma sociedade que é predominantemente carnista, e até onde sabemos sempre foi “desde sempre” e conseqüentemente, pensar, refletir e narrar sobre uma mudança nesse contexto traz consigo essas marcas da durabilidade prolongada.

Contudo, quando ele narra a sua efetiva transição para o veganismo, ele utiliza formas verbais e adverbiais que marcam um aspecto pontual e instantâneo - *“naquele momento”*, *“eu decidi”*, *“disse a todos”* e *“joguei fora”*. A sua transição, ao contrário, foi imediata após o despertar definitivo, como se não precisasse de tempo para se adaptar antes de mudar. Primeiro ocorreu a mudança e depois, pouco a pouco, a adaptação, como ele mesmo afirma em sua narrativa que decidiu *“não participar mais desse massacre”*.

O carnismo é marcado discursivamente, conforme no caso da primeira participante, por escolhas lexicais que remetem a valores negativos, como a ignorância, estar errado, ser obrigado, contudo, diferentemente, Felipe também traz à tona um léxico que remete a sentidos, digamos, sombrios, como massacre, cadáveres e morte. Essas escolhas lexicais são bastante comuns dentre a população vegana, sendo facilmente visto em ações ativistas.

A ilustração a seguir, figura 11, exemplifica diversas estampas de camisetas que divulgam a causa animal fazendo uso de vocábulos que carregam esse sentido negativo e sombrio que geralmente incomoda os integrantes da cultura carnista e que são geradores de discussões bastante acaloradas.

Figura 11 – Imagens de camisetas do ativismo vegano que remetem a morte



Fonte: Elaborado pela autora³⁰

³⁰ Disponível em: <https://camisetas.veganosbrasil.com.br/produto/camiseta-vegan-because-my-body-isnt-a-graveyard-t-shirt/>;

Por outro lado, quando faz referência ao veganismo, o participante faz uso de um léxico que remete à valores que ele entende como positivo: “*vida sem sofrimento*” e “*mais prazerosa*”. Nessa construção de sentidos o sofrimento se refere aos animais, ou seja, ele, como vegano, sofre porque os animais sofrem. E poder viver e se alimentar sem provocar sofrimento nos animais é colocado em sua narrativa como uma vida mais prazerosa.

Contudo, apesar dessa alegria de isentar os animais de sofrimento, ser vegano é narrado como difícil pelo fato das pessoas não “*acordarem*” para o que ele nomeia de massacre. Sendo assim, por viver na contramão da cultura carnista tentando fazer com que as pessoas enxerguem o olhar do veganismo, ele sofre a angústia de ser vegano em um mundo não vegano. Para amenizar a sua dor ele vive na esperança de “*despertar*” sempre mais alguém, e, portanto, é um ativista do veganismo.

Esse sofrimento e morte dos animais que tanto o fazem sofrer são questões e valores relevantes em sua vida - conforme narrado, foi o motivo de sua transição para o veganismo – e, portanto, ao compartilhar a sua experiência com o veganismo não poderiam deixar de ter papel central em sua narrativa. As referências à morte dos animais e ao sofrimento que isso o causa, se repetem do início ao fim de sua narrativa.

É o looping narrativo “que lhe trará uma série de lembranças em cadeia” (Maia-Vasconcelos, 2022. p.62) que marca de forma intensa a sua narrativa, pois se torna necessário retomar esse porto de passagem constantemente, sempre refletindo sobre e trazendo à tona o paradoxo do prazer e da angústia instalado em sua vida. É como se a cada vez que o participante falasse desse prazer e angústia de se ver vegano, ele sempre estivesse retomando o momento do despertar e tudo que esse evento causou em sua vida: “*e aí, quando eu me tornei vegano....*”.

Como já tratado o despertar trouxe a leveza e o prazer para sua vida, contudo em contrapartida também trouxe o sofrimento e angústia por enxergar um massacre e morte onde os outros que não são veganos não veem, e é esse sofrimento pela morte dos animais que fortalece o veganismo. Traçando um paralelo com as reflexões de Maia-Vasconcelos (2022) sobre a sua teorização de hardening e looping narrativo, entendo que é esse sofrimento pelo massacre e morte dos animais tratado na narrativa de Felipe e, também de outros participantes,

https://www.amazon.com/-/es/Vegan-cad%C3%A1veres-muertos-Camiseta-divertida/dp/B085FK7SHK?customId=B0753779FX&customizationToken=MC_Assembly_1%23B0753779FX&th=1;

<https://loja.vista-se.com.br/pd-28e24a-camiseta-meat-is-murder-branca.html?ct=423c3&p=1&s=1;>

<https://www.amazon.co.uk/Hippowarehouse-Animal-Holocaust-Specific-Description/dp/B074HHXSFS?th=1.>

Acesso em: 10/10/2023.

que fortalece a existência e ativismo do veganismo. Isso porque o trauma e o sofrimento de enxergar questões antes não percebidas antes do despertar para o veganismo vão marcar de forma definitiva o indivíduo, jamais recuperando o seu estado original.

Esse indivíduo fica mais forte para lutar pela causa animal, como observado no Felipe, que para se manter resistente à dor busca ajuda psicológica, faz ativismo, e suas narrativas mais duras. Contudo, de forma simultânea a esse endurecimento, cria-se um looping narrativo da fragilidade já que toda a sua história começa e termina em torno do despertar. Conforme afirma Maia-Vasconcelos (2022) é “necessário ser resistente, mesmo consciente de que essa resistência era o ponto frágil” (p.62).

Ao narrar a sua história e experiência no que tange o veganismo, o participante coloca três questões a serem problematizadas. A primeira diz respeito ao “massacre” e ao sofrimento que os animais são expostos na sociedade carnista. Ele traz exemplos vivenciados por ele, tanto na infância, momento que ele presenciava a morte de alguns animais, assim como o confinamento de outros para consumo humano (produtos derivados), quanto outros momentos de comemoração em família em que ele percebe a morte e massacre dos animais expostos na mesa de refeição.

Em ambas as situações narradas ele se posiciona contra esse sofrimento e morte dos animais, julgando essa atitude humana de usar e consumir os animais como errada. Ele complementa esse julgamento com a segunda questão a ser problematizada, que é a ignorância humana sobre o assunto. Segundo ele narra, a sociedade carnista está vendada para o assunto, já que “*mesmo sabendo que animais são capazes de sentir emoções e dor, o ser humano escolhe se alimentar do sofrimento deles*”.

Por fim, ele traz em sua narrativa a terceira problematização que é a vistopia, que surge como consequência da ignorância do carnismo pela morte e sofrimento dos animais. Assim, Felipe, ao refletir e narrar sobre a sua própria história com o veganismo, valida o sofrimento dos animais para consumo humano, a existência do veganismo e a sua angústia de viver em um mundo que não é vegano. Esse processo de validação do veganismo está descrito no quadro a seguir.

Quadro 10 - Validação do veganismo – Narrativa: A conexão de morte e alegria

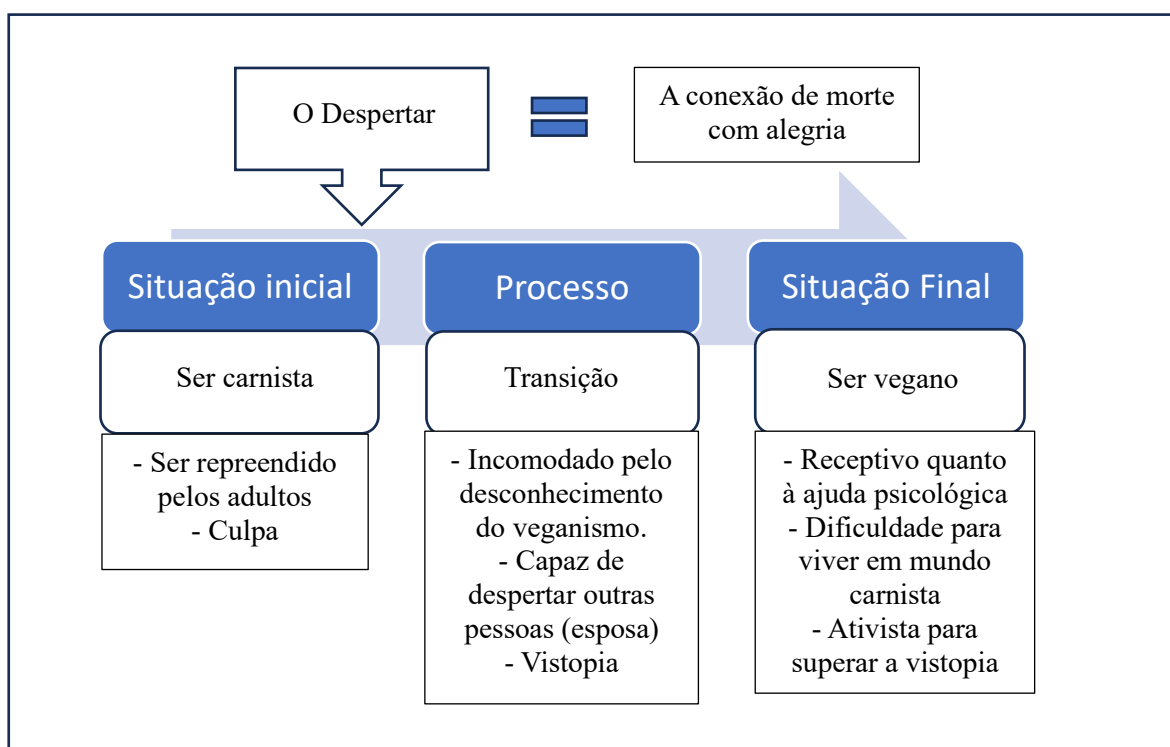
ARGUMENTANDO /VALIDANDO O VEGANISMO	
PROBLEMA 1	MASSACRE E SOFRIMENTO ANIMAL
PROVA 1	<p><i>“a fazenda dos meus avós, onde matavam porcos, galinhas e bois”</i></p> <p><i>“decidi não participar mais desse massacre”</i></p> <p><i>“Onde mesmo sabendo que animais são capazes de sentir emoções e dor, o ser</i></p>

	<i>humano escolha se alimentar do sofrimento deles”</i>
PROBLEMA 2	IGNORÂNCIA HUMANDA SOBRE O VEGANISMO
PROVA 2	<i>“a minha esposa não entendeu o porquê e de eu tomar essa decisão”</i> <i>“Com o tempo, fui percebendo que a ignorância das pessoas sobre o assunto é muito grande”</i> <i>“onde a maioria está vendada para o assunto”</i>
PROBLEMA 3	VISTOPIA
PROVA 3	<i>“Precisei procurar apoio psicológico após um tempo, pois já não conseguia mais me relacionar com não veganos, desenvolvendo fobia social, depressão, ansiedade e misantropia.”</i> <i>“Graças ao tratamento com a Helena e aos remédios que eu tomo, hoje consigo conviver melhor em sociedade.”</i> <i>“Hoje eu tento transformar esse sentimento de vistopia em ativismo”</i>

Fonte: elaborado pela autora

A figura 12, a seguir, ilustra o percurso ético desse sujeito do discurso que narra a sua experiência em se tornar e ser um vegano não conformista moral em um mundo que não é vegano.

Figura 12 – O percurso ético – Narrativa: A conexão de morte e alegria



Fonte: Elaborado pela autora

A construção do percurso ético vegano não conformista moral deste participante tem início já na sua infância, estabelecendo a imagem de uma criança reprimida pela crença dos pais carnistas, e vivenciando a culpa por continuar consumindo os animais. Já adulto, revela a ideia de esclarecimento da realidade e conseqüentemente se torna vegano. Por atribuir a si certo conhecimento sente-se capaz de compartilhar esse conhecimento sobre o sofrimento animal a outras pessoas. Nesse percurso de se tornar vegano, a sua narrativa traz o confronto do seu conhecimento da verdade com a ignorância das pessoas sobre o veganismo, fato que dá início à instalação da vistoria em sua vida. A identificação com a vistoria o faz entender a sua relação com o mundo e a necessidade de melhor se relacionar socialmente com e no mundo, e por isso procura ajuda psicológica se mostrando aberto a receber ajuda de um profissional especializado. A narrativa finaliza o percurso da construção desse ethos do ser vegano não conformista moral com a transformação da vistoria em ativismo na busca de continuar a sua caminhada despertando mais pessoas da ignorância para o conhecimento.

8. 3 O gosto de sofrimento e morte

A participante Kelly inicia a sua história com o veganismo narrando sobre a sua paixão pelos animais desde muito pequena. Contudo, apesar dessa paixão pelos animais, ela conta que foi criada comendo carne, ovos, leite e derivados, pois todos de sua família também haviam sido criados assim e não conheciam nada diferente disso. Ela ainda acrescenta que amava alimentos de origem animal, inclusive a tão famosa carne malpassada do churrasco.

A participante narra que, com cerca de 11 anos, apresentou, o que ela descreve de o “despertar da carne”. Ela narra

o início do meu despertar teve muito a ver com a minha primeira cachorra, a Pérola, que eu havia ganhado de aniversário poucos anos antes. Apesar de eu sempre ter sido apaixonada por animais, foi somente a convivência diária e íntima com a Pérola que me fez perceber a essência desses seres magníficos e tão parecidos conosco. A partir do meu despertar e da minha relação com a Pérola passei a ter diversas crises internas em relação ao que eu comia. Eu “amava” o sabor da carne e não imagina a minha vida sem, até porque eu acreditava que uma alimentação sem carne era prejudicial à saúde, já que era isso o que todos diziam isto, inclusive os médicos e nutricionistas. No entanto, o meu coração apertava sempre que eu parava para refletir sobre o animal que eu estava comendo. Lembro que me fazia perguntas do tipo Quem era ele ou ela? Como enxergava o mundo? Como era sua personalidade? Como foi sua infância? O que viveu? Foi feliz? Foi maltratado? O que sentiu quando estava no corredor da morte? Será que lutou para sobreviver, gritou e chorou como eu faria se estivesse no seu lugar? Eu olhava para Pérola, aquela cachorrinha tão linda e inteligente, tão especial, e sentia que todos os outros animais eram da mesma maneira. Naquela época eu já sabia que em

alguns países asiáticos as pessoas se alimentavam de carne de cachorro e pensava "Se a Pérola tivesse nascido em outro país ela poderia ter virado churrasco!". Conforme eu ponderava sobre o assunto, comer carne foi deixando de me fazer verdadeiramente feliz. Eu passei a ficar inconformada com o fato de gostar de comer carne e de "precisar" dela para a minha saúde, pois me sentia culpada e hipócrita por isso...

Kelly, na sequência, descreve que com esses seus questionamentos e reflexões ela passou a sentir um gosto estranho toda vez que consumia carnes. Ela descreve esse sabor como “gosto de sofrimento e morte” e que por vezes tornava-se insuportável sentir esse sabor levando-a a preparar o seu prato intencionalmente isento de carne.

Pouco tempo depois ela descobriu a existência do vegetarianismo, o que a deixou muito animada. Contudo, ela vivia o dilema de amar a carne e a repudiar simultaneamente. Além disso, também acreditava, baseada em conselhos médicos, que as carnes eram essenciais para a sua saúde.

Alguns anos depois, com a morte de outro cachorro seu, ocorreu o seu segundo despertar, o que ela denomina de o “*despertar espiritual*”. Nesse momento ela sentiu a necessidade de passar a ajudar animais carentes e com suas pesquisas também descobriu o direito dos animais, ramo para o qual direcionou o seu curso de direito. Nesse percurso, em uma palestra sobre proteção animal, ao ouvir o palestrante afirmar que “não dá para defender os animais ao mesmo tempo em que os comemos” ela relata que “*a chave virou completamente e com toda a força*” e assim se tornou vegetariana, apesar de receber uma grande resistência de sua família e amigos.

Continuando o seu o percurso, tornou-se vegana pouco tempo depois ao se deparar com uma palestra sobre a produção de ovos e laticínios. Ela narra que ficou horrorizada com o sofrimento dos animais e que a sua consciência não lhe ofereceu outra saída a não ser o veganismo. Ela relata que ter se tornado vegana foi a melhor decisão de sua vida e que na prática aprendeu que o veganismo além de ser bom para os animais também é positivo para o meio ambiente e para a saúde.

A participante também relata que ao longo dos seus 11-12 anos sendo vegana tem se dedicado na disseminação do veganismo e ao apoio as pessoas que querem se tornar veganas. Inclusive, o seu trabalho de conclusão do curso de direito teve como foco a temática do veganismo sendo intitulado Os animais como sujeitos de direito.

Quanto ao questionamento sobre ser vegana em um mundo que não é vegano, Kelly afirma ser um desafio diário por ter que lidar com questões que a maioria das pessoas não percebe como um problema. Ela relata em sua narrativa que é impossível ignorar o sofrimento

animal uma vez que você se dá conta dele em todos os lugares

quando sente o cheiro do churrasco do vizinho, quando vai ao restaurante e vê pessoas comendo carnes, quando sai pelas ruas e vê pássaros em gaiolas, quando vê policiais andando a cavalo, quando vê no Instagram da sua prima que ela levou o filho no zoológico e sua amiga levou a filha no seaworld.

A participante finaliza a sua narrativa afirmando que com isso tudo há sofrimento e que a sua maneira de superar é ajudando os animais não somente sendo vegana, mas também sendo uma ativista e educadora ajudando outras pessoas a se tornarem veganas e apoiando veganos que estejam encontrando dificuldades.

Sendo assim, a partir dessa narrativa elaborei o quadro 11, a seguir, com trechos de sua autobiografia, que resume as etapas de seu percurso rumo ao veganismo.

Quadro 11 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte

Situação inicial	Ser carnista	<i>“sempre fui apaixonada por todos os tipos de animais” “apesar do meu amor por animais” “fui criada comendo carne, ovos, leite e derivados” “todos da minha família haviam sido criados assim” “não conheciam nada diferente disso” “sempre gostei de comer alimentos de origem animal” “por diversas vezes pedi carne malpassada” “adorava fritar ovinhos”</i>	
Desencadeador da mudança	O despertar	1. O despertar da carne 2. O despertar espiritual	1. <i>A percepção da essência de seres tão parecidos conosco “crises existenciais” “eu amava o sabor da carne” “acreditava que alimentação sem carne era prejudicial” “comer carne foi deixando de me fazer verdadeiramente feliz” “gosto de sofrimento e morte”</i> 2. <i>“direcionar o amor que precisava transbordar do meu coração” “não dá para defender os animais ao mesmo tempo em que os comemos”</i>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<i>“descobri que existiam pessoas que não comiam nenhum tipo de carne” “fiquei animadíssima com a descoberta” “solução para o meu dilema” “passei a questionar tudo sobre a existência e a morte” “ajudar animais carentes” “certeza absoluta que nunca mais iria colocar um animal na boca” “minha família e amigos foram contra a minha decisão” “me diziam que eu ia ficar doente” “enfrentei todos e persisti” “não fazia ideia do que acontecia com os animais” “fiquei horrorizada” “me senti uma completa idiota por acreditar que vaquinhas pastavam felizes”</i>	
Situação final	Ser vegano	<i>“melhor decisão da minha vida” “bom para o meio ambiente e para a saúde”</i>	

		<i>“é um desafio diário”</i> <i>“lidar com questões que a maioria não percebe como problema”</i> <i>“impossível ignorar o sofrimento animal”</i> <i>“há sofrimento”</i> <i>“angústia de ser vegano em um mundo não vegano”</i> <i>“vístopia”</i> <i>“ativista e educadora”</i>
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

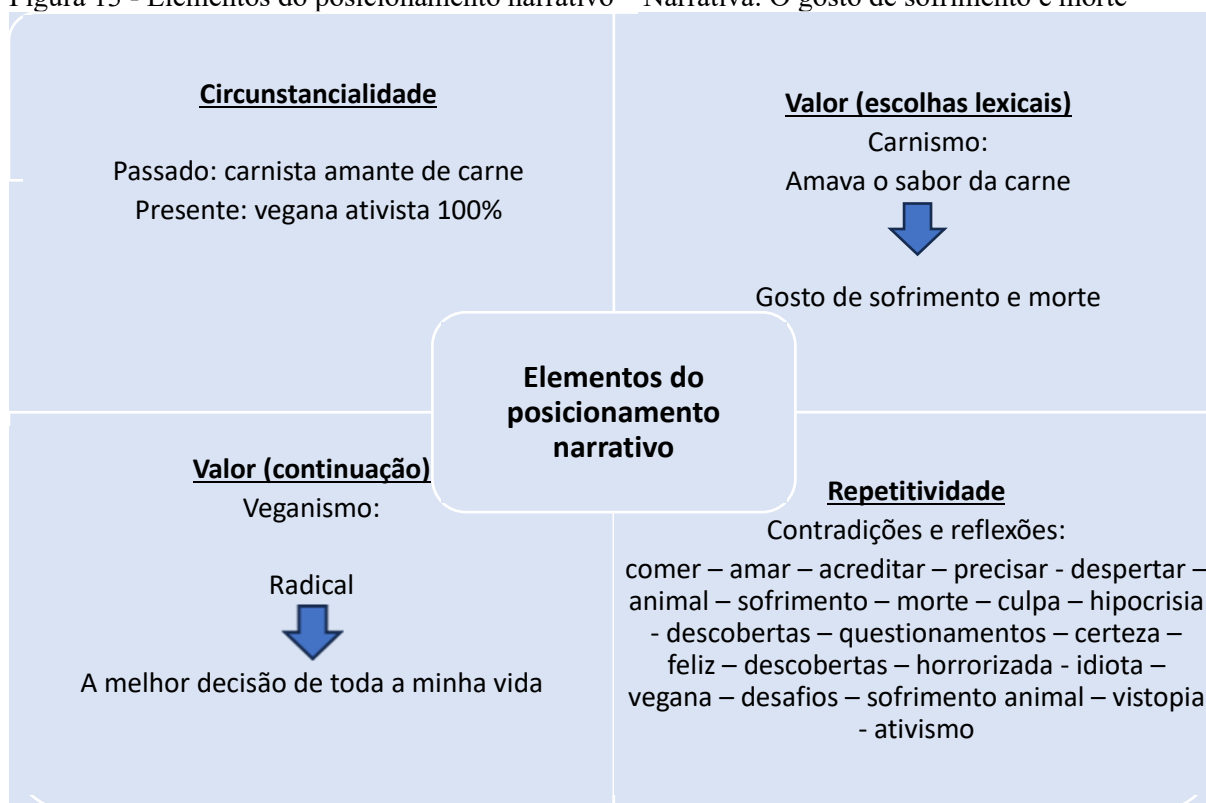
Diferentemente dos participantes anteriores já mencionados, Kelly era carnista e não tinha nenhum problema com isso. Foi criada na cultura carnista, não conhecia outra forma de viver e amava consumir os animais. A mudança na perspectiva só se deu após ter seu primeiro cachorrinho, momento de seu primeiro despertar. A partir desse momento uma sucessão de acontecimentos já descritos, reflexões e decisões acabaram a levando ao veganismo.

O desconhecimento e a resistência ao vegetarianismo e veganismo fazem parte de seu percurso, assim como a contradição da alegria de ser vegana e a angústia de viver em um mundo que não é vegano. A participante tenta transformar essa sua angústia em ativismo pró-veganismo, atitude essencial para veganos vivenciando a vistopia, segundo Mann (2018). De acordo com a psicóloga, o trabalho ativista é uma ferramenta valiosa para transformar a dor e o sofrimento de veganos que sentem dificuldades em viver em um mundo não vegano em uma vida que valha a pena.

A designação da produção desta narrativa autobiográfica difere das demais pelo fato desta, como já citado no capítulo da metodologia, ter sido produzida objetivando a publicação de um livro com o intuito de ajudar indivíduos que desejam se tornar veganos ou estejam iniciando o percurso do veganismo. Contudo, pelo fato de narrar a sua história com o veganismo coube perfeitamente para esta pesquisa sem exigir da participante a construção de uma nova narrativa.

Na imagem (figura 13) a seguir, esquematizo os elementos do posicionamento narrativo que mais se destacam em sua narrativa. A circunstância de produção da narrativa é de uma vegana que no passado amava a vida carnista antes de seu despertar nunca imaginando conseguir viver sem a carne e que hoje além de ser vegana, vive de seu ativismo pró-veganismo. Nesse percurso, passou por um processo de descobertas sucessivas, acompanhado de muitos questionamentos e objeções externas antes de se tornar vegana.

Figura 13 - Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte



Fonte: elaborado pela autora

No que concerne o seu posicionamento narrativo de valor ao tratar do carnismo e veganismo, observa-se que a participante faz um paralelo narrativo entre os valores do passado e do presente evidenciando discursivamente essa mudança. O carnismo antes visto como única opção e muito “amado” passa a ter um gosto de sofrimento e morte, enquanto o veganismo que era algo entendido como radical, nunca imaginado, passa a ser compreendido como a melhor decisão de toda a sua vida.

Nessa narrativa do processo de autocriação do “novo eu” que agora, após o despertar é vegano, a participante traz em seu texto de forma repetida as suas contradições e reflexões que marcam o seu percurso de transformação. Conforme ilustrado na figura 13, há o amar e o acreditar precisar da carne opondo o sofrimento e morte dos animais, a culpa e a hipocrisia, a certeza, a felicidade e as descobertas com o veganismo de um lado e o horror, o desafio e a vistopia de outro. Podemos entender o termo ativismo fechando esse ciclo de reflexões para instaurar essa nova identidade vegana que é enunciada e, portanto, legitimada.

Essas contradições e reflexões repetidas vezes na narrativa são capazes de demarcar seus valores no que diz respeito a relação dos humanos com os animais não humanos e seu posicionamento narrativo trazendo as marcas linguístico-discursivas específicas da dor e

angústia de ser vegano em um mundo carnista. Essas marcas como já mencionadas se fazem presentes ao longo de sua narrativa autobiográfica tingindo-a em todas as suas dimensões com o “tom” da vistoria.

A ruptura traumática de seus dois “despertares” constrói um processo necessário de continuidade de vida marcado em sua narrativa por suas reflexões e questionamentos que vislumbram toda a sua vida e seus portos de passagem por ele exigidos até a culminância da transição para o veganismo. Contudo, a nova identidade vegana também exige a construção de um novo processo de continuidade de vida, não mais marcado por contradições e dúvidas, mas sim por uma solução menos sofrida para essa continuidade de vida. Em sua autobiografia a participante narra esse processo de ruptura seguido por um novo começo de identificação e legitimação de seu novo eu que além de vegano é também ativista pois somente com o ativismo foi possível superar a dor da vistoria.

A participante é capaz de argumentar a favor do veganismo em sua narrativa apresentando em seu texto um problema que ela enfrentou em sua caminhada e que também é apontado por muitos como um dos grandes empecilhos para o veganismo. Ela relata em sua narrativa o quanto amava consumir carnes e derivados e o quanto deixar de consumi-los parecia impossível em sua vida. O seu primeiro despertar promoveu uma mudança nas representações que a participante tinha no que diz respeito às carnes animais e na sequência o despertar espiritual trouxe ainda mais mudanças nas representações que ela tinha dos alimentos de origem animal e na relação de humanos com animais não humanos.

É possível perceber a intervenção de suas representações a orientando em direção às coisas visíveis (alimentos e animais) do mundo assim como às que ela precisa responder (relação com os alimentos e animais). As representações, segundo Moscovici (2015), possuem uma natureza convencional e, também prescritiva. Ao convencionalizar objetos, pessoas e acontecimentos, as representações lhes “dão uma forma definitiva, localizam em determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas” (Moscovici, 2015, p.34).

Ao prescrever, as representações vão ser capazes de se impor como uma força irresistível. Moscovici (2015) explica que essa força é uma combinação tanto de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós sejamos capazes de pensar quanto de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. O autor entende que

todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva

e uma reprodução na linguagem que, invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (Moscovici, 2015, p.37)

Seguindo essa linha de raciocínio torna-se possível afirmar que Kelly antes de seu despertar para o veganismo, como relata em sua narrativa, amava comer carne pois vivia em uma tradição em que se comia e amava comer carnes e seus derivados. Ela carregava a representação, assim como a maioria da população mundial, de que vacas, galinhas, porcos e peixes são animais que existem para produzirem e fornecerem a sua carne e suas secreções para a alimentação humana. Essas representações, antes em sua vida, não haviam sido pensadas, ou melhor, “re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (Moscovici, 2015, p.37).

Com o seu despertar para o veganismo, essas representações foram repensadas e se rerepresentaram com uma nova perspectiva. Animais deixaram de ser alimentos e com isso o seu comportamento e até preferências precisaram também mudar. O que parecia inviável tornou-se óbvio, necessário e como ela relata em sua narrativa, a carne que antes era deliciosa passou a ter um gosto de morte.

Assim, em sua tripla atividade discursiva argumentativa, ela se posiciona diante do problema exposto (resistência de não veganos ao veganismo por gostarem muito de consumir alimentos de origem animal) e traz a solução através de seu exemplo. Vejamos o quadro a seguir.

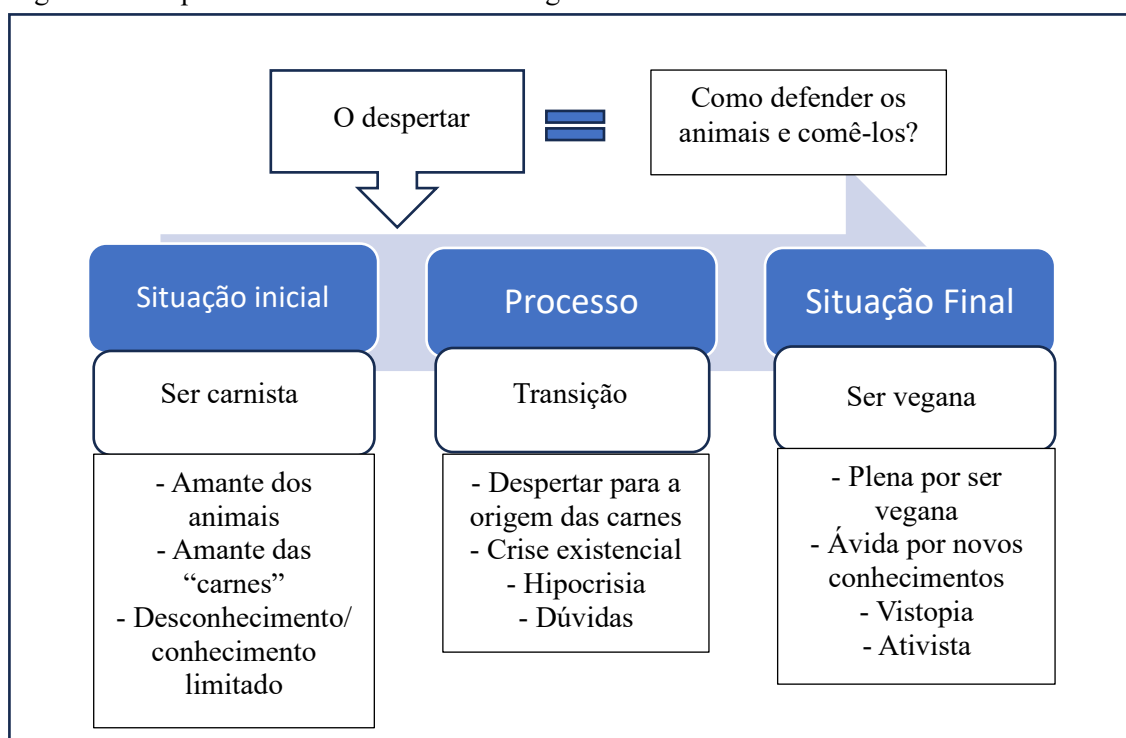
Quadro 12 - Validação do veganismo – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte

Tripla atividade discursiva argumentativa	
Problematização	Resistência ao veganismo por amar alimentos de origem animal
Posicionamento	Posiciona-se contra esse argumento evidenciando a necessidade de repensar as representações do carnismo, já que novos pontos de vista geram novas representações sociais.
Prova	A sua história de vida prova que é possível mudar.

Fonte: Elaborado pela autora

Para finalizar, na figura 14, ilustro o percurso do ethos discursivo da participante Kelly construído em sua narrativa autobiográfica sobre a sua relação com o veganismo não conformista moral. Através desse percurso ético é possível refletir sobre o processo de adesão da participante a uma posição discursiva manifestada como “voz” e como “corpo”, que se inscreve não apenas historicamente, mas também em uma situação específica que a sua enunciação é capaz de pressupor e validar.

Figura 14 – O percurso ético – Narrativa: O gosto de sofrimento e morte



Fonte: Elaborado pela autora

Neste percurso encontramos várias imagens projetadas pela participante em sua narrativa. Na situação inicial da narrativa, a fase carnista, a participante retrata uma amante de carnes e animais, fato que com o despertar para o veganismo trouxe a contradição e a dúvida para a sua vida. Em seguida, como possuidora de novos conhecimentos, a sua percepção quanto a relação com os animais mudou, assim como ao que é considerado alimento. Desta forma, percebe-se em sua narrativa o nascimento de uma imagem de uma pessoa não conformista com a moral dominante em sua sociedade e assim surgem as reflexões, questionamentos, angústias e a crise existencial que teve como direcionamento a transição para o veganismo.

Surge então uma nova identidade em construção que tem certeza de seu novo posicionamento no mundo, adquire novas informações e conhecimentos e percebe a existência de novos desafios que precisa encarar em sua nova caminhada. A participante relata o seu sofrimento e tem conhecimento da angústia de ser uma vegana não conformista moral em um mundo carnista e encontra na sua atribuição de ativista uma saída para conseguir superar esses desafios e angústias demonstrando esperança por um mundo mais acolhedor para veganos.

8.4. O grupo seitânico - trazendo pessoas para o lado de cá

A participante Luzia dá início a sua narrativa afirmando que seu processo foi bem longo tendo início aos 12/13 anos. Na sequência, ela faz um “desvio” nesse processo cronológico para talvez contextualizar a sua história relatando que a sua família, principalmente o seu avô, eram amantes dos animais. Ele criava e cuidava de animais de todos os tipos, como cachorros, passarinhos, patos e galinhas em sua casa. Sua mãe também era “obcecada por animais” tendo muito amor pelos bichos e isso, segundo ela, deve ter sido o seu impulso inicial para se tornar vegana.

Na verdade, ela relata que apesar do amor pelos bichos seu avô consumia todos os tipos de alimentos de origem animal, até porque ele é de “*outro tempo*” quando não se falava de vegetarianismo e veganismo. Sua mãe não consumia apenas carne vermelha e ela desde pequena tinha uma vontade de ir além de sua mãe, pois sempre soube que iria “*parar tudo eventualmente*”. Começou o seu processo deixando de consumir porcos, quando aos 12 anos viu porcos amontoados sendo transportados em um caminhão, cena que a chocou bastante. Ela relata:

Eu olhei para o lado e era um caminhão de porcos, eles tavam assim todos amontoados um em cima do outro, tinha porquinhos filhotes e eu fiquei assim destruída, eu tinha sei lá, acho que era 12. Eu tinha um cachorro e eu já tinha lido aquelas coisas de que cachorros, é, porcos são mais inteligentes que cachorros e eu fiquei assim, sei lá, pra mim foi um choque de realidade vendo eles serem transportados como carga, como mercadoria, eles chorando, então a partir daí eu parei de comer porco.

Em seguida, Luzia narra que alguns anos depois deixou de comer carne vermelha e mais alguns anos foram necessários para deixar por completo de consumir todos os tipos de carne. Ela comenta em sua narrativa que demorou bastante para se tornar vegetariana, assim como também levou bastante tempo do vegetarianismo para o veganismo, fato esse condenado por ela hoje. Ela narra:

Mas eu tenho uma dificuldade [...] uma dificuldade bastante hipócrita minha, que é, eu tenho muita dificuldade com vegetarianos. Eu fui por muito tempo, é uma grande hipocrisia minha [...] é uma coisa que eu tenho muita, uma raiva meio irracional porque eu sei que essas pessoas estão mais do nosso lado [...] é injusto porque o meu processo foi longo também. Mas [...] eu não tinha nenhuma informação, nada.

Ela acrescenta que sua esperança está exatamente na informação. Segundo seu relato, quando se mostra “*que é fácil, que é gostoso*”, pessoas que possuem “*algum tipo de consciência, que são contra a crueldade [...] vão percebendo que esse é o caminho delas*”, trilhar o

veganismo. Nessa tentativa de “trazer as pessoas pro lado de cá” e para que o sentimento de solidão e isolamento não se instalasse ela começou a cozinhar para um grupo de amigos objetivando apresentar o veganismo na prática. Ela conta:

Eu tenho um grupo grande de amigos que eu cozinho para eles uma vez por mês. São umas 15 pessoas que veem aqui em casa e eu cozinho. A gente chama de grupo seitanico que começou porque eu fui ensinar a eles a fazer seitan. Então eu cozinho coisa veganas, faço, ensino eles a fazer queijo, fazer seitan, fazer cremes e sobremesas e coisas assim para eles irem vendo, que eu acho, eu sinto no meu percurso, eu acho que é o jeito mais fácil de convencer as pessoas, trazer as pessoas para esse lado. É mostrando a prática, mostrando que dá, que é fácil, que é gostoso [...] vai salpicando com informações [...], mostrando documentários [...], três já estão no caminho do veganismo, dois viraram [...].

A participante ainda acrescenta que atualmente, devido a tantas informações disponíveis, ela seria vegana por “*infinitos motivos*”, mas com certeza o seu motivo principal ainda seria os animais. Para ela, crueldade e tortura animal “*é imoral*”, sendo assim é muito difícil compartimentalizar, ou seja, conviver com pessoas que ela gosta, mas “*ainda não conseguiram enxergar isso*”. Ela diz que procura justificativas injustificáveis em sua cabeça, pois essas pessoas “*ainda não enxergam, ou não ligam, ou não sabem*”. Esse fato afeta bastante as suas relações e foi esse o motivo que a fez procurar terapia com alguém que fosse especializado em vistopia. Ela diz:

Como é ser vegano num mundo não vegano. Pra mim é muito complicado, é muito complicado, por isso é justamente que eu faço terapia [...] é muito complexo eu conseguir dissociar, eu conseguir continuar levando, levando a vida, amando pessoas, estando a volta de pessoas que fazem coisas que acho atrocidades, tipo que eu acho imorais.

A partir de sua narrativa, elaborei o quadro 13 abaixo que sintetiza a partir de trechos de sua narrativa as etapas de sua transição para o veganismo.

Quadro 13 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O grupo seitanico - trazendo pessoas para o lado de cá

Situação inicial	Ser carnista	<i>“a palavra veganismo nem existia no vocabulário brasileiro” “sempre soube que eu ia ser vegetariana”</i>
Desencadeador da mudança	O despertar	<i>“amor por bicho, então esse foi o meu impulso inicial” “foi um choque de realidade vendo eles serem transportados como carga”</i>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<i>“meu processo foi bem longo” “eu parei de comer, eu parei aos poucos” “pensei, já tá demorando muito tempo” “fiquei vegetariana por muito tempo” “era vegana em casa e vegetariana na rua”</i>
Situação final	Ser vegano	<i>“todos os motivos são válidos” “eu sou vegana por causa dos animais” “muito complicado” “faço terapia”</i>

		<p><i>“amando pessoas que fazem coisas que acho atrocidades”</i> <i>“por que eles ainda não enxergam, ou não ligam, ou não sabem”</i> <i>“tentar trazer as pessoas pro lado de cá”</i> <i>“não me sentir tão sozinha, tão isolada”</i> <i>“eu queria que todo mundo acordasse rápido</i> <i>“eu não tinha nenhuma informação”</i> <i>“É fácil, é gostoso”</i></p>
--	--	---

Fonte: elaborado pela autora

Apesar da participante em sua narrativa quase não abordar a fase inicial de sua trajetória com suas percepções e sentimentos sobre a fase carnista de sua vida, ela marca discursivamente essa sua relação com o carnismo ao relatar que sempre soube que seria vegetariana indo além do comportamento de sua mãe. Ela pensava no vegetarianismo e não no veganismo pois conforme ela mesmo diz a palavra vegano, e conseqüentemente o próprio veganismo, era de total desconhecimento. Ela complementa ainda a descrição dessa etapa de sua vida ao contar sobre o amor de seu avô e de sua mãe pelos animais e, portanto, como aprendeu com eles a amar e a cuidar dos animais.

De forma semelhante a outros participantes, um fato específico em sua vida, traumático, tornou-se o seu porto de passagem, já que a partir dele toda a sua vida passa a ser repensada e transformada. Esse seu processo de transição para o veganismo foi lento, fato que hoje ela condena e tem dificuldade de aceitar socialmente. A sua transição do vegetarianismo para o veganismo não ocorreu devido a algum evento específico que a chocasse ou promovesse algum tipo de reflexão, na verdade foi simplesmente a percepção de que ela já era quase 100% vegana e, portanto, resolveu ser vegana de fato, e assim passou então a se autodefinir como vegana.

A situação final dessa trajetória, ou seja, ser vegano em um mundo não vegano, é marcada pela dificuldade de conduzir as suas relações sociais e aceitar que pessoas de seu convívio e amadas por ela sejam capazes segundo o seu posicionamento de mundo de cometer atrocidades, tortura e atos imorais. O sentimento de solidão e isolamento que se instala, apesar de ter alguns membros de sua família na mesma caminhada do veganismo, tenta ser superado em suas tentativas de trazer outras pessoas para o veganismo através de seu “grupo seitanico”.

Ao contar a sua história com o veganismo a participante se posiciona em sua narrativa quanto ao carnismo fazendo uso de um léxico que traz uma carga semântica bastante negativa no que diz respeito a valores morais da sociedade. Além disso, o carnismo é marcado pela desinformação, ao contrário do veganismo que carrega consigo o conhecimento e a certeza de estar do lado certo. No quadro 14 a seguir listei essas escolhas lexicais valorativas da participante no que concerne o carnismo.

Quadro 14 - Posicionamento valorativo do carnismo
 Narrativa: O grupo seitânico – trazendo pessoas para o lado de cá

Posicionamento narrativo valorativo do carnismo
<ul style="list-style-type: none"> - crueldade - atrocidade - imoral - tortura - não enxergar - não ligar - não saber - não ter informação

Fonte: elaborado pela autora

Ao narrar o seu despertar que a fez deixar de consumir porcos, a participante faz escolhas lexicais que definem os animais para consumo humano na cultura carnista, neste caso específico os porcos: carga e mercadoria. Enquanto a cultura carnista distancia os animais para consumo dos animais tidos como pets, Luzia os une ao realizar a comparação entre cachorros e porcos. Ela narra esse momento:

*eu tava uma vez no carro com meu pai indo pra uma festa, eu olhei para o lado e era um caminhão de porcos, eles tavam assim todos amontados um em cima do outro, tinha uns porquinhos filhotes e eu fiquei assim destruída, eu tinha sei lá, acho que era 12, **eu tinha um cachorro e eu já tinha lido aquelas coisas de que cachorros, é, porcos são mais inteligentes que cachorros e eu fiquei assim, sei lá, pra mim foi um choque de realidade vendo eles serem transportados como carga, como mercadoria, eles chorando, então a partir daí eu parei de comer porco.***

Ao perceber cachorros e porcos como semelhantes, sendo que cachorros são pets, a percepção de porcos amontados como mercadoria para consumo deixou de fazer sentido e assim a mudança de seus valores exigiram conseqüentemente uma mudança também de comportamento. Por esse motivo ela deixou de consumir porcos. Conforme explica Joy (2010), é difícil manter uma incongruência entre os valores e comportamentos, sendo assim deixar de consumir o animal foi uma mudança de ação que foi feita para o alinhamento de valores e atitudes.

Luzia, assim como os outros participantes, também chama atenção para a questão da informação, ou seja, segundo ela ser carnista é estar desinformado a ponto de não perceber a crueldade que é consumir animais. Ao contrário, ser vegano é ter a percepção e a informação de que essa atitude é imoral. E por isso é comum a atividade do ativismo entre veganos, já que é a forma de divulgar informação, despertar o olhar de carnistas para uma nova percepção na relação entre humanos e animais.

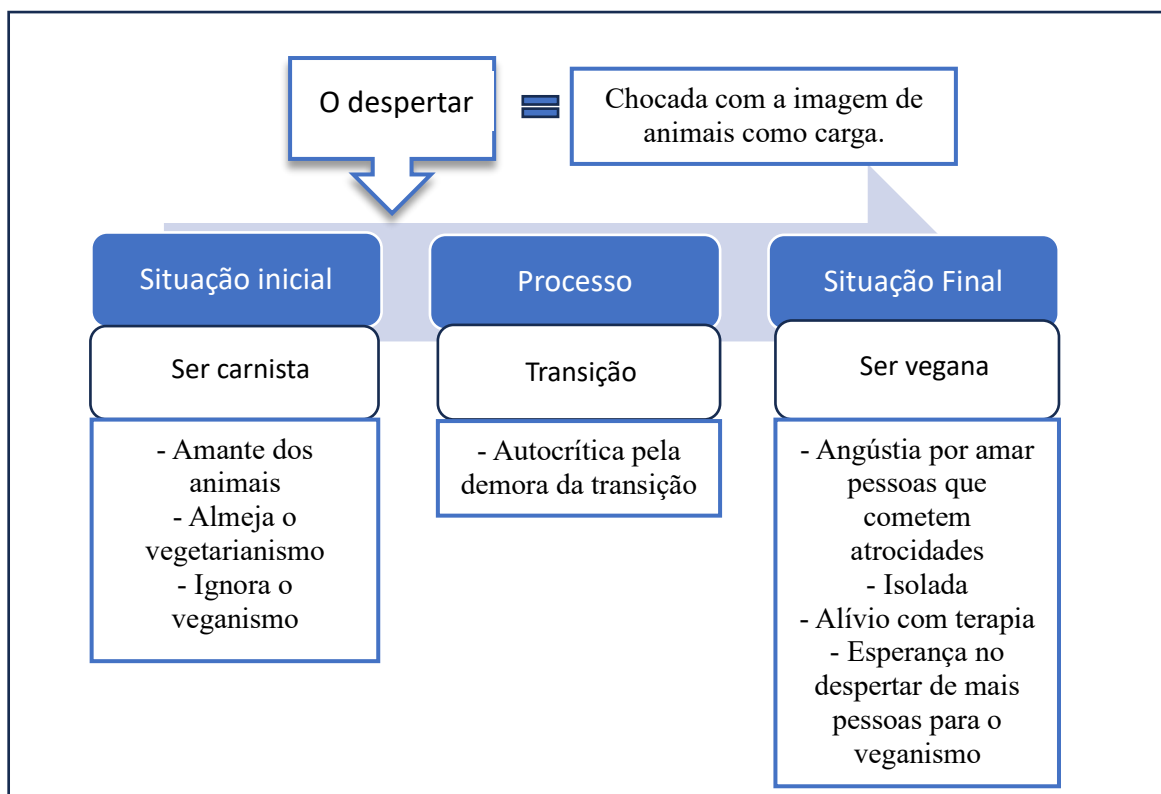
A forma que Luzia encontrou para divulgar o veganismo foi através de seus encontros com seus amigos no qual ela cozinha e ensina receitas veganas gostosas. Ela usa os termos fácil e gostoso para retratar esse momento. Isso porque há um preconceito disseminado socialmente de que comida vegana é trabalhosa e principalmente ruim. É bastante comum a reação de alguém torcendo o nariz quando alguém afirma que determinada receita ou produto alimentício é vegano. A participante encontrou nessa rejeição ao veganismo o seu foco de atuação ativista.

Sendo assim, a utilização desses termos fácil e gostoso, se coloca como um argumento trazido por ela a favor do veganismo e que em sua vida ela tenta provar não somente com palavras, mas na prática. Aqui em sua narrativa, ela conta essa experiência prática e a transforma em palavras, trazendo a prova prática para seu discurso.

Além disso, a narrativa de Luzia, assim como a de outros participantes, também faz uma divisão entre o estar do lado certo ou não. Essa divisão com o seu posicionamento de qual lado está pode ser considerado outro argumento a favor do veganismo. E a prova de estar do lado certo se apresenta ao descrever o outro lado como o imoral que comete atrocidades e tortura, além de carregar a desinformação.

No esquema a seguir elaborei, a partir de sua narrativa, a construção do percurso ético discursivo nessa trajetória de se tornar uma vegana não conformista moral em um mundo carnista.

Figura 15 – O percurso ético – Narrativa: O grupo seitânico - trazendo as pessoas para o lado de cá.



Fonte: Elaborado pela autora

Nesse percurso narrativo do ethos vegano não conformista moral, temos uma situação inicial da imagem de uma carnista amante dos animais, que é interessada no vegetarianismo, mas não se torna vegetariana, e, desconhece o veganismo. Em seguida ocorre a mudança de perspectiva sobre a relação com os animais e, portanto, novos conhecimentos e atributos passam a ser incorporados em suas representações e ações.

A participante relata a demora exagerada para se tornar vegana trazendo uma voz reflexiva sobre suas representações e atitudes julgando negativamente essa demora e, portanto, a necessidade da identificação e incorporação do veganismo. Em seguida, a situação final de sua narrativa traz as imagens construídas de sua identidade discursiva vegana.

Percebemos a valoração do amor pelos animais como sendo a causa motivadora de ser vegana. A representação que tem dos animais não humanos confere a ela uma dificuldade em suas relações sociais conferindo a ela uma ideia de isolamento do resto do mundo. Ela julga as ações de tortura a que os animais são submetidos, mas não julga as pessoas como torturadores revelando uma imagem de tolerância e compreensão para o que ela descreve como desconhecimento da verdade. Ela tem consciência de todas essas dificuldades relacionais e, portanto, da necessidade da ajuda psicológica para viver melhor em um mundo que contraria as suas representações morais. Vive com o sentimento da esperança de que um dia todos entenderão o consumo de animais como errado e imoral e portanto, capazes de eliminar essa prática de suas vidas.

8.5 Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação

O participante Roberto inicia a sua narrativa autobiográfica sobre a sua história com o veganismo contando que aos 18 anos achou “*interessante a ideia de poder viver sem ter que necessariamente tirar outra vida*”. Ele havia desenvolvido certo asco por carne, já flertava com o vegetarianismo e, também achava ovo um pouco nojento. Mesmo sem ter muita informação sobre o assunto resolveu retirar as carnes de sua alimentação.

Ele relata ter enfrentado bastante dificuldade pois encontrava presunto, carne, peixe, etc em tudo e somente conseguia encontrar comida vegetariana em restaurante macrobiótico, segundo ele um “*negócio meio exótico*”. Relata ser complicado socialmente pois churrasco, evento social que costumava frequentar, se resumia a “*pão com vinagrete*”.

O participante também se deparou com a resistência da família. Sua avó que cozinhava para a família não se conformava com a situação e na tentativa de evitar a sobrecarga de

preparações para a sua avó ele começou a aprender cozinhar. Tentativa fracassada, pois, a avó fazia questão de cozinhar para ele, motivo que ele descobriu posteriormente - ela colocava carne escondida “*pra dar sustância*”. Igualmente a avó, os seus pais se preocupavam com a questão nutricional assim como também acreditavam que ter carne no prato todo dia era um privilégio de poucos e, portanto, ele não estaria valorizando o privilégio que tinha em sua vida.

Devido às restrições sociais e a má alimentação que estava seguindo por falta de informação, acabou se rendendo e voltou a comer carnes pois sentia que estava fazendo um sacrifício muito grande. Achava ruim ter que matar um animal, mas era o que todo mundo fazia e era necessário para o ser humano viver.

Anos depois, se mudou para a Austrália e começou a perceber que sempre existiam opções vegetarianas em restaurantes. Roberto, neste momento, na companhia da esposa, pensou novamente no assunto e resolveu mais uma vez ser vegetariano. Algum tempo depois sua esposa começou a se sentir sem energia e ao procurar ajuda médica, foi orientada a consumir carnes vermelha duas vezes por semana para a melhora dos sintomas. Sendo assim, voltou a comer carne, contudo os sintomas não melhoraram. Procurou outro profissional de saúde que acabou descobrindo através de exames que o motivo do cansaço excessivo era a deficiência de vitamina D. Problema resolvido, portanto, devido a “inércia, só porque é mais fácil, pois é o padrão” continuaram a consumir carnes.

Após um tempo, a convivência com uma cadela que adotou fez Roberto transformar a sua percepção dos animais “domésticos”, assim como também o fez perceber a semelhança entre os animais domésticos e o que consumimos e com esse novo olhar resolveu voltar a ser vegetariano. Não cogitava o veganismo, julgando-o bastante radical, além de não conseguir imaginar viver sem queijos e pizzas.

Nesta nova fase ele resolveu buscar informações para se alimentar melhor já que estava frequentando uma academia. Nesta busca conheceu um nutricionista e atleta vegano no youtube e ficou bastante impressionado com a sua forma física se interessando sobre a sua alimentação. Ao ter mais informações sobre o veganismo teve conhecimento do funcionamento da indústria do leite e do ovo, o que o fez deixar de consumir esses alimentos de um dia para o outro tornando-se vegano.

O participante narra que já é vegano há 6 anos e que ao contrário de suas primeiras tentativas com o vegetarianismo no passado, hoje ele não se sente limitado, muito pelo contrário ele relata que as opções são infinitas. Ele ainda acrescenta que não se sente fazendo nenhum sacrifício, na verdade ele sente muita alegria e satisfação de saber que pode viver sem ter que explorar os animais. O seu único arrependimento é “não ter aberto os olhos pra essa questão

antes”.

Por fim ele relata em sua narrativa que seu maior desafio hoje é do ponto de vista social, já que tudo gira em torno da comida. Ele diz:

Eu acredito que o veganismo é somente uma extensão das coisas que eu acredito. A gente usa as mesmas justificativas pra poder explorar os animais que são usadas pro racismo e misoginia. E colocar meus amigos, familiares e pessoas não veganas no mesmo balde dos racistas e misóginos é delicado. Procuro pensar que eu não nasci vegano também. É desconfortável, é ruim, mas penso também que se um dia os abolicionistas não tivessem se posicionado pra mudar as coisas, a escravidão de pessoas ainda seria a norma. Penso como deveria ser difícil ser abolicionista e ter que conviver numa sociedade que aceitava a escravidão. Fico triste que as pessoas não se interessem, minimizem, não se importem ou não enxerguem isso. Quero ser uma influência boa para as pessoas à minha volta, mas ao mesmo tempo não quero ser um pregador e ficar tentando converter as pessoas. Eu ainda estou descobrindo e aprendendo como lidar com isso tudo, e a terapia me ajuda muito nesse tema.

A seguir, no quadro 15, apresento um resumo das etapas da transição para o veganismo do participante Roberto, utilizando trechos de sua narrativa.

Quadro 15 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação

Situação inicial	Ser carnista	<p>“asco por carne” “flertei com vegetarianismo” “não tinha muita informação” “não gostava muito de ovo” “enchia a cara de leite” “é ruim matar, mas é o que somos” “continuou a comer carne, na inércia, só porque é mais fácil, pois é o padrão, não precisa pensar”</p>
Desencadeador da mudança	O despertar	<p>1. “asco por carne” 2. “adotei uma cachorra”, “pensar que seres tão parecidos com a Cheryl tiveram que passar por uma situação como aquela” 3. “entendi melhor como funcionava a indústria do leite e do ovo”</p>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<p>“não foi fácil” “era complicado socialmente” “tentava evitar incômodo” “colocava carne escondida para dar sustância” “eles se preocupavam do ponto de vista nutricional” “restrito nas opções” “sentia que era um sacrifício” “veganismo muito radical”</p>
Situação final	Ser vegano	<p>“não me sinto limitado” “aprendi a me alimentar de forma diferente” “as opções são infinitas” “não me sinto fazendo um sacrifício” “sinto muita alegria e satisfação de poder saber que eu posso viver sem ter que explorar esses animais” “a única coisa que me arrependo é de não ter aberto os olhos pra essa questão antes”</p>

		<p><i>“o maior desafio pra mim hoje é do ponto de vista social”</i></p> <p><i>“fico triste que as pessoas não se interessem, minimizem, não se importem ou não enxerguem”</i></p> <p><i>“quero ser uma influência boa, mas não quero ser um pregador”</i></p> <p><i>“a terapia me ajuda muito nesse tema”</i></p>
--	--	---

Fonte: elaborado pela autora

O participante não trata em sua narrativa de sua situação inicial, ou seja, da sua fase carnista antes de sua primeira mudança de percepção quanto à carne. Ele delimita o início de sua autobiografia com a sua mudança de percepção, momento esse em que passa a ter asco pela carne e por esse motivo começou a flertar com o vegetarianismo. Ele aponta em seu texto a falta de informação sobre o vegetarianismo, fato que trouxe consequências negativas a sua saúde, já que não sabia como conduzir a sua alimentação sem a presença de carne. Roberto seleciona o léxico *“nojento”* para descrever a sua percepção negativa sobre o ovo, e utiliza a expressão *“encher a cara”* para retratar a sua relação de aprovação com o leite de vaca.

Ao relatar o seu processo de transição nos deparamos com um movimento de idas e vindas ao vegetarianismo com a desistência sempre motivada pela dificuldade, insegurança e falta de informação. No primeiro movimento ele traz em seu discurso o quanto ele se sentiu restrito tanto nas opções alimentares quanto socialmente. Ao relatar a sua decisão de voltar a comer carnes, o participante se mostra contrariado com sua decisão contudo não enxerga outra opção, relatando: *“Bom, todo mundo faz, ser humano precisa fazer isso pra viver. É ruim matar, mas é o que somos”*.

O segundo movimento de desistência foi motivado pela desinformação mais geral sobre o vegetarianismo já que também por falta de informação seguiu orientação médica equivocada. Contudo, mesmo após descobrir que a ausência de carne não era o motivo desencadeador para os sintomas de sua esposa, ele conta que continuou consumindo carne, e utiliza termos como *“inércia”*, *“mais fácil”* e *“padrão”* para justificar esse comportamento.

Ainda no processo de mudança de perspectiva quanto a relação dos humanos com os animais ele descreve o veganismo como *“radical”*, aponta o seu apego a certos alimentos de origem animal, além de designar a falta de informação como a grande barreira para o abandono do consumo de produtos de origem animal. Fato que posteriormente em sua vida mudou com a aquisição de informações sobre o vegetarianismo e veganismo e sobre como funciona a indústria produtora de leite e ovos. Ele ainda acrescenta em sua narrativa que inicialmente o que o manteve firme no veganismo era a convivência com a sua cadela e tudo o que isso simbolizava para ele.

Ao tratar em sua autobiografia sobre a fase final de seu percurso rumo ao veganismo, fase essa que é ser vegano em um mundo não vegano, o participante traz à tona novamente a questão da informação, pois ele relata que aprendeu a de alimentar bem, ou seja, ao adquirir informação ele percebeu que “*as opções são infinitas*” não se sentindo mais limitado como nas primeiras tentativas em ser vegetariano, sendo que hoje ele é vegano. Ele transformou a sua percepção de sacrifício por alegria e satisfação.

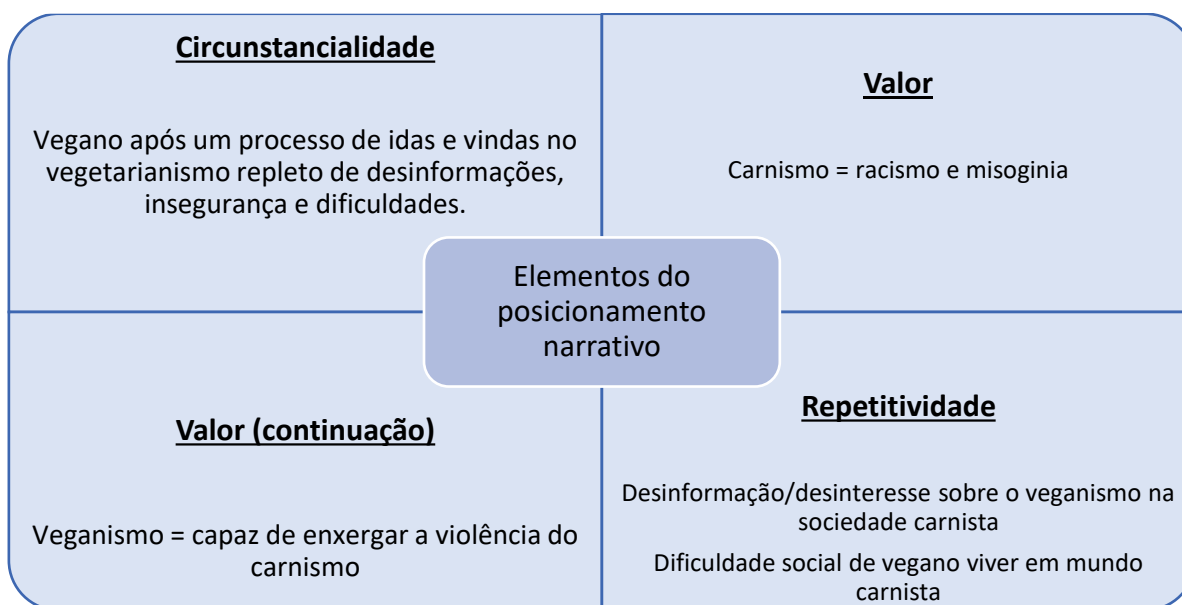
Contudo ele descreve dificuldades, sendo que todas são do ponto de vista social, assim como os outros participantes já descritos anteriormente. Roberto, da mesma forma que os outros participantes, utiliza termos como “*olhos abertos*” e “*enxergar*” quando fala do veganismo, ou seja, ele enxerga coisas que outras pessoas não enxergam e ele ainda faz uso de termos como “*não se interessar*”, “*minimizar*” e “*não se importar*” quando descreve a visão de outras pessoas sobre o veganismo.

Além desse posicionamento em sua narrativa o participante traz uma comparação do veganismo com outras pautas sociais de preconceito e violência praticado contra minorias, como o racismo e a misoginia. Nessa comparação, assim como outra participante, ele retrata a sua dificuldade de classificar os seus amigos e familiares como pessoas que cometam atos com desaprovação moral, e acrescenta que assim como para ele é difícil ser vegano em uma sociedade carnista deveria ser difícil para um abolicionista viver em uma sociedade escravocrata.

Por fim, Roberto em seu texto se descreve como um bom exemplo a ser seguido, contudo ao mesmo tempo em que ele deseja influenciar outras pessoas a serem veganas ele não quer ter uma imagem negativa de um pregador convertendo pessoas e encerra o seu relato demonstrando a sua angústia de ser vegano em uma sociedade carnista e o seu desejo de que essa dificuldade seja superada.

Sendo assim, aponto os principais elementos do posicionamento narrativo que se destacam em sua narrativa na ilustração a seguir (figura 16).

Figura 16 - Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação



Fonte: Elaborado pela autora

Temos um vegano que após várias idas e vindas no vegetarianismo, mudanças de representações sobre a relação homem e animais se torna vegano pelas reflexões que faz comparando seu pet aos outros animais que são consumidos como comida pelos seres humanos. Diante dessa sua circunstância específica, ele se coloca como capaz de enxergar a violência do carnismo, fato que segundo seu posicionamento, não se revela aos olhos de quem consome animais. Ele ainda no que diz respeito à violência do carnismo se posiciona como um combatente ao assumir a sua identidade vegana e assemelha o carnismo ao racismo e misoginia.

A questão da desinformação sobre o veganismo de forma geral se repete bastante ao longo da narrativa, as vezes acompanhado do bloco desinformação/desinteresse. Outro ponto que se faz presente de forma constante na narrativa é sobre a dificuldade de ser vegano em um mundo carnista, fato que de certa forma está associado à desinformação já que esta vai impactar a relação de carnistas e veganos.

Essa repetição constante da falta de informação sobre o veganismo ao longo de sua narrativa marca discursivamente a sua angústia e o seu retorno permanente ao seu porto de passagem, que o faz perceber todas as dores, dificuldades, desconforto e erros percorridos por conta da falta de informação sobre a validade do veganismo. Sempre que ele cita a falta de informação há um fato negativo associado à essa falta de informação. Somente com a obtenção de conhecimento sobre o veganismo, em todos os seus aspectos, entre eles nutricional e

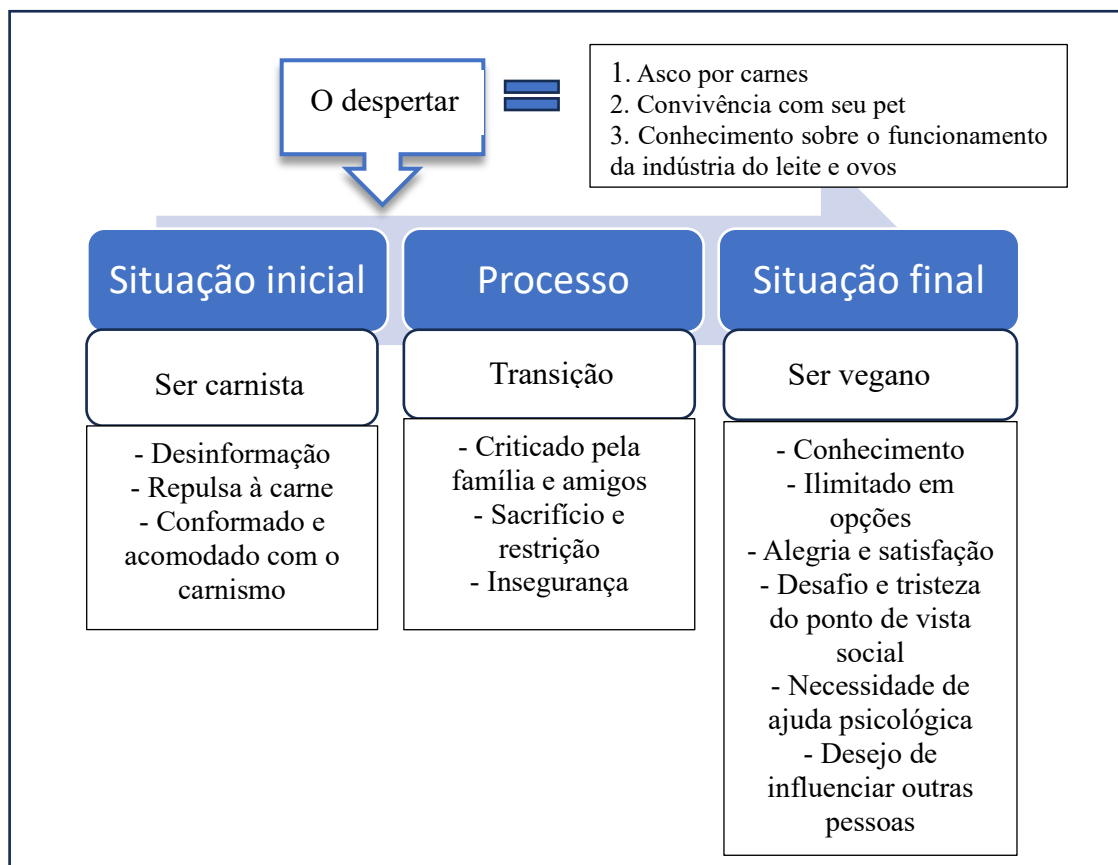
moral/violência/exploração, que ocorreu a mudança da perspectiva de algo que era restrito, radical e sacrificante para algo que passa a significar alegria, satisfação e que oferece infinitas opções.

Adicionalmente, essa desinformação parece se configurar como um elemento argumentativo para validar o veganismo em sua narrativa. Por outro lado, o paralelo construído entre a exploração e violência do carnismo com o racismo e a misoginia também se coloca como uma ferramenta argumentativa para desqualificar o carnismo validando o veganismo como o oposto, uma forma de viver livre de violência e exploração com outros seres.

As provas de tais argumentos são colocadas ao longo da narrativa através da descrição das várias experiências negativas em sua vida pela desinformação sobre o veganismo e pelo relato que aponta a descoberta da realidade da indústria do leite e ovos como fator motivador para se tornar vegano. Assim, ao ter conhecimento sobre tal realidade não seria mais possível consumir tais alimentos oriundos de tamanha exploração, como ele mesmo relata em sua narrativa. Tentar mostrar e provar a realidade amoral do carnismo que ele enxerga e todas as dificuldades encontradas no percurso pela desinformação faz parte de seu posicionamento identitário discursivo ao autobiografar a sua trajetória dentro do veganismo.

A construção de seu percurso ético como um vegano não conformista moral apreendido em sua narrativa está ilustrado na figura 17, a seguir. É possível visualizar que em sua descrição narrativa de sua trajetória como carnista o participante traz em seu discurso a imagem de uma pessoa desinformada da verdade e por esse motivo mesmo apresentando asco por carne se mantinha conformado e acomodado com o carnismo. No seu processo de transição que é marcado por idas e vindas entre o vegetarianismo e carnismo, temos acesso a um indivíduo inseguro devido às críticas recebidas tanto de amigos, familiares e profissionais de saúde somadas a sensação de sacrifício e restrição. Esse ser inseguro ao adquirir conhecimento muda e traz para si atributos de alegria, satisfação e sensação de possuir uma infinidade de opções. Contudo, carrega consigo a tristeza devido ao desafio de conviver em uma sociedade carnista e em virtude de perceber essa dificuldade social ele age e busca ajuda psicológica. Por fim, o participante traz a imagem de um vegano que apesar de querer influenciar outras pessoas a serem veganas ele não quer carregar para ele o estereótipo do “vegano chato”.

Figura 17 – O percurso ético – Narrativa: Do sacrifício e limitação à alegria e satisfação



Fonte: Elaborado pela autora

8.6 Animal é animal, não é comida

A participante Suelen inicia a sua narrativa datando o início do veganismo em sua vida e trazendo a sua representação de veganismo. Primeiro ela nega o que seja o veganismo – “*misticismo, religião, seita ou qualquer tipo de credo*” – para em seguida o definir como “*um movimento ético*”, “*uma coisa que deveria ser o normal já há muito tempo, que é enxergar animais como animais e não como objetos*”.

Em seguida ela descreve que o seu primeiro contato com a dieta vegetariana havia ocorrido há muito tempo quando participava do Hare Krishna, fato que a fez acreditar que o vegetarianismo estaria associado “*ao misticismo*”. Com o passar do tempo ao sentir a necessidade de parar de consumir os animais sentiu-se muito sozinha e desinformada. Ocasionalmente conheceu uma pessoa pelas redes sociais e ao se deparar com uma de suas publicações abordando o vegetarianismo e o veganismo ficou impactada com as informações recebidas, principalmente pelo fato de tomar conhecimento de que o veganismo não estaria

ligado ao misticismo, não envolvia alimentos exóticos e não se restringia à alimentação.

Nesta narrativa do processo de descobertas Suelen descreve o passo a passo progressivo na mudança de sua alimentação com a retirada progressiva dos alimentos de origem animal, fato que a fez mudar as suas percepções sobre alimentos de uma forma geral. Ela relata:

Aí quando nessa semana que eu tirei os animais, os terrestres, eu tive uma visão que foi assim clara, que como aquelas aulas que a gente tem de ciências que nós separamos os materiais num recipiente. Aconteceu exatamente isso. O reino animal inteiro, ele foi pra um lado, comida, que é vegetal, comida é vegetal, foi pro outro e produtos que não podem ter nenhuma exploração de animais foi pra outro. E foi incrível, foi uma visão impressionante, eu fiquei sem chão porque quando a gente descondiciona uma mentira que foi falada a vida inteira é muito chocante. Eu fiquei sem chão literalmente, eu fiquei, eu me senti estranha, tinha vergonha, é muito esquisito.

A participante relata também que nesse processo de transição a retirada de alguns alimentos de origem animal foi muito doloroso para ela principalmente pela ligação emocional que eles tinham em sua vida. Contudo, ela também descreve que os novos aprendizados a ajudaram a mudar as suas percepções e assim reduzir esse sofrimento que as mudanças estavam provocando em sua vida.

Suelen também trata em sua narrativa de sua percepção de que o mundo é ruim, já que em quase tudo no mundo há exploração animal, assim como a dor e a vergonha de enxergar a hipocrisia de sua vida pregressa. Ela ainda descreve que a vergonha talvez tenha sido o mais dolorido nesse processo, pois conforme ela narra “*a gente se imagina muito melhor do que a gente é, muito mais justa, muito mais honesta, muito mais nobre, e, no entanto, quando a gente se dá conta que a gente tá inserida no grupo que explora, explora de forma grotesca os animais, a gente fica sem chão literalmente*”.

E com todas essas mudanças de ações e percepções em sua vida ela se viu ativista trabalhando a favor da causa animal nas redes sociais. Contudo, essa sua atuação gerou inquietações em sua vida por ser alvo de críticas violentas levando-a a dissociar a sua atuação ativista de seus perfis pessoais nessas redes.

A participante traz descrito em sua narrativa autobiográfica um episódio ocorrido logo após a sua transição para o veganismo no qual a visualização de uma imagem postada em uma rede social a fez refletir sobre a diferença que ela já tinha de animais e comida. Ela relata o quanto ficou chocada ao observar a imagem de um porco em uma mesa de refeição, pois ela não enxergava mais ali um alimento e sim um animal, uma vida. Sendo assim, para ela, foi uma vivência muito dolorida pelo fato de enxergar pessoas agindo como zumbis carnistas agarrando pedaços de cadáveres e como vampiros enchendo as suas bocas de sangue.

Em seguida Suelen conta de sua experiência e descoberta com novos alimentos comuns antes desconhecidos e que hoje fazem parte de sua rotina alimentar. Segundo ela, não há nenhuma limitação no âmbito alimentar, já que *“você abre várias portas e janelas, você fecha uma porta, a da exploração e abre inúmeras portas e janelas, da criatividade, porque é um mundo”*. Ela ainda conta que descobriu que há mais de 300 mil espécies de vegetais catalogados como comestíveis, fato que o mundo praticamente desconhece pois como ela narra *“isso não é passado. Nós vivemos em uma ilha de desinformações que interessam ao poder econômico que tem as suas bases, as suas maiores bases de lucro [...] na exploração animal”*.

A participante finaliza a sua narrativa afirmando que o veganismo é um caminho que está sendo trilhado por muitas pessoas, pessoas comuns. Contudo é um caminho paralelo, longe dos holofotes. Na sua visão, o veganismo é simplesmente ser normal, ou seja, entender os animais como animais e não como objetos como sempre foi representado.

A seguir, no quadro 16, apresento de forma resumida as falas descritivas de cada etapa do processo de transição vivenciada pela participante.

Quadro 16 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: Animal é animal, não é comida.

Situação inicial	Ser carnista	<i>“eu não conhecia nada, absolutamente nada”</i>
Desencadeador da mudança	O despertar	<i>“aquilo me tocou” “eu fiquei impactada” “animal é animal, não é comida” “comida é vegetal”</i>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<i>“eu não conhecia ninguém” “eu me sentia em uma ilha” “tinha vergonha” “hipocrisia” “foi muito difícil tirar o chocolate” “ligação emocional”</i>
Situação final	Ser vegano	<i>“o veganismo me trouxe muitas coisas” “informações” “o mundo é ruim” “fechar a porta da exploração” “abrir várias portas e janelas” “desinformações”</i>

Fonte: elaborado pela autora

A narrativa da participante caracteriza a sua vida como carnista pela desinformação, ou seja, como carnista ela tinha um conhecimento equivocando do vegetarianismo e desconhecia o veganismo. Com o seu interesse pelo vegetarianismo motivado inicialmente por questões de saúde a desinformação começou a angustiar de tal forma que ela caracteriza o início de seu processo de mudança como muito solitário. Com o despertar, de fato, para o veganismo, ela passa a descrever todo esse processo como sofrido pela vergonha de ter feito parte da exploração

animal, sofrido por não ter informação e sofrido por atribuir valores afetivos a certos alimentos e assim ter dificuldade em retirá-los de sua alimentação.

Contudo, com o veganismo já estabelecido em sua vida ela reforça a ideia do veganismo como promotor de conhecimento em sua vida. Ser vegana é ter conhecimento de que o mundo é explorador e ruim e as pessoas que nele vivem e não são veganas são desinformadas dessa exploração. Ela ainda rebate a representação de que ser vegano signifique viver na limitação, propondo o oposto, segundo ela ser vegano é enxergar outras portas e janelas que os outros não percebem.

E exatamente pelo fato de enxergar exploração, sofrimento e morte no consumo de animais tanto para alimentação como para outros usos, que surge a dificuldade do vegano em conviver em um mundo que não é vegano. A participante traz essa angústia ao longo de sua narrativa revisitando sempre o seu porto de passagem no decorrer de seu texto autobiográfico. É possível observar o looping narrativo característico da vistopia sempre que Suelen retoma o momento de seu despertar para o veganismo. Ela traz as construções discursivas “*e foi para isso que eu despertei*”, “*aquilo ali me tocou*”, “*fiquei impactada*”, “*e aí foi que eu descobri o veganismo*”, “*quando eu tomei conhecimento do veganismo*”, “*então eu entendi*”, “*eu tive uma visão*”, “*assim que eu despertei*” e “*eu enxerguei ali*” que revisitam o seu porto de passagem fazendo-a repensar toda a sua vida após o momento traumático e impactante do despertar.

Cada looping narrativo vem acompanhado da descrição de uma mudança de suas representações ou atitudes que estejam ligados à relação entre humanos e animais ou às consequências de tais mudanças. Essas mudanças e consequências marcadas na narrativa pelo looping e que trazem a angústia e o sofrimento para a sua vida como vegana estão detalhadas no quadro 17 a seguir.

Quadro 17 - O looping narrativo/hardening da vistopia – Narrativa: Animal é animal, não é comida

Looping	Ruptura/porto de passagem	Consequências
“ <i>Foi para isso que eu despertei</i> ”	Enxergar os animais como animais e não como objetos.	Positivas: - A alegria de viver sem promover a exploração e sofrimento animal; - Conhecer novas opções e sabores para a alimentação; Negativas: - Enxergar sofrimento e exploração onde outros não enxergam;
“ <i>Aquilo ali me tocou</i> ”	Postagem em rede social: Peru pedindo ao Papai Noel que pessoas se tornassem veganas.	
“ <i>Fiquei impactada</i> ”	Veganismo não estaria ligada ao misticismo, e sim alimentação normal.	
“ <i>E aí foi que eu descobri o veganismo</i> ”	Não sabia absolutamente nada.	
“ <i>Quando eu tomei</i> ”	Ele se estendia, não era só dieta	

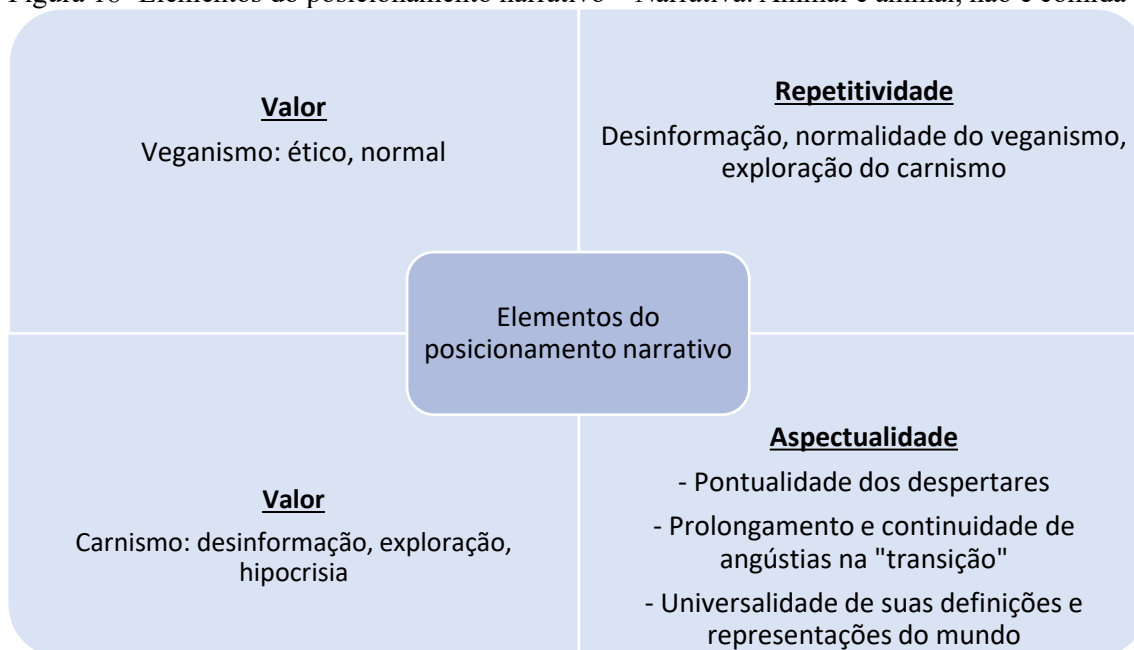
<i>conhecimento do veganismo”</i>		- Solidão; - Dor de enxergar a hipocrisia da vida como carnista;
<i>“Eu tive uma visão”</i>	O reino animal inteiro, ele foi pra um lado, comida que é vegetal, comida é vegetal, foi pro outro.	- Conviver com críticas agressivas;
<i>“Assim que eu despertei”</i>	Pra minha hipocrisia. Foi dolorido enxergar.	
<i>“Eu enxerguei ali”</i>	Uma vida	

Fonte: Elaborado pela autora

Todas as retomadas do momento do despertar para o veganismo vão relembrar e reforçar a mudança de suas representações e atitudes perante a relação entre humanos e animais tingindo a sua narrativa com a vistoria, ou seja, a angústia de ser vegano em um mundo que não é vegano. A narrativa de Suelen, assim como as outras, trazem à tona a alegria e a sensação de escolha e liberdade de poder viver sem promover sofrimento e morte dos animais, contudo, há um contraponto no qual o vegano acaba vivenciando e que é marcado discursivamente que é a angústia de entender/enxergar sofrimento e exploração onde não veganos não enxergam, motivo que causa tanta angústia e dificuldade nas relações sociais.

Quanto aos elementos do posicionamento narrativo descritos e elencados por Maia-Vasconcelos (2022) destacam-se nesta narrativa assim como nas outras já descritas os elementos de valor e repetitividade, conforme apontado na figura 18, a seguir.

Figura 18- Elementos do posicionamento narrativo – Narrativa: Animal é animal, não é comida



Fonte: Elaborado pela autora

Suelen, em sua narrativa, assim como os participantes das outras narrativas já mencionadas, destaca repetitivamente ao longo de seu texto a questão da desinformação sobre o veganismo e tudo o que ele representa. A exploração atribuída ao carnismo também se faz presente na narrativa do início ao fim, contudo um aspecto novo é trazido por Suelen em sua narrativa de forma consistente, que é uso da terminologia normal para caracterizar o veganismo. A participante enfatiza a normalidade do veganismo, mesmo sendo ele uma forma de compreender o mundo de um grupo minoritário.

Similarmente às outras narrativas, valores semânticos positivos, éticos e morais são atribuídos ao veganismo e valores negativos e amorais são designados ao carnismo. A narrativa destaca o aspecto pontual dos momentos do despertar para o veganismo, motivo de ruptura abrupta de suas visões e compreensão do mundo e um prolongamento das dificuldades ao longo da fase de transição para o veganismo. No que diz respeito às suas concepções atuais sobre o veganismo e o carnismo a participante destaca a universalidade de tais representações.

Sendo assim, a participante ao compartilhar a sua história e experiência com o veganismo trazendo as suas crenças, representações, vivências, angústias e sentimentos busca argumentar a verdade de seus posicionamentos. Ela traz a tese da desinformação da cultura carnista, ou seja, a falta de conhecimento do veganismo representa um aprisionamento em uma cultura violenta de exploração animal e, também argumenta a favor da normalidade que deveria ser atribuída ao veganismo.

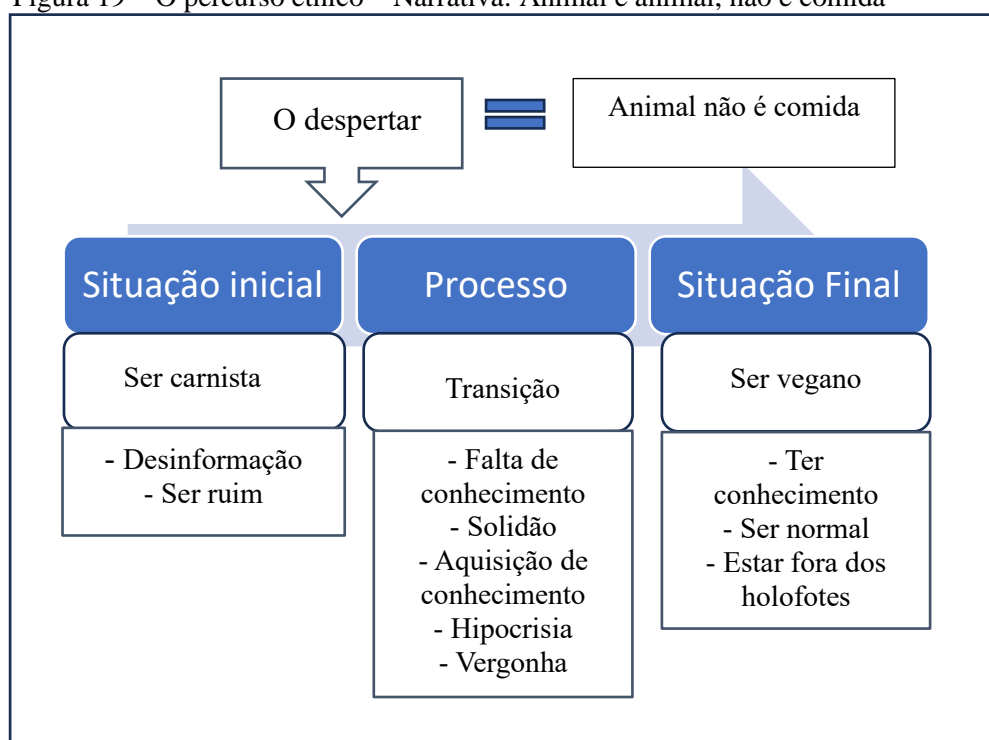
Quadro 18 – Validação do veganismo – Narrativa: Animal é animal, não é comida

Tripla atividade discursiva argumentativa	
Problematização	Desinformação da cultura carnista
Posicionamento	A desinformação representa o aprisionamento em uma cultura violenta de exploração animal que não enxerga a normalidade do veganismo
Prova	Os fatos e vivências compartilhados na narrativa de sua história de vida.

Fonte: Elaborado pela autora

A partir de toda essa descrição e análise da narrativa de Suelen contando a sua história com o veganismo foi possível apreender em seu discurso o percurso ético trilhado pela participante na construção de seu posicionamento identitário dentro do veganismo. Tal percurso está ilustrado a seguir na figura 19.

Figura 19 – O percurso ético – Narrativa: Animal é animal, não é comida



Fonte: Elaborado pela autora

Suelen retrata a sua vida como carnista pela desinformação, desconhecendo o veganismo assim como também possuindo concepções errôneas do vegetarianismo. Em virtude de seu interesse no vegetarianismo, contudo marcada pela desinformação, ela enfrenta e anuncia em seu texto a solidão. Após o despertar para o veganismo e adquirir conhecimento neste caminho ela vai atribuir a seu percurso a imagem da hipocrisia, por se achar uma pessoa boa, mas explorar de forma cruel os animais e da vergonha, por perceber esse mal. Por fim, a participante reforça a imagem de que ser vegano é ter o conhecimento e percepção de que ser carnista é explorar cruelmente os animais, e traz a característica da normalidade ao veganismo, ao contrário do que socialmente é compreendido, já que ser carnista é entendido como o normal e ser vegano seria uma exceção, um diferencial de algumas pessoas. Contudo, apesar de ser normal, como a sociedade não entende o veganismo como o normal, ela atribui ao ser vegano a imagem de algo paralelo, longe dos holofotes do carnismo que domina a sociedade.

8.7 O veganismo como postura política

O participante Vitor conta em sua narrativa que o veganismo entrou em sua vida ao acaso após desejar tornar a sua alimentação um pouco mais saudável. Após fazer o seu primeiro piercing o tatuador o recomendou a não consumir carne de porco e embutidos para facilitar a

cicatrização. Ele considerou aquela informação curiosa e ao pesquisar descobriu que estes alimentos são considerados inflamatórios. Ficou bastante intrigado com o fato de alguns alimentos terem esse potencial inflamatório e por esse motivo começou a pesquisar mais sobre alimentos e uma alimentação mais saudável.

Nessa pesquisa, Vitor, eventualmente, leu coisas sobre o vegetarianismo e o veganismo, e descobriu que não se tratava apenas de uma questão alimentar, mas também sobre questões ideológicas e filosóficas, além de se deparar com o embate que há dentro do veganismo entre os que se denominam abolicionistas e os pragmáticos ou liberais³¹. Neste processo de aprendizagem ele foi se identificando bastante com a ideia do veganismo e por esse motivo acabou entrando em uma contradição consigo mesmo, pois apesar de já possuir bastante conhecimento, ele ainda não era nem vegetariano e nem vegano.

Ele conta que começou a questionar a ideologia dominante de que existem animais categorizados para consumo, outros para serem pets, outros para entretenimento etc. Ele também passou a questionar a ideia de animais de estimação pois mesmo os pets que são tratados muitas vezes como membros da família também são de certa forma vistos como objetos de consumo já que são adquiridos por uma relação de compra e venda. Todos esses questionamentos e reflexões o fizeram dentro do possível e do praticável, que é, como ele mesmo menciona, um dos lemas do veganismo, tentar se livrar das contradições experienciadas em sua vida. Ele narra:

a coisa começou como uma dieta que era então uma dieta um pouco mais saudável acabou se juntando também com essa política mesmo do veganismo, essa postura política de um comprometimento com uma abolição da exploração animal e já vinculado também com outras políticas que eu me via alinhado.

Vitor compartilha em seu texto autobiográfico que durante o processo de transição ele buscou bastante informação e aprendeu muita coisa, se alinhando com o veganismo abolicionista e popular que se afasta de grandes empresas não veganas cheias de contradição, mas que resolvem lançar no mercado produtos veganos. Ele demorou em torno de dois anos nesse processo de aprendizagem até se sentir confortável para se autodenominar vegano.

Ao contar sobre como é ser vegano em um mundo que não é vegano, o participante declara ser um desafio pois segundo ele “*é basicamente você viver uma ideia contrária que rege o mundo atualmente*”. Vitor relata que ao assistir documentários que tratam do assunto, ele se sentia indignado e chocado pelo fato das pessoas compactuarem e não refletirem sobre o

³¹ Essa divergência dentro do veganismo já foi abordada anteriormente em capítulo anterior.

uso de animais para consumo humano. Essa indignação o motivou a “*tentar falar para as pessoas, tentar trazer a luz, o tema*”, mas ele relata que as pessoas não estão abertas para lidar e nem para falar sobre essas questões, assim como também para pensar ou questionar.

O participante por fim acrescenta em sua narrativa a dificuldade da convivência social, pois o vegano sempre precisa pensar tudo com antecedência para não passar por nenhum “*perrengue*”, ou seja, ficar por vezes sem opções para se alimentar ao sair com amigos. Além disso, ele também cita a necessidade de lidar com certas contradições, como o uso de medicações e vacinas que ainda são testadas em animais ou usam algum tipo de insumo de origem animal.

A partir desta narrativa construí o quadro 19, a seguir, que resume com falas de sua autobiografia cada etapa de seu processo de transição para o veganismo.

Quadro 19 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O veganismo como postura política.

Situação inicial	Ser carnista	<i>“acabei pesquisando alí na época”</i>
Desencadeador da mudança	O despertar	<i>“evitar carne processada e esse tipo de coisa” “foi a primeira pulga atrás da orelha” “acabei sendo apresentado pela ideia do vegetarianismo, do veganismo, da dieta e, também da parte mais ideológica” “postura política”</i>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<i>“eu sempre fui concordando muito apesar de entrar em contradição, comigo mesmo, porque eu não era nem vegano e nem vegetariano” “questionar a ideologia dominante” “começou como uma dieta” “postura política de um comprometimento com uma abolição da exploração animal” “lendo e aprendendo” “experimentar”</i>
Situação final	Ser vegano	<i>“indignado, chocado” “Tentar falar, tentar trazer a luz” “as pessoas não estão abertas” “desgaste” “passar perrengue” “não tem nada vegano lá” “desafio” “viver uma ideia contrária a ideia que rege o mundo” “lidar com certas contradições”</i>

Fonte: elaborado pela autora

Vitor não trata em sua narrativa de sua fase carnista no que diz respeito a sua relação com os animais ou qualquer tipo de visão que tinha sobre o assunto, contudo é possível, após o seu relato sobre o episódio no qual fez um piercing e a consequente busca por informação, identificar e atribuir a imagem da desinformação a esse momento de sua vida dentro do processo

de transição para o veganismo. O seu despertar para o veganismo traz consigo a ideia de um processo progressivo até chegar à ideia do veganismo ao contrário de outros participantes que devido a um fato específico os fez mudar o entendimento da relação entre humanos e animais, sendo assim os diversos conhecimentos adquiridos por ele vão culminar com o despertar para o veganismo.

Ao longo do processo de transição, o participante traz em sua narrativa a imagem de uma pessoa que se encontra em um embate com a ideologia carnista dominante da sociedade e que traz esses valores para o campo político de uma forma geral. Pelo fato de já ter toda essa mudança de suas crenças e representações e ainda não ter se tornado vegano ele traz à tona a contradição em sua vida. Já vegano, encontramos em seu discurso narrativo a presença da indignação por entender as outras pessoas como fechadas e cegas quanto à exploração animal, além de demonstrar a sensação de desgaste e desafio de ser vegano em um mundo não vegano.

A contradição é uma característica marcante trazida em sua narrativa, fazendo-se presente desde o contar do processo de transição com aquisição de novas informações até a situação final que é ser vegano em um mundo não vegano. O despertar para o veganismo traz esse porto de passagem de onde ele parece não sair mais retomando a todo momento, pois conforme está em sua narrativa o fato de viver em um mundo carnista o faz ter que conviver com essa contradição que de um lado é o comprometimento com a abolição da exploração animal e do outro a exploração inevitável a qual ele não consegue eliminar.

Essa contradição vivenciada e conseqüente angústia da vistopia também deixa as suas marcas na narrativa através da escolha lexical do participante para caracterizar como é ser vegano em um mundo que não é vegano. Essa escolha remete a um campo semântico da dificuldade, contudo essa dificuldade se restringe ao relacionamento e convivência social.

Quadro 20 - Caracterização lexical de ser vegano em um mundo não vegano – Narrativa: O veganismo como postura política

Ser vegano em um mundo não vegano é:	
Indignação	Antecipação
Desgaste	Desafio
Dificuldade	Contradição
“Perrengue”	Complexo

Fonte: elaborado pela autora

De forma semelhante a outros participantes Vitor também instaura a imagem da luz a veganos por enxergarem exploração no uso e consumo de animais e a falta de luz a carnistas

que consomem e usam animais compactuando com esse processo de exploração. Segundo a sua narrativa, as pessoas compactuam com essas ideias de exploração pelo fato de não pensarem muito sobre o assunto e quando o assunto é levantado as pessoas não se sentem abertas a falar sobre ou questionar tal violência. Esses argumentos de Vitor parecem demonstrar que as pessoas não desejam de fato a exploração, mas sim, estão na escuridão sem enxergar que o uso e consumo de animais seja uma exploração.

Vitor traz um posicionamento narrativo que marca discursivamente o carnismo assim como os outros participantes de uma forma negativa caracterizando-o como uma cultura exploratória dos animais. Contudo também de forma semelhante ele traz essa violência do carnismo como uma ignorância, ou seja, o desconhecimento de que a exploração, uso e consumo dos animais seja uma violência. A ideia da desinformação está presente ao longo de toda a sua história. Ele narra em seu texto todo o seu processo de aprendizagens e aquisição de novos conhecimentos para poder entender o funcionamento exploratório de animais do carnismo e, portanto, a sua conseqüente transição para o veganismo que tinha como objetivo a abolição de tal exploração.

Sendo assim, Vitor traz a tese de que ser vegano é uma postura política de comprometimento com a abolição da exploração animal se posicionando como parte desta luta política, filosófica e ideológica de abolição da exploração na relação entre humanos e animais na sociedade. Para provar tal posicionamento o participante compartilha de sua história que parte da ignorância, da escuridão, do desconhecimento e da exploração animal do carnismo atingindo a luz, o conhecimento e a luta política, filosófica e ideológica do veganismo pela abolição de toda exploração animal, dentro do possível e do praticável.

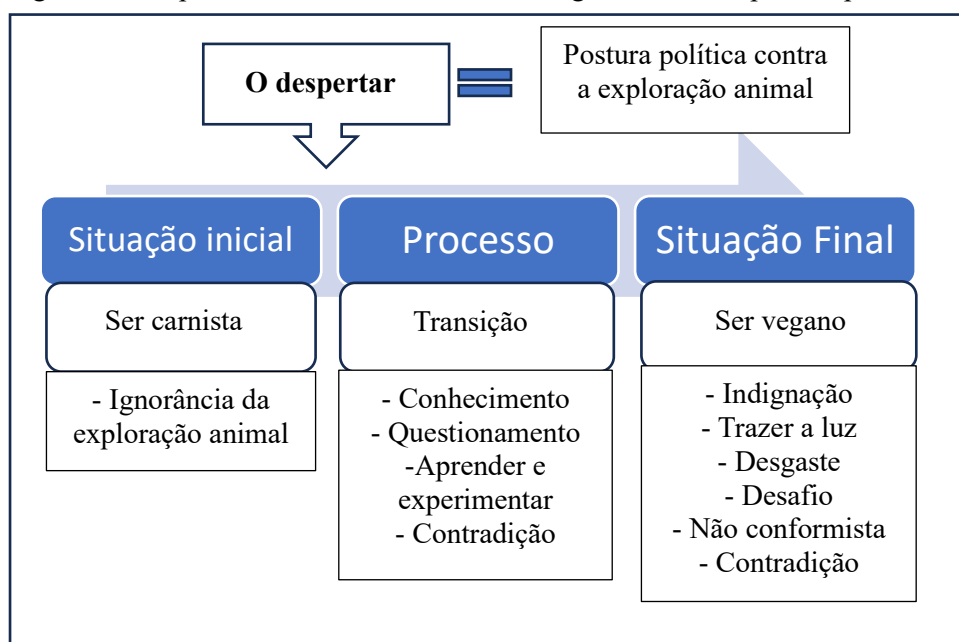
Quadro 21- Validação do veganismo – Narrativa: O veganismo como postura política

Tripla atividade discursiva argumentativa	
Problematização	Veganismo como postura política de abolição da exploração animal
Posicionamento	Ser parte dessa luta contra a exploração animal – ser vegano e tentar trazer a luz do veganismo para outras pessoas
Prova	A narrativa de seu trajeto da ignorância para o conhecimento

Fonte: Elaborado pela autora

O posicionamento narrativo de sua história autobiográfica permitiu a apreensão da construção do seu percurso ético de ser um vegano não conformista moral em um mundo carnista conforme ilustrado na figura 20 a seguir.

Figura 20 – O percurso ético – Narrativa: O veganismo como postura política



Fonte: Elaborado pela autora.

A situação inicial de seu percurso, que era ser carnista, é caracterizada em sua narrativa, assim como nas narrativas dos outros participantes, pela imagem da ignorância sobre a existência da exploração animal. O processo de transição é descrito pela aquisição de novos conhecimentos, como um processo de aprendizagens e questionamentos e, portanto, de contradições em sua vida. Há a atribuição do sentimento de indignação após se tornar vegano já que ele enxerga coisas que os carnistas não enxergam, fato que o atribui outra característica, a de detentor de um conhecimento que precisa ser compartilhado. Essa posição de quem precisa trazer a luz aos outros gera outra característica que marca a sua vida de vegano que é a sensação de desgaste pelo fato de tentar e tentar e nem sempre ter êxito.

Portanto ele descreve a sua vida como vegano em um mundo não vegano como um desafio, exatamente, pelo fato, dele ser um não conformista com a moral hegemônica e dominante do sistema carnista. A contradição mais uma vez caracteriza a sua vida nesta fase pois como o mundo não é vegano ele não consegue manter a sua vida totalmente livre de exploração animal já que há questões que fogem de seu alcance.

8.8 O rótulo vegano

O participante Wesley inicia a sua narrativa contando como foi o processo de retirada de carnes animais em sua alimentação para depois compartilhar o motivo de seu interesse em

tal mudança. Ele em seguida relata que somente ao longo desse processo de retirada dos animais da alimentação que ele conheceu o termo vegano, na verdade ele já era quase vegano quando tomou conhecimento da existência do veganismo.

A retirada das carnes de sua alimentação começou progressivamente nos seus almoços experimentando opções sem carnes, depois no café da manhã e assim progressivamente. Esse processo, segundo seu relato, não foi muito adequado pois ele retirava itens ao invés de tentar substituir, o que o levou a apresentar certas deficiências nutricionais que foram corrigidas e superadas posteriormente com orientação nutricional adequada.

Ele conta que tudo começou quando sua esposa resolveu se tornar vegetariana. Ela tomou essa decisão após vivenciar em sua rotina de trabalho como enfermeira veterinária o cuidado na recuperação de uma galinha. Nesse processo ela se envolveu emocionalmente bastante com o animal e recebeu críticas de suas colegas de trabalho que afirmavam que era apenas uma galinha e que ela deveria focar a sua atenção e cuidados aos cachorros e gatos que alí estavam internados. No mesmo dia em que a galinha teve alta, ao chegar em casa e se ver com uma faca nas mãos para cortar o frango que iria preparar para o jantar começou a chorar pois *“o tico e o teco conversaram e alí caiu a ficha pra ela”*.

Apesar de sua esposa ter se tornado vegetariana, Wesley relata que mesmo respeitando e se orgulhando de tal mudança alimentar nunca havia feito a conexão, não pensando que também poderia deixar de consumir os animais. Ele ainda relata que sempre defendia a sua esposa quando ela era motivo de comentários e piadas.

Wesley narra que certa vez quando sua esposa comprou um litro de leite de soja para experimentar e ao saber de seu interesse em trocar o leite de vaca pelo de soja respondeu a ela: *“tu já não come animal, tu já não tá comendo carnes e essas coisas, por que que tu tem que ser tão radical?”*. Ele conta que nunca se esqueceu desse episódio e de suas palavras, de como ele via o comportamento de sua esposa como radical. Hoje ele avalia que naquela época ele não tinha conhecimento algum, que falava sem pensar por estar preso a hábitos.

Nessa época eles moravam em Sidney, na Austrália e se mudaram para Melbourne, também na Austrália, mas segundo a sua visão uma cidade bem diferente, pois Melbourne é uma cidade *“versão europeia dentro da Austrália”*, ou seja, segundo seu relato é uma cidade onde há mais questionamento de hábitos em todos os aspectos, com mais pessoas alternativas, mais cabeça aberta, mais gays, lésbicas e diversos outros movimentos de justiça social. Foi nesse contexto que ele começou a fazer as mudanças em sua alimentação ficando sem comer carne.

Foi somente ao longo desse processo, quase vegano, que ele ouviu falar em veganismo.

Segundo ele o seu mecanismo de defesa não se ativou e por esse motivo teve seu interesse desperto começando a pesquisar sobre a temática. Quanto mais ele pesquisava e descobria sobre o funcionamento das indústrias de carne, laticínios e ovos e o impacto que tinham no meio ambiente e na saúde ele se envolvia com o veganismo. Quando se deu conta já era um ativista da causa vegana participando de grupos e fazendo ações pela cidade.

Ele conta que em sua primeira ação ativista pelo veganismo ele ficou extremamente nervoso com medo da reação negativa das pessoas, contudo ele teve uma ótima experiência que o deixou extremamente emocionado. Ele conta que já participou de muitas ações veganas, mas que no momento está dando uma pausa em seu ativismo pois estava fazendo mal a ele ver de perto toda a crueldade e sofrimento dos animais, além de ter que lidar com as pessoas argumentando contra e reações mais violentas de ódio.

Ele caracteriza em sua narrativa que é um desafio ser vegano em um mundo não vegano e por isso ele se sente privilegiado de ter criado um mundo vegano em seu entorno já que quase a totalidade de seus amigos são veganos, além é claro de sua esposa. Ele conta que ele sente dificuldade em enfrentar eventos de trabalho que giram em torno da alimentação sentindo-se bastante desconfortável vendo pessoas comendo animais. Wesley explica que “*eles poderiam todos estar tendo o mesmo entretenimento, a mesma felicidade e ter escolhido a opção vegana, que não tem colesterol entrando no corpo deles e poderiam estar poupando a vida de animais*”. Além disso ela narra sobre a necessidade do vegano ter que ficar se justificando, explicando sobre proteínas etc.

Contudo, apesar de viver nessa bolha vegana ele relata saber da realidade do mundo fora dessa bolha

onde as pessoas absolutamente não estão nem aí para o que acontece com os animais ou procuram não pensar naquilo enquanto outros estão fazendo piada contra veganos ou então trazendo até ódio [...] tem um ódio muito grande contra veganos, porque eles despertam algo nas pessoas. Os veganos, basta ele ficar em silêncio, basta as pessoas que comem animais saber que tu é vegano, ele já começa a se justificar; ela começa a dizer, ah eu também tô come do menos carne sem tu perguntar absolutamente nada. As pessoas automaticamente se sentem culpadas, elas sabem que é errado comer animais.

Wesley também aborda em sua narrativa as suas reflexões sobre o rótulo vegano. Ele diz perceber que as pessoas quando se tornam veganas logo assumem o rótulo de vegano, talvez por se orgulharem de tal comportamento e identidade. Ele, particularmente, tem abandonado esse rótulo, principalmente devido ao ódio que tem se criado por veganos. Ele conta que em sua vida nunca comeu golfinhos e nem girafas e por esse motivo não carregava nenhum tipo de rótulo, então ele se questiona do motivo de precisar de um rótulo pelo fato de não comer porco,

nem galinha, nem frango e nem peixe.

Ao longo de sua narrativa o participante também traz uma reflexão e o seu ponto de vista sobre o valor atribuído a quem deixa de consumir produtos de origem animal. Ele narra:

pra mim no meu entendimento eu via as pessoas que não comiam animais como pessoas mais avançadas, mais evoluída, como eu gosto de dizer, um passo adiante, mais distante da caverna. Só que aquela coisa. Quando a gente ta naquele ciclo, participando daquela normalização da exploração animal a gente, é mais fácil a gente chamar essas pessoas de arrogantes e tudo mais, né, ao invés da gente tentar nos colocar no nível que a vê elas, é mais fácil tentar trazer elas pra baixo, pro nosso nível. Mas isso é uma coisa que eu quero te dizer que é uma visão das pessoas que comem animais. Eu nunca me senti melhor do que ninguém, sabe como pessoa. As minhas atitudes sim, a minha atitude por exemplo de não comer animais, ela é com certeza melhor do que uma pessoa que ta lá comendo animais por hábito, por prazer, entendeu. Da mesma forma uma pessoa que, sei lá, tá ajudando uma senhora a atravessar a rua e eu não tô. A atitude daquela pessoa é sim uma atitude melhor do que a minha de não ajudar a pessoa a atravessar a rua por exemplo. Entende? Agora ser e não ser melhor do que a outra, isso não, aí eu acho que não entra nesse caso.

A partir desta sua narrativa que compartilha o seu processo de transição para o veganismo e a sua experiência sendo vegano em um mundo que não é vegano foi possível construir o resumo constitutivo de cada etapa desse processo (quadro 22).

Quadro 22 - Etapas da transição para o veganismo – Narrativa: O rótulo vegano.

Situação inicial	Ser carnista	<p>“Minha esposa era vegetariana, eu continuei comendo animais”</p> <p>“Eu respeitava a opção dela”</p> <p>“Eu não tava fazendo a conexão que eu também poderia”</p> <p>“Eu me orgulhava muito dela”</p> <p>“Preso a hábitos”</p> <p>“Eu via aquilo como uma coisa radical”</p>
Desencadeador da mudança	O despertar	<p>“Questionamentos de hábitos”</p> <p>“Quando eu ouvi falar de veganismo”</p> <p>“Me chamou atenção”</p> <p>“A gente acaba descobrindo todas as coisas”</p>
Processo de transformação	Transição para o veganismo	<p>“comecei devagarzinho”</p> <p>“comecei a tirar coisas/foi uma coisa bem errada”</p> <p>“fiquei com ferro baixo, b12 baixa”</p> <p>“depois tudo se corrigiu”</p> <p>“eu já era quase vegano e eu nunca tinha ouvido falar nisso”</p> <p>“Procurei nutricionista”</p> <p>“Comecei a ir na academia”</p> <p>“Comecei a estudar mais sobre coisa de nutrição”</p> <p>“Aprendi bastante”</p>
Situação final	Ser vegano	<p>“Eu nunca me senti melhor do que ninguém, como pessoa. As minhas atitudes sim.”</p> <p>“É um desafio”</p> <p>“Criei um mundo vegano em volta de mim”</p> <p>“Existe outra realidade lá fora”</p> <p>“Muita dificuldade”</p> <p>“Desconfortável”</p> <p>“Ódio contra veganos”</p> <p>“Já fiz bastante ativismo”</p>

		“Tava me machucando muito essa crueldade” “Tenho deixado muito esse rótulo” “Eu não comia golfinhos” “Por que eu preciso de um rótulo agora?”
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora

Wesley em sua narrativa aborda o fato de que apesar de sua esposa ter despertado, ou como ele narra, “*o tico e o teco conversaram e ali caiu a ficha pra ela*” ele continuou comendo os animais, não fez “*a conexão*” de que ele também poderia fazer o mesmo, já que ele se orgulhava bastante da atitude de sua esposa. O participante enfatiza tal reflexão para entender hoje a relação tão conflituosa entre veganos e carnistas, pois como ele no passado, muitas pessoas, apesar de aparentemente terem conhecimento da exploração e violência submetida aos animais, não “despertam” para o veganismo.

O participante ao narrar o episódio de sua vida no qual sua esposa compartilha com ele o desejo de deixar de consumir leite proveniente de animais revela o quanto julgava essa atitude radical em seu passado. Ele complementa que simplesmente falava da boca para fora sem nenhum conhecimento, apenas preso a hábitos. A partir dessa sua fala é possível inferir a sua percepção de que a falta de conhecimento, ou a falta de percepção ou criticidade pela automaticidade de hábitos é capaz de levar o ser humano a cometer ações possíveis de serem categorizadas como amorais.

Além disso ele também traz seus valores ao tratar da questão do orgulho que sentia de sua esposa e do entendimento que tinha de pessoas que não comiam animais. Ele conta que após se tornar vegano, nunca se sentiu melhor do que ninguém como pessoa e explica que a sua atitude de não comer os animais é sim melhor do que a de comer os animais da mesma forma que a atitude de ajudar uma pessoa idosa a atravessar a rua é melhor do que a de alguém que não ajudou.

Wesley afirma em sua narrativa que entende o veganismo como um movimento que luta por justiça social, e é exatamente pelo fato de desejar trazer a luz do veganismo para as pessoas que ele de imediato se tornou ativista da causa vegana. A vivência como ativista o fazia rotineiramente lembrar a violência e crueldade praticada contra os animais, fato que o machucava bastante psicologicamente, fazendo-o se afastar um pouco do ativismo.

A descrição dessas reflexões e fatos narrados pelo participante trazem o posicionamento narrativo de Wesley marcado linguisticamente pelas suas escolhas lexicais e aspectuais, pela repetição de certos fatos ou percepções enfatizando seus valores, além de demonstrar o seu posicionamento a partir de sua circunstancialidade específica.

A temática da desinformação sobre o veganismo se faz fortemente presente em sua

narrativa, sendo a causa das dificuldades enfrentadas por ele por ser vegano em um mundo não vegano, conforme ilustra o quadro a seguir.

Quadro 23 - Consequências da desinformação sobre o veganismo – Narrativa: O rótulo vegano

Dificuldade em saber seguir uma alimentação vegana	Necessidade de justificar constantemente o veganismo
Deficiências nutricionais	Dificuldade e desafio de viver em um mundo não vegano
Visão de radicalidade do veganismo	Criação de uma bolha vegana
Ser alvo de piadas/ódio/preconceito	Desconhecimento da legitimidade do veganismo

Fonte: elaborado pela autora

Wesley, assim como outra participante já mencionada neste capítulo de análise, relata viver em uma bolha vegana. Essa bolha vegana para ele é bastante positiva já que ao conviver dentro desta bolha ele não precisa conviver e presenciar no seu dia a dia a violência e exploração do carnismo, fato que causaria a ele bastante angústia e sofrimento. Contudo apesar de viver nessa bolha ele conta que sabe da existência da realidade fora da bolha, *“onde as pessoas absolutamente não estão nem aí pro que acontece com os animais ou procuram não pensar naquilo enquanto outros estão fazendo piada contra veganos ou então trazendo ódio”*.

O mundo que é carnista gera angústia e sofrimento para o participante que precisa traçar estratégias em sua vida para tentar fugir desse sofrimento como ele deixa registrado em sua narrativa. A bolha vegana é uma dessas estratégias, assim como a atuação como ativista que objetiva despertar outras pessoas para o veganismo. Contudo, a ação ativista apesar de ser um caminho para superar a visstopia, gera também muita dor, pois a atuação como ativista faz com que o vegano tenha que lidar diretamente com a exploração e sofrimento dos animais.

Essas estratégias fazem parte de seu processo de hardening, ou seja, de endurecimento e necessidade de continuar a vida após a vivência traumática do despertar para o veganismo. Wesley em sua narrativa revisita esse seu despertar, ou seja, o seu porto de passagem, refletindo sobre todo o seu processo de transição, as suas interações sociais nesse período, as suas representações sobre a relação homens e animais, sobre os seus valores, enfim sobre toda a sua história de vida. Ele retoma esse porto de passagem quando trata de seus entendimentos, de seus experimentos retirando as carnes do almoço, de seus erros na alimentação, do processo de transição de sua esposa e como, na época, ele entendia, mas também criticava a decisão de sua esposa, de como a defendia de piadas, de seu posicionamento sobre movimentos de justiça social, das descobertas sobre a indústria do leite e ovos, de seu ingresso no veganismo, de seu

ativismo, de sua busca por informação e de suas dificuldades de ser vegano em um mundo que não é vegano.

O participante também avalia a sua caminhada em direção ao veganismo apontando “erros” e esclarecendo que com o conhecimento adquirido nessa jornada ele faria um caminho totalmente diferente. Ele diz:

se eu fosse começar o meu processo de novo com todo o conhecimento que eu tenho dessas indústrias, sem sombra de dúvidas, eu começaria tirando os laticínios e ovos que pra mim essas indústrias são simplesmente horríveis. O que elas fazem com os animais enquanto eles estão vivos pra no fim quando não conseguem mais extrair recursos desses animais então chega a vez deles terem a sua garganta cortada.

Wesley se posiciona em sua narrativa trazendo a sua verdade como vegano que não se conforma com a moralidade de um mundo não vegano. Ao longo de seu relato ele vai trazer alguns problemas, vai se posicionar e provar a sua tese através dos relatos de suas vivências. O quadro 24 a seguir resume tal esquema argumentativo do participante.

Quadro 24 – Validação do veganismo - Narrativa: O rótulo vegano

Tripla atividade discursiva argumentativa	
Problematização	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ser vegano é ser melhor do que os outros. 2. A falta de conhecimento limita e prende pessoas a hábitos sem refletir sobre tais ações e atitudes. 3. Dificuldade de veganos em dividir a mesa de refeição com carnistas 4. A bolha vegana 5. O rótulo vegano
Posicionamento	<ol style="list-style-type: none"> 1. A atitude de veganos de não comer animais é melhor quando comparado a quem come os animais. 2. Estar “preso” a hábitos limita os questionamentos 3. A mesma felicidade e entretenimento poderia estar acontecendo poupando a vida de animais + necessidade de justificativas sociais (motivação de ser vegano, explicações sobre validade nutricional etc). 4. Necessidade de se proteger da realidade cruel do mundo carnista. 5. Necessidade de abandonar o rótulo vegano pelo ódio social que tem crescido por veganos e pela percepção de sua dispensabilidade.

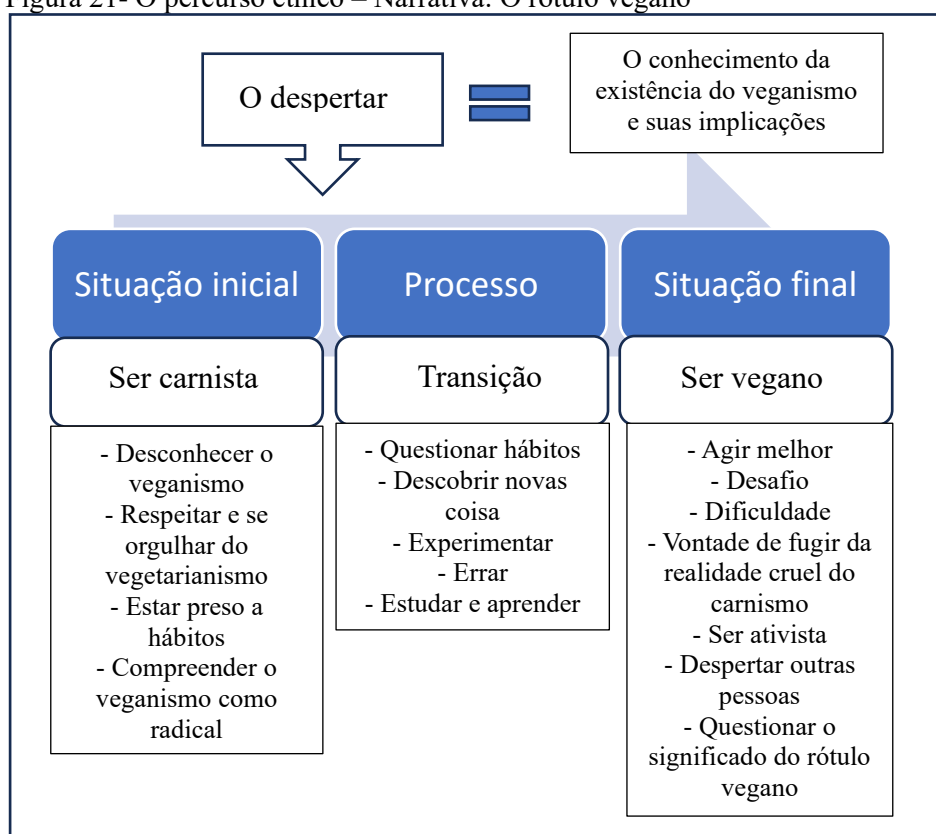
Fonte: Elaborado pela autora

Ao contar a sua história compartilhando as suas percepções e experiências vivenciadas ao longo de seu processo de transição para o veganismo e de sua vivência como um vegano que não se conforma com a moralidade do mundo que não é vegano, Wesley assim como os outros participantes contam com o pacto autobiográfico (Lejeune,) e o seu compromisso de dizer a

verdade. Sendo assim, a sua própria narrativa relatando suas percepções, exemplos e fatos passa a ser a prova sustentadora da veracidade de suas teses.

O desejo de provar e fazer com que mais e mais pessoas enxerguem a crueldade e amoralidade da cultura carnista é parte integrante da construção do ethos discursivo do participante. A trajetória desse percurso ético construído ao longo de sua caminhada rumo ao veganismo está ilustrado na imagem a seguir.

Figura 21- O percurso ético – Narrativa: O rótulo vegano



Fonte: Elaborado pela autora

8.9 O sujeito coletivo do percurso ético não conformista moral nas autobiografias de veganos

Cada uma das oito narrativas autobiográficas acima descritas veicula uma história única com as manifestações de suas subjetividades, mas apesar de individuais, podemos enxergar uma identidade social e, portanto, agrupá-las como se fossem uma voz coletiva. Isso porque, apesar de sermos seres individuais, como pessoas comuns que somos “no dia a dia, pensamos segundo determinados esquemas ou modelos que compartilhamos com os que vivem em nosso meio social e cultural” (Lefèvre, 2017, p.9). Assim sendo, sempre que opinamos, julgamos,

argumentamos etc, “estamos fazendo parte de uma determinada tribo de simbolizadores e de uma comunidade de tribos” (p.9).

Adicionalmente, segundo Jovchelovitch (2008), as narrativas estão conectadas à vida comunitária, já que possuem “o poder de unir, de ligar acontecimentos para tornar uma história coerente e de entrelaçar estes acontecimentos à identidade social de uma dada comunidade” (p.145). O ato de contar histórias é capaz de evocar “campos de realidade intersubjetiva, campos de conhecimento e reconhecimento; é um ato que vive além das histórias individuais, crescendo como discurso [...] de grupos sociais, gerações e épocas” (p.145).

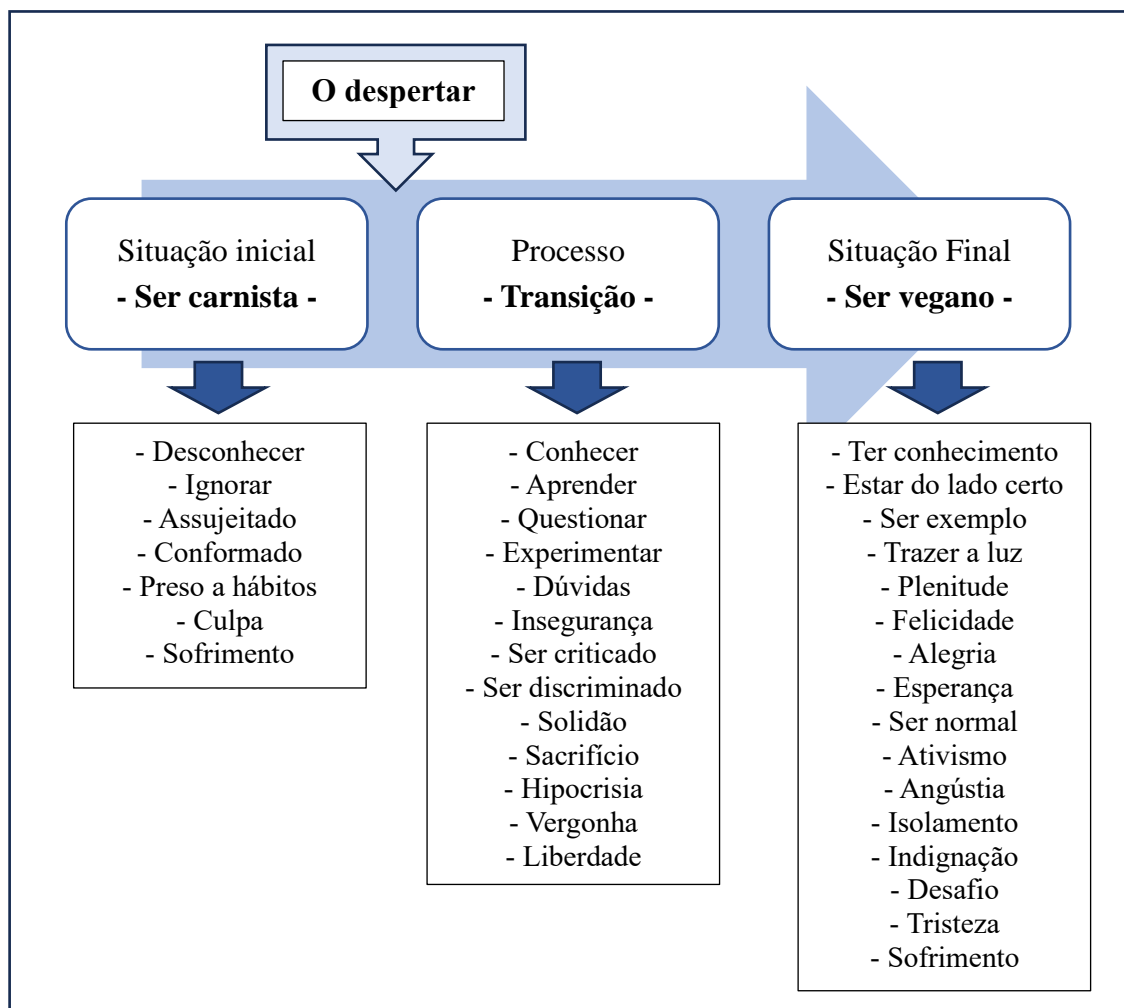
Portanto, a partir destas narrativas fui capaz de agrupar e reconstituir as manifestações de pensamentos individuais presentes nesses atores sociais, identificados como veganos não conformistas morais vivenciando a angústia de viver em um mundo que não é vegano em grandes categorias de sentidos. Essas categorias de sentido podem ser entendidas como os “modos socialmente compartilhados de conhecer ou representar e interagir com o mundo e com a vida, no cotidiano” (Lefèvre, 2017, p.15) desta determinada formação social.

Encontrei na concepção de Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) uma forma de resgatar e apresentar essas opiniões, expressões individuais, pontos de vistas, ou seja, as representações sociais e a construção de significados de cada narrativa desta pesquisa, agrupando-as como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo. Essas representações sociais sob a forma de uma autobiografia coletiva vão veicular uma subjetividade coletiva para a construção de um percurso ético, também coletivo, do que é ser um vegano não conformista moral vivenciando a angústia de viver em um mundo que não é vegano.

A construção progressiva dessa identidade individual/coletiva pelo posicionamento narrativo implícito ou explícito se mostra de uma forma coerente e significativa para essa coletividade específica ao longo da dinamicidade e produtividade das narrativas autobiográficas. Ao longo da narrativa do processo de transição para o veganismo, desde o despertar até, de fato, tornar-se e entender-se como um vegano em um mundo que não é vegano várias imagens vão ser projetadas pelo narrador, algumas conscientes, outras não. Enfim, o fato é que não temos imagens estáticas, pelo contrário, temos movimento e fluidez presentes na construção desse percurso ético discursivo.

Na figura 22, a seguir, proponho uma ilustração esquemática da construção desse percurso ético não conformista moral de veganos vivenciando a angústia de viver em um mundo que não é vegano.

Figura 22: A construção do percurso ético não conformista moral de veganos experienciando a angústia de viver em um mundo que não é vegano



Fonte: Elaborado pela autora

Esse percurso ético desse sujeito coletivo que narra a sua vivência dentro do veganismo revela um indivíduo inicialmente carnista desconhecendo e ignorando outra realidade, assujeitado por não ter autonomia de tomar decisões, conformado e preso a hábitos antigos, e culpa e sofrimento por se manter carnista não enxergando outra possibilidade. Após o despertar para o veganismo encontramos nessa fase de transição a imagem de um indivíduo aprendendo e adquirindo novos conhecimentos, questionando e experimentando. Há também a presença de muitas dúvidas e insegurança devido às críticas e discriminação e, portanto, solidão e sensação de sacrifício. Durante esse processo destacam-se também a hipocrisia por já terem a percepção de mundo do vegano, mas ainda não terem conseguido mudar na prática as suas atitudes e a vergonha por terem sido carnistas por tanto tempo em suas vidas. Além disso, a imagem da descoberta da liberdade de poder escolher não causar sofrimento nos animais já se faz presente após o despertar para o veganismo.

A narrativa do que é ser vegano em um mundo não vegano traz à tona um sujeito possuidor de conhecimento que escolhe “estar do lado certo”, não promovendo sofrimento e morte de animais. Essa voz discursiva vegana deseja ser exemplo para que outras pessoas também despertem para o veganismo “trazendo a luz”, ou seja, trazendo o conhecimento sobre o veganismo. A imagem da esperança em um mundo cada vez mais vegano está também presente nessas narrativas, assim como a da normalização do veganismo. O ativismo faz parte dessa identidade vegana, contudo não necessariamente um ativismo explícito. A presença marcante da imagem de plenitude, liberdade, felicidade e alegria com o despertar para o veganismo vai conviver de forma constante com a angústia, o isolamento, a indignação, o desafio, a tristeza e o sofrimento de ser vegano em um mundo carnista.

Essas imagens opostas vão estar em constante embate revisitando a todo momento o porto de passagem desse sujeito, que é o despertar para o veganismo. Esse revisitar é marcado discursivamente na narrativa pelo que Maia-Vasconcelos (2022) denomina de “looping narrativo da fragilidade” (p.62) no qual toda a história começa e termina em torno do sofrimento pelo sofrimento dos animais. É “necessário ser resistente, mesmo consciente de que essa resistência” (p.62) é o ponto frágil, já que é exatamente a dor no animal que fortalece o veganismo. Os “relatos se repetem como o balado de um sino” (p.62): “quando eu despertei”, “quando em entendi”, “quando eu enxerguei”...

Sendo assim, o despertar para o veganismo traz o conhecimento e a alegria de ser vegano, contudo arrasta também a angústia (vístopia) e o sofrimento de ser vegano em um mundo que não é vegano. Ocorre a autocriação de um novo “eu” vegano após o “despertar” que se posiciona implicando instituições e atores diversificados para se legitimar através de suas enunciações. É preciso então enunciar e se posicionar para legitimar o veganismo dentro de um universo cultural carnista. Esse processo de argumentar e provar a legitimidade do veganismo também fazem parte da construção do ethos não conformista moral de veganos.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de doutorado teve como objetivo analisar e trazer reflexões sobre a construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas de vida. Para tanto, esta pesquisa de doutorado precisou contar uma história. É fato que uma tese não é um texto narrativo, entretanto, recorrendo à Roland Barthes (2004) que defende que mesmo não tendo uma aparência narrativa, todos os textos têm uma fundamentação narrativa, julguei pertinente, neste contexto, realizar esse paralelo. Além de marcas lexicais que apontam processos, como “analisamos”, “estudamos [...] os trabalhos” constituindo sequências indicadoras de uma narração típica, o texto de uma tese vai contar em detalhes o passo a passo de sua criação a partir do aparecimento de um conflito (perguntas de pesquisa), o seu desenrolar (ações necessárias: fundamentação, metodologia e análises) e, por fim a sua resolução (respostas encontradas, reflexões geradas e direcionamentos). Sendo assim, é viável encontrarmos todas as fases de uma sequência narrativa em uma tese de doutorado.

A narrativa desta história iniciou com uma contextualização das motivações para tal empreendimento, incluindo uma narrativa sobre a minha relação com o vegetarianismo e veganismo já que foi somente a partir deste lugar que é social, histórico e cultural que consegui enxergar a possibilidade de unir interesses pessoais com os interesses e conhecimentos acadêmicos. Após compartilhar essa experiência de vida, o texto da tese relata como se deu o surgimento das perguntas de pesquisa e a consequente criação dos objetivos da pesquisa. O objetivo central foi definido como a investigação da construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas considerando sua imersão em um universo cultural carnista. Este objetivo principal foi decomposto em três objetivos mais específicos, que são: (1) descrever processo de construção do percurso ético ao contar como foi a sua transição para o veganismo; (2) caracterizar nas narrativas autobiográficas ao contar como é ser vegano em um mundo que não é vegano as marcas narrativo-discursivas da angústia de viver em um mundo que fere os seus valores morais; (3) distinguir e descrever os mecanismo de argumentação mobilizados nas narrativas autobiográficas para validar o veganismo dentro de uma cultura carnista.

Tendo em mãos essas informações, o texto se propôs a narrar de forma bem resumida um histórico sobre o vegetarianismo e veganismo e sobre o funcionamento dessa filosofia de vida na atualidade, considerando o contexto brasileiro. Em seguida, compartilhamos nesta narrativa um pouco do conhecimento teórico produzido pela ciência abordando o veganismo e que fosse de interesse para essa tese, entre eles o especismo (SINGER, 2002), o carnismo (JOY,

2010), o não-conformismo moral (Jertfelt, 2019) e a vistopia (Mann, 2015).

Por se tratar de uma tese inserida na área da linguística, o texto também desenvolveu uma discussão sobre as teorias de base que sustentam as análises e reflexões realizadas ao longo da pesquisa dando ênfase nas reflexões de Maingueneau (2019, 2020) sobre o ethos discursivo, na construção do conceito de percurso ético de Holanda (2020) em sua tese de doutorado e na proposta teórico-metodológica de Maia-Vasconcelos (2022) sobre o posicionamento narrativo e looping narrativo. Consecutivamente, de posse desse conhecimento teórico sobre o objeto de pesquisa o texto descreveu as características da pesquisa, a concepção e delimitação do universo e da amostra, assim como o detalhamento dos procedimentos de construção e análise dos dados.

Para chegar à “resolução do conflito” foi também preciso narrar e compartilhar os achados e reflexões construídos após esse longo percurso da pesquisa. Finalizando essa narrativa e tendo em vista que as narrativas de vida também chamadas de narrativas indiciais (Viana, 2012, p.68) possuem as reflexões dos sujeitos narratários, neste caso específico aqui, a pesquisadora, e corroborando com o posicionamento de Maia-Vasconcelos (2005) de que não é possível conhecer o que nos interessa sem estar implicados na empreitada, fato que sinaliza a perfeita parcialidade do pesquisador no discurso do outro, iremos traçar a seguir as minhas reflexões e considerações finais sobre esta pesquisa que tem me acompanhado nesses últimos anos ao longo do curso de doutorado.

Vimos no capítulo de análise dos dados que apesar das narrativas autobiográficas veicularem sentidos únicos, manifestando as suas subjetividades, foi possível construir um agrupamento com uma identidade social, uma voz coletiva de veganos não conformistas com a moral carnista. O “despertar” de cada um para o veganismo ocorreu de formas bem diferentes e motivado também por motivos diversos, contudo observamos através de suas narrativas que esse despertar promoveu uma mudança definitiva na vida desses indivíduos.

Ao narrarem esse processo de transição para o veganismo a partir do “despertar” ocorre uma construção progressiva dessa identidade que é individual, mas também coletiva. Através do posicionamento narrativo (Maia-Vasconcelos, 2022), implícito ou explícito, essa identidade vai se mostrando através de imagens, por vezes conscientes outras vezes não, projetadas pelo narrador ao longo da dinamicidade e produtividade das narrativas autobiográficas. Essas imagens, conforme visto, não são fixas e nem estáticas, se apresentam em movimento ao longo do processo de construção do percurso ético (Holanda, 2020).

Esse percurso é caracterizado pela imagem da mudança, mudança essa que os levou de uma “situação inicial” de ignorância, de desconhecimento, de culpa e sofrimento pelo assujeitamento e prisão a hábitos cristalizados para uma “situação final” caracterizada pela

presença do conhecimento, da certeza, da luz, da plenitude, da felicidade e alegria, da esperança e da normalidade, do ativismo para trazer luz aos outros, mas também da angústia, do isolamento, da indignação, do desafio, da tristeza e do sofrimento pelo fato de enxergarem através das lentes do veganismo um mundo carnista que fere os seus valores morais.

Adicionalmente, antes de atingirem essa situação final, que é a compreensão total de si mesmos como veganos, esses indivíduos percorreram um trajeto caracterizado pela aquisição de novos conhecimentos, pelo aprendizado, sensação de liberdade, questionamentos, dúvidas, experimentações, insegurança, críticas, discriminação, solidão, sacrifício, hipocrisia e vergonha. Encontramos também nesse percurso ético imagens opostas que por muitas vezes se contradizem mantendo vivo um constante embate de ideias e percepções. Esses indivíduos, em suas narrativas, projetam imagens de possuir conhecimento e alegria ao despertarem para o veganismo, contudo por estarem imersos em uma cultura predominantemente carnista que fere seus valores morais surgem as imagens que retratam a angústia de ser vegano em um mundo não vegano.

Essas imagens opostas revisitam a todo momento o porto de passagem desse sujeito, que é o despertar para o veganismo o fazendo refletir toda a sua vida, seus valores e suas atitudes a partir desse ponto de vista construído após essa ruptura traumática. Esse revisitar é marcado discursivamente na narrativa pelo looping narrativo (Maia-Vasconcelos, 2022), onde esses indivíduos retomam o momento do despertar através das formas linguísticas “quando eu despertei”, “foi para isso que eu despertei”, “eu enxerguei” etc caracterizando a presença do processo de *hardening* (Maia-Vasconcelos, 2022). Conforme já descrito, nesse processo, após uma ruptura traumática, o indivíduo jamais é capaz de recuperar o seu estado original, ou seja, o vegano, após o despertar, nunca mais irá enxergar o mundo sem as lentes do veganismo. É a dor pela morte e exploração dos animais que os sustenta dentro do veganismo, que traz a necessidade de falar e “trazer a luz” aos outros e traz a alegria de escolher viver sem promover essa dor aos animais.

Ao contarem sobre as suas vivências dentro do veganismo, esses participantes vão se posicionando discursivamente a partir dessas lentes do veganismo na tentativa de validarem socialmente esse percurso identitário do vegano, que é posto à prova constantemente pela cultura carnista. Sendo assim, valendo-se da veracidade de suas narrativas autobiográficas, esses participantes trazem à tona diversas questões e problemas relacionados à invisibilidade do veganismo em uma sociedade carnista.

Posto isso, acredito ter conseguido atingir os meus objetivos traçados para esta pesquisa de doutorado. Vimos que o percurso ético de veganos não conformista com a moral carnista é

marcado por uma sequência de imagens, as vezes até contraditórias, que representam uma transição, uma mudança de um estado de desconhecimento para o conhecimento, da prisão para a liberdade de escolha, do sofrimento causado aos animais para o respeito aos animais. Todo esse processo de mudança é motivado por uma situação de ruptura em suas vidas, que os fizeram “despertar” para as lentes do veganismo e com isso a angústia de ser vegano em um mundo não vegano passa a ser constante em suas vidas. As marcas discurso-narrativas dessa dor e angústia são caracterizadas pelo looping narrativo com o revisitar constante ao porto de passagem ao longo das narrativas. Também em função dessa angústia de ser vegano em um mundo que não é vegano, os participantes precisam validar socialmente o veganismo através da veracidade de suas histórias vivenciadas em um mundo carnista que não os enxergam, os ridicularizam, os criticam e principalmente não os legitimam.

Encontrei na proposta do percurso ético de Holanda (2020) a melhor forma de descrever o ethos desse indivíduo, objeto de minha pesquisa. Parto inicialmente da proposta de Maingueneau que expande a noção ethos para além da persuasão por argumentos, o que outorga uma reflexão sobre o processo mais amplo da adesão de sujeitos a uma determinada posição discursiva e sobre a adesão dos sujeitos ao universo configurado pelo autor. A instância subjetiva que se manifesta por meio de um corpo enunciante, historicamente especificado, é marcado por um “tom” que vai atestando, marcando e “tingindo” (Maia-Vasconcelos, 2022) o que é dito, levando o destinatário a se identificar com o movimento desse corpo ao longo da narrativa. Esse corpo não é fixo, muito pelo contrário, é fluido e em constante movimento, principalmente quando estamos lidando com uma narrativa autobiográfica, que tem um texto mais longo e com isso o ethos vai se atualizando constantemente construindo não um ethos, mas sim um percurso ético (Holanda, 2020).

Esse indivíduo que é vegano não conformado com a moral carnista ao narrar a sua história de vida com o veganismo constrói através de seu posicionamento narrativo, implícito ou explícito, uma identidade individual/coletiva coerente e significativa. Esses percursos narrativos ao construírem seus percursos éticos validam esse corpo enunciante em movimento e com isso tentam legitimar a identidade vegana que se mostra invisível em um universo cultural carnista.

REFERÊNCIAS

- ABONIZIO, J. Conflitos à mesa: vegetarianos, consumo e identidade. **RBCS**, vol 31, nº90, fevereiro, 2016.
- ADAM, J. **Textos: tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Lisboa: Editorial presença/Martins Fontes, 1980.
- ALVES FILHO, M. S. **Homem, animal, indústria: uma análise discursiva do agronegócio brasileiro**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 293f, 2020.
- ALVES FILHO, M. S.; PIOVENAZI, C. Sentidos do Agronegócio brasileiro: o discurso publicitário da sadia. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.24, p.226-241, 2020.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- ANDREATTA, M.M. Being a vegan: a performative autoethnography. **Cultural studies – Critical Methodologies**. 1-11, 2015.
- ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cad. Est. Ling.**, Campinas, (19), 25-42, jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BARRETO, T.F.; MATOS, F. J. S.; BACELAR, C.F.; FEITOSA, M. G. G. A Ideologia carnista e o encontro entre a ética animal e o dark side das organizações. **Anais do IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**, 2016.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.
- BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.
- BOUVARD, V.; LOOMIS, D.; GUYTON, K.Z.; GROSSE, Y.; EL GHISSASSI, F, BENBRAHIM-TALLAA, L.; et al. Carcinogenicity of consumption of red and processed meat **The Lancet Oncology**, Published online 26 October 2015; [http://dx.doi.org/10.1016/S1470-2045\(15\)00444-1](http://dx.doi.org/10.1016/S1470-2045(15)00444-1).
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: fim de Século, 2003.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

BRYANT, C. J.; PROSSER, A. M. B.; BARNETT, J. Going veggie: identifying and overcoming the social and psychological barriers to veganism. **Appetite**, volume 169,1 February 2022, 105812, 2022.

BRUNER, J. **Fabricando histórias**: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e voz, 2014.

BUTTNEY, R; KINEFUCHI, E. Vegans' problem stories: negotiating vegan identity in dealing with omnivores. **Discourse in Society**, p.1-19, July, 2020.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan/jun, 2017.

CHARAUDEAU, P. A argumentação e a problemática da influência. **ReVEL**, edição especial, vol.14, n.12, 2016.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual IN:Ida Lucia Machado e Renato de Mello. **Gêneros reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFGM, 2004.

COELHO, M. C. **O valor das intenções**: dádiva, emoção e identidade. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2006.

DOYLE, J. Celebrity vegans and the lifestyle of ethical consumption. **Environmental Communication**, 10:6, 777-790, 2016.

FAIRCLOUGH, N.L. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**. 9 (6):739-763. 1985.

FESTINGER, L. **A theory of cognitive dissonance**. Sanford, California: Stanford University Press, 1968.

FOUCAULT, M. [1969]. **A arqueologia do saber**. 7ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCIONE, G. L. New to abolition? Start here. Animal rights: abolitionist approach...and abolitionism means veganism, 2014. Disponível em: <<https://www.abolitionistapproach.com/new-abolition-start/>>. Acesso em: 28/03/2023.

HART, D. SUSSMAN, R. **Man the Hunted**: Primates, Predators and Human Evolution. Expanded Edition. Westview Press: USA, 2009.

HOLANDA.S.F. **O discurso em narrativas de vida hierofônicas**: construção do ethos em testemunhos de evangélicos pentecostais. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em linguística, Fortaleza, 2020.

JERTFELT, I. G. B. **Moral Non-Conformity: A Phenomenological Study of Persons who Held on to Their Moral Beliefs.** 2019. Tese (Doutorado em Sciences de l'Éducation - Lettres) - Université de Picardie Jules Verne.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JOY, M. **Why we love dogs, eat pigs and wear cows: an introduction to carnism, the belief system that enables us to eat some animals and not others.** San Francisco, California: Conari press, 2010.

JUNIOR, F.S.A.; FREITAS, E.C. Suicidas Felizes e Outros Mitos: os implícitos do discurso da indústria da carne para normatização do consumo e anulação da empatia. **Revista Conhecimento Online**, a.10, v.1, p.101-119, jan/jun, 2018.

LEFÉVRE, F. **Discurso do sujeito coletivo.** Nossos modos de pensar, nosso eu coletivo. 1ª edição: São Paulo: Andreoli, 2017.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOUGHNAN, S.; HASLAN, N.; BASTIAN, B. The role of meat consumption in the denial of moral status and mind to meat animals. **Appetite**, 55, p.156-159, 2010.

MACINNIS, C.C; HODSON, G. It ain't easy eating greens: Evidence of bias toward vegetarians and vegans from both source and target. **Group Processes & Intergroup Relations**, Vol. 20(6), p.721-744, 2017.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Tradução de Maria de Lourdes Menezes, 2ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGALHÃES, I; MARTINS, A R; RESENDE, V M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa** (p. 25). SciELO - Editora UnB. Edição do Kindle, 2020.

MAIA-VASCONCELOS, S.F. **Narrativa de vida: uma questão de método.** Curitiba:VRV, 2022.

MAIA-VASCONCELOS, S.F. **Clínica do Discurso: a arte da escuta.** Fortaleza: Premius, 2005.

MAIA-VASCONCELOS, S.F. **Penser l'école et la construction des savoirs : etude menée auprès d'adolescents cancéreux au Brésil.** 2003.429.- Tese (Doutorado)- Université de Nantes, Département de Sciences de l'Éducation, Nantes, 2003.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos.** 1 edição, São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org) **Ethos Discursivo.** 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2019.

MAINGUENEAU, D. **Discurso literário.** 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2018.

- MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, D. Argumentação e análise do discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. IN: BARONAS, R. L.; MIOTELLO, V. **Análise de discurso: teorizações e métodos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação** (Lingua[gem]). São Paulo: Parábola Editorial. Edição do Kindle, 2008.
- MANN, C. **Vystopia: the anguish of being vegan in a non-vegan world**. Communicate 31Pty Ltd. Edição do Kindle, 2018.
- MARKOWSKI, K.; ROXBURGH, S. If I became vegan, my family and friends would hate me: anticipating vegan stigma as a barrier to plant-based diets. **Appetite**, 135, p.1-19, 2019.
- MERCY FOR ANIMALS. Reduzindo o sofrimento e promovendo melhorias imediatas para os animais. Disponível em: <https://mercyforanimals.org.br/melhorias-imediatas>. Disponível em: 29/03/2023.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- OERLEMANS, O. **Shelley's Ideal Body: Vegetarianism and Nature**. Studies in Romanticism. Vol. 34, No. 4, Winter, 1995, pp. 531-552.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.
- OVIDIO. **As Metamorfoses**. Tradução: David Gomes Jardim Junior. Ediouro, 1983.
- RICOUER, P. **Tempo e Narrativa** (Tomo I). Campinas, SP: Papirus, 1994.
- ROSENFELD, D. L. The psychology of vegetarianism: recent advances and future directions. **Appetite**. 131, p.131-138, 2018.
- ROSENFELD, D. L. The unified model of vegetarian identity: a conceptual framework for understanding plant-based food choices. **Appetite**. 112, 78-95, 2017.
- ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. Tradução de Sérgio de Milliet. 3ª edição, DIFEL:SP, 1979.
- RUBY, M. B. Vegetarianism. A blossoming field of study. **Appetite**. 58, p.141-150, 2012.
- SANTOS, P. P. **“Se o senhor não tá lembrado, dá licença de dá conta”**: uma abordagem discursiva da experiência de desapropriação. Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará, Centro de humanidade, Programa de pós-graduação em linguística, 2019.
- SHELLEY, P. B. **A Vindication of Natural Diet**. London, 1884.

- SILVA, R S. **O luto materno em narrativas de vida e de morte: uma abordagem sociológica da perda.** Tese (doutorado) Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2015.
- SINGER, P. **Animal Liberation.** New York: HarperCollins Publishers, 2002.
- SPENCER, C. **Vegetarianism: a history.** Grub Street: London, 2016.
- SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil. Sociedade Vegetariana Brasileira, 2018. Disponível em: < <https://www.svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil>>. Acesso em: 22/03/2023.
- SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. Vegetarianismo. Qual a diferença entre veganismo e vegetarianismo? Disponível em: <https://svb.org.br/vegetarianismo-e-veganismo/o-que-e/>. Acesso em: 10/03/2023.
- THE VEGAN SOCIETY. Definition of Veganism. 1949. Disponível em: <https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>. Acesso em: 20/03/2023.
- VAN DIJK, T. Ideologia. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), s53-s61, dez. 2015.
- VEGETARIANISMO. In: Michaelis Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 10/03/2023.
- WALTERS, K. S.; PORTMESS, L. **Religious vegetarianism: from Hesiod to Dalai Lama.** State University of New York Press: Albany, 2001.
- WENGER-TRAYNER, E. and WENGER-TRAYNER, B. **An introduction to communities of practice: a brief overview of the concept and its uses.** Available from authors at <https://www.wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice>, 2015.
- WILLIAMS, H. **The Ethics of diet.** The Project Gutenberg ebook. Release date: October 21, 2017 [eBook #55785], London, 1883.
- WINKLER, M. Marly Winkler conta o início do Vegfest Brasil. Geração Vegana. Youtube, 08/03/2023. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=NYJ8XVztxl&t=31s>>. Acesso em: 22/03/2023.
- WHITE, M. **Reflections on narrative practices.** Adelaide: Dulwich Centre Publications, 2000.
- WHORTON, J. C. Historical Development of Vegetarianism. **The American Journal of Clinical Nutrition.** 59 (suppl) 1103-1109: 1994
- XU, J.; MURPHY, S.L.; KOCHANNEK, K. D.; ARIAS, E. Mortality in the United States, 2018. U.S. Department of Health and Human Services. Centers for Disease Control and Prevention National Center for Health Statistics. **NCHS Data Brief**, n. 355, January 2020.

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, estou sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de doutorado em Linguística da Universidade Federal do Ceará denominado **A construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas**, cujo objetivo é propor uma investigar a construção do percurso ético não conformista moral de veganos em suas narrativas autobiográficas considerando sua imersão em um universo cultural carnista

A minha participação no referido estudo será no sentido de, enquanto vegano, autorizar a utilização dos dados e das informações resultantes de minha narrativa construída após a pergunta: **Me conte a sua história/experiência com o veganismo. Por que se tornou vegano? Como foi o processo de transição? Como é ser vegano em um mundo não vegano?**

Fui alertado(a) de que, da pesquisa a se realizar, não posso esperar benefícios. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome será mantido em sigilo. Também fui informado(a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora doutoranda envolvida com o referido projeto é Fernanda Passos da Trindade Jorge Neres (UFC) e com ela poderei manter contato pelo telefone +5585999824443. É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências.

Enfim, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

_____, _____ de novembro de 2022.

Nome completo e assinatura do participante da pesquisa

ANEXO – NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DOS PARTICIPANTES

Narrativa 1 – Participante de pesquisa Carmen

Data da narrativa: 17 de novembro de 2022

(narrativa oral transcrita)

Oi Fernanda, tudo bom? Vou te mandar aqui os áudios, vou tentar ser breve, mas é longa a minha história, mas então vamos lá.

Eu era vegetariana desde muito nova, muito criança. A minha mãe sempre me falou que quando eu era criança eu já não gostava de comer carne, nunca quis, mas como meus pais não tinham muita noção do que fazer eles acabavam me dando e aí. Só que como meus pais pararam de comer carne vermelha, carne de boi, de porco quando eu era muito pequena ainda, quando eu tinha uns 4 anos, por aí, eles pararam de me dar também já que eu não gostava, né? Então eu já parei de comer carne vermelha aí e aí eu acabei continuando comendo frango e peixe porque era o que eu conhecia apesar de eu odiar desde sempre. Era uma visão de que eu sabia que eu tava comendo um corpo morto e eu não queria comer isso e aí era bem sofrido assim porque as pessoas meio que me obrigavam comer, até quando eu ia em casa de amiga as mães delas me obrigavam a comer, falavam que eu tinha que comer e foi um sofrimento por muito tempo até que eu decidi que eu ia parar de vez. Mas isso foi quando eu já tinha acho uns 10 anos, por aí. E aí eu não comi mais e meus pais respeitaram também e não me davam mais e eles continuaram comendo por um tempo, meus pais e minha irmã, e eu nunca comi a partir daí não comi mais. E aí com o tempo eles foram parando de comer frango, aí só comiam peixe. A minha irmã foi a que parou mais tarde assim, mas daí ela foi parando aos poucos, chegou um momento que eles só comiam peixe. Eu já não comia nada de carne, eu só comia ovo e leite, apesar de eu também não gostar de comer. Eu também tinha nojo e tel. O que eu falo assim é que eu não sabia, eu não conhecia o veganismo, eu não sabia que dava para não comer então eu acabava comendo ovo e leite de maneira disfarçada, digo tipo em bolo e essas coisas que eu não via de fato o ingrediente. Mas aí a minha irmã, ela se mudou, ela foi morar em Los Angeles e lá ela começou a ver documentários e tudo mais e aí ela acabou se tornando vegana. E lá tem muita opção, tem muita coisa, então ela acabou se tornando vegana e aí fui visitar ela. Isso foi em 2018 e falei assim, nossa, vou tentar ser vegana enquanto eu tô aqui. Ai foi assim quase que uma libertação porque eu percebi que na verdade o que eu queria era ser vegana e eu só não sabia que dava. E aí foi desde lá que eu parei de comer e pra mim não foi nada difícil porque já era mais ou menos o que eu fazia. Eu já não comia leite, não comia ovo, que nem eu falei. Eu

só comia meio que disfarçado nas coisas. E aí acabou que todo mundo da minha família, foi uma coisa meio conjunta assim, logo em seguida minha mãe e meu pai, que já não comiam mais nada de carne, de peixe, já era vegetarianos, eles também se tornaram veganos. Então todo mundo virou vegano, eu, minha irmã e meus pais. E aí inclusive depois eu conheci a Helena e comecei, virei paciente dela e eu entrei até entrei em um aplicativo de namoro de veganos e conheci meu namorado que também é vegano. Então eu, é engraçado que eu sempre vivi numa bolha vegana assim, eu falo.

Mas apesar de eu viver nessa minha bolha vegana, eu sempre sofri muito, desde criança. Coisa de exclusão, de preconceito. Só que é engraçado, que assim, como eu vejo que como eu sempre fui muito certa assim dos meus pensamentos, eu sempre fui uma pessoa do tipo, mesmo se discordarem de mim eu não tem nem aí, eu vou continuar fazendo. Então eu meio que sempre relevei essas coisas. Só que quando eu paro para olhar pra trás sempre foi muita agressão sabe? Por eu ser na época vegetariana e depois vegana, mesmo quando eu era vegetariana eu já sofria muita agressão. Eu lembro muito de um episódio de um médico que eu fui quando era bem novinha, tinha, devia ter uns 12 ou 13 anos. Eu não lembro nem o que ele era, acho que era endócrino, alguma coisa assim e ele falou pra mim assim: você sabe né que se você não comer carne você vai ter problema pra ter filhos no futuro. E aí eu lembro que eu ouvi aquilo e achei tão bobagem o que ele falou que eu nem discuti, só fiquei quieta e depois eu já sabia na minha cabeça que era uma besteira enorme mesmo eu sendo nova, né. Mas olhando pra trás assim, sempre foi muita coisa e aquelas piadinhas chatas de sempre né então qualquer evento que eu ia, era aquela coisa: Você não quer comer essa picanha aqui? E aí os parentes enchendo o saco, só que como eu sempre fui muito decidida eu nunca fiquei tipo, será, não sei o que, sabe, ou deixei de ir em eventos. A única coisa que eu sempre fiz foi tipo assim, ah tinha festa de alguém, eu já comia antes em casa. Pra mim sempre foi uma coisa muito, muito óbvia assim de se fazer, mas e aí sempre aquela coisa né, eu falo que sou vegana e vem as pessoas chatas. Eu lembro uma vez num curso um menino ridículo assim falando você sabe que o veganismo vai acabar com o mundo, né. Ah porque começou a falar de plantar soja e aí como eu não tenho a mínima paciência pra discutir com gente assim eu já cortei na hora o menino, mas é uma coisa que enche o saco, sabe. Foi só recentemente que eu parei pra ver que eu já sofri muita coisa na verdade, já aguentei muita coisa. E quieta assim, sabe. Eu nunca gostei de falar porque eu acho que, eu acho que muitas vezes não adianta você falar com alguém que não tá pronto pra ouvir sabe. Então assim, é muito interessante porque as minhas amigas, as pessoas próximas de mim, só de verem eu tendo esse estilo de vida e esse pensamento, essa filosofia de vida que foram mudando assim sem eu precisar falar entende. A minha melhor amiga de sempre, de escola, ela

virou vegetariana também depois de conviver muito comigo e com a gente, a minha prima também virou, duas primas minhas na verdade, e elas falaram que foi por a gente, que foi por me verem, por verem minha família, então assim é muito doido isso, porque a gente influenciou mais com exemplos assim sabe, de tipo assim chamar a pessoa pra vir na nossa casa e fazer uma comida vegana e tal do que ficar falando assim. Não que eu ache errado, eu só não tenho paciência de verdade porque eu acho que a pessoas as vezes não tá preparada pra ouvir, sabe, ela tá fechada assim numa, acho que com muros de ignorância mesmo, de não querer ir atrás, de não querer conhecer o assunto, mas com que tá disposto a ouvir eu gosto de conversar e tudo mais. E aí é isso, quando eu paro pra olhar pra trás eu sempre sofri muita agressão assim, nesse sentido, mas é que como eu sempre eu fui muito convicta dos meus pensamentos eu sempre ignorei, mas realmente não é uma coisa muito legal, não é uma sociedade muito preparada pra conviver com diferenças e também pra ouvir. O que eu sinto, que é uma coisa em off, que eu não comento muito, mas eu sinto que as pessoas elas se sentem um pouco insultadas só da gente ser vegano. Elas se sentem assim tipo, nossa o vegano está me culpando por comer animal, sabe. Sendo que assim eu nem falo nada, mas a pessoas já sente assim, né. Na minha opinião ela se sente assim, porque ela sabe que no fundo tem alguma coisa errada. Mas assim, muitas coisas mesmo. Recentemente eu passei por uma cirurgia e foi um episódio horrível no hospital de muito desrespeito mesmo por parte da, inclusive da nutricionista, se você quiser eu posso contar depois com mais detalhe, mas foi horrível, foi um negócio bem bem, eu tava ali vulnerável e eu não tinha o que fazer e elas me tratando muito mal por eu ser vegana. Então é difícil, não é nada fácil, é bem chato, eu acho o mais chato assim a desinformação. Você ter, é muito louco isso, o vegano

Eu acho que o vegano sempre tem muito trabalho a mais, porque assim vc tem que pesquisar se o lugar tem coisa vegana, vc tem que pesquisar onde tem coisa vegana. É muito fácil ser não vegano, porque você pode simplesmente ir em qualquer lugar, você tá na rua, tá com fome, você para literalmente em qualquer lugar. Então assim, é muito chato. Eu vejo assim o quanto de privilégio que as pessoas não veganas tem e não percebem e realmente o vegano é excluído em muitas situações e assim é muito louco perceber porque eu vejo isso, assim, por exemplo, a minha irmã também relata várias coisas de ir em restaurante e a pessoas ficar falando, um garçom ficou falando pra ela que ela ia ter problemas de saúde e começou a falar um monte de coisa nada a ver. Tem a moça que trabalha com a gente, sempre trabalhou com a minha mãe e ela é de uma classe social mais baixa que a nossa e aí eu percebo assim também a dificuldade que ela passa. Porque ela também parou de comer carne, também vendo a gente, né e ela começou a passar muito problema assim da família dela não entender mesmo e ficar

questionando, ficar falando que é um absurdo e ela ter que parar de ir na casa dos parentes porque ela não conseguia mais falar que ela não come carne. Só de ela falar já é uma ofensa. E isso que ela não é vegana ainda, né, ela ainda caba comendo algumas coisas de leite e de ovo. Mas assim eu descrevo a experiência do vegano na sociedade como cansativa, porque é muito exaustiva as vezes você ter que se preocupar com tanta coisa. Mas continua sendo uma coisa assim que eu acho que quem é vegano eu acho que não vai desistir entendeu, apesar de ser difícil. Eu lembro de uma vez que eu tava em um hotel vegano lá em Campos de Jordão, que nem é vegano na verdade, porque isso é outra coisa que me irrita as vezes. Eles botavam, eles eram tudo vegano, a comida deles, mas eles botavam presunto e queijo no café da manhã. A gente até perguntou o porquê disso e eles aí é porque o café da manhã não tem muito como tirar porque tem gente que vem de fora do hotel e tal. Eu fiquei pensando, não faz o menor sentido, mas beleza. E aí eu lembro que eu tava na piscina do hotel e entrou um cara, aqueles cara meio bombadinho com uma mulher que parecia a barbie e aí ele veio no bar do hotel e pediu o cardápio aí o garçom explicou que era vegano e tal. Aí o cara começou a fazer um escândalo, falar assim que era um absurdo não ter nenhuma opção pra ele, onde já se viu ser tudo vegano e não sei o quê. E aí eu olhando aquilo, e falando, meu, essa cidade só tem coisa, tipo assim, não tem uma coisa pra vegano a não ser esse hotel, sério. Era muito difícil de achar, a gente tentava achar, a gente achou um restaurante japonês que tinha umas opções e uma lanchonete que tinha hamburguer vegano mas só, o resto daquela cidade é tudo tudo, carne, tem fondue que é muito tradicional lá, então assim o cara reclamar que um lugar não tinha o que ele comesse, sendo que a cidade inteira é feita pra quem não é vegano. Então assim, eu acho assim que é você passar raiva todo dia sendo vegano na sociedade, mas é isso. Eu fico muito feliz de ver que cada vez mais tem iniciativas veganas, tem empresas indo atrás disso, pessoas se conscientizando. Eu sei que são passinhos de formiga, mas eu tenho plena convicção, não tenho a menor dúvida de que o futuro é vegano. Pelo menos eu tenho essa certeza pra mim e eu fico feliz já estar no lado certo, sabe. Mas assim, que é difícil é.

Eu ia falar que outra coisa que eu fico bastante chateada, que já tem até pesquisa sobre isso, que produtos veganos são muito mais caros, não pelo valor dele, do produto, mas por uma tática de mercado que é colocar coisas mais caras, preços mais caros em produtos veganos. Eu já vi pesquisa sobre isso e eu fico bem revoltada com isso porque é isso que impossibilita o veganismo de crescer, né. E essa lógica de mercado de colocar as coisas mais caras, e a gente sabe que assim, né igual por exemplo produtos pra mulher serem mais caros que os produtos pra homem. Isso eu fico assim revoltada, mas eu fico feliz que tem empresas tentando combater isso também. E é isso que eu falei, passos de formiga mas uma hora a gente chega lá.

Continuação da narrativa

Data: 31/01/2023

(narrativa escrita preparada com o objetivo de fazer uma reclamação do atendimento no hospital – ela me enviou essa para não ter que escrever novamente a mesma história)

Fui operada no hospital Sancta Maggiore da Santa Cecília no dia 03/09/2022. Ao chegar lá, fui para a triagem com meu namorado. Desde lá informamos que nós dois somos veganos. Trouxeram comida para o meu namorado, era frango. As moças da triagem pediram para enfatizar para a nutricionista no quarto. No quarto, trouxeram para o meu namorado uma nova comida, porém veio purê de batata com leite (não comemos leite e ovo) e gelatina de sobremesa, que é feita de ossos.

Nos disseram que a nutricionista iria passar antes de eu entrar na cirurgia. Ela simplesmente não passou. Eu estava no quarto 1604, por volta das 15 horas. Quando foram me levar para cirurgia, vi a nutricionista encostada no balcão, conversando com as enfermeiras. Ela apontou para mim e disse: “essa é a menina do quarto 1604?” com cara de deboche. Essa “profissional”, cujo nome eu nem sei, se recusou a passar no quarto. Nem sequer passou depois disso para conversar com o meu namorado.

Primeiramente, o médico me passou uma dieta branda. Alguém me informou que eu só podia comer líquidos e temperatura gelada. Posteriormente o médico me disse que eu poderia comer dieta normal, apenas não com pedaços muito grandes, com qualquer temperatura.

Uma moça passou no quarto e disse que estavam com MUITA dificuldade de achar algo para eu comer, mas que estavam procurando. Como que um HOSPITAL, um local de SAÚDE, não está preparado para diversos tipos de alimentação?? Só aí já me parece surreal, mas piorou.

Finalmente me trouxeram uma sopa de ervilha. Só que estava escrito bem grande: SOPA DE ERVILHA COM MANTEIGA. CONTÉM LEITE. Tivemos que novamente reclamar. Veio a chefe das enfermeiras. Não sei o nome dela, mas ela estava no 16 andar por volta de 20 horas. Ela foi EXTREMAMENTE grosseira. Disse: Eu não posso ficar vindo retirar a comida do quarto toda hora. E ELA QUERIA QUE EU FIZESSE O QUE?? Ela começou a dizer que ela não podia fazer nada, que a outra enfermeira só chegaria entre 21:30 e 22. E eu já estava há 12 horas sem comer e pós operada!

Não vou conseguir descrever tudo, mas aconteceu MUITO mais coisa. Houve discussão entre essa chefe da enfermagem e a nova nutricionista dentro do quarto. Para essa outra nutricionista perguntei: Vocês nunca receberam um vegano? Ou alguém com alguma intolerância ou alergia? E ela respondeu: “As pessoas acabam aceitando o que ofertamos”. ATA, a pessoa come leite e morre então??

Eu estou acostumada com a ignorância em torno do veganismo, mas eu não achei que fosse passar por tamanho desrespeito em um ambiente de saúde. Até aviões são preparados atualmente para diversos tipos de alimentação, como um local de saúde não? Sem contar que o que eu sofri foi DISCRIMINAÇÃO. Eu estava em um momento de vulnerabilidade e fiquei refém de uma situação. Falei com uma amiga também vegana e ela me disse que fez 5 tipos de cirurgias em hospitais diferentes e NUNCA passou por isso.

Eu gostaria de um posicionamento da Prevent quanto a essa situação GRAVE.

Narrativa 2 – Participante de pesquisa Felipe

Data da narrativa: 10 de novembro de 2022

(Narrativa escrita)

Eu me tornei vegano em dezembro de 2017, no dia de natal. Lembro que a imagem de um peru com as perninhas abertas, assado sobre a mesa e a imagem dos meus familiares rindo e alegres com a celebração não estavam fazendo sentido na minha cabeça, pois era uma conexão de morte e alegria. Naquele momento, eu decidi não participar mais desse massacre e disse a todos que me tornaria vegano. No dia seguinte eu joguei fora tudo aquilo que estava na geladeira que não era vegano (ovos, cadáveres, etc) e passei a pesquisar bastante sobre a substituição desses alimentos em grupos do Facebook.

Mas minha história de flerte com o veganismo começou mesmo na minha infância, quando era obrigado a ir até a fazenda dos meus avós, onde matavam porcos, galinhas e bois. Onde tiravam o leite das vacas e deixavam elas confinadas. Eu já sabia que tudo isso era errado e não tinha muito o que eu pudesse fazer. Por um tempo tentei deixar de comer carnes, mas fui repreendido fortemente pela unha família. Sendo assim, sempre que comia um animal ou um derivado, me sentia muito culpado.

A princípio a minha esposa não entendeu o porquê e de eu tomar essa decisão mas respeitou.

Fui mostrando a ela que uma vida sem sofrimento era muito mais prazerosa e ela acabou transacionando também. Diferente de mim, ela fez uma transição dentro de alguns meses e não de um dia para o outro.

Com o tempo, fui percebendo que a ignorância das pessoas sobre o assunto é muito grande e fui me afastando de muita gente. Precisei procurar apoio psicológico após um tempo, pois já não conseguia mais me relacionar com não veganos, desenvolvendo fobia social, depressão, ansiedade e misantropia.

Graças ao tratamento com a Helena e aos remédios que eu tomo, hoje consigo conviver melhor em sociedade. Mas ainda assim é difícil viver em um mundo onde a maioria está vendada para o assunto. Onde mesmo sabendo que animais são capazes de sentir emoções e dor, o ser humano escolha se alimentar do sofrimento deles.

Hoje eu tento transformar esse sentimento de vistoria em ativismo, compartilhando tudo que posso nos stories, para que pelo menos alguém do meu ciclo social possa acordar para os animais.

Narrativa 3 - participante de pesquisa Kelly

Data da narrativa: 2022 (narrativa pré-elaborada para compor seu livro que está em processo de lançamento)

(narrativa escrita)

Nasci e cresci no Rio de Janeiro e sempre fui completamente apaixonada por todos os tipos de animais desde muito pequena, tanto que meu apelido na infância era Felícia, aquela personagem de desenho ruivinha e obcecada por bichos.

Apesar do meu amor pelos animais, fui criada comendo carne, ovos, leite e derivados, porque todos da minha família também haviam sido criados assim e não conheciam nada diferente disto. Eu sempre gostei de comer alimentos de origem animal. Por diversas vezes pedi por carne mal passada e sangrando quando era criança e adorava fritar ovinhos de codorna para comer. Além disso, até o início da minha fase adulta, costumava beber um copo cheio de leite puro. Por ser muito nova e ter sido criada em cidade grande eu não entendia bem o que a carne e os derivados animais eram e de onde vinham. Foi somente quando me tornei pré-adolescente, com cerca de 11 anos, que tive o que chamo de "despertar da carne". O início do meu despertar teve muito a ver com a minha primeira cachorra, a Pérola, que eu havia ganhado de aniversário poucos anos antes. Apesar de eu sempre ter sido apaixonada por animais, foi somente a convivência diária e íntima com a Pérola que me fez perceber a essência desses seres magníficos e tão parecidos conosco. A partir do meu despertar e da minha relação com a Pérola passei a ter

diversas crises internas em relação ao que eu comia. Eu “amava” o sabor da carne e não imagina a minha vida sem, até porque eu acreditava que uma alimentação sem carne era prejudicial à saúde, já que era isso o que todos diziam isto, inclusive os médicos e nutricionistas. No entanto, o meu coração apertava sempre que eu parava para refletir sobre o animal que eu estava comendo. Lembro que me fazia perguntas do tipo "Quem era ele ou ela? Como enxergava o mundo? Como era sua personalidade? Como foi sua infância? O que viveu? Foi feliz? Foi maltratado? O que sentiu quando estava no corredor da morte? Será que lutou para sobreviver, gritou e chorou como eu faria se estivesse no seu lugar?".

Eu olhava para Pérola, aquela cachorrinha tão linda e inteligente, tão especial, e sentia que todos os outros animais eram da mesma maneira. Naquela época eu já sabia que em alguns países asiáticos as pessoas se alimentavam de carne de cachorro e pensava "Se a Pérola tivesse nascido em outro país ela poderia ter virado churrasco!". Conforme eu ponderava sobre o assunto, comer carne foi deixando de me fazer verdadeiramente feliz. Eu passei a ficar inconformada com o fato de gostar de comer carne e de "precisar" dela para a minha saúde, pois me sentia culpada e hipócrita por isso, ainda que a minha mente mentisse para mim o tempo todo dizendo que os animais que eu comia tinham sido felizes, bem tratados e mortos de forma rápida e indolor. No entanto, no fundo eu sabia que não havia como ter certeza disso, e que o contrário era o mais provável de ter acontecido a eles. Uma coisa curiosa que começou a acontecer depois do meu despertar foi que muitas das vezes em que eu comi carne, a mesma que todos os outros estavam comendo, somente eu sentia um gosto muito estranho, algo que só consigo definir como sendo o gosto de sofrimento e morte. Quando a carne estava com esse gosto peculiar eu parava de comê-la na hora, já que era insuportável sentir esse sabor. Por conta disso, diversas vezes o meu prato foi despropositadamente isento de carne. Algum tempo depois eu descobri que existiam pessoas que não comiam nenhum tipo de carne por vontade própria, as chamadas vegetarianas. Fiquei animadíssima com essa descoberta, porque ela significava que poderia haver uma solução para o meu dilema. A partir da tal descoberta um novo sonho – que mantive secreto – foi plantado no meu coração: ser vegetariana. O problema era que eu duvidava muito da minha capacidade de me tornar uma pessoa que não comia carne ao mesmo tempo que “amava” o seu sabor. Durante todo esse período em que vivi em contradição e flertei com o vegetarianismo, cheguei a tentar apenas uma vez me aproximar do meu sonho. Fiquei cerca de 6 meses com uma alimentação na qual a única carne que entrava era a de peixe. Porém, ao contar isso para a minha dermatologista da época, ela afirmou que eu precisava voltar a comer carne vermelha o quanto antes, caso contrário, a minha saúde estaria prejudicada e eu ficaria, inclusive, com a pele flácida. Por receio, voltei a comer carne vermelha e de frango. O tempo

passou, e quando eu estava com 23 anos uma fatalidade mudou completamente a minha vida: o meu cachorro Lucky (filho da Pérola) se afogou na cisterna da minha casa e eu o encontrei morto. Foi o pior dia minha vida, mas a partir desse acontecimento trágico passei a questionar tudo sobre a existência e a morte, principalmente sobre como esses assuntos estavam relacionados aos animais. Teve então início o meu segundo despertar, o tal do "despertar espiritual". O chamado da espiritualidade e também a necessidade de direcionar o amor que precisava transbordar do meu coração, mas que não tinha mais para onde escorrer desde a partida do Lucky, me levaram a ajudar os animais carentes. Eis que em algum momento entrei no site de uma ONG de proteção animal do Rio de Janeiro, e nele havia um cartaz anunciando uma palestra sobre Direito dos Animais que iria ocorrer em uma faculdade próxima, e na qual um dos palestrantes era professor na minha própria universidade. Como não poderia ser diferente, eu, que entrei no curso de Direito com o intuito de ser Promotora de Justiça na área ambiental para poder defender os animais e a natureza como um todo, fiquei animadíssima com a oportunidade e também por descobrir que existia um ramo do Direito dedicado exclusivamente aos animais, coisa que até então eu ignorava – eu só conhecia o Direito Ambiental, que pouco fala sobre proteção animal. Outra coisa que me animou muito foi o fato de um dos palestrantes ser professor na minha faculdade, pois eu estava no último ano do curso e não fazia ideia de que tema iria abordar na minha monografia. Senti que o tal professor poderia me ajudar com isso. Então lá fui eu para essa palestra, sem fazer a mínima ideia de que sairia dela vegetariana! Se não me engano, todos os 3 palestrantes eram veganos – na época eu mal sabia o que era isso. Eles discorreram sobre a proteção de todos os animais, e não somente de cães e gatos, com os quais tendemos a nos preocupar mais. Em dado momento um deles falou que não dá para defender os animais ao mesmo tempo em que os comemos, usamos e exploramos, pois não temos como defendê-los de um dano que nós mesmos causamos. Neste exato momento a minha chave virou completamente e com toda força! A minha ficha caiu de tal maneira que ali mesmo, naquele exatíssimo momento, me tornei vegetariana. Senti um poder tão grande dentro de mim e uma certeza absoluta de que nunca mais iria colocar um animal na boca, custasse o que custasse. Ao final da apresentação conversei com o palestrante e professor Fábio Corrêa Souza de Oliveira, e descobri que ele conduzia um grupo de estudos sobre Direito dos Animais na UFRJ, onde eu estudava. Passei então a frequentar esse grupo e a aprimorar meus estudos. No começo, a minha família e amigos foram contra a minha decisão de não comer mais nenhum tipo de carne. Eles me diziam que eu ia ficar doente, que não ia conseguir mudar o mundo e que logo desistiria dessa ideia doida, mas eu estava tão feliz e segura com a minha escolha que não dei ouvidos a eles. Enfrentei todo mundo e persisti. Porém, eu ainda

consumia ovos, mel, leite e demais derivados, porque achava que não havia problema nisso. Cheguei até a dizer que nunca seria vegana, pois achava muito radical. Só que eu não fazia ideia do que acontecia com os animais nessas fazendas. Foi somente um mês depois que eu havia me tornado vegetariana (ovolactovegetariana, para ser mais precisa) que uma colega do grupo de estudos me enviou um vídeo no YouTube do ativista vegano Gary Yourofsky, chamado "a melhor palestra que você irá ouvir na sua vida" , no qual ele relata o que acontece nessas indústrias que exploram animais para além da carne. Fiquei horrorizada ao saber como os animais sofriam e morriam para nos "darem" seus ovos e leite, e me senti uma completa idiota por acreditar que as vaquinhas pastavam felizes e as galinhas ciscavam livres. A minha consciência então me deu apenas uma opção diante da nova descoberta, a de me tornar vegana. Seria hipocrisia da minha parte continuar contribuindo com o sofrimento dos animais quando a minha decisão de ter me tornado vegetariana tinha sido motivada por eles. Dois dias após assistir a esse vídeo me tornei vegana, e no ano seguinte apresentei o meu trabalho de conclusão de curso com o tema Os Animais como Sujeitos de Direito (disponível em krystalcastor.com), que obtive nota máxima. Ter me tornado vegana foi a melhor decisão de toda a minha vida, e para a minha surpresa, aprendi na prática que o veganismo não é bom apenas para os animais, mas também para o meio ambiente e para a nossa saúde. Por isso, ao longo desses 11 anos como vegana venho me dedicando a disseminar o veganismo e a auxiliar aqueles que querem se tornar veganos, além de dar suporte aos já veganos em seus desafios diários. Centenas de pessoas já conseguiram se tornar veganas ou ao menos avançar na transição para o veganismo com a minha ajuda. Desejo de todo coração que você seja mais uma. Eu acredito no seu potencial de transformação!

Data da narrativa: 18 de janeiro de 2023

(nova pergunta: como é ser vegano em uma sociedade que não é vegana?)

(narrativa escrita)

Pra mim ser vegana em um mundo não vegano é um desafio diário porque tenho que lidar com questões que a maioria não percebe como problemas.

Impossível ignorar o sofrimento animal uma vez que você se dá conta dele em todos os lugares: quando sente o cheiro do churrasco do vizinho, quando vai ao restaurante e ve pessoas comendo carnes e queijos e ovos, quando sai pelas ruas e vê pássaros em gaiolas em bancas de jornal, pequenas lojas etc, quando ve animais de rua, abandonados, magros, machucados (ou não), quando ve policiais andando a cavalo, quando ve no Instagram da sua prima que ela levou o filho no zoológico e sua amiga levou a filha no seaworld.

Com isso há sofrimento, a tal angústia de ser vegano em um mundo não vegano (vístopia). Minha maneira de superar é ajudando os animais não só sendo vegana mas como sendo ativista e educadora. Ajudo pessoas a se tornarem veganas e apoio quem já é vegano nas suas dificuldades.

Narrativa 4: participante de pesquisa Luzia

Data da narrativa: 17 de novembro de 2022

(narrativa oral)

Transcrição

Meu processo foi bem longo. Eu parei de comer, eu parei aos poucos. A primeira coisa que eu parei de comer foi porco quando eu tinha 12 pra 13 anos. Eu sempre soube que eu ia ser, na época vegetariana, eu tenho 35 anos, nem se falava, a palavra veganismo nem existia no vocabulário brasileiro, então eu achava que ia ser vegetariana, sempre soube que eu ia ser. Minha mãe, eu crescendo, a minha mãe não comia carne vermelha já. Então eu sempre tive esse contato com... Minha mãe, a família dela principalmente sempre teve e daí isso passou pra mim, obsessão por animais desde muito criança. Então meu avô tinha paixão por animais. Ele é de outro tempo, não era nada vegano, vegetariano, nada. Mas ele tinha assim, ele criava, ele pegava passarinhos que ele encontrava de asa quebrada e tudo. Ele gostava muito de passarinho, então ele criava um monte de passarinho, ele tinha um monte de cachorro, ele teve galinha, teve pato, teve tudo no quintal de casa aqui em São Paulo mesmo. Então e minha mãe também, obcecada por animais, muito, sempre teve muito amor por bicho então esse foi o meu impulso inicial. Eu sempre soube que eu ia ser em algum momento desde muito pequena eu tinha essa vontade e eu tinha vontade de ir além da minha mãe, porque a minha mãe na época comia carne branca, peixe, frango, essas coisas mas eu sabia que eu ia parar tudo eventualmente daí eu parei quando eu tava uma vez no carro com meu pai indo pra uma festa, eu olhei para o lado e era um caminhão de porcos, eles tavam assim todos amontados um em cima do outro, tinha uns porquinhos filhotes e eu fiquei assim destruída, eu tinha sei lá, acho que era 12, eu tinha um cachorro e eu já tinha lido aquelas coisas de que cachorros, é, porcos são mais inteligentes que cachorros e eu fiquei assim, sei lá, pra mim foi um choque de realidade vendo eles serem transportados como carga, como mercadoria, eles chorando, então a partir daí eu parei de comer porco. Daí uns 3 anos depois, com uns 16 anos talvez eu parei de comer carne vermelha. Eu tava, eu sabia que era uma progressão então teve, foi numas férias, daí eu minha irmã a gente decidiu. Minha irmã é três anos mais velha do que eu e a gente decidiu: “ah, vamos parar!”. A gente tava viajando para uma cidade que a gente vai desde pequena, Águas da Prata e lá tinha uma comida que a gente gostava muito que eles faziam comida no forno a lenha e a gente gostava muito do bife deles. Aí a gente pensou já que a gente tá aqui vamos comer uma última vez e vai ser essa última vez. Então eu comi, parei de comer carne vermelha com isso, uns 16 anos. Isso foi o quê, 2003, acho e daí eu demorei bastante pra virar vegetariana, pra parar de comer a carne branca, né, de peixe, de frango. Eu parei acho que foi 2009 ou 2010 então eu

demorei mais uns 6, 7 anos, 6 anos e daí decidi que ia parar também. Pensei, já tá demorando muito tempo e daí nisso. O que aconteceu foi isso. Minha mãe e minha irmã comiam carne branca, meu pai carnista e eu virei vegetariana em 2010. E daí eu fiquei vegetariana por muito tempo, me mudei pra Nova York em 2012 e fiquei vegetariana, não sei, porque eu fiz uma transição bem longa do vegetariano pro vegano porque eu parei de comer em casa muito antes, então eu não comprava nada de origem animal, mas se eu tivesse num restaurante que só tinha um prato vegetariano eu ainda comia. Eu falava que eu era vegetariana em casa, é vegana em casa e vegetariana na rua. Então eu acho que eu fiquei assim uns 2 anos, acho que em 2016, acho que eu comecei a fazer isso, não comprava mais nada de origem animal daí em 2017 pra 18 eu fiz essa transição e virei vegana vegana. Nisso eu também já não comprava couro, já não, isso também fez parte da transição e daí essa foi a minha história. Assim, então ela começou por causa de amor aos animais, porque eu acho que quem começa muito cedo, quem começa a pensar isso criança, eu sei que essa geração nova tem muito mais informação, tem muito mais coisa em jogo também, né, mas na minha época quem começava a pensar isso criança pensava por causa de bicho, era porque gostava de bicho, mas hoje em dia eu seria vegana por infinitos motivos então mesmo que eu não tivesse bicho seria pelo meio ambiente, mesmo que não tivesse meio ambiente eu seria, tipo, pra mim todos os motivos são muito válidos. Mas de longe pra mim, o mais, eu sou vegana por causa dos animais, por causa de... Crueldade animal pra mim é uma coisa que não faz nenhum sentido e eu acho que se qualquer pessoa pensasse nisso não ia fazer sentido também. E é por isso que daí na sua outra pergunta como é ser vegano num mundo não vegano, pra mim é muito complicado, é muito complicado, por isso é justamente que eu faço terapia e eu procurei a Helena com isso, procurei psicólogos veganos focados em vistoria porque é pra mim é muito complexo, eu conseguir dissociar, eu conseguir continuar levando, levando a vida, amando pessoas, estando em volta de pessoas que fazem coisas que acho atrocidades, tipo que eu acho imorais. Então pra mim crueldade é imoral, tortura é imoral e é muito complicado pra mim eu conseguir compartimentalizar isso. Sei lá, dar desculpas por eles, né, pelas pessoas, pelas pessoas que eu gosto que ainda não conseguiram enxergar isso e sei lá, arranjar desculpas por eles. Eu fico tentando justificar, arranjando justificativas injustificáveis na minha cabeça, por que que eles ainda não enxergam, ou não ligam, ou não sabem e é muito difícil pra mim, porque pra mim amor é, qualquer que seja, é muito ligado a respeito e admiração, e pra mim é muito difícil admirar uma pessoa que faz uma coisa que eu considero imoral, né. Então isso afeta bastante pra mim, minhas relações eu tento não pensar muito nisso, quando, em relação as pessoas em volta de mim, as pessoas que eu gosto porque senão eu fico muito abalada, eu fico muito abalada, abala mesmo os meus relacionamentos. Eu

tento, eu converso muito com as pessoas, durante esse meu processo o que acabou acontecendo é que quando eu voltei de Nova York, que voltei a morar no Brasil, na semana que eu voltei, minha mãe virou vegana e minha irmã vegetariana. Então elas duas tavam ainda naquele, naquele não estado comendo, nem sei o que cada uma, acho que minha tinha virado vegetariana no meu processo enquanto eu tava em Nova York. Ela falou que quando eu me mudei ela virou vegetariana quase que como um luto porque daí eu não tava mais lá, tava faltando uma vegetariana e ela virou. Minha irmã continuava comendo carne de, carne branca, mas na semana que eu voltei as duas acabaram fazendo essa transição. Eu comecei a cozinhar muito pra elas, eu ficava falando, contando coisas e elas acabaram mudando. Meu pai que eu nunca esperei na vida acabou também, hoje em dia tem muito nome pro que ele é mas ele em casa não come praticamente nada de origem animal, eu acho que ele ainda come manteiga, e fora de casa eu acho que ele ainda come peixe, mas eu nunca na vida esperei que ele fosse dar nenhum passo nessa direção porque ele nunca foi muito ligado a animais. Mas foi bem surpreendente. Eu tenho um grupo grande de amigos que eu cozinho pra eles uma vez por mês. Então são umas 15 pessoas que veem aqui em casa e eu cozinho. A gente chama de grupo seitânico que começou porque eu fui ensinar a eles a fazer seitan, então eu cozinho coisas veganas, faço, ensino eles a fazer queijo, fazer seitan, fazer cremes e sobremesas e coisas assim pra eles irem vendo, que eu acho, eu sinto no meu percurso eu acho que é o jeito mais fácil de convencer as pessoas, trazer as pessoas pra esse lado. É mostrando a prática, mostrando que dá, que é fácil, que é gostoso, que.. Daí quando você fala, mostra, você também vai salpicando com informações, falando sobre, mostrando documentários e esses meus amigos, assim, três já estão no caminho do veganismo que não eram antes, três tão no caminho do veganismo, dois viraram, tão vegetarianos, então eu acho que, é p jeito que eu encontrei pra vencer um pouco essa, a vistopia, né, tentar trazer as pessoas pro lado de cá pra eu não ficar tão me sentir tão sozinha, tão isolada, mas eu tenho uma dificuldade. Eu falo com a Helena que eu tenho uma dificuldade bastante hipócrita minha, que é, eu tenho muita dificuldade com vegetarianos. Eu fui por muito tempo, é uma grande hipocrisia minha, mas eu, aqui no Brasil ainda tem muito vegetariano e existe ainda muito esse conceito e eu vi que em Nova York não tem muito mais isso. As pessoas viram veganas de uma vez, as pessoas viram veganas de uma vez. Não tem mais restaurante vegetariano lá, o restaurante é vegano de uma vez. Você faz o prato vegetariano no restaurante, pra que você vai fazer um prato vegetariano, faz um vegano de uma vez e daí você serve 100% desse público. Você faz um vegetariano você deixa todos os vegano de fora, não faz nenhum sentido então é uma coisa que eu tenho muita, uma raiva meio irracional porque eu sei que essas pessoas estão muito mais do nosso lado do que, já tão tendendo, já tão no processo, mas eu

queria que todo mundo acordasse rápido e é injusto porque o meu processo foi longo também. Mas eu também comecei com 13 anos, eu não tinha nenhuma informação, nada, não tinha nada, não tinha nenhum tipo de, não tinha nada que vendia em lugar nenhum, então ser adolescente assim, festa eu ficava tipo não podia comer nada que tinha presunto, e salsicha e bacon, tem muito essas coisas quando você é pequeno. Você não come mais muito isso quando você cresce, mas era sempre um impedimento. Mas foi ficando muito mais fácil então a minha esperança é essa, quando você vai mostrando que é fácil, que é gostoso, eu espero que as pessoas que têm algum tipo de consciência, que são contra a crueldade e tudo mais, vão percebendo que esse é esse o caminho delas, que é trilhar isso com a gente.

EU não sei se eu respondi tudo certo, se era isso que você precisava. Me avisa se tiver faltando alguma coisa, quiser que eu elabore mais alguma coisa, se tiver cumprido demais eu posso falar mais curto também. Me avisa, muito obrigada. Um beijo.

Narrativa 5 - participante de pesquisa Roberto

Data da narrativa: 10 de novembro de 2022

(narrativa escrita)

Quando eu tinha uns 18 anos, eu achei interessante a ideia de poder viver sem ter que necessariamente tirar outra vida. Eu tinha desenvolvido um certo asco por carne, até por isso flertei com a ideia do vegetarianismo; porque se vc pensa muito acaba não comendo. Pensei que se fosse possível, seria um jeito melhor de viver... Não me aprofundei muito, simplesmente tentei parar de comer carne. Não tinha muita informação, somente pensei: "Ah, eu como mais berinjela e tá tudo bem". Nessa época eu já não gostava muito de ovo por achar meio nojento - então evitava, ou comia só a parte branca. O que me incomodava por causa do desperdício. Mas ainda assim enchia a cara de leite!

Não foi fácil, pois tudo tinha presunto, carne, peixe... comida vegetariana era só no restaurante macrobiótico, um negócio meio exótico. Era complicado socialmente também pois churrasco era só pão com vinagrete - e churrasco no Brasil é praticamente em qualquer evento, muito presente na nossa cultura.

Minha avó na época não se conformava. Ela que cozinhava pra gente. Isso era meio inconveniente, pois ela tinha que fazer coisas separadas, e foi aí que eu comecei à aprender a cozinhar pra mim. Tentava evitar o incômodo, pois eu não achava justo dar mais trabalho pra ela. Ainda assim, minha avó fazia questão de cozinhar pra mim, e ela colocava a carne escondida "pra dar uma sustância" e depois tirava. Meus pais também tinham a mentalidade de que poder ter carne no prato todo dia era uma conquista, e portanto eu estava me desfazendo desse privilégio e não dava valor. Eles se preocupavam do ponto de vista nutricional também.

Testei vegetarianismo por mais ou menos um ano, e me senti bem restrito nas opções. Além disso vc ia comer na casa dos outros e praticamente era só arroz e salada... Em determinado momento eu fiquei doente e a comida não parava no meu estômago. Fui na médica e ela disse que era porque eu não comia proteína suficiente. Ela então me receitou um pó de soja pra eu suplementar. Meus pais agora tinham razão pra dizer que eu precisava comer carne e tal. Eu também sentia que era um sacrifício que eu estava fazendo e aos poucos voltei a comer carne. E então passei à pensar "Bom todo mundo faz, ser humano precisa fazer isso pra viver. É ruim matar, mas é o que somos.". E acabei abandonando a ideia.

Inclusive, depois conheci uma namorada de um amigo que era vegetariana e ela sempre levava a comida dela. Eu notava como ela se isolava por causa disso, e pensava que não fazia sentido, ou era um preço muito caro a se pagar.

Eu me mudei pra Austrália quando tinha uns 28 anos. Churrasco todo final de semana, e continuava firme não pensando no assunto. Logo criei um círculo de amigos brasileiros e o churrasco era a forma de se reunir. Mas comecei a notar também que nos lugares sempre tinha uma opção vegetariana - nos restaurantes, nos eventos e no mercado. Achava isso bem legal, mas não cogitava vegetarianismo novamente.

Com o tempo esse círculo de amigos acabou se desfazendo porque o pessoal acabou se mudando ou voltando pro Brasil. Eu e minha ex-mulher acabamos nos isolando e diante de tanta opção no mercado eu resolvi parar de comprar carne novamente. Nos tornamos vegetarianos novamente, basicamente trocando a carne por uns produtos vegetarianos do mercado. Depois de um tempo a minha ex-mulher foi ao médico pois estava se sentindo muito sem energia; e a médica, claro, disse pra ela: "Vc precisa comer carne vermelha duas por semana". E assim passamos a consumir carne vermelha novamente. No final das contas ela não melhorou. Foi em outra médica e descobriu que estava com vitamina D baixa. Suplementou e passou a se sentir melhor. No entanto, a gente continuo a comer carne - na inércia, só porque é mais fácil, pois é o padrão; não precisa pensar.

Acontece que depois de um tempo morando aqui eu adotei uma cachorra boxer chamada Cherry que virou parte da minha família. Cherry era incrível. Logo eu passei a entender as pessoas que antes eu achava xarope; porque diziam que conseguiam conversar com os seus cachorros. Cherry ficava feliz, triste, frustrada, entediada - cheia de emoções e expressividade.

Um dia eu vi uma notícia de que mais de 2000 ovelhas haviam morrido de sede e calor num navio que tinha partido aqui da Austrália. Aquilo me partiu o coração. Pensar que seres tão parecidos com a Cherry, tiveram que passar por uma situação como aquela. E no fundo, isso havia acontecido somente porque nós demandamos e consumimos carne. Nesse momento decidi que voltaria a ser vegetariano. Eu ainda achava veganismo muito radical. Ainda tenho na minha memória eu pensando que como viver sem queijo na pizza seria impossível. Eu não tinha muita informação, eu pensava - "ah, não mata então não tem problema".

Quando resolvi voltar a ser vegetariano, comecei a fazer uma busca pra saber como me alimentar melhor por causa da academia. Eu tava tomando leite, comendo clara de ovo crua, whey protein, frango e carne... Típica dieta de academia. Foi aí que eu achei um nutricionista e atleta vegano no youtube e fiquei impressionado com a forma do cara. Como é que pode? O que esse cara come? e então comecei a ter contato com o veganismo e entendi melhor como funcionava a indústria do leite e do ovo. E simplesmente parei de consumir, de um dia pro outro. E o que me fazia ficar firme na minha escolha dessa vez era a Cherry. A Cherry faleceu, e eu adotei outra cachorra boxer chamada Grace. A Grace assim como a Cherry me faz pensar todo dia nos animais que ficam trancados e são explorados injustamente. A convivência com elas me ajudou a ter empatia por esses animais.

Hoje não me sinto limitado. Aprendi a me alimentar de forma diferente e as opções são infinitas. Não me sinto fazendo um sacrifício, muito pelo contrário, sinto muita alegria e satisfação de saber que eu posso viver sem ter que explorar esses animais. Faz 6 anos que me tornei vegano e a única coisa que me arrependo é de não ter aberto os olhos pra essa questão antes.

O maior desafio pra mim hoje é do ponto de vista social, pois tudo gira em torno da comida e vai de contra as coisas que eu acredito e enxergo. Eu acredito que o veganismo é somente uma extensão das coisas que eu acredito. A gente usa as mesmas justificativas pra poder explorar os animais que são usadas pro racismo e misoginia. E colocar meus amigos, familiares e pessoas não veganas no mesmo balde dos racistas e misóginos é delicado. Procuro pensar que eu não nasci vegano também. É desconfortável, é ruim, mas penso também que se um dia os abolicionistas não tivessem se posicionado pra mudar as coisas, a escravidão de pessoas ainda seria a norma. Penso como deveria ser difícil ser abolicionista e ter que conviver numa sociedade que aceitava a escravidão. Fico triste que as pessoas não se interessem, minimizem, não se importem ou não enxerguem isso. Quero ser uma influência boa para as pessoas à minha volta, mas ao mesmo tempo não quero ser um pregador e ficar tentando converter as pessoas. Eu ainda estou descobrindo e aprendendo como lidar com isso tudo, e a terapia com a Helena me ajuda muito nesse tema.

Narrativa autobiográfica 6 – Participante de pesquisa Suelen

Data da narrativa: 09 de novembro de 2022

(Narrativa oral)

Oi. Meu é Suely, eu moro no Rio de Janeiro e eu sou vegana desde o final de 2015, dezembro. Primeiro eu quero dizer que o veganismo não tem nada, nada, nada a ver com misticismo, religião, seita, ou qualquer tipo de credo. Veganismo é um movimento ético. É uma coisa que deveria ser o normal já há muito tempo, que é enxergar os animais como animais e não como objetos. E foi isso, foi para isso que eu despertei em dezembro. Eu tive contato com a dieta vegetariana numa época, há muito, muito tempo, quando eu tive, eu participei do Hare Krishna por alguns meses. Então na minha mente desde então a dieta vegetariana estaria ligada ao misticismo, ou a uma dieta saudável, ou uma, e eu achava assim, que só pessoas com determinado corpo, organismo, ou mentalidade, ou sei lá, tivessem propensão a ser vegetarianos. Mas assim, então eu associava a dieta vegetariana ao misticismo. Porém eu não tinha a menor ideia do movimento vegano, eu não conhecia nada, absolutamente nada. Em 2015 eu estava querendo parar de comer animais, eu não me sentia bem, e meu corpo todo doía muito sabe, até hoje, eu achava que era problema de coluna, mas a ingestão do que não é para nosso organismo, é que acaba, como é que se diz, adoecendo, teve também uma função nessa mudança, teve um peso para essa mudança também. Como eu sou uma pessoa, separado né, eu pessoa, não tenho religião mas eu tenho sempre, eu tenho uma crença que nós temos proteção, nós podemos recorrer a uma superioridade, uma compaixão que nos ajuda a enfrentar as situações e eu queria, pedi muito que eu encontrasse uma pessoa que fosse vegetariana, em 2015, porque eu não conhecia ninguém, a minha época que eu tinha contato com pessoas vegetarianas foi há muito tempo e eu não tinha mais contato com absolutamente ninguém. Então eu me sentia em uma ilha e eu pedi muito e em alguns meses eu conheci uma pessoa que eu via, um post que eu vi, o primeiro post que eu vi dela foi um post perto, nós estávamos perto do Natal e ela fez um post com o Peru de Natal, um peru, um desenho escrevendo uma carta para o papai noel dizendo que o pedido dele era que as pessoas virassem veganas. E aquilo ali me tocou. Bom, ela fez esse post então é porque ela é vegetariana. Ai, eu fui falar com ela, a gente se adicionou e ela me indicou um grupo de comida vegetariana e eu fiquei assim impactada porque toda aquela minha ideia de que a dieta estivesse relacionada ao misticismo foi, ali mesmo se desconstruiu, porque eu vi comidas que a gente come no dia a dia, fast food e tal que não tinha nada de místico, eram comidas normais do dia a dia. Aquilo me impactou demais. Foi o meu primeiro impacto. A partir daí eu fui entrando em outros grupos e pesquisando e aí foi que eu descobri o veganismo que até então eu não sabia absolutamente

nada, nem cogitava, nada, nada. Se eu já tinha visto a palavra vegan foi esperando em algum consultório e em alguma revista estrangeira, porque a brasileira não falava nada nessa época e eu achava que era dieta. E mostrava sempre animais em um estado horrível então eu nem lia direito, eu passava adiante. Eu não conseguia. A minha consciência doía e eu não conseguia ler. E aí foi quando eu tomei conhecimento do veganismo e tal, que ele se estendia, que não era só dieta e tudo mais e em um determinado momento eu tava, eu me lembro como se fosse hoje, eu acho que eu já tinha começado. Não eu, primeiro pesquisei durante quinze dias porque eu tenho uma propensão, depois eu vim a entender que eu tenho, o meu organismo tem dificuldade de absorção de nutrientes, mas isso eu descobri depois, justamente por causa do veganismo, porque eu e minha mãe mudamos a dieta ao mesmo tempo e ela apesar de ser uma senhora de idade, que tem, que usa medicamento e tudo, eu não uso medicamento nenhum, eu sempre vivo cansada e ela sempre teve mais disposição do que eu, antes mesmo de ser vegetariana. Apesar de nós passarmos a comer as mesmas coisas, ela mudou a dieta, ela era vegetariana como eu, ela tinha os índices de nutrientes muito melhores do que os meus, então eu entendi que eu tinha essa dificuldade, que o meu organismo tem essa dificuldade. E como eu sempre, a minha vida inteira eu me senti cansada quando eu era carnista, o carnista é o termo que a gente usa para designar pessoas que comem o reino animal. (risos) Hoje a gente não consegue mais dizer, eu pelo menos não consigo mais chamar reino animal de comida, não tem como. A partir do momento, eu já falei várias coisas e me perdi um pouquinho.

Então aí eu descobri a importância da B12 que não é falada em lugar nenhum. Ah sim, me lembrei.

Eu estava sentada no sofá da minha casa e de repente, eu já tinha feito a pesquisa durante quinze dias, e já tinha, acho que em uma semana que eu já tinha tirado os primeiros animais, eu não tinha. Primeiro eu tirei os animais terrestres, não os aquáticos e eu comia pouco peixe na realidade então não foi tão difícil. Aí quando, nessa uma semana que eu tirei os animais, os terrestres, eu tive uma visão que foi assim clara, que como aquelas aulas que a gente tem de ciências que nós separamos os materiais num recipiente. Aconteceu exatamente isso. O reino animal inteiro, ele foi pra um lado, comida, que é vegetal, comida é vegetal, foi pro outro e produtos que não podem ter nenhuma exploração de animais foi pra outro. E foi incrível, foi uma visão impressionante, eu fiquei sem chão porque quando a gente descondiciona uma mentira que foi falada a vida inteira é muito chocante. Eu fiquei sem chão literalmente, eu fiquei, eu me senti estranha, tinha vergonha e muito esquisito. Mas mesmo assim eu continuei, eu fui aos poucos tirando, primeiro eu já tinha tirado os terrestres, eu falei assim, bom, os aquáticos eu também não vou mais comer, e na segunda semana eu tirei, segunda ou terceira

semana, eu tirei ovos e leite, assim de uma vez. Pra mim foi muito difícil, tirar o chocolate, o chocolate que eu dizia que nunca ia conseguir ficar sem chocolate ao leite, eu tirei. Foi doído, muito doído, não vou negar, aí eu entendi que não era só o vício no cacau e no açúcar e na gordura hidrogenada, o leite é extremamente viciante. Isso é científico, é ciência. A caseína, ela se assemelha a um aluci..., ela é viciante, é extremamente viciante e dá um bem-estar que nos leva a sempre recorrer, o corpo recorre, o nosso psicológico recorre e tinha também, era associado a minha, associado a minha primeira imagem do meu pai, que eu tinha um carinho imenso, tenho um carinho imenso né apesar dele não estar mais vivo. Uma das primeiras imagens é dele trazendo um chocolate para mim, quer dizer, e ele fazia também ovos que eu gostava quando eu chegava muito cansada do trabalho. Então tinha uma ligação emocional, não era só o vício, o prazer. Eu aprendi muitas coisas, o veganismo me trouxe muitas coisas. Além de informações que não vão ser ditas por ninguém porque é a exploração animal é uma, um lucro estratosférico, tudo em quase tudo a gente tem exploração, quase tudo que a gente conhece, tanto em ações quanto em produtos. Eu tive aprendizados incríveis, eu entendi que as lembranças, elas ficam, lembrança não é um objeto, o objeto faz parte da lembrança, mas ele não é a lembrança. A lembrança é uma coisa que fica no coração, então eu consegui colocar cada coisa no seu lugar. Animal é animal, não é comida, emoção é emoção, não é objeto, sabe, as coisas foram pra onde ela tinham que ter ido, desde sempre e eu percebi o quanto o mundo é ruim, o quanto as pessoas, eu despertei em mim também, eu sempre fui humanista, eu e eu tinha, me sentia impotente pra lutar, e eu também me senti impotente quando eu vi nas propagandas, nos anúncios, nos jornais a degradação do meio ambiente, eu me senti impotente porque pra mim eu achava que eram as grandes empresas, os governos é que tinham que fazer alguma coisa; não é a pessoa comum, a revolução, ela é silenciosa, em cada casa que vai mudando o que ela consome, ela muda todo o entorno. Tem uma casa de produto natural que eu vou lá, assim, primeiro eu também quero dizer que veganismo não é consumo de produtos, é um consumo consciente de produtos e eu busco na medida do possível consumir produtos que não firam a integridade dos animais tanto usando eles como insumo, o corpo deles, como financiando ações como rodeios, testes em animais. E nós temos grupos, que quiser entender melhor, nós temos grupos, nós trocamos informações pra que a gente consiga boicotar a exploração. É o futuro, não tem pra onde correr. As pessoas, infelizmente o veganismo ele está sendo associado a dieta porque é interessante, até mesmo pelas instituições que dizem entre aspas que lutam pelos animais, muitas instituições, elas estão associando o veganismo, que é um movimento pela não exploração como um todo à dieta. Infelizmente, os novos, as pessoas que estão entrando, elas estão com muita desinformação, muitas desinformações. Eu me vi

ativista assim que eu despertei pra minha, pra minha hipocrisia. Foi muito dolorido enxergar. Eu não sei o que foi mais dolorido, tirar, por exemplo, os lugares onde eu vou, onde eu ia, os produtos que já estava acostumada ou a vergonha. Talvez a vergonha seja o mais dolorido porque a gente se imagina muito melhor do que a gente é, muito mais justa, muito mais honesta, muito mais nobre e, no entanto, quando a gente se dá conta que a gente tá inserida no grupo que explora, explora de uma forma grotesca os animais, a gente fica sem chão literalmente. Mas, em contrapartida, a gente recebe muitas informações que a gente não teria, a gente pode realmente cuidar da saúde, a gente descobre valores reais, a gente coloca as coisas em seus devidos lugares, a gente passa a entender o quanto nós somos, a gente não se sente mais impotente em relação ao clima porque a gente entende que depende da ação de cada pessoa. Se uma pessoa que muda, ela muda o ambiente que ela está inserida. A minha casa, ela agora, ela tem pouca exploração, não depende de mim infelizmente, eu moro com outras pessoas, mas eu fiz uma mudança muito grande. Não vou dizer que foi uma mudança pacata, não foi, foi uma coisa assim, meio assim na puxada de orelha, muita força, muita luta, mas eu tô indo, tô fazendo o que eu posso pra que essa mudança se dê. E eu descobri o meu ativismo, como eu falei, no momento em que eu entendi a minha hipocrisia. Assim que eu entrei nos grupos, eu via as pessoas falando assim: nossa esses carnistas respondem assim, assim assado com uma agressividade. Ai eu pensava, eu pensava que era a forma como eles falavam com essas pessoas, e eu achava que a minha forma deboista, a minha forma zen de falar na época, agora eu sou bem diferente, teria um resultado diferente. Um belo dia, eu já tinha feito a mudança, quando eu tirei os ovos e o leite, eu já comecei a tirar os produtos que eu usava, que faziam testes e tudo. Eu já comecei a deixar de lado, eu passei a não usar lápis de olho que eu usava todo dia. Eu já acordava com lápis de olho. A impressão que eu tinha era que eu já tinha nascido com lápis de olho e rímel também, e inclusive um rímel do avon que eu usava muito, deixou, quase que eu fico sem cílios. Na minha cabeça, sabe quando a pessoa tá meio anestesiada e não vê. Quando eu me dei conta, eu falei, caramba, parei. Foi, culminou na época eu que eu tb parei de usar os produtos, produtos de teste, todos os produtos de teste e tudo. E..meus Deus que que eu tava falando mesmo? Ah sim. Então eu curti uma página, que era uma página de Minas e que tinha muitas coisas, muitos pratos com bichos e um deles me chocou demais. Eu já era vegana, já tinha feito a transição, foi menos de um mês, começou dia 15 de dezembro e acabou dia 9 e janeiro. Eu entrei nessa página e tinha um porco inteiro em cima da mesa. Aquilo foi muito chocante, foi muito chocante. Coisa que eu antes achava peculiar, original, sei lá. Antes. Eu já cheguei a ir num restaurante cigano e tinha animais inteiros, eu achava aquilo muito peculiar, sei lá. Não é essa a palavra, mas enfim. E como eu já tinha feito a transição e eu tinha enxergado

os animais, eu enxerguei ali uma vida, sendo assim, glorificada como se fosse um prato maravilhoso de comida. E aí eu comecei a falar, eu comecei a comentar, fazer comentários. As mesmas pessoas, depois eu fui olhar o perfil de cada uma que me, começou a me ofender e aquilo ali foi outro choque, que foi, pessoas que falavam em Deus, em paz e em amor no perfil que viraram, assim eu me senti num filme de zumbi. Parece que as pessoas viraram zumbis, foram mordidas sei lá por que, um extraterrestre. Eu não sei. Isso também foi um choque pra mim, um choque de realidade. E aí eu entendi que aquelas pessoas do grupo, dos grupos que falavam dessa agressividade, aí eu vi com meus olhos que não dependia da gente ser mais, fazer comentários leves, não. Eram verdadeiros zumbis carnistas que agarravam aquela, aquele cadáver como um, eu não vou dizer um bicho porque os bichos fazem isso por instinto, como um, não sei, um personagem de filme que se agarra aquilo ali com a boca cheia de sangue, um vampiro, sabe uma coisa doente e eu realmente fiquei muito chocada com aquilo. E partir daí eu não parei mais. Eu tirei as fotos do meu perfil porque eu tinha medo de algum, não sei, de ter algum tipo de retaliação, eu tirei todas as fotos do meu perfil, todas, todas, todas, todas. O meu perfil não tem foto minha e da minha família e o meu perfil começou a ser um perfil ativista. O que eu mais senti falta na época da minha transição foi de um abraço e de alguém dizer pra mim, olha, mesmo as pessoas que já tinham, já eram veganas. Eu não encontrei abraço nem de um lado e nem do outro. Só isso que eu queria. Alguém que me abraçasse e dissesse, olha isso que você tá sentindo vai passar, é fruto do vício, vício no leite, você não vai sentir isso a vida toda. Calma, isso vai passar. Eu me senti como uma bezerra desmamada na época que eu tirei o leite e os ovos. Assim, acho que durou umas duas semanas mais ou menos e depois passou. Hoje eu faço meus leites vegetais, ou compro feito, eu uso, passei a apreciar por exemplo o abacate que eu não gostava e vi que muitas coisas que a gente tem em casa servem de base, é só você colocar um tempero que você gosta e aquilo ali fica uma delícia. Eu abri, o que as pessoas, os carnistas acham que é ser vegetariano é você se limitar e é o contrário. Você abre várias portas e janelas, você fecha uma porta, a da exploração e abre inúmeras portas e janelas, da criatividade, porque é um mundo. Nós temos mais de 300 mil espécies vegetais catalogadas comestíveis e as pessoas não têm ideia disso, porque isso não é passado. Nós vivemos em uma ilha de desinformações que interessam ao poder econômico que tem as suas bases, as suas maiores bases de lucro. Eu posso dizer isso, afirmar isso sem nenhuma, nenhum medo de errar que é a exploração animal, que está em quase tudo, quase tudo que a gente usa no dia a dia. Mas tem jeito, tem caminhos e esse caminho tá sendo trilhado por muitas pessoas, cada vez mais. É um mundo paralelo que não tem holofotes, feito por pessoas comuns, porque veganismo é apenas ser normal, é olhar os animais na forma normal e não como objetos que ele

nos foi passado. É isso. Eu vou ficando por aqui e se eu lembrar de alguma coisa, algo que seja interessante, porque com certeza tem nesses quase 7 anos, tem muitas coisas. Então a qualquer momento eu posso voltar a falar alguma coisa. Obrigada pela oportunidade, obrigada viu Fernanda. Isso vai ser com certeza de muita utilidade e pode abrir mentes e espaços e caminhos que tem que ser abertos de uma forma boa, espontânea e te agradeço muito por isso, Fernanda. Tchau e boa sorte.

11 de novembro de 2022

Bom dia, Fernanda, tudo bom. Eu resolvi gravar, porque ampliando essa visão, depois que eu desconstruí essa visão especista que a gente tem em relação aos animais, isso foi muito mais além. Isso é algo bem interessante que eu, nossa, que eu tenho uma vontade enorme que ele seja explanado para o mundo inteiro. Por exemplo, um dia desse eu tava vendo, revendo o desenho do rei leão com outros olhos e eu comecei a enxergar a mensagem que tinha na história e comecei a pensar também na mensagem que tem, as mais variadas histórias desde que nós somos crianças que é uma mensagem do oprimido que reverencia o opressor e que esse mesmo oprimido oprime, normatiza, romantiza a opressão aos mais vulneráveis e desses mais vulneráveis, os mais vulneráveis de todos são justamente os animais não humanos. Então é uma verdadeira, no desenho fica claro que ele quer dizer que isso seja o ciclo da vida. E, no entanto, isso é o ciclo da morte, da destruição porque o único animal que reverencia o seu opressor é o animal humano. Os animais não humanos, eles fogem, eles duelam, eles fazem o que for pela sua própria vida. Eles lutam pela sua própria vida e a partir disso eu comecei a repensar em todas as histórias que a gente ouve, desde da princesa, da menina oprimida que espera um homem, um príncipe pra tirar ela da opressão, das mãos de outros opressores, o indígena que tido como preguiçoso porque teria que aceitar ser explorado pelo colonizador branco, isso foi o que eu aprendi na escola, eu não sei como está isso agora, o negro que tem que reverenciar o branco colonizador que o libertou entre aspas, que a gente sabe que não houve essa libertação. Foi uma libertação de fachada. Enfim, é uma verdadeira história da romantização da opressão, isso contado e recontado em inúmeras histórias desde que nós somos crianças e é uma verdadeira máquina lavagem cerebral que nos coloca em uma ilha delirante e quem tenta desconstruir isso, quem tenta passar isso adiante é mal-visto porque somos poucos, poucas pessoas que têm esse olhar desconstruído e as pessoas se agarram a esse mundo e hoje principalmente a gente tá vendo isso. O reverenciamento, o respeito, à idolatria ao opressor enquanto normatiza a opressão aos excluídos e principalmente aos mais vulneráveis, que não podem, não têm como se defender da gente. É interessante essa, entender, pegar o fio da meada

e começar a desfazer os nós, e ter essa visão. Eu sempre preferi a verdade, é uma coisa que tá em mim. Eu acho que é uma das qualidades da pessoa vegana, é querer ver a verdade. Todos os dias eu penso, penso e repenso formas de tocar a chavinha de cada um, cada um, cada pessoa é tocada em determinada chave. A minha foi a da compaixão e do discernimento da realidade e da justiça, também senso de justiça muito forte que eu tenho porque eu nunca reverenciei o opressor, pelo contrário, eu sempre tive embates fortes com patrões, eu nunca gostei de ser mandada e no entanto eu me vi na qualidade de opressora deles. Foi quando eu senti muita vergonha porque eu não aceitava isso em mim, eu não aceitei. O senso de justiça falou mais alto, o senso de realidade falou mais alto e a compaixão. Quando uma pessoa me falou que eu iria ter compaixão despertada, isso me despertou uma raiva gigantesca, como assim eu não tenho compaixão? Como a pessoa pode ter compaixão e ao mesmo tempo financiar o inferno deles. Isso bateu muito forte em mim, negacionismo, mas passou logo porque eu não podia mais ficar negando pra mim mesmo a realidade. É isso.

Narrativa 7 - participante pesquisa Vítor

Data da narrativa: 11 de novembro de 2022

(narrativa oral)

Transcrição

Oi Fernanda. Então, eu acho que eu vou começar contando, mais ou menos, você falou que não precisava ser numa linha específica, mas então eu vou tentar montar mais ou menos como que eu comecei a entender ou ser apresentado pelo menos com a ideia de vegetarianismo, veganismo. Acho que eu não vou lembrar, é claro, exatamente quando eu que foi a primeira vez que eu ouvi falar sobre vegetarianismo, veganismo. Acho que eu comecei a, acho que eu escutei a palavra veganismo provavelmente pela primeira vez ali por 2010, alguma coisa assim, acho que até num quadrinho, mas acho que a ideia já vinha de antes. Acho que em dois mil e, quando eu tinha 18 anos, que eu fui fazer o meu primeiro piercing e falaram, o tatuador e o que fez o piercing em min falou que eu tinha que evitar carne de porco e essas coisas pra melhorar a questão da cicatrização. Evitar carne processada e esse tipo de coisa e ele nem falou no tom de vegetarianismo mas acabei pesquisando ali na época e bem mais ou menos e, mas acho que aquilo foi a primeira pulga atrás da orelha assim, nunca tinha ouvido falar sobre carne ser uma coisa ou carne processada ser um tipo de alimento que dificulta a cicatrização ou que de fato é inflamatório. E daí, acho que isso mais tarde ali pra 2015 eu comecei um processo, não sei motivado exatamente pelo quê, de tentar tornar a minha alimentação um pouco mais saudável. E daí acabei pesquisando essas coisas, entrando em grupos no facebook e acabei eventualmente vendo sobre o vegetarianismo, veganismo, e nesses grupos eu acabei sendo apresentado pela ideia do vegetarianismo, do veganismo, da dieta e também da parte mais ideológica, filosófica do veganismo, da filosofia, e também desse embate que tem dentro do movimento hoje ainda e acho que talvez sempre tenha tipo da galera mais abolicionista, da galera mais pragmática ou liberal como falam.

Enfim, eu não lembro exatamente os pontos que eu tinha de discordância, acho que eu discordava de algumas coisas que rolavam nos grupos, rolava muita discussão, muita discussões acaloradas nos grupos de facebook nessa época que eu acompanhava e mas em geral eu, ao ser apresentado pela ideia geral eu sempre fui concordando muito apesar de entrar em contradição, porque, uma contradição comigo mesmo, porque eu não era nem vegano e nem vegetariano. Quando eu comecei a ver as ideias do pessoal eu comecei a concordar bastante com essa coisa toda do veganismo de questionar, essa ideologia dominante que a gente vive do por que a gente tem essas categorias de animais, de animais que a gente tem como pet, quase uma relação familiar até algumas pessoas têm e outras como entretenimento mesmo como consumo e

questionar tudo, passa por questionar tudo em algum lugar. Porque tem muita coisa que tenta justificar essas ideias, do porque a gente consome animais ou até essa coisa de tratar eles como objetos mesmo. Mesmo os pets, de certa forma, são tratados como objetos né, que a vende animais e tudo e fui concordando demais com isso tudo e querendo cada vez mais, na medida do possível e do praticável, que é um dos lemas do veganismo, tentar me livrar dessas contradições. E daí a coisa que começou como uma dieta que era então uma dieta um pouco mais saudável acabou se juntando também com essa política mesmo do veganismo, essa postura política de um comprometimento com uma abolição da exploração animal e já vinculado também com outras posturas políticas que eu me via alinhado.

E o processo de transição foi assim nessa época, ali 2015, 16, 17. Acho que 2015 eu ainda ali lendo muita coisa, aprendendo e acho que 2016 e 2017 que eu comecei a colocar as coisas, a mão na massa mesmo, aprender receita, a pesquisar, e seguir muita gente de canais de receita e tudo. E experimentar bastante, começar a procurar temperos, ingredientes diferentes que eu nunca tinha ouvido falar mas que as vezes, muitos deles as vezes eram comuns, comecei a seguir principalmente páginas de um teor, numa linha em que hoje o pessoal já tem uma coisa definida assim, chama de veganismo popular em contraponto a um veganismo que as pessoas chamam de veganismo liberal que é um veganismo mais atrelado a essa linha de mercado, de grandes empresas meio que tomando, tentando tomar um pouco essa ideia do que é vegano e do que não é, grande corporações tipo Nestlé, ou sei lá, Unilever lançando produtos ditos veganos, mas são empresas que têm uma contradição muito grande né, que batem de frente de certa forma com essa ideia mais política do veganismo e mas enfim mas voltando para o processo de transição foi longo até, eu achei, eu levei ali uns 2 anos aprendendo muita coisa, mas depois que eu me senti bem confortável eu já tava ali bem exposto à muitas ideias nesses grupos, mas eu ainda tinha muito receio de ver documentários, essas coisas mais pesadas e porque eu acho que eu já sentia dentro de mim, eu já sabia que uma vez que eu visse aqueles documentários eu provavelmente seria muito difícil de continuar compactuando com, enfim, com essas ações que agente toma, meio que por osmose, assim, que a gente aprende essas coisas todas desde pequeno e faz muitas sem refletir e daí enfim, depois de eu me sentir seguro, de começar a cozinhar mais, aprender muitas receitas e conhecer muitos ingredientes novos, que daí eu fui de fato assistir os documentários e tudo daí realmente falar, ok agora sou vegano. E eu sou vegano desde ali o início de 2018.

E desculpa os muitos áudios, esses é o último que eu vou mandar pra responder essa parte de como é ser vegano em um mundo não vegano. Essa poderia ser uma resposta muito longa mas eu vou pensar ali mais ou menos no começo do meu veganismo. Ainda hoje são questões que

eu lido, mas que eu acho que consigo lidar um pouco melhor do que quando eu comecei que depois que eu lembro, depois que eu assisti os documentários a gente costuma ficar, eu digo costuma, pois eu já vi outros veganos falando sobre isso também, um pouco indignado, um pouco chocado de como as pessoas compactuam com essas ideias sem pensar muito sobre e algumas pessoas, não todas, eu acho que fiquei um pouco com essas coisa de tentar, tentar falar pras pessoas, tentar trazer a luz, o tema e muitas vezes as pessoas não tão alí abertas pra lidar, pra falar sobre isso, pra pensar sobre isso ou questionar sobre isso. E isso passa a ser um desgaste grande as vezes. Fora acho que também uma das grandes dificuldades no começo e em geral é sempre essa coisa do lidar com o outro, o social, podemos assim dizer. Em algum momento alí do meu começo do veganismo eu já tava adaptado, já conseguia ter uma rotina tranquila dentro de casa mas quando a gente sai de casa, também, tem que ta sempre um pouco antecedendo coisa, sempre bem preparado pra as vezes passar um perrengue, tipo, ah vou num barzinho alí com os amigos da faculdade, não tem nada vegano lá, vou ter que viver alí de batata e suco mas quando eu chegar em casa eu tenho tudo tranquilo. Então, é essa parte de novo de ser vegano em um mundo não vegano é um pouco um desafio mesmo, porque é basicamente você viver uma ideia contrária a ideia que rege o mundo atualmente. É uma coisa um pouco, não queria usar essa palavra num tom ruim, mas as pessoas sempre falam que é uma coisa radical, e talvez seja, de novo, trazendo aquele lema né, na medida do possível e do praticável, tem coisas que a gente tem que lidar com certas contradições né, tipo tomar uma vacina que foi testada em animais porque hoje ainda não tem um tipo de testagem que não seja essa, mas que já existem projeções de que é possível fazer testes que não sejam em animais, então e tem muitas pessoas veganas faltando esse tipo de coisa e enfim tem muitas contradições, é um tema complexo mas acho que resumindo.

Narrativa 8 – participante de pesquisa Wesley

Data da narrativa: 10 de novembro de 2022

(narrativa oral)

Transcrição livre

Oi Fernanda, tudo bem? É o Walter aqui. Pois é, a Helena comentou comigo sobre o teu trabalho de doutorado e tudo, interessante isso. Vou ficar feliz também de ver o resultado disso aí depois. Então eu vou te mandar um áudio agora, eu gosto de mandar uns áudios bem longos, gosto não né, mas sempre acaba acontecendo e como vou te contar a minha história te prepara que vai ser um áudio bem longo.

Eu já sou vegano, eu não tenho uma data precisa, mas deve fazer entre 6 e 7 anos, acho que foi ali por fevereiro de 2016 ou 17, 16. É 2016. Na verdade, foi interessante como tudo começou pra mim. Uma coisa interessante que aconteceu comigo é que eu comecei devagarzinho a fazer experimentos de ficar assim um dia sem comer no almoço, me lembro assim de sair do trabalho pra almoçar e eu pensei, hoje vou pegar uma opção sem carne e vou ver como eu me sinto, como experimento porque na minha cabeça, embora se a gente fala isso para pessoas não veganas, elas surtam com isso, mas pra mim, no meu entendimento eu via as pessoas que não comiam animais como pessoas mais avançadas, mais evoluídas, como eu gosto de dizer, um passo adiante, mais distante da caverna. Só que aquela coisa. Quando a gente tá naquele ciclo, participando daquela normalização da exploração animal a gente, é mais fácil a gente chamar essas pessoas de arrogantes e tudo mais, né, ao invés da gente tentar nos colocar no nível que a vê elas, é mais fácil tentar trazer elas pra baixo, pro nosso nível. Mas isso é uma coisa que eu quero te dizer que é uma visão das pessoas que comem animais. Eu nunca me senti melhor do que ninguém, sabe como pessoa. As minhas atitudes sim, a minha atitude por exemplo de não comer animais, ela é com certeza melhor do que uma pessoa que tá lá comendo animais por hábito, por prazer, entendeu. Da mesma forma uma pessoa que, sei lá, tá ajudando uma senhora a atravessar a rua e eu não tô. A atitude daquela pessoa é sim uma atitude melhor do que a minha de não ajudar a pessoa a atravessar a rua por exemplo. Entende? Agora ser e não ser melhor do que a outra, isso não, aí eu acho que não entra nesse caso. Mas voltando, então eu comecei a fazer esses experimentos e eu me lembro de passar assim uma semana comendo uma opção num restaurantezinho perto do trabalho sem carne e chegou a sexta-feira e eu já pensei assim, nossa isso é a primeira ou a segunda semana que eu tô fazendo isso? Eu já tinha até perdido as contas daquilo. Aí depois disso eu comecei a brincar com o meu café da manhã, comecei a trocar umas coisinhas aqui ali, na verdade, não trocar, eu comecei a tirar coisas, o que foi uma coisa bem errada e acho que é uma coisa que a maioria das pessoas faz errado, elas, como a

gente não quer ter pressão de outras pessoas, do mundo externo, a gente acaba fazendo as coisas do jeito que a gente acha que é o certo e faz a coisa errada. Ao invés de substituir as calorias, a gente simplesmente corta as calorias de origem animal, o que vem a causar problemas depois, que acabou acontecendo comido também. Fiquei com ferro baixo, b12 baixa, essas coisas assim, mas depois tudo se corrigiu. E então o que mais, então comecei com a brincadeira no café da manhã depois uma brincadeira no jantar e quando eu vi, essa parte é interessante, eu fui ouvir falar em veganismo quando eu tava consumindo apenas ovos uma vez por semana, que eu gostava de comer um ovo mexido em cima do pão assim no sábado de manhã que eu saia pra tomar café da manhã com a minha esposa. Alí que eu fui ouvir falar sobre veganismo. Então esse é um ponto interessante. Eu já era quase vegano e eu nunca tinha ouvido falar nisso. Por que que isso começou, por que que isso despertou interesse em mim? A minha esposa já era vegetariana desde 2011 ou 12. Ela trabalha como enfermeira veterinária. Eu não sei se tem essa profissão no Brasil, acho que tá nascendo essa profissão no Brasil, ou ela é mais nova se tiver, mas aqui tem. É o que a gente chama de Vet Nurse aqui na Austrália e ela com pouco tempo trabalhando na área um belo dia foi muito interessante. Eu cheguei em casa e ela tava na cozinha com uma faca gigante na mão e lágrimas nos olhos e eu pensei assim, a primeira coisa que eu pensei, nossa, eu olhei pras mãos dela, eu pensei que ela tinha se cortado, sabe. E ela me disse que não, que ela tava chorando porque ela tava alí cortando um peito de frango e ela me disse que tinha passado os últimos dois dias no trabalho cuidando de uma galinha e ela.. e todas as colegas de trabalho dela diziam, ah Bruna deixa, é só uma galinha, ela não tá bem, ela vai morrer, paciência, vamos focar aqui nos cachorros dos clientes e tal e tudo mais. Mas a minha esposa, a Bruna, ela disse, não, eu quero cuidar dessa galinha e ela cuidou e ajudou a galinha. A galinha voltou pra casa dela, ela chorou com a dona galinha quando foi buscar porque elas não acreditavam que a galinha ia se recuperar e a Bruna ficou super feliz com isso e aí ela foi pra casa cortar um peito de galinha e aí o tico e teco conversaram e alí caiu a ficha pra ela e foi alí que ela começou então a fazer mudanças. Parou de comer frango primeiro, depois parou de comer vacas, depois parou de comer peixes e aí ficou uns bons anos só consumindo assim leite e ovos. De novo, sem pesquisar, sem entender nada sabe. Eu penso, hoje, se eu fosse começar o meu processo de novo com todo o conhecimento que eu tenho dessas indústrias, sem sombra de dúvidas, eu começaria tirando os laticínios e ovos que pra mim essas indústrias são simplesmente horríveis. O que elas fazem com os animais enquanto eles estão vivos pra no fim quando não conseguem mais extrair recursos desses animais então chega a vez deles de serem de terem a garganta cortada. Então naquele período que ela ficou sendo vegetariana eu continuei ainda comendo animais, mas era uma coisa muito interessante que eu não tolerava ninguém

fazer piada do fato dela ser vegetariana, sabe. Já teve pessoas, amigos nossos em comum assim que vieram fazer piada, eu me lembro de uma cena que nós, estava assim umas oito dez pessoas na mesa comendo e alguém fez uma brincadeira com ela que eu bati na mesa que saltou aqueles talheres todos, deu aquele barulhão na mesa e deu aquele silêncio mórbido na mesa e eu disse respeitem a opção dela. E ficou aquele silêncio mórbido na mesa. Mas muito interessante que ao mesmo tempo que eu respeitava a opção dela eu não tava fazendo a conexão que eu também poderia, porque eu e orgulhava muito dela fazer aquilo, mas nunca tinha parado pra pensar, poxa, eu também posso fazer isso que ela ta fazendo. É muito interessante refletir sobre isso e olhar pra como hoje as pessoas veem e nos falam, nossa eu também suporto muito a causa vegana enquanto essas pessoas comem animais. Eu acho muito importante entender esse tipo de coisa para saber como a gente pode se comunicar melhor com as pessoas. Então esse foi o processo, assim que aconteceu. Também teve uma outra cena mais pra frente, foi por volta de 2014 talvez onde eu ainda comia animais e tudo e a minha esposa era vegetariana e eu nunca me esqueço dessa cena. Ela trouxe um litro de leite de soja pra casa e eu me lembro exatamente das palavras dela. Ela tava tirando as coisas do supermercado assim da sacola e ela disse assim. Eu comprei esse leite aqui para provar e ver como eu vou me sentir. Foram exatamente essas as palavras dela. E as minhas palavras eu também me lembro muito bem. Eu disse pra ela. Poxa vida Bruna. Tu já não come os animais, tu já não tá comendo carne e essas coisas, por que que tu tem que ser tão radical? Foram essas as minhas palavras pra ela. Nunca me esqueço disso. De como eu via aquilo como uma coisa radical. Sem conhecimento algum, falando simplesmente da boca pra fora, preso a hábitos e foi muito interessante também. Hoje eu me lembro muito disso. Então naquele processo alí a gente mudou de cidade, a gente saiu de Sidney e foi pra Melbourne alí por fim de 2015 e Melbourne é uma cidade assim muito mais, vamos dizer, uma versão europeia aqui dentro da Austrália, mais coisas alternativas, mais, pessoas mais cabeça aberta, mais, mais questionamento de hábitos sabe em todos os aspectos de mais pessoas gays, lésbicas e toda essa turma desses outros movimentos de justiça social que também são presentes no mundo e ela, então a gente se mudou pra Melbourne e foi ali que eu comecei a fazer esses experimentos de ficar sem comer carne ao longo do meu almoço. E aí então quando eu ouvi falar de veganismo e tudo, daí que me chamou atenção aquilo porque como eu já tava praticamente vegano eu não tive uma reação contrária, o meu mecanismo de defesa não se ativou e eu pude, me despertou interesse. Eu comecei a pesquisar mais e aí quando eu comecei a pesquisar mais, tu sabe como essas coisas acontecem, né. A gente acaba descobrindo todas as coisas, como essas indústrias funcionam e todo mais, o impacto no meio ambiente, o impacto na nossa saúde e eu fui sem esse filtro, sem querer justificar hábitos antigos então tudo que eu

via assim eu tava aceitando e tudo e pouco tempo depois eu me lembro de ta com um grupo de ativismo no centro de Melbourne, o Anonymous for the voiceless que eu tive o prazer de conhecer os fundadores e tudo, até mantenho contato com eles ainda e eu tava lá no centro de Melbourne fazendo ativismo, segurando uma televisão, expondo vídeos de dentro dos matadouros no centro de Melbourne. Nossa foi uma experiência e tanto. Eu me lembro da primeira vez que eu tava fazendo isso e tava muito nervoso com medo da reação das pessoas e eu me lembro de tá segurando uma televisão e usando uma máscara. A ideia da máscara era pras pessoas não focar no nosso rosto, foco no tá sendo passado no vídeo pra que elas não se sintam observadas e julgadas. E eu me lembro de tá usando alí a mascara e segurando a tv e passou uma moça por mim e ela chegou no meu ouvido e ela disse muito obrigado por fazer isso que tu ta fazendo. E aquilo, nossa, foi muito bom. Me lembro que chegou a correr uma lágrima assim. Sorte que eu tô com a máscara aqui. Então foi isso né. Eu acabei logo fazendo ativismo e tudo. Eu tive também uns probleminhas de saúde porque eu simplesmente tirei os produtos de origem animal. Eu já era magro então eu fiquei assim pele e osso que chegou um ponto assim que eu encontrei amigos depois, porque lembra que eu te disse que eu me mudei de Sidney pra Melbourne, e eventualmente um ou dois anos depois a gente foi visitar esses amigos de novo em Sidney e as pessoas me disseram nossa Walter como tu tá magro. E eu pensei pra mim, poxa vida, eu não quero passar essa visão de que eu tô desnutrido, e aí foi quando eu comecei a me alimentar melhor, eu procurei uma nutricionista, eu comecei a ir na academia que é algo que eu já tinha tentado, começado a ir na academia uma cinco vezes e só tinha rasgado dinheiro. E eu continuo indo na academia, já são aí uns 6 anos talvez e aí eu comecei a estudar mais sobre coisa de nutrição também e tudo sabe, foi muito interessante, eu aprendi bastante. Hoje assim tô com a minha saúde super legal, a única coisa que como eu trabalho dentro de casa no escritório, eu pego pouco sol então volta e meia a minha vitamina D tá baixa, mas fora isso tudo certo, eu suplemento alí. Eu não tenho medo de suplemento sabe. Isso é um outro ponto que eu queria comentar contigo. Eu vejo muito assim nesse mundo dos veganos as pessoas ter, não, comer comida natural, essa coisa assim que vem da terra. Eu não sei, eu de tudo que eu já pesquisei, eu vejo assim, o nosso solo tá cada vez mais infértil, com menos nutrientes nos alimentos e tudo, enquanto que tu vai alí, tu qtoma uma cápsula, tu sabe exatamente a quantidade de ferro, a quantidade de b12, a quantidade de zinco, a quantidade de tudo que tu precisa tá ali calculado, enquanto que tu vai pegar o ferro, qual é a porção exata de feijão que tu precisa, e de qual tipo de feijão, e de qual colheita. Não tem como saber isso, sabe. Então eu sou muito a favor de suplemento, eu acho que eles complementam a nossa saúde muito bem, mas eu também sei que eu sou um dos raros veganos que pensa dessa maneira. Então é

isso, deixa eu ver, nossa já são 15 minutos de áudio. Eu vou dar uma olhada ali nas outras perguntas e te falo mais alguma coisa.

Ah sim. A grande pergunta de como é ser vegano em um mundo não vegano. Nossa senhora, é um desafio. Eu vou te dizer uma coisa, eu criei um mundo vegano em volta de mim. Eu tenho esse grande privilégio de ter conseguido fazer isso. Noventa e cinco por cento dos meus amigos, eu tenho um grupo de amigos grande aqui, a gente tem um grupo aqui que se reúne, são assim, 10, 15, vinte pessoas as vezes que agente se encontra, onde vamos dizer que dessas 20 pessoas mais ou menos eu vou te dizer que umas 3 talvez não são veganas, tem um que é vegetariano, o outro que come peixe uma vez por semana e uma coisa assim, sabe, de resto veganos e alguns ativistas no meio. E eu precisei fazer isso porque hoje eu não, eu tenho muita dificuldade quando acontece esses eventos no trabalho de ter que almoçar com as pessoas. É uma coisa muito desconfortável pra mim sentar numa mesa com as pessoas e ver aquelas pessoas comendo aqueles animais e eu pensando ali, puxa vida, eles poderiam todos tá tendo o mesmo entretenimento, a mesma felicidade e ter escolhido a opção vegano, que não tem colesterol entrando no corpo deles e poderiam tá poupando a vida de animais, mas não só isso acontece como embora comigo na parte de trabalho isso não acontece mas eu sei de muita gente que acontece que tem que ficar constantemente se justificando, explicando sobre a proteína, as pessoas têm que estar constantemente se explicando, se justificando. Por isso que quando as pessoas veem assim e falam comigo estou pensando em fazer a mudança, o que que tu recomenda, quando eu vejo comentários assim na internet e tal, a primeira coisa que eu mais recomendo pras pessoas é te conecta com pessoas veganas, cria amigos veganos, não seja a única pessoa vegana na família e no teu grupo de amigos que não vai durar, infelizmente não dura, a menos que tu tenha uma personalidade muito forte e muito influenciadora, isso é algo que não vai durar. Então eu tenho esse grande privilégio de ter criados esse grupo de amigos veganos onde a gente sempre se encontra, a gente faz assim, comidas maravilhosas juntos ou vai em restaurantes e tudo e é uma coisa assim. Assim como as pessoas que comem animais é normal pra elas sentar numa mesa e comer e ter um entretenimento ali, pra mim é uma coisa normal hoje sentar com meus amigos e comer porque não tem ninguém comendo animais na nossa frente. A última vez que um amigo meu fez isso, esse que come peixe, ele é do nordeste, ele veio me dizer, ele comeu, tem esse negócio que parece uma sopa com peixe, me fugiu o nome desse prato do nordeste, mas ele comeu, ele pegou essa opção aí e ele olhou pra mim e disse desculpa Walter. E eu falei a resposta óbvia pra ele, eu disse Cris, não é pra mim que tu tem que pedir desculpa, tu sabe muito bem disso. E ele disse, pois é, é que isso me traz muitas memórias de casa e tudo, do Brasil e tal. E aí eu perguntei pra ele Tu acha que alguém precisa

morrer pra tu ter essas memórias? Será que de repente fotografias não te ajudariam a ter essas boas memórias, precisa mesmo alguém morrer pra isso. E aí acabou a conversa. Então, mas fora isso, como eu te disse, a gente tem aqui uma feira vegana mensal que acontece, que é muito legal também, que acontece nos parques. Agora domingo vai acontecer de novo e é muito bom tá lá cercado de pessoas veganas sabe realmente é muito bom. Agora eu fico muito pensando, imagina se eu vivesse no Brasil, aquela coisa de tu andar na rua no domingo assim e tu ver fumacinha saindo das casas com cheiro de churrasco de praticamente todas as casas. Puxa vida. Eu não sei se eu estaria hoje preparado psicologicamente pra isso. Acho que seria algo bem chocante, eu não tô mais acostumado com esse tipo de coisa. Então sobre essa experiencia de viver num mundo não vegano é isso que eu te digo. Eu criei o meu mundo vegano a minha volta, mas eu também reconheço que eu vivo nessa bolha, de que existe uma outra realidade lá fora onde as pessoas absolutamente não estão nem aí pro que acontece com os animais ou procuram não pensar naquilo enquanto outros estão fazendo piada contra os veganos ou então trazendo até ódio porque tu sabe que tem um ódio muito grande contra os veganos, porque eles despertam algo nas pessoas. Os veganos, basta ele ficar em silêncio, basta as pessoas que comem animais saber que tu é vegano, ela já começa a se justificar, ela começa a dizer, ah eu também tô comendo menos carne sem tu perguntar absolutamente nada. As pessoas automaticamente se sentem culpadas, elas sabem que é errado comer animais, a gente sabe disso lá dentro, só que a gente procura desculpas. Então é isso. Eu já fiz bastante ativismo, hoje eu ando mais parado nessa parte de ativismo e porque tava me machucando muito essa crueldade, ver a crueldade, o sofrimento dos animais e ao mesmo ter que ficar justificando aquilo pras pessoas em troca do prazer do paladar. E tu vê as pessoas também trazendo um ódio contra, argumentando contra aquilo, é algo que nossa, que tava detonando a minha cabeça. Então eu tive que frear, dar um passo pra tras no ativismo. Hoje eu ainda faço algumas coisas tipo de compartilhar algumas coisas online mas menos assim. Mas logo logo a gente vai ter aqui um grupo de ativismo também que a gente vai de novo pras ruas na cidade de Bairon bay, que é perto daqui e a gente vai fazer de novo um ativismo de rua e conversar com as pessoas na rua. Acho que vai ser legal, vai ser legal. Faz um tempinho que eu não faço, tô querendo fazer de novo. Vamo ver como vai acontecer isso. Enfim eu acho que é isso. Mais uma coisa que eu queria te dizer é sobre o negócio de do rótulo vegano, né? Eu percebo assim que as pessoas são muito desesperadas para se chamarem de veganas, como eu digo assim para meus amigos, as pessoas tomam um copo d'água e dois minutos depois já estão dizendo, ah faz dois minutos que eu sou vegana. Porque todo mundo quer desesperadamente carregar esse rótulo, porque elas querem se orgulhar daquilo. Eu tenho deixado muito esse rótulo pra trás por causa dessa

coisa que tá, esse ódio que tá se criando em cima de veganos, né e eu penso assim dessa maneira também, puxa vida, antes eu não comia golfinhos, eu não comia girafas e eu não tinha rótulo algum, sabe, por que que eu preciso de um rótulo agora? Por eu não comer o porco, a vaca, a galinha e o peixe. Então eu acabo me desconectando um pouco dessa, do rótulo vegano também. Enfim, espero que eu tenha respondido aí o que tu tava procurando, se tiver mais alguma coisa que tu quiser escutar da minha história também, ou algo que não ficou claro ou qualquer coisa assim tu pode me mandar me mandar uma mensagem também. Um abraço aí pra ti.